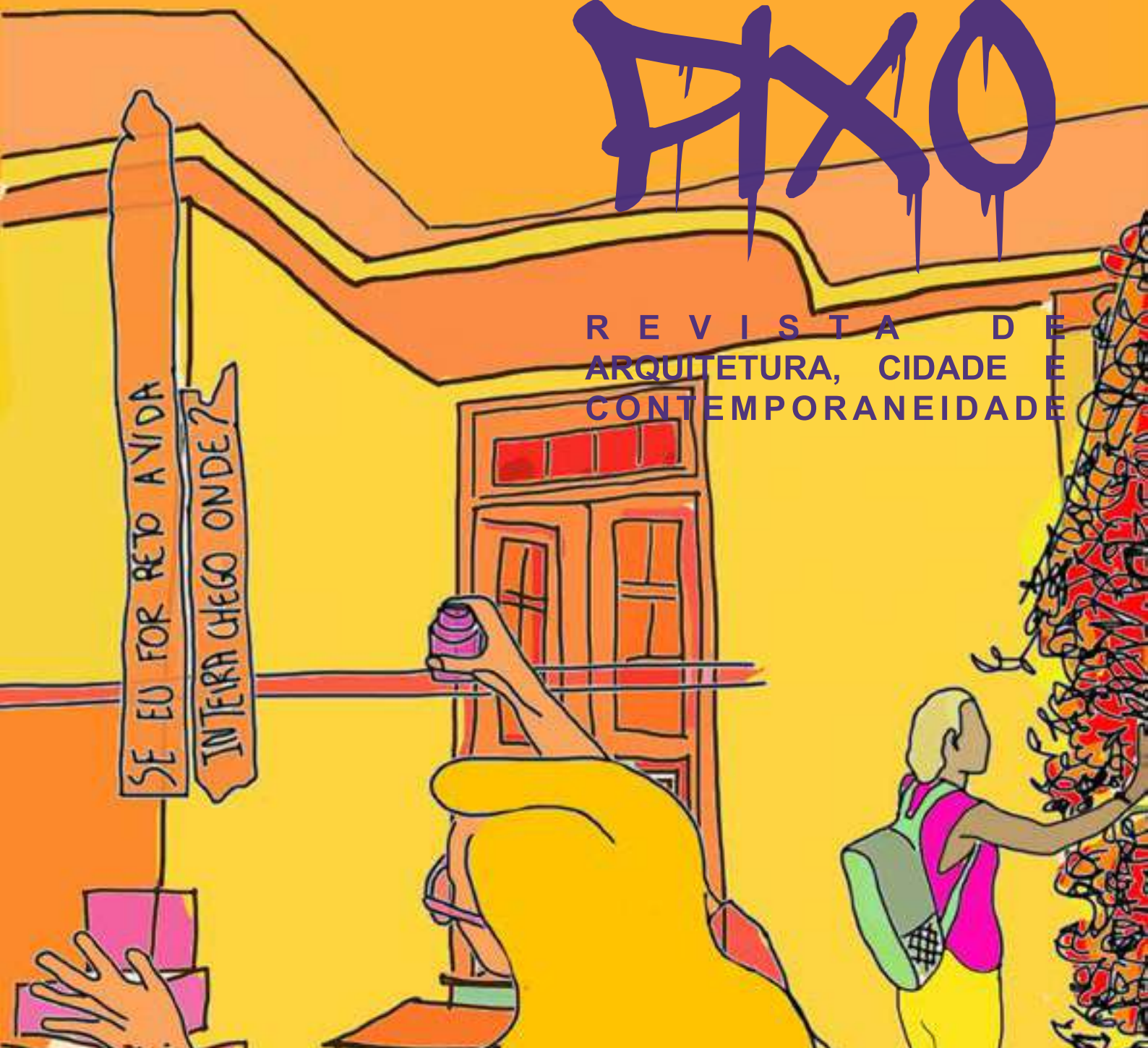


# AXO

REVISTA DE  
ARQUITETURA, CIDADE E  
CONTEMPORANEIDADE



**caminhografia urbana I**

**n.11, v.3**  
primavera de 2019





REVISTA DE  
ARQUITETURA, CIDADE E  
CONTEMPORANEIDADE

**caminhografia urbana I**

**n.11, v.3**  
primavera de 2019





Rua Benjamin Constant, n. 1359, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, Telefone: [53] 3284 55 11  
<http://cmaiscufpel.wixsite.com/cmaisc>  
e-mail: [revistapixo@gmail.com](mailto:revistapixo@gmail.com)

**A Revista Pixo é uma publicação do Grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade (CNPQ), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), do Laboratório de Urbanismo (LabUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).**

**Revista digital disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/index>**

**ISSN 2526-7310**

**Editores Responsáveis**

Eduardo Rocha  
Fernando de Freitas Fuão

**Editoras Associadas**

Celma Paese  
Taís Beltrame dos Santos

**Comitê Científico e Conselho Editorial**

André de O. Torres Carrasco  
Angela Pohlmann  
Carla Gonçalves Rodrigues  
Carmen Anita Hoffmann  
Carolina Corrêa Rochefort  
Cláudia Mariza Mattos Brandão  
Cristine Jaques Ribeiro  
Dirce Eleonora Nigro Solis  
Eduarda Azevedo Gonçalves  
Eliana Mara Pellerano Kuster  
Emanuela Di Felice  
Francesco Careri  
Francisco de Assis da Costa  
Haydeé Beatriz Escudero  
Helene Gomes Sacco Carbone  
Igor Guatelli  
Josiane Franken Corrêa  
Juan Manuel Diez Tetamanti  
Laura Novo de Azevedo  
Marcelo Roberto Gobatto  
Márcio Pizarro Noronha  
Maria Ivone dos Santos  
Markus Tomaselli  
Maurício Couto Polidori  
Paola Berenstein Jacques  
Paulo Afonso Rheingantz  
Raquel Purper  
Rita de Cássia Lucena Velloso  
Sylvio Arnaldo Dick Jantzen  
Thais de B. Portela

Vicente Medina

**Equipe Técnica**

Taís Beltrame dos Santos

**Suporte Técnico**

Laís Dellinghausen Portela

**Revisão Linguística**

Ana dos Santos Maia  
Martha Hirsch  
Pierre Moreira dos Santos

**Capa e Diagramação**

Taís Beltrame dos Santos

**Ilustrações**

Fernanda Fredizzi  
Taís Beltrame dos Santos

## apresentação

A PIXO – revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, em sua 11ª. edição traz artigos, ensaios e parede branca (imagens, vídeos, desenhos, pequenos textos, etc.), com a temática da CAMINHOGRAFIA URBANA. Caminhografia urbana é aqui pensada como a experiência e/ou pesquisa sobre o caminhar e o cartografar – ao mesmo tempo. Como ambas as práticas vem se encontrando na academia e na vida da contemporaneidade?

Caminhar como prática social e estética; o método de ler a cidade; o dispositivo de apropriação, de criação de significado espacial, de lugar. Caminhar errando, derivando, performando. Caminhar para encontrar, para se perder, para (re)significar. Cartografar acolhendo e escrevendo a cidade, o território, o lugar. Cartografar como acontecimento. Ação cartográfica para o encontro, ao encontro, para perceber mundos sobrepostos, o diferente, a diferença. Cartografar (des) controlando, errando, caminhografando. Caminhografias urbanas, arquitetônicas, na cidade, de intervenções, da arte, de processos, de público-privado, urbano-rural, nas bordas, nos limites, nas fronteiras, de performances, em ações, digitais-analógicas, virtuais-atuais, procedimentos metodológicos, sociais, culturais, escritas, fotografadas, filmadas, desenhadas, pintadas, coladas e sentidas (vistas, cheiradas, tocadas, ouvidas e/ou comidas). Caminhografar para entender a cidade e suas sobreposições de acontecimentos.

A PIXO – REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup> é uma revista digital trimestral (primavera, verão, outono e inverno) e visa reunir artigos, ensaios, entrevistas e resenhas (redigidos em português, inglês ou espanhol) em números temáticos. A abordagem multidisciplinar gira em torno de questões relacionadas à sociedade contemporânea, em especial na relação entre a arquitetura e cidade, habitando as fronteiras da filosofia da desconstrução, das artes e da educação, a fim de criar ações projetuais e afectos para uma ética e estética urbana atual. A revista é uma iniciativa do Grupo de Pesquisa CNPQ Cidade+Contemporaneidade, do Laboratório de Urbanismo (LabUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Eduardo Rocha e Celma Paese

Primavera de 2019

<sup>1</sup> Link de acesso para revista: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo>

## editorial

<b>CAMINHOGRAFIA URBANA N. 11</b> .....	<b>12-15</b>
<i>Eduardo Rocha e Celma Paese</i>	

## autor convidado

<b>SOBRE CADEIRAS E CLAREIRAS</b> uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk - parte I.....	<b>18-39</b>
<i>Fernando de Freitas Fuão</i>	

## artigos e ensaios

<b>CALEDOSCÓPIO URBANO</b> olhares moventes sobre a cidade.....	<b>42-57</b>
<i>Sandra Espinosa Almansa</i>	
<b>CAMINHAR, NARRAR, MAPEAR, RELACIONAR E ANALISAR</b> verbos de uma cartografia errante.....	<b>58-77</b>
<i>Gustavo de Oliveira Nunes e Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
<b>CARTOGRAFIA QUE CAMINHA</b> transurbanogramas da Ilha de Santa Catarina.....	<b>78-91</b>
<i>Evandro Fiorin e Maria Jose Luluaga Medici</i>	

<b>CONSTRUIR LA OTREDAD PARA CO-CONSTRUIR CONOCIMIENTO</b> reflexiones en torno a herramientas metodológicas para caminhografar.....	<b>92-101</b>
<i>Lucia Antonela Mitidieri</i>	

<b>(RE)ENCONTROS ENTRE CORPOS URBANOS</b> um relato de experiências didáticas errantes.....	<b>102-111</b>
<i>Juliana Michaello Macêdo Dias</i>	

<b>DERIVA, DELÍRIO, DEVANEIO</b> modos de caminhar e perceber a cidade.....	<b>112-125</b>
<i>Carlos Henrique de Lima</i>	

<b>UMA EXPERIÊNCIA DE CAMINHOGRAFIA URBANA NO PORTO DE PELOTAS</b> diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo.....	<b>126-145</b>
<i>Luana Pavan Detoni, Guilherme Pinto de Almeida, Karolina Dias Lopes Fernandes e Gabriel Silva Lopes Fernandes</i>	

<b>CARTOGRAFAR PEQUENAS CIDADES NO NORDESTE BRASILEIRO</b> caminhos percorridos.....	<b>146-165</b>
<i>Eduardo Gomes Machado, Jorge Luiz Oliveira Lima, Nathalia Alves De Oliveira e Regina Balbino Da Silva</i>	

<b>O CORPO-MULHER QUE CAMINHA</b> caminhografia na cidade de Pelotas.....	<b>166-183</b>
<i>Taís Beltrame dos Santos, Vanessa Forneck e Carolina Frasson Sebalhos</i>	

<b>APREENSÕES NO ESPAÇO URBANO</b> uma abordagem imersiva ao caminhar na cidade de Pelotas /RS.....	<b>184-199</b>
<i>Matheus Gomes Barbosa e Emanuela Di Felice</i>	

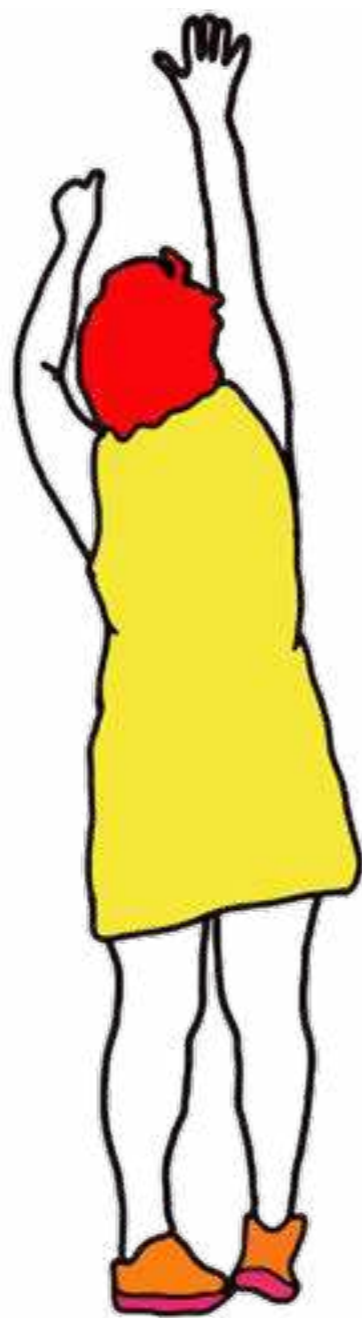


<b>A PAISAGEM DA CIDADE PEQUENA</b>	
variabilidade visual experienciada pelo caminhar.....	200-217
<i>Auriele Fogaça Cuti e Natalia Naoumova</i>	
<b>PRATICAR A CIDADE POR MEIO DO DESENHO</b>	
Maneiras de abordar e gerar ruídos no tecido urbano.....	218-231
<i>Pedro Elias Parente da Silveira, Eduarda Gonçalves e Clóvis Martins Costa</i>	
<b>ERRÂNCIAS URBANAS NO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA.....</b>	<b>232-247</b>
<i>Leandro Rosa de Souza e Maribel Aliaga Fuentes</i>	
<b>OS PERCURSOS URBANOS DE USUÁRIOS IDOSOS</b>	
avaliação dos deslocamentos através de mapas mentais.....	248-267
<i>Luiz Gilberto Silva Júnior, Adriana Araújo Portella, Nirce Saffer Medvedovski e Fernando Henrique Nascimento Kikuchi</i>	
<b>VOYERISMO URBANO</b>	
Observar la ciudad a través de los cuerpos.....	268-383
<i>Mónica Díaz Vera</i>	

## parede branca

<b>[CARTA...GRAFIAS...MOVENTES].....</b>	<b>286-293</b>
<i>Pedro Elias Parente, Eduarda Gonçalves, Fernanda Fedrizzi, Tatiana Duarte, Juliana Chacon, Jahan Leão e Cibele Gil.</i>	
<b>CARTOGRAFIA SONORA DA AVENIDA GANZO.....</b>	<b>294-301</b>
<i>Celma Paes, Pedro Debiasi, Gabriela Mariano, Rui Fernando S. Alves Júnior e Volvei k. Monteiro</i>	
<b>CAMINHAR EM MOTEVIDEO.....</b>	<b>302-313</b>
<i>Kelly Wendt</i>	
<b>CARTOGRAFIA DO OLHAR</b>	
<b>a verticalização de Porto Alegre.....</b>	<b>314-321</b>
<i>Manuela Catafesta, Jânerson Figueira Coelho, Agnes Costa Garcia e Íris Petiz Lisbôa Aguirre</i>	

SE EU FOR RETO A VIDA  
INTEIRA CHEGO ONDE?



# CAMINHOGRAFIA URBANA N.11

**Eduardo Rocha<sup>1</sup>**  
**Celma Paese<sup>2</sup>**

Caminhar e cartografar, no processo, antes-durante-depois ou num entre-lugar e entre-tempo. Essa é a proposta da PIXO 11 CAMINHOGRAFIA URBANA: reunir escritos, artigos, ensaios e ensaios visuais que versem sobre diferentes modos de acontecer a experiência da apropriação espacial pela caminhografia. Os trabalhos foram enviados de diferentes regiões do Brasil, América do Sul e Europa, assim formando uma espécie de atlas da caminhografia e das diferentes experiências e aproximações da ideia.

A contemporaneidade do tema é afirmada pela multidisciplinaridade dos autores e a diversidade de artigos e paredes brancas nos dois volumes. O primeiro é a Pixo 11, que versa sobre o caminhar urbano, suas origens, experimentos pioneiros e referenciais teóricos. Já a revista Pixo 12 irá versar sobre temáticas tangenciais e atravessadoras da caminhografia urbana.

Os desenhos na capa e nas aberturas de seção são obra da artista-arquiteta Fernanda Fedrizzi, enquanto a editoração e intervenção nas imagens são de autoria da arquiteta Taís Beltrame dos Santos, sendo frutos das experiências realizadas na disciplina de *Caminhografia Urbana*, ministrada no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, durante o 2º semestre de 2019.

Ambos os números são introduzidos pelo nosso autor convidado, Fernando Fuão, que ensaia o tema da domesticação humana em *Sobre Cadeiras e Clareiras* (parte 1 e 2). O texto se desenvolve a partir da obra de Peter Sloterdijk, *Regras para o Parque humano* (2000). No texto, Fuão procura mostrar o quanto somos domesticados para criar arquiteturas e corpos que habitam o universo considerado esteticamente aceitável, enquanto o Outro, o des-enquadrado da domesticação, o que carrega a diferença, vem questionar a existência regrada pelo o que é considerado correto, quando se mostra como alternativa a nossas ansiedades e inquietações. Porém, nem sempre desejamos vê-lo como tal.

Na seção artigos e ensaios temos:

*Caleidoscópio Urbano* mostra os olhares moventes de Sandra Espinosa Almansa, filósofa, sobre a cidade, a partir da experiência do caminhar como prática estética, os modos de ver a paisagem e viver encontros que produzem efeitos na invenção de nossas próprias paisagens, singulares e coletivas.

*Caminhar, Narrar, Mapear, Relacionar e Analisar: verbos de uma cartografia errante,*

<sup>1</sup> Professor Associado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAUrb/UFPel), na Área de Concentração Arquitetura Patrimônio e Sistemas Urbanos, Linha de Pesquisa: Urbanismo Contemporâneo. Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS, 2010) e Pós-Doutor pela Università Roma Tre (Dipartimento di Architettura/Laboratorio Circo/Stalker, 2019).

<sup>2</sup> Professora Permanente do PPGAU Programa de Pós-Graduação em Projeto de Arquitetura e Urbanismo da FAU UNIRITTER, onde coordena o Projeto de Pesquisa e Extensão Cartografia da Hospitalidade. Pós-Doutora PNPd CAPES no PPGAU-Mestrado associado Uniritter-Mackenzie, Graduada em Arquitetura pela UNIRITTER (1985). Mestrado (2006) e Doutorado (2016) em Teoria, História e Crítica da Arquitetura no PROPAR-UFRGS.

do arquiteto, de autoria do arquiteto e urbanista Gustavo de Oliveira Nunes e da psicanalista Carla Gonçalves Rodrigues, apresentar um método de apreensão da cidade na perspectiva cartográfica, pela experiência do caminhar nas bordas do tecido urbano da cidade de Pelotas.

*Cartografia que Caminha: transurbanogramas da Ilha de Santa Catarina*, do arquiteto e urbanista Evandro Fiorin, propõe uma possibilidade de leitura da Ilha de Santa Catarina por cartografias criadas pelo caminhar investigativo e perspicaz, como uma tentativa de percepção das imagens que nos atravessam e que atravessamos, por entre os caminhos formados por algumas das vias de passagem da porção insular de Florianópolis.

*Construir la Otridad para Co-construir Conocimiento: reflexiones en torno a herramientas metodológicas para caminhar*, de Lucia Antonela Mitidieri, arquiteta e urbanista, propõe criar uma cartografia que possa expressar e refletir sobre metodologias e técnicas que estimulem o diálogo com o Outro e suas racionalidades alternativas. A percepção e diálogo com o universo espacial do outro pela caminhografia é visto como alternativa para a construção de conhecimento.

*(Re)Encontros entre Corpos Urbanos: um relato de experiências didáticas errantes*, da arquiteta e urbanista Juliana Michaello Macêdo Dias, apresenta experimentações conduzidas com estudantes de arquitetura, urbanismo e design. Nas experiências didáticas, as práticas errantes e seus desdobramentos são utilizados para chamar a atenção da importância da reflexão sobre a apropriação e vivência dos espaços da cidade pelos corpos dos futuros arquitetos.

*Deriva, Delírio, Devaneio: modos de caminhar e perceber a cidade*, do arquiteto e urbanista Carlos Henrique Magalhães de Lima, é uma especulação teórica desenvolvida sobre as noções dessas três palavras, a partir de diferentes tempos e espaços urbanos na segunda metade do Século XX: da Deriva Situacionista; da Nova York delirante de Koolhaas e do devaneio presente em uma das passagens do Relatório sobre o Plano Piloto de Lucio Costa. Neste ensaio, estas palavras contribuem para tecer uma reflexão focalizada no Plano de Brasília.

*Uma Experiência de Caminhografia Urbana no Porto de Pelotas: diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo*, é um trabalho do grupo de jovens arquitetos e professores, Luana Pavan Detoni, Guilherme Pinto de Almeida, Karolina Dias Lopes Fernandes, Gabriel Silva Fernandes. O estudo se centra nos modos de transitar e experimentar a cidade em meio aos seus espaços, suas histórias, seus diferentes significados e suas múltiplas camadas de significação. A experiência confrontou o paradigma do positivismo lógico em estudar a arquitetura da cidade, a partir da subversão e sobreposição de procedimentos tradicionais, como o levantamento topoceptivo e as narrativas históricas.

*Cartografar Pequenas Cidades no Nordeste Brasileiro, caminhos percorridos*, de Eduardo Gomes Machado - sociólogo, Jorge Luiz Oliveira Lima - bacharel em humanidades, Regina Balbino da Silva - geógrafa e Nathalia Alves de Oliveira - bacharel em humanidades, pesquisa o cotidiano urbano experienciado pelas juventudes que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma universidade federal pública, com três campi e quatro mil estudantes no Ceará.

*O Corpo Mulher que Caminha: caminhografia na cidade de Pelotas*, das mestrandas em arquitetura e urbanismo Taís Beltrame dos Santos, Carolina Frasson Sebalhos e Vanessa Forneck, versa sobre os atravessamentos que as impeliram enquanto

caminhógrafas que percorreram as intraurbâncias da sua cidade. O artigo conta também sobre o processo da disciplina caminhografia urbana, os jogos propostos e as ferramentas utilizadas para mapear as subjetividades.

*Aprensões no Espaço Urbano: uma abordagem imersiva ao caminhar na cidade de Pelotas/RS*, da arquiteta Emanuela Di Felice e do engenheiro Matheus Barbosa, apresenta o caminhar como ato urbano, performático e pessoal, cuja ação procura adentrar em diferentes localidades com o intuito de explorar os conflitos e nuances da cidade contemporânea.

*A Paisagem da Cidade Pequena: variabilidade visual experienciada pelo caminhar*, das arquitetas Auriele Fogaça Cuti e Natalia Naoumova, mostram como os elementos da paisagem natural e as edificações são os principais responsáveis pela variabilidade visual nesses ambientes urbanos, onde o caminhar é um dos principais meios de locomoção.

*Praticar a Cidade por Meio do Desenho: maneiras de abordar e gerar ruídos no tecido urbano*, dos artistas Pedro Elias Parente da Silveira, Eduarda Gonçalves e Clóvis Martins Costa, discorre sobre o desenho como uma das formas de compreender a cidade, quando o corpo e o caminhar são entendidos como meios para a realização de procedimentos de desenho que fazem analogia ao ato de desenhar e que permitem outros modos de vivenciar, incidir e pensar o espaço urbano.

*Errâncias Urbanas no Plano Piloto de Brasília*, do arquiteto e urbanista Leandro Souza Rosa e da arquiteta Maribel Aliaga Fuentes, procura relacionar a Internacional Situacionista (I.S.) à Brasília através de uma experiência prática e de sua subsequente análise teórica, com vistas a verificar se os espaços do Plano Piloto de Brasília são de difícil apropriação pelo pedestre e como as ideias e práticas situacionistas podem contribuir para facilitar essa apropriação.

*A Escolha dos Percursos Urbanos Feitos por Usuários Idosos: como os diferentes tipos de deslocamento interferem na percepção dos elementos que estruturam a imagem da cidade*, dos arquitetos do Laboratório de Estudos Comportamentais da UFPel, Luiz Gilberto Silva Júnior, Adriana Araújo Portella, Nirce Saffer Medvedovski e Fernando Henrique Nascimento Kikuchi, tem o objetivo de avaliar os percursos de usuários idosos através dos trajetos de mapas mentais caminhanes.

*Voyerismo Urbano: observar la ciudad a través de los cuerpos*, da arquiteta Mónica Díaz Vera, toma como base o questionamento do corpo humano e sua experiência no espaço urbano, para conhecer, situar e questionar as diversas experiências políticas, físicas e emocionais provenientes dos encontros que se sucedem.

Para incitar os sentidos através da imagem e vídeo finalizamos este primeiro volume com quatro experiências caminhocartográficas distintas, apresentadas na Parede Branca:

*[Carta... Grafias... Moventes]*, do grupo formado por: Pedro Elias Parente da Silveira, Eduarda Gonçalves, Fernanda Fedrizzi, Tatiana Duarte, Juliana Chacon, Jahan Leão e Cibele Gil, apresentam uma coleção de mapas-carimbos explicitamente inspirados na Poesia Concreta.

*Cartografia sonora da Avenida Ganzo*, de Celma Paese, Pedro Debiazi, Gabriela F. Mariano, Rui Fernando S. Alves Junior e Volnei K. Monteiro convida através de vídeos e imagens-experiência a olhar com os ouvidos e escutar com os olhos, enquanto o caminhar desenha a cidade, suas percepções e lembranças.

*Caminhar em Montevideo*, da artista Kelly Wendt é composta por desenhos em perspectiva aérea, um sobrevoo, da cidade de Montevideo realizados durante residência artística, destacando lugares e memórias .

*Cartografia do Olhar: a verticalização de Porto Alegre*, de Manuela Catafesta, Jânerson F. Coelho, Agnes C. Silva e Íris Petiz L. Aguirre mostra uma caminhada cartográfica promovida pelo Projeto de Extensão: Arquitetura sob Lentes, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo Centro Universitário Ritter dos Reis, que teve como objetivo sensibilizar os alunos participantes para a valorização da arquitetura moderna e fotografia gaúchas. Guiados pelos docentes do projeto, os participantes da atividade foram convidados a visitar e fotografar sete edificações que retratam a verticalização urbana da cidade em meados do século XX: edifícios Imperial, Sulbanco, Sulacap, Jaguaribe, Guaspari, Palácio do Comércio e Pavilhão de Exposição do Estado (Mata-borrão).

Desejamos uma boa leitura e futuras caminhografias a todos!





# **SOBRE CADEIRAS E CLAREIRAS** **uma leitura sobre a domesticação em Regras para o** **parque humano de Peter Sloterdijk - parte I**

**Fernando de Freitas Fuão<sup>1</sup>**

## **Resumo**

Este artigo é uma análise do livro Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk; entretanto o texto se desdobra e se focaliza também sobre a importância das cadeiras e também do sentido de clareira (lichtung) de Heidegger e Sloterdijk como formas da domesticação humana. Correlaciona o conteúdo de Regras para o parque humano com a arquitetura e a cidade; crítica o processo de colonização e o humanismo, apontando a importância de uma descolonização.

Palavras-chave: Regras para o parque humano, domesticação, arquitetura e domesticação, cadeiras, clareiras, moradores de rua.

## **ABOUT CHAIRS AND CLEARINGS** **A Reading About Peter Sloterdijk's Rules** **for Taming the Human Park - Part I**

## **Abstract**

This article is an analysis of Peter Sloterdijk's Rules for the Human Park; however the text unfolds and also focuses on the importance of chairs and also on Heidegger and Sloterdijk's sense of clearing (lichtung) as forms of human domestication. Correlates the content of Rules for the human park with architecture and the city; criticizes the colonization process and humanism, pointing out the importance of a descolonization. Keywords: Rules for the human park, domestication, architecture and domestication, chairs, clearign, homeless.

<sup>1</sup> Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). Pós Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese Arquitectura como Collage.

## **Aos que nascerão fora das clareiras<sup>2</sup>**

Reconhecer que a domesticação do ser humano é o grande impensado, do qual o humanismo desde a Antiguidade até o presente desviou os olhos, é o bastante para afundarmos em águas profundas.<sup>3</sup>

Lá onde existem casas deve-se decidir no que se tornarão os homens que as habitam (Peter Sloterdijk).

Numa conferência dedicada a Heidegger e a Carta sobre o Humanismo em 1999, Sloterdijk fez uma reflexão crítica sobre o papel do humanismo e seu correspondente projeto de domesticação humana; posteriormente o conteúdo dessa conferência se tornaria o conhecido livro Regras para o Parque Humano. Sloterdijk referenciava em sua conferência a três filósofos que já haviam apontado o tema da domesticação no passado: Heidegger, obviamente pela circunstância de ser o título da conferência e mais especificamente sobre a questão da 'clareira'; o segundo, Nietzsche que observara a questão da domesticação do homem sobre o próprio homem, e a fabricação de super-homens, e o terceiro, Platão e a arte de pastorear os seres humanos, tomando o pastor como o padre, o pai, o dom, o domesticador e cuidador do rebanho. Essa conferência gerou um forte debate na Alemanha entre Sloterdijk e seu opositor Habermas, polemica que se exacerbou através da mídia porque indiretamente Sloterdijk declarara que a mídia sempre desempenhara um papel importante no processo da domesticação. Entretanto a crítica da mídia centrou-se

<sup>2</sup> Esse ensaio é fruto de duas inquietações: meu trabalho durante dezoito anos com moradores de rua, recicladores e catadores; e principalmente de um curso que propus de filosofia, com o prof. Jose Luiz Ferreira educador popular, e a população em situação de rua na Escola Porto Alegre; uma escola voltada a formação básica de primeiro grau aos moradores de rua. Além de não contarmos com muitos alunos durante esse curso percebíamos a prática comum dos alunos de não conseguirem ficar sentados muito tempo, observávamos a inquietação do corpo não docilizado, do corpo indisciplinado. As aulas não podiam se prorrogar por muito tempo, aguentavam uma hora até uma hora e meia no máximo, mesmo que a aula para todos fosse interessante e contasse com a participação e curiosidade de todos. Trabalhamos nesse curso as ideias de acolhimento de Jacques Derrida e E. Levinas, André Conte-Sponville sobre o amor, as ideias de Heidegger, Michel Foucault, e muito John Zerzan. Essa situação de estar confinado numa sala de aula nos interrogava muito, e nos questionava sobre a questão da domesticação escolar e de conceitos como civilidade e cidadania. Poucos anos antes enquanto estudava o tema da domesticação humana conheci o pequeno livro Regras para o Parque Humano de Peter Sloterdijk, o qual me marcou profundamente dada a dura realidade em que o livro apresenta a seus leitores. Essas inquietações permaneceram latentes e me levaram a debruçar sobre, e acabei trabalhando apresentando ele durante três anos no programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura. PROPAR. UFRGS. Entretanto essa análise nunca implicou uma relação explícita pelo menos no texto com os moradores de rua; mas aquela experiência do curso de filosofia está silenciosamente entranhada nesse texto; o porquê de suas inquietações, da fala corporal, a questão da indisciplinaridade e da domesticação humana a que fomos submetidos desde a nossa infância, e sobre tudo os estigmas que eles carregam. Certamente aprendemos muito mais sobre a existência com o pessoal em situação de rua do que eles sobre filosofia. Esse ensaio, enfim procura mostrar quanto eles têm para nos mostrar como alternativa a nossas ansiedades e inquietações, sobretudo questionar essa modelagem de nossos corpos, enfim: o que fizeram e fazem com a gente; corroborando com a ética da alteridade e da pedagogia do oprimido de Paulo Freire. É justamente esse outro que carrega a diferença que vem questionar a própria existência minha. E nessa tentativa de explicar a domesticação humana não há nenhum romantismo em retratar os moradores de rua e todos esses corpos que escaparam e resistem à domesticação humana; pelo contrário, é intenção mesmo de mostrar o caro preço e sofrimento da vida que eles pagam por essas escolhas conscientes e inconscientes, nem se pode falar em escolhas visto que foram submetidos involuntariamente pelo Estado. Esse poder que castiga é também punitivo desde o nascimento desses corpos, fabrica seres que permaneceram toda sua vida quase como espécimes para justificar o humanismo e a civilização; essa constatação dirige-se especificamente a própria criação e manutenção da miséria e pobreza.

<sup>3</sup> Sloterdijk, Peter. Regras para o Parque Humano. São Paulo. Estação Liberdade. 2000. P. 43



no tema da seleção genética, desviando profundamente a essência e o conteúdo da apresentação. Sloterdijk ao colocar em cheque o futuro da humanidade através das experiências genéticas ou mesmo dos implantes tecnológicos, destacava questões pertinentes e assustadoras para a humanidade, e retomava o tema do pós humano, ou pós humanismo já anunciados por Heidegger.

O pequeno livro *Regras para o Parque humano* abre uma série de questionamentos já em suas primeiras páginas, ao colocar o tema dos livros e da filosofia como uma das formas de domesticação dos seres humanos.

Livros observou certa vez o escritor Jean Paul, são cartas dirigidas a amigos, apenas mais longas. Com essa frase ele explicitou precisamente a natureza e a função do humanismo: a comunicação propiciadora de amizade realizada a distância por meio da escrita. O que desde os dias de Cícero se chama humanitas faz parte, no sentido mais amplo e no mais estrito, das consequências da alfabetização. Desde que existe como gênero literário, a filosofia recruta seus seguidores escrevendo de modo contagiante sobre o amor e amizade. Ela não é apenas um discurso sobre o amor a sabedoria, mas também quer impelir outros a esse amor.<sup>4</sup>

Para Sloterdijk o fato de que “a filosofia escrita tenha logrado manter-se contagiosa desde seus inícios, há mais de 2500 anos até hoje, deve-se ao *êxito* de sua capacidade de fazer amigos por meio do texto.”<sup>5</sup> Ao apresentar a ideia do *hábito da leitura* como hábito domesticador, ele abria uma porta para pensarmos que não são somente os livros seriam obras domesticadoras, mas se poderia colocar quase no mesmo plano também a pintura, a escultura e todas as outras formas de arte, incluso a música, o teatro, a ópera e a dança como formas de cativar amigos quando essas requerem *não só* o círculo de amizades, mas também uma certa fixação do corpo, um ‘assentamento’ para serem produzidas e recebidas.

Em Sloterdijk, a arquitetura não entrará nesse rol de objetos domesticadores desta forma, pois estará bem mais comprometida nesse processo porque desempenha o papel mesmo da modelagem e comportamento dos cidadãos dentro do que ele denomina o parque humano, ainda que na verdade praticamente ele não faça referência a arquitetura em seu discurso. Mas, devemos entender que é ela quem constrói e configura materialmente o parque, o campo, tal como já havia observado Foucault em *Vigiar e Punir*.

Nesse sentido, a arquitetura não teve somente o papel de cativar amizades indiscriminadamente entre as pessoas, mas sobre tudo entre os próprios arquitetos que veneram seus antepassados antigos e modernos como uma forma de correspondência espectral. Ao comentar especificamente sobre os livros de filosofia, explica que “a filosofia escrita, prosseguiu sendo escrita como uma corrente de cartas ao longo das gerações, e, apesar de todos os erros de cópia, talvez até mesmo por causa desses erros, ela atraiu os copistas e interpretes para seu círculo de amigos”<sup>6</sup>. E, por exemplo, se não fosse os tradutores romanos essas cartas nunca teriam chegado ao império romano; e seria incrível imaginar como os autores gregos teriam reagido com o tipo de amigos que suas cartas alcançariam um dia. Para Sloterdijk: “faz parte das regras do jogo da cultura escrita mesmo, que os remetentes não possam antever seus reais destinatários, e assim os autores se lançam a aventura de pôr suas cartas a caminhos de seus amigos desconhecido”.<sup>7</sup> Salienta-se que sem a inscrição da filosofia grega em rolos transportáveis jamais poderiam ter sido

4 Op. cit.; p.7

5 Op. cit.; p.7

6 Op. cit.; p. 7-8

7 Op. Cit.; p. 8

remetidas, assim como os leitores gregos que se puseram a disposição dos romanos como ajudantes para a decifração das cartas gregas.

A amizade que se dá a distância precisa portanto de ambos, das próprias cartas e de seus propagadores ou interpretes; e finalmente se os romanos não tivessem aderido ao jogo, as mensagens gregas jamais teriam alcançado a área da Europa ocidental na qual ainda vivem os que hoje se interessam pelo humanismo.<sup>8</sup>

Na perspectiva erotológica, a hipotética amizade dos escritores de livros e de cartas com os receptores de suas mensagens representa um caso de amor a distância.<sup>9</sup>

Sloterdijk nos fala de um espectro comunitário, os fantasmas da comunidade de amigos estão sempre para além do tempo presente. A sociedade literária, os amigos da *philo-sofia*, os amigos do saber, do amor ao saber são cientes que seus amigos estão no futuro, no porvir. Entretanto, para além dessa poética dos envios, dessa amizade está a questão da aprendizagem forçada da língua dominante, como na época da colonização quando os colonizadores aplicavam sobre os colonizados indígenas e os negros suas ordens e leis.



Figura 1: O escriba (sesh) sentado do museu do Louvre. 2600 – 2350 a. C. Fonte: disponível em: <https://artihon.com/2017/05/31/obra-de-arte-da-semana-o-escriba-sentado-do-museu-do-louvre/>

Encontramos no núcleo do humanismo a fantasia de uma seita ou clube: o sonho de uma predestinação solidária dos que ‘foram eleitos para saber ler’. Talvez, seria o momento de perguntarmo-nos se esse processo de envio, já não partiria só da antiguidade, mas de um envio de distintas épocas e tempos, inclusive o presente não cessa de enviar novas exigências de línguas. O que houve não foi só um envio dos livros, mas também das artes e das ciências, de um modo geral, a partir do

8 Op. Cit.; p. 8-9

9 Op. Cit.; p. 9

momento que puderam ser moveis, transportadas, enviadas, ainda que saibamos que cada uma delas guarda sua peculiaridade. Assim também a arquitetura, desde que a arquitetura se fez representável, a partir do quatrocento, desenhada no papel ou no tecido através de plantas, cortes, vistas e detalhes tecnoconstrutivos, ela se tornou um envio, um projétil, uma projeção, um projétil sempre lançado para o futuro, para além do tempo presente.

A representação da arquitetura em sua origem sempre falou de uma mortalidade do próprio autor da obra, e de uma garantia que a obra seria ou poderia ser construída mesmo que ele não estivesse mais presente. Ela antes de nada é *um* substituto *não* somente de uma construção futura, mas do próprio arquiteto. Dentro dessa perspectiva a representação da arquitetura com suas plantas, cortes, etc; se constituem também como cartas para o futuro, manuais de execução da obra, uma carta que permite que a coisa seja construída mesmo que seu criador já esteja morto.

Portanto ela diz através de sua peculiar linguagem técnica como deve ser construída, lida a obra, similarmente a mesma relação entre o livro e a filosofia estabelecida através desse círculo de amor a sabedoria. Essa sociedade dedicada ao saber do amor e amizade é facilmente transferível também para a arquitetura: se não houvesse quem pudesse decifrar, traduzir, ler essa estranha linguagem *técnica*, esses desenhos, plantas nunca poderiam ser lidos e construídos.

A representação da arquitetura fala para além, para além do tempo de uma relação objetiva entre projeto como representação de algo que pode ser construído. O estabelecimento da representação do projeto também tem por pressuposto um círculo atemporal de amigos. Esse processo da representação arquitetônica coincidentemente se dará com a desestruturação dos grupos de construtores, das *guildas*, das corporações de ofício, no início do *quatrocentos* quando o artista, escritor e arquiteto resolve sair dela para se colocar como gênio, isolando-se desses amigos da arquitetura e da construção que não enviavam cartas, singularizando-se, para criar novas amizades. As representações da arquitetura idealizada de cidades ideais de Leonardo da Vinci, Piero de La Francesca, ao fim e ao cabo, já nem precisariam ser construída bastavam ser lida a distância no tempo; seu desejo parece ser de uma leitura mesmo, de serem lidas e vistas para além do tempo presente, permanecendo sempre como mensagens, envios para futuros destinatários ignorados.

Por exemplo, todos esses acervos de plantas, desenhos cortes que sustentam a história e teoria da arquitetura nunca poderiam ser apresentadas sem esses tradutores dessas 'cartas de arquitetura', o mesmo aconteceu com a pintura e a história da arte criando o círculo dos amigos da arte.

Sloterdijk ao introduzir o tema dos livros como objetos, dispositivos de domesticação, ele também está sugerindo indiretamente, ainda que não se refira sobre tal fato no livro, que eles teriam por objetivo tranquilizar o ser humano, de sedá-lo e entretê-lo. Aproveito aqui para apontar a questão colocada por Jacques Derrida da escrita como *voile*, mas que Derrida desconhecendo a língua portuguesa, não pode explicitar claramente o poder da escrita como sedante, 'seda-ante', sedente, sedução. Não somente de uma secreção sedante produzida pelo próprio bicho da seda, mas também de um secretar, e de um encapsular, refiro-me também desse *sed* contido em *seducco*, que se associa ao entorpecimento e paralisia, a imobilização tal qual o dispositivo do espelho da medusa, da fotografia, da petrificação. Em espanhol se diz *posición sedente* para se referir a posição sentada, esse *sed* de *sedente* é provável que seja o mesmo que vem de *seducco* e também de sedentário, sedentarismo; se refere as culturas estacionárias, as posições que ficam imobilizadas, que se sentam e se assentam definitivamente.



Figura 2: A domesticação da mão. A caligrafia, a doma da mão pesada e seus castigos necessários para aprender a escrever, até segurar a pena ou caneta com sua suavidade, regularizar um determinado tipo de letra, um tipo correto de letra. Fonte: Michel Foucault. Vigiar e punir. Petropolis. Editora Vozes. 1977. P. 38



Figura 3: A domesticação do corpo. Modelo de caligrafia. O modo de sentar correto para escrever e ler. A mesa e a cadeira como dispositivos disciplinadores civilizatórios, como exemplificou Michel Foucault em Vigiar e Punir. Fonte: Michel Foucault. Vigiar e punir. Petropolis. Editora Vozes. 1977. P. 38

A escrita parece só ocorrer com esse assentamento duplo: do corpo e da comunidade, como bem observou John Zerzan e outros antropólogos. Uma das condições para se efetivar a prática da domesticação, da escrita e da leitura é a fixação, a colocação do corpo num sistema de espera, de aguardo, de uma imobilidade, de uma internação (internato), num constante processo de escuta atenta e disciplinada, hierarquizada e punitiva. É impossível, ou muito difícil por exemplo, escrever algo caminhando, ler um livro caminhando, tanto a escrita como a leitura do livro requerem uma certa imobilização do corpo, parado, sentado ou deitado. Assim, também devemos ver que o processo de produção da escrita, o exercício da caligrafia, da digitação, ou dos celulares além de requerem uma posição sentada ou parada, também demandam um grande refinamento do trabalho da *mão*, *da habilidade manual para poder escrever*. *E para isso foi necessário* uma longa doma e adestramento da mão para que se consiga escrever de uma maneira uniforme; assim como hoje para teclar um celular. A uniformização está na base da domesticação.

Os livros de que fala Sloterdijk como cartas foram escritos sempre sentados, o ato de sentar-se numa cadeira ou poltrona é uma posição domesticada e domesticante, também símbolo de poder desde a antiguidade. Para a nossa cultura, a domesticação não existe sem o sentar-se desde a mais tenra idade, e nesse processo a escola é a primeira a impor a disciplina do comando 'sentado'. A vitalidade do corpo, na infância que não para e não tem sossego é desde início reprimida, adestrada através da fixação na cadeira; um aniquilamento dessa força selvagem e natural. Entre as palavras cadeira e disciplina há uma estreita relação, fica evidente na língua portuguesa que essas duas palavras cadeira e disciplina uma suporta a outra, *são* mais que sinônimos, quando nos referimos a palavra disciplina se pode também se



referir a matéria de um currículo escolar ou universitário, assim como, vice versa, a palavra cadeira também pode designar uma disciplina.

A fixação do corpo na cadeira também constituiria outra história da disciplinaridade dos corpos, a estranha história oculta da cadeira. A história desse mobiliário mostra que serviu não somente para ensinar a escrever, enviar as cartas e recebe-las mas também foi dispositivo para domesticar, civilizar os corpos. A história das cadeiras a partir do século XVIII, em si já é a própria história da domesticação. Em outras palavras poderíamos reduzir a máxima: o humanismo é cadeira, própria condição da escrita, o símbolo máximo da civilização e do civilizado. Ironicamente sem essa domesticação da mão e do corpo, nem esse texto poderia ter sido escrito e provavelmente tampouco haveria leitores para ele.

Há uma curiosa e emblemática foto de Heidegger no interior de sua cabana na *Floresta Negra* sentado a mesa com seus apontamentos e canetas, essa foto nos fala da atividade do caminhar e da atividade 'sedente', fala também de uma escrita e de sua auto imobilização para poder escrever, de sua auto domesticação. Esse ato da escrita implica num certo estado de concentração e também de torpor, um mergulho dentro da escrita, uma sedação provocada pelo próprio ato de escrever, digamos que um privilégio que só pode ser desfrutada pelos amigos do círculo do livro, dos livros da filosofia, sedação esta também provocada pela leitura. Essa foto de Heidegger



Figura 4: Escola Industrial de Genova para estudantes indígenas, fundada em 1884 e originalmente construída para os Pawnee antes da tribo ser removida de Nebraska para Oklahoma. A escola tinha inicialmente 74 alunos posteriormente receberia 600 estudantes de mais de 20 tribos. O foco principal era ensinar inglês. Os indígenas foram obrigados a abandonar suas línguas, falar uma língua nativa era visto como um obstáculo para se tornar civilizado. O objetivo também era preparar os indígenas para ingressar no mercado de trabalho, situação essa para eles completamente distinta de seus hábitos de existência. Passavam meio dia na sala de aula e depois meio dia como trabalhadores rurais para os agricultores brancos e ou como servidores em casas. Os estudantes não foram pagos por seu trabalho, mas seus "empregadores" pagavam uma pequena quantia à escola. Em geral, a escola estava mais focada em atender às necessidades de mão-de-obra de não-índios do que em fornecer educação para os alunos. Fonte da informação: <http://nativeamericannetroots.net/diary/1448>. Fonte: imagem disponível em: <https://www.kcbx.org/post/us-indian-boarding-schools-tragic-episode-american-history#stream/0>



Figura 5. Martin Heidegger em seu quarto de escrever na Cabana na Selva Negra. Fonte: Adam Sharr. La cabana de Heidegger. Barcelona. Gustavo Gili. 2009. P.41.

Heidegger como caminhante da floresta pensava enquanto caminhava; filosofava. O caminhar entre a floresta despertava um pensar distinto do pensar sentado, os pensamentos que surgiam enquanto caminhava ele guardava para posteriormente em sua casa transcrever seus pensamentos sentados, era como se sedimentassem ao sentar-se. Seduzido pela cadeira ele poderia escrever suas cartas enquanto contemplava pela janela a clareira e a floresta na cercania. O pensamento sentado é diferente do pensamento do caminhante. Os pensamentos que nos ocorrem sentado; por exemplo, andando de bicicleta o pensamento que nos atravessa é distinto do pensamento quando estamos sentado em uma sala, assim como o pensamento ao estar sentado num carro será igualmente distinto do estar sentado dentro de um avião. Todos esses casos parece dependerem da velocidade, e em cada caso percebemos formas distintas em nós mesmos de pensar.

Com a utilização dos computadores de mesa e trabalho o corpo foi obrigado a uma nova posição sentado, antes para a escrita e até mesmo para a leitura a cabeça dirigia-se para baixo, e o corpo se inflexionava levemente para frente sobre a mesa. Hoje a cabeça fica alta da tela do computador, frente a frente, vis a vis, e o corpo para não sofrer traumas deve ficar o mais rígido e confortável possível, uma posição muito próxima de quem dirige um veículo, ou seja: a atenção está fixada a frente dos olhos. Evidentemente há outras posições mais flexíveis para os notebooks e celulares, mas os computadores (desktop) para trabalhos estabelecem uma nova posição disciplinar para o trabalho. E as cadeiras de trabalho passaram a se assimilar as cadeiras dos automóveis.

Retornando a Sloterdijk: "encontramos assim no núcleo do humanismo a fantasia de uma seita, um fantasma de uma seita ou clube, o sonho da predestinada solidariedade dos que foram eleitos para saber ler"<sup>10</sup>. Complementaria: sentados, disciplinados, docilizados.

10 OP. cit.; p. 10





O humanismo sempre foi e ainda é a fraternidade dos mesmos, dos irmãos, dos *fratelos* que sabem ler, chama-se também humanismo esse projeto de habilitar e habitar a todos a lerem incessantemente a qualquer minuto, mesmo que não queiram, de organizar uma sociedade na compulsão da leitura não só dos livros mas de qualquer coisa que se coloque na frente, ler tudo o que se quer e o que não se quer; fazer o olho trabalhar involuntariamente, fazer ler cada palavra que aparece na frente. Essa é uma das bases da propaganda, ocupar o pensamento através *da compulsão da leitura obrigando voluntariamente a ler as coisas que se colocam na frente dos olhos*.

No início, os humanizados eram como uma seita só de alfabetizados, depois se tornou pragmático e programático como se pode observar na ideologia ginásial nos séculos XIX e XX e chegando até a segunda metade do século XX; daí em diante o padrão da sociedade literária se ampliou como uma norma. Desde então, diz Sloterdijk:

os povos se organizaram como membros plenamente alfabetizados de associações compulsórias de amizade, que se filiavam em cada território nacional. Ao lado dos autores da antiguidade comuns na Europa se mobilizaram também os clássicos nacionais e modernos, cujas cartas ao público foram alcançadas pelo Mercado editorial e pelas escolas superiores<sup>11</sup>.

Sloterdijk, ironizando, compara essa obrigatoriedade da leitura dos clássicos universais ao serviço militar obrigatório, também universalizado para todos jovens do sexo masculino, diz ele: “a época burguesa *clássica foi justamente a era da humanidade* armada e dedicada a leitura<sup>12</sup>.” Com o estabelecimento midiático da cultura de massas na Europa a partir de 1918, com o rádio e depois em 1945 com

11 Op. cit.; p. 12. “para o velho mundo, e mesmo até a véspera dos modernos Estados nacionais, saber ler significava de fato algo como a participação de uma elite cercada de mistérios - o conhecimento de gramática equivalia antigamente, em muitos lugares, a mais pura feitiçaria, e, de fato, de facto, já no inglês medieval a palavra glamour desenvolve-se a partir de *gramar*”. Sloterdijk, op. cit.; p. 10-11

12 Op. cit.; p. 12



Figura 7. Óculos que vêem, 2014. Le Corbusier in-ocula a moderna visão de mundo. Os convertidos têm nas mãos os habitantes do novo mundo. Collage de Rufino Becker, 2014. Fonte <http://varelanoticias.com.br/todos-iguais-artista-retrata-lideres-mundiais-sentados-em-privadas-veja-fotos/>.



Figura 8. O império da classe, da cadeira e do quadro negro. A tríade: domesticação, colonização e humanismo. Fonte: <http://eltrabajonoshacelibres.blogspot.com/2012/09/escuelas-en-africa.html>

a televisão e agora pela internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases, *não mais em torno ao livros*, as letras, tal como previra Marshall McLuhan. Essas novas bases, segundo Sloterdijk *são decididamente pós-literárias*, pós-epistolares e conseqüentemente pós-humanistas. Essa mudança tecnológica também afetou toda a síntese social e política, “a era do humanismo moderno como modelo escolar e de formação terminou, não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas



segundo o amigável modelo da sociedade literária<sup>13.</sup>

Depois da segunda Guerra mundial o humanismo e a educação universal retomaram com grande urgência para aplacar os espíritos da selvageria e da barbárie humana da Guerra que culminaram em Auschwitz, como uma expressão do fracasso do processo civilizatório. Os humanistas encontraram uma nova justificativa para incrementar o projeto humanista, continuar com mais ênfase, estendendo-se por mais um período, são dessa época, anos 50-70, o aumento do número de universidades e de escolas em todos os países do mundo.

Se nos fixarmos mais atentamente a prática da leitura dos livros, ela não seria por si só capaz de domesticar os ditos selvagens iletrados como discorreu Sloterdijk, os livros domesticadores sempre vieram atados, acorrentados a cadeira e a mesa, a classe. A prática disciplinar do sentar-se, do comportar-se, da postura e da compostura com os demais, nasce com a cadeira e com a cadeira, com a classe (classificação) e a carteira (mobiliário)<sup>14</sup>.

Figura 9. A civilidade como postura, compostura, a elegância do sentar-se: pernas entrecruzadas, braços sobre os braços da cadeira.



Figura 10. Presidente russo Vladimir Putin e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu sentados em privadas. A artista italiana Cristina Guggen criou collages também com personagens ilustres como Barack Obama, Papa Francisco e Angela Merkel.



13 Op. cit.; p. P. 14-15

14 Antiga denominação para a classe (mobiliário), um tipo de mesa que ficava em frente à cadeira e que continha na parte de baixo lugar para colocar os cadernos e livros.



Figura 11. Luis Buñuel em seu Filme O fantasma da Libertade, inverte toda a lógica de uma mesa de jantar ao colocar vasos sanitários fazendo nos lembrar que na Roma antiga havia 4.000 assentos distribuídos nas 144 latrinas públicas chamadas foricae: uma sala - que era acessada de um vestibulo - com longos assentos de mármore nas paredes com buracos espaçados; sob os assentos a água fluía continuamente. Nessa sala aconteciam conversas na companhia de amigos e também de desconhecidos. No filme no lugar do banheiro Buñuel coloca uma pequena mesa com a comida onde os convidados vão ao banheiro, em sua privacidade máxima para comer. Fonte: <https://rabdo.blog/2017/08/22/il-fascino-discreto-del-gabinetto-e-la-sua-importanza-storica/>.

Foucault já havia comentado em *Vigiar e Punir* a questão da docilização dos corpos submetidos a esse processo da punição como prática de uma sociedade disciplinar. O humanismo e seus livros, assim como a atualidade o cine, a tv, os computadores, tudo parece depender da cadeira, assentar o corpo, paralisá-lo, sedentalizá-lo, sedá-lo através da cadeira ou da medicação. Tomemos por fim, também a metáfora cruel da cadeira elétrica como *símbolo da sociedade civilizada*, como se o ato de sentar-se pudesse condensar-se nessas duas expressões da vida para o humanismo: a cadeira escolar e a cadeira elétrica. Não somente da cadeira elétrica como símbolo mortal, *não só como símbolo de uma certa humanidade para morrer mas também até para defecar*, como atesta o vaso sanitário ao assumir o aspecto de cadeira ou trono.

Como explica Sloterdijk: "humanismo, como palavra e como assunto, sempre tem um contra quem, uma vez que seu empenho se constitui em retirar o ser humano da barbárie"<sup>15</sup>. E talvez nesse conceito de barbárie, devemos incluir também o corpo da criança que não aceita sentar já desde o início da vida, do corpo livre, rebelde que rejeita a cadeira. É fácil entender por que as épocas que tiveram suas experiências com o potencial bárbaro são justamente as épocas em que o chamado humanismo costumou ficar mais forte e mais premente; ou em outras palavras: a domesticação do humanismo ganhou e ganha mais urgência e justificativa quando se manifesta a barbárie, ou algo que se desvia da ordem da domesticação, como nos momentos de insurreição e das revoluções sociais.

Não é só a barbárie, o selvagem, o Sexta-Feira de Robinson Crusoe ou Tarzan de Burroughs, o herói selvagem, que se opõem a domesticação, mas qualquer coisa que se contraponha a ação dominadora da domesticação. Haveríamos, pois de entrada, de enunciar esse 'contra quem' como disse Sloterdijk, quem são esses novos

15 Op. cit.; p.16



selvagens e bárbaros que resistem ainda hoje a domesticação: vadios, moradores de rua, narcotraficantes, terroristas, os muçulmanos, indígenas, os pertencentes a cultura *drop out*, os que se exilam das grandes cidades, as crianças em sua infância, os loucos. Talvez seja pertinente lembrar que entre esses grupos, os índios e os moradores de rua raramente sentam em cadeiras, e que a rede de dormir dos nordestinos brasileiros ainda continua como símbolo de resistência cultural levando aonde quer que vão; ou que nos anos 60 no movimento da contracultura tenha se optado por utilizar grandes almofadas como substituto da cadeira, da poltrona ou sofá como nas culturas orientais; ou sentar-se diretamente no chão na grama mesmo em contato com a natureza.

A crítica a cadeira, obviamente *não* é somente pelo fato de sentar-se como processo domesticante como comentamos anteriormente, mas o fato de não sentarmos no chão acabamos por perder também nossa relação de ‘com-tato’ com o chão com a terra, já desde a infância. Desde pequenos somos desestimulados pelos pais a não tocarmos na terra, referindo-se a algo sujo, e que deve ser limpo, lavado imediatamente. É natural das crianças sentarem no chão desde pequenas, tocarem com suas pequenas mãos, esburacar e escarafunchar a terra. Por trás dessa domesticação também paira o espectro de demonização da natureza promovido pelo humanismo e muito anteriormente pelo cristianismo.

Como explica Enilton Braga:

É com o cristianismo, com seu novo significado para a natureza, que se dissolve o sentido do termo da natureza conforme a consciência antiga. Antes inserido na natureza, o homem agora não é mais um elemento pertencente ao conjunto natural, não tendo mais seu lugar como as coisas o têm, mas sim, é visto como transcendente em relação ao mundo físico, não pertencendo mais à natureza, mas à graça, que é sobrenatural. Essa mudança na essência do pensamento sobre a natureza vai autorizar o homem a dominar a natureza, pois não mais se encontra vigente no cosmos, mas além dele. Ao permitir o desenvolvimento da ciência moderna, o cristianismo contribui para a difusão da representação mecânica da natureza, e, conseqüentemente, na sua dessacralização. Para Heidegger, é esse pensamento cristão, essa natureza que é levada pelas paixões à ruína do homem; é por isto que a ‘natureza’ precisa ser mantida subjugada: em certo sentido, ela é o que não deve ser. O ‘natural’ do homem significa aquilo que lhe foi doado junto com a criação e o que foi doado no íntimo de sua liberdade – entregue a si mesma<sup>16</sup>.

Hoje, ironicamente até nas praias existem cadeiras reclináveis para sentar, por apenas alguns trocados de dinheiro o corpo se desmantela confortavelmente nelas, e a ideia de um contato pleno com a terra, com a areia cada dia parece mais assustadora e agressiva, ficando mesmo só para o contato com os pés na beira da praia. É muito sugestivo disso que as crianças e os animais adorem rolar na areia, ‘encroquetar-se’ de areia como se diz vulgarmente, esse comportamento natural é visto como um gesto animal e condenável por parte de muitos pais, ou se é um adulto é visto como um gesto infantilizado, não domesticado.

O antropólogo Tim Ingold nos fornece em seus estudos uma ampla gama de reafirmações aqui já explicitadas sobre domesticação, e sobre tudo novos aportes desde a antropologia sobre a domesticação humana. Um dos textos que mais

16 Braga, Enilton. *A clareira da casa Pátio*. Dissertação. Programa de Pesquisa e pós Graduação em Arquitetura. UFRGS. 2017. (inédito) P. 251. Enilton se utiliza da idéia de clareira metafórica com o conceito heideggeriano da clareira do ser (*Lichtung*) na identificação do pátio interno da casa de Elyseu Victor Mascarello, na cidade de Porto Alegre e construída na década de 1970.

chama a atenção é *A cultura do chão: o mundo percebido através dos pés*, onde nos apresenta a relação da domesticação do andar e a sobrevalorização do trabalho das mãos sobre os pés, o aniquilamento do trabalho dos pés; e sobretudo, o papel da cadeira enquanto dispositivo nesse processo :

a história do mundo ocidental, as cadeiras fizeram a sua primeira aparição como sedes de altas autoridades e não entraram em uso generalizado, mesmo na mais rica das casas, até por volta do século XVI. A ‘sociedade sentada’ com a qual estamos tão acostumados hoje é em grande medida um fenômeno dos últimos 200 anos. Provavelmente, não é acidente, no encanto, que a civilização que nos deu a bota de couro também nos apresentou a poltrona. Nada, no entanto, ilustra melhor o valor colocado sobre uma percepção sedentária do mundo, mediada pelos sentidos supostamente superiores da visão e da audição, e desimpedida de qualquer sensação tátil ou cenestésica através dos pés. Onde a bota, reduzindo a atividade de caminhar à atividade de uma máquina de pisar, priva os usuários da possibilidade de pensarem com os pés, a cadeira permite que sedentários pensem sem absolutamente envolverem os pés<sup>17</sup>.

No entanto, para aqueles de nós educados para sentarem-se em cadeiras, ter que se agachar por qualquer período de tempo é imensamente desconfortável. Parece que a cadeira bloqueou o desenvolvimento da capacidade normal do ser humano se agachar, assim como a bota bloqueou o desenvolvimento das funções preênsais do pé<sup>18</sup>.



Figura 12. Praia Moderna, 2014. Monsieur Hulot, personagem do filme *Playtime* de Jacques Tati (1967), observa os modernos habitantes de cubículos ordenadamente cumprindo seu cronograma de lazer. Collage Rufino Becker, 2013.

17 Tim Ingold. *Estar Vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes, Petropolis, 2011, p. 78. Tim Ingold propõe uma articulação conjunta entre Antropologia, Arquitetura, Arqueologia e Arte, os 4 A.

18 Op. cit.; p. 79. Tim Ingold explica que “nas sociedades ocidentais, onde a postura ereta ou de pé é uma medida de classificação e retidão moral, a posição de cócoras é reservada àqueles no menor degrau da escala social - a párias, mendigos e suplicantes. Armados com uma bateria de dispositivos, de cadeiras de bebês a andadores, os pais ocidentais dedicam muito esforço para fazerem seus filhos se sentarem e se levantarem tão logo lhes seja fisicamente possível, e se preocupam com qualquer atraso em seu desenvolvimento.” Op. cit.; p. 79



Retornando a Regras para o Parque Humano, Peter Sloterdijk se questiona sobre o futuro da humanidade e dos meios de humanização (domesticação) se subsiste alguma esperança de dominar as atuais tendências embrutecedoras entre os homens. Mas como bem esclarece: “quanto a isso, tem uma perturbadora importância o fato de que o embrutecimento, hoje e sempre, costuma ocorrer exatamente quando há grande desenvolvimento do poder, seja como rudeza bélica e imperial, ou como bestializarão cotidiana das pessoas pelos entretenimentos desinibidores da mídia.”<sup>19</sup> Para ambas as coisas, exemplifica com os romanos que forneceram os modelos que marcarariam a Europa – de um lado com seu militarismo onipenetrante, de outro com a indústria do entretenimento a base de espetáculos sangrentos. O tema latente do humanismo para Sloterdijk sempre foi esse ‘desembrutecimento do ser humano’, e sua tese latente: que só as boas leituras conduziram a domesticação, *não só as boas leituras mas também os espetáculos midiáticos*. Para Sloterdijk há duas forças de formação presentes na cultura elitizada da domesticação, embora veladas e tímidas, que ele denomina como *influências inibidoras* e *influências desinibidoras*.<sup>20</sup>



Figura 13: A Escola Carlisle (*Carlisle Indian Industrial School*) Indiana era um internato (1879-1918), destinado a domesticar as crianças nativas norte americanas e se tornou referência posteriormente para outros internatos. Nesse período mais de 10.000 crianças nativas americanas das tribos *Lakota*, *Obibwe*, *Seneca*, *Oneida*, *Cherokee*, *Apache*, *Cheyenne* e *Alaska* Native ingressaram em internatos. Esses internatos foram estabelecidos inicialmente por missionários cristãos que muitas vezes iniciavam escolas em reservas, o governo pagava às ordens religiosas para fornecer educação básica para crianças nativas americanas em reservas. As crianças indígenas eram imersas na cultura branca através punições e práticas que retiravam suas identidades; esses métodos incluíam cortes de cabelo estilo europeu-americano, proibição de falar suas línguas nativas, eram obrigados a usarem uniformes e tinham seus nomes reais substituídos por nomes europeus, eram também forçados a marchar como se estivessem no exército na parada tudo isso para ‘civilizá-los’ e ‘cristianizá-los’. Outras práticas para a domesticação desses ‘selvagens’ incluía o confinamento em solitárias e punição corporal, espancamentos com paus, réguas e cintos. As línguas das crianças foram repetidamente perfuradas com agulhas como punição por falar um idioma diferente do inglês ou do francês. Outras punições comuns incluíam choques elétricos, confinamento em gaiolas, queimaduras nas mãos, e alimentação forçada do vômito dos alunos quando estavam doentes. Um dos lemas da Escola de Carlisle era *Matar o Índio, Salvar o Homem*. Fonte: <https://honoringnativeancestors.blogspot.com/2017/09/carlisle-indian-industrial-school.html>.

19 Op. cit p. 17  
20 Op. cit p. 17



Figura 14: Crianças índias da tribo *Lakota* na Escola de Carlisle antes e depois do processo de domesticação. Três jovens rapazes índios *lakotas* foram retratados (à esquerda) vestindo suas roupas tribais quando chegaram a Carlisle, e (à direita) pouco tempo depois usando seus uniformes de estilo militar da escola. 1900. Observa-se também o sentar-se em cadeiras como símbolo de domesticação, com o detalhe de cruzar as pernas, como hábito civilizado. Fonte: <https://www.kqed.org/news/11678136/its-not-a-new-story-family-separations-open-old-wounds>

Faz parte da crença do humanismo mesmo, que os seres humanos são animais altamente influenciáveis e que é imperativo prover-lhes o tipo certo de influências, através da leitura e ou das mídias para mudarem o comportamento e a mentalidade. O humanismo sempre esteve diretamente acorrentado a esse processo que aqui chamamos de uma ‘domesticação universal’, de uma uniformização das culturas sob o manto da justificativa civilizatória. Esse fato nos faz pensar que humanismo é ainda um artilho, e há uma contradição que o mantém vivo e que faz parte mesmo do fundamento do humanismo: não liberar totalmente os seres da barbárie. Ele precisa continuamente apresentar esses espécimes bárbaros e selvagens de forma individual, ou em grupos, ou mesmo nações inteiras como a África. Para os domesticadores, por exemplo, os nativos da América do norte, os povos guaranis na América do sul, ou mesmo os terroristas islâmicos, inclusive até os moradores de rua são considerados como selvagens bárbaros ou retardatários do processo civilizatório.

Para compreender melhor o humanismo e o projeto de domesticação universal foi necessário situá-los dentro de um pensamento evolucionista-positivista (século XVII e XIX) para poder demonstrar essas oposições, níveis e graus entre os civilizados e os ditos selvagens. Talvez fosse o momento de se repensar a teoria de Darwin, o evolucionismo como formação do próprio humanismo; uma comprovação de um estado civilizatório que parte das cavernas, ou da tenda primitiva ao palacete do burguês, ao arranha céu do cidadão da grande metrópole.

A terapêutica da domesticação é ministrada com doses diárias e contínuas aos ‘humanizados’ para mantê-los constantemente humanamente civilizados<sup>21</sup>. Paradoxalmente e sempre em simultaneidade, o processo de domesticação também ministra doses que estimulam a violência nos seres humanos para que neles brotem o reprimido, o lado selvagem. Esse selvagerismo para o humanismo é precisamente

21 Nesse sentido veja-se o livro *O processo Civilizador* de Norbert Elias.



Figura 15: Planta de São Miguel das Missões, Brasil, Rio Grande do Sul onde pode-se observar a estrutura militar e religiosa em forma de cruz correspondendo a igreja o papel de altar, e aos bancos correspondendo as habitações; numa das faces da praça. A formação das aldeias guaranis eram constituídas de um conjunto de moradias de fibras vegetais, organizadas no entorno de um espaço aberto. Fonte: [http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid\\_9/c2b2f44176d3\\_jesuista10.jpg](http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/c2b2f44176d3_jesuista10.jpg)

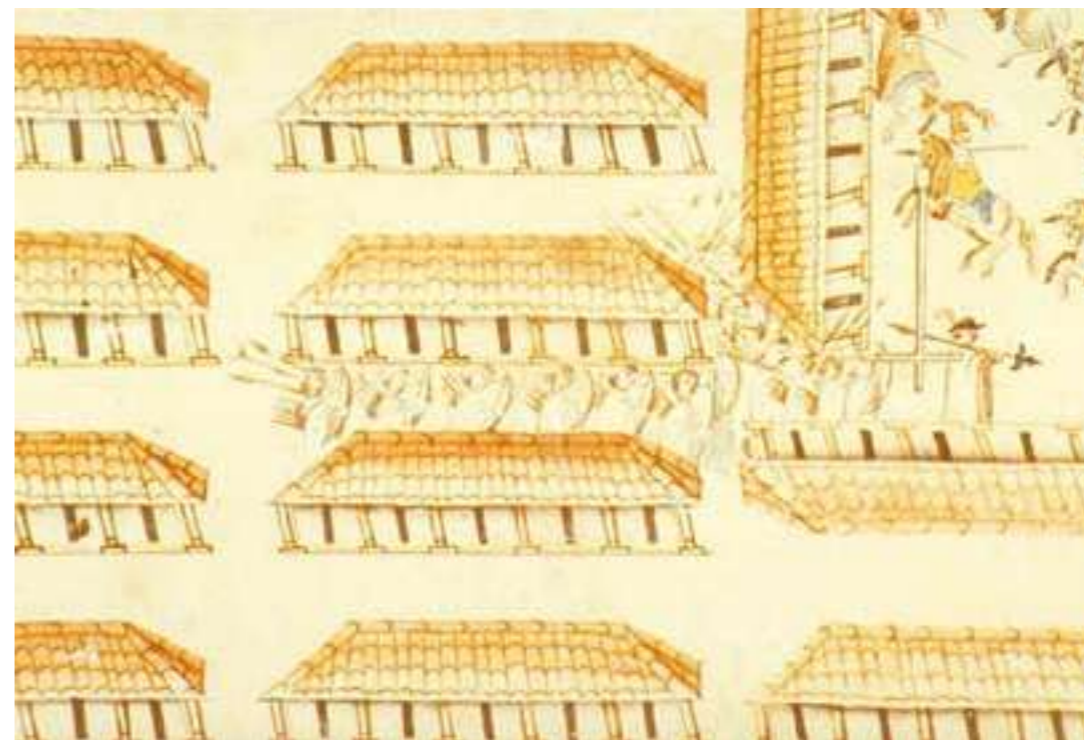
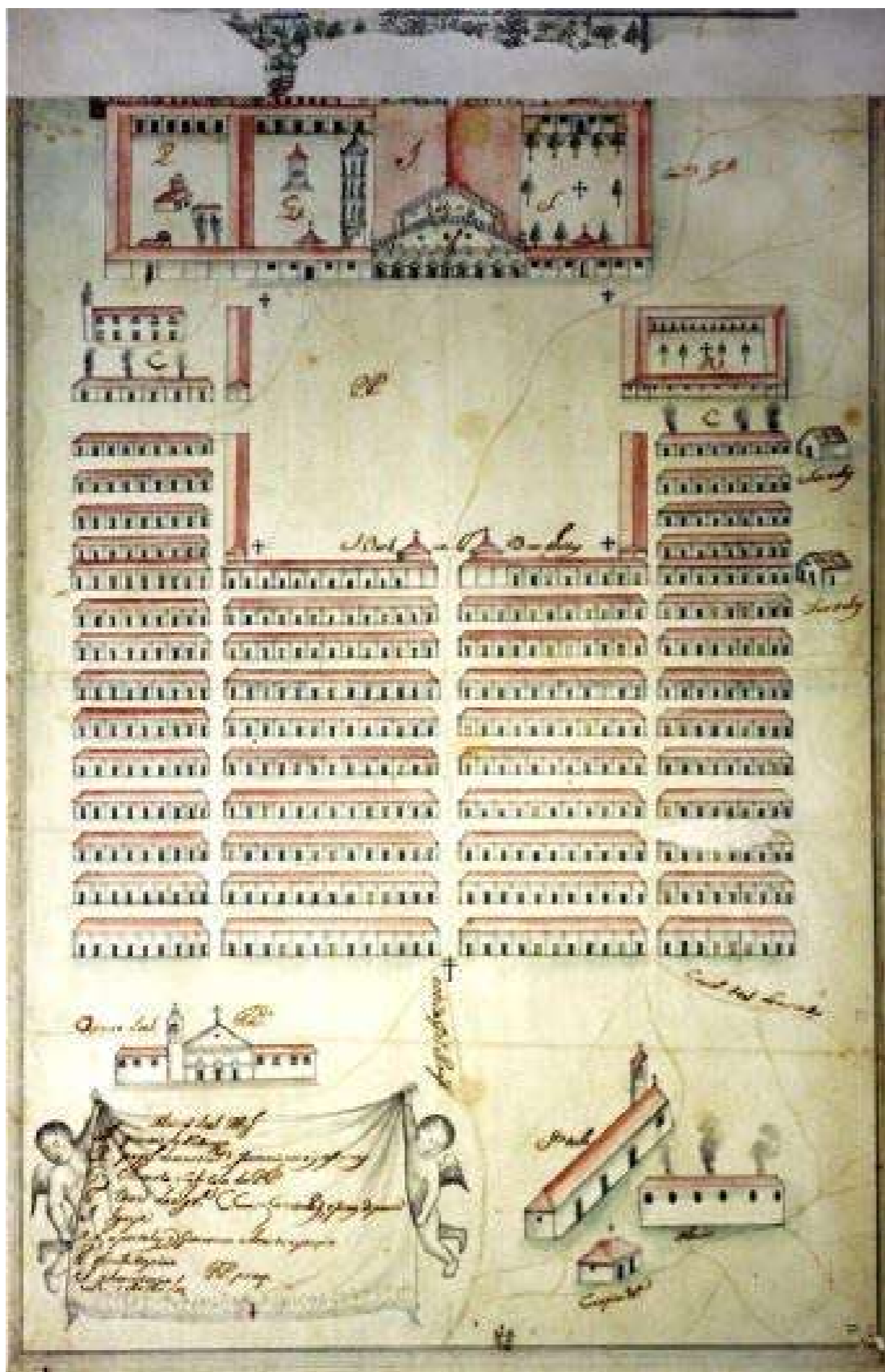


Figura 16: Planta baixa antiga da redução jesuítica de São Miguel. Parece desconcertante que até os dias de hoje não se encontrem críticas contundentes ao processo de domesticação que os índios guaranis sofreram por parte dos padres jesuítas, nas missões Jesuíticas no sul do Brasil na segunda metade do século XVII. Processo esse que levou aos índios trabalharem voluntariamente na construção das reduções, onde o trabalho de pedra para erguer a igreja é colossal sem eles terem essa tecnologia da pedra basicamente europeia, ou mesmo o que levou eles a adotarem o cristianismo opondo-se às suas religiões; ainda mesmo que tenha havido a sobrevivência de suas práticas pagãs. O que levou eles a esculpirem em pedras e madeiras gigantescos anjos e santos, produzirem telhas de barro, a obedecerem aos jesuítas e principalmente defender as missões dos ataques? Se não o processo de domesticação, catequizações a que foram submetidos. É preciso rever a história das missões jesuíticas que sempre contam uma feliz parceria de colaboração e cooperativismo entre jesuítas e guaranis e passar a descrever as práticas corporais de aniquilamento das identidades, colocação de vestimentas europeias, vestidos de batas brancas e com seus arcos e flechas parecendo anjos na terra sem males, assim como outras práticas. Em vários relatos dos primeiros missionários que adentraram essas matas, podemos observar alguns rituais Guarani que os jesuítas tentaram de todas as formas abolir, embora nem sempre lograssem êxito, durante a aplicação do projeto reducional. Entre esses se destacam as danças e o consumo de bebidas fermentadas com intuito de invocar espíritos de antepassados, rituais de sepultamento, onde o morto era colocado dentro de um grande vasilhame cerâmico em posição fetal coberto por um vasilhame menor onde acreditavam que a alma ficaria depositada, ou até os rituais antropofágicos elaborados considerados pelos padres como atos de extrema crueldade, e que na concepção guarani não era nada mais do que momentos de festa em que exaltavam a bravura dos guerreiros, além do costume da poligamia. Eles fundaram as reduções arrasando toda a estrutura política, social e econômica a qual as etnias indígenas estavam acostumadas. E hoje está elevado a categoria de Patrimônio mundial da humanidade, sem nenhum retorno aos índios guaranis que perambulam e sobrevivem até os dias de hoje vendendo artesanato nas imediações em busca da terra sem males. Fonte: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/RS\\_ARQ/4\\_planta\\_antiga\\_das\\_missoes\\_jesuisticas\\_rs\\_reproducao\\_iphan.jpg](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/RS_ARQ/4_planta_antiga_das_missoes_jesuisticas_rs_reproducao_iphan.jpg)

a violência como condição para sua existência e projeto, a manutenção de um determinado tipo de violência que se opõe à domesticação e à civilização, uma violência controlada por eles mesmos. O grande perigo é quando esse surgimento está bem longe das possibilidades de controle da sociedade domesticada, e se torna virulenta exatamente como o terror e a barbárie dos fascismos. No mesmo sentido em que os seres humanos se autodomesticam, a barbárie ou o terror quando se manifesta é contagiante e também se autobarbarizam em nome de um humanismo dos iguais. O processo civilizador sempre teve por objetivo eliminar as diferenças



todas criando um padrão único, uniforme de conduta e pensamento.

Comenta Sloterdijk: “A etiqueta *humanismo* recorda -de forma falsamente inofensiva- a continua batalha pelo ser humano que se produz como disputa entre tendências bestializadoras e tendências domesticadoras<sup>22</sup>.” Na sequência Sloterdijk explica melhor essa questão recorrendo a Cícero; diz ele:

na época de Cícero, ambos os poderes de influência (inibidoras e exibidoras) ainda são fáceis de identificar, pois cada um deles possui sua mídia característica. Quanto as influencias bestializadoras, os romanos já tinham instalado a mais bem sucedida rede de meios de comunicação de massas do mundo antigo, com seus anfiteatros, seu açulamento de animais, seus combates de gladiadores até a morte, e seus espetáculos de execução. Durante a época do império, a provisão de fascínios bestializadores para as massas romanas havia se tornado uma técnica de dominação indispensável de dominação, rotineiramente aprimorada, e que graças a formula pão e circo, persiste até hoje na memória<sup>23</sup>.

Para Sloterdijk só se pode compreender o humanismo antigo se o entendermos também como um conflito de mídias, isto é, da resistência do livro contra o anfiteatro, e como oposição de leitura filosófica humanizadora, provedora de paciência e criadora de consciência contra as sensações de embriaguez e euforia desumanizadoras dos estádios. O que os romanos chamavam de *humanitas* era impossível ser pensada sem a cultura de massas dos teatros da crueldade. A ideia de um humanista ir ao estádio serviria para ele dar-se conta da besta que existe dentro dele, e que ao retornar para casa se sentiria envergonhado. O que Sloterdijk quer dizer com isso é que, o processo do humanismo também é sempre um estado de toma de consciência de escolha, consiste em escolher para o desenvolvimento da própria natureza as mídias domesticadoras e renunciar as desinibidoras. “O sentido dessa escolha de meios consiste em ‘desabituar-se da própria bestialidade em potencial, e por distancia entre si da escalada desumanizadora dos urros do teatro<sup>24</sup>.”

A questão de como o ser humano poderia se tornar um ser humano verdadeiro ou real, para Sloterdijk “esta daqui em diante inevitavelmente colocado como uma questão de mídia, se entendermos por mídia os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a si mesmos para o que podem, e o que vão se tornar<sup>25</sup>”. A arquitetura, nesse sentido, também deve ser entendida como uma mídia, como comunicação, como um dispositivo, algo que se prepara, se constroi para produzir determinados acontecimentos.

Sloterdijk divide o conteúdo de *Regras para o Parque Humano*, em quatro momentos, o primeiro: é a relação dos livros e cartas como sociedade letrada que se opõe ao barbarismo e ao selvagem, como vimos anteriormente. Num segundo momento ele trabalha a questão do livro mesmo de Heidegger a *Carta sobre o humanismo*, o terceiro recorrendo a Nietzsche; e finalmente a Platão e a questão do pastoreio.

22 Sloterdijk. Op cit.; p. 17

23 Op cit.; p.17-18

24 Op cit.; p. 19.

25 Op cit.; p. 19.

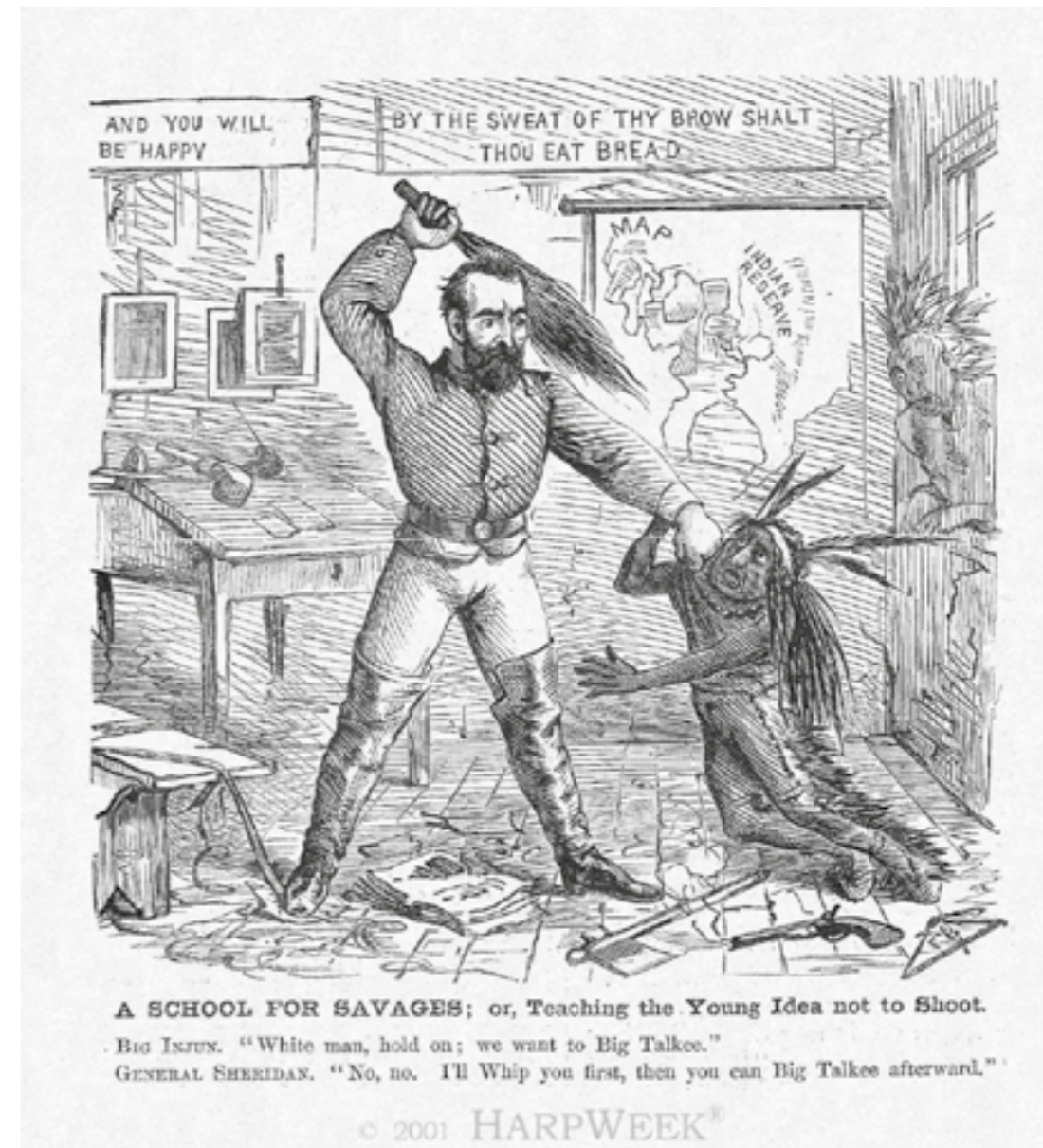


Figura 17. Para criticar a natureza implacável da ação militar, esse desenho de Frank Bellow ironiza os métodos punitivos educacionais aplicados nas salas de aulas dos internatos sobre as tribos nativas americanas no final da década de 1860. Fonte: <http://ushistoryscene.com/article/usindian-policy/>

## Referências bibliográficas

BRAGA, Enilton. *A clareira da casa Pátio*. Dissertação. Programa de Pesquisa e pós Graduação em, Arquitetura. UFRGS. 2017.

DERRIDA, Jaques. *O animal que logo sou*. São Paulo. Editora UNESP. 2002.

DERRIDA, Jaques. *Seminario la bestia y el soberano. Volumen I*. (2001-2002). Buenos Aires. Bordes Manantial. 2011.

DERRIDA, Jaques. *Seminario la bestia y el soberano. Volumen II* (2002-2003). Buenos Aires. Bordes Manantial. 2011.

DERRIDA, Jaques; Cixous, Hélène. *Voiles*. Paris. Galilée.1998

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador I e II*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1990

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FUÃO, Fernando. *Luzes na cidade, notas sobre o ensaio "O que são essas luzes" de Rodrigo Lages e Silva*. <https://fernandofuao.blogspot.com/2013/02/luzes-na-cidade-notas-sobre-o-ensaio.html>

FUÃO, Fernando. *Construir, morar, pensar; uma releitura de Construir, habitar, pensar (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger*. <http://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/19597/0>

FUÃO, Fernando. *A cidade pestilenta*. Em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2019/01/a-cidade-pestilenta.html>

HADOT, Pierre. *O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Poéticamente habita el hombre*. Em: [https://archive.org/stream/HEIDEGGERPoeticamenteHabitaElHombre/HEIDEGGER%20-%20Po%C3%A9ticamente%20habita%20el%20hombre\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/HEIDEGGERPoeticamenteHabitaElHombre/HEIDEGGER%20-%20Po%C3%A9ticamente%20habita%20el%20hombre_djvu.txt)  
HEIDEGGER, Martin. *El cielo y la tierra de Hölderlin*. Traducción de José María Valverde, en Interpretaciones de la poesía de Hölderlin, Barcelona, Ariel, 1983, pp. 163-192. Disponível em: <http://www.mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Heidegger/EL%20CIELO%20Y%20LA%20TIERRA%20DE%20H%C3%96LDERLIN.doc>.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes. Petropolis, 2011.

MARQUES, Jose Oscar. *Sobre as regras do Parque humano de Sloterdijk*. Em Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Praticas psicoterápicas. São Paulo. PUC, Vol. IV, n.2.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o Parque Humano*. São Paulo. Estação Liberdade. 2000

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 1*. Barcelona: Siruela, 2003

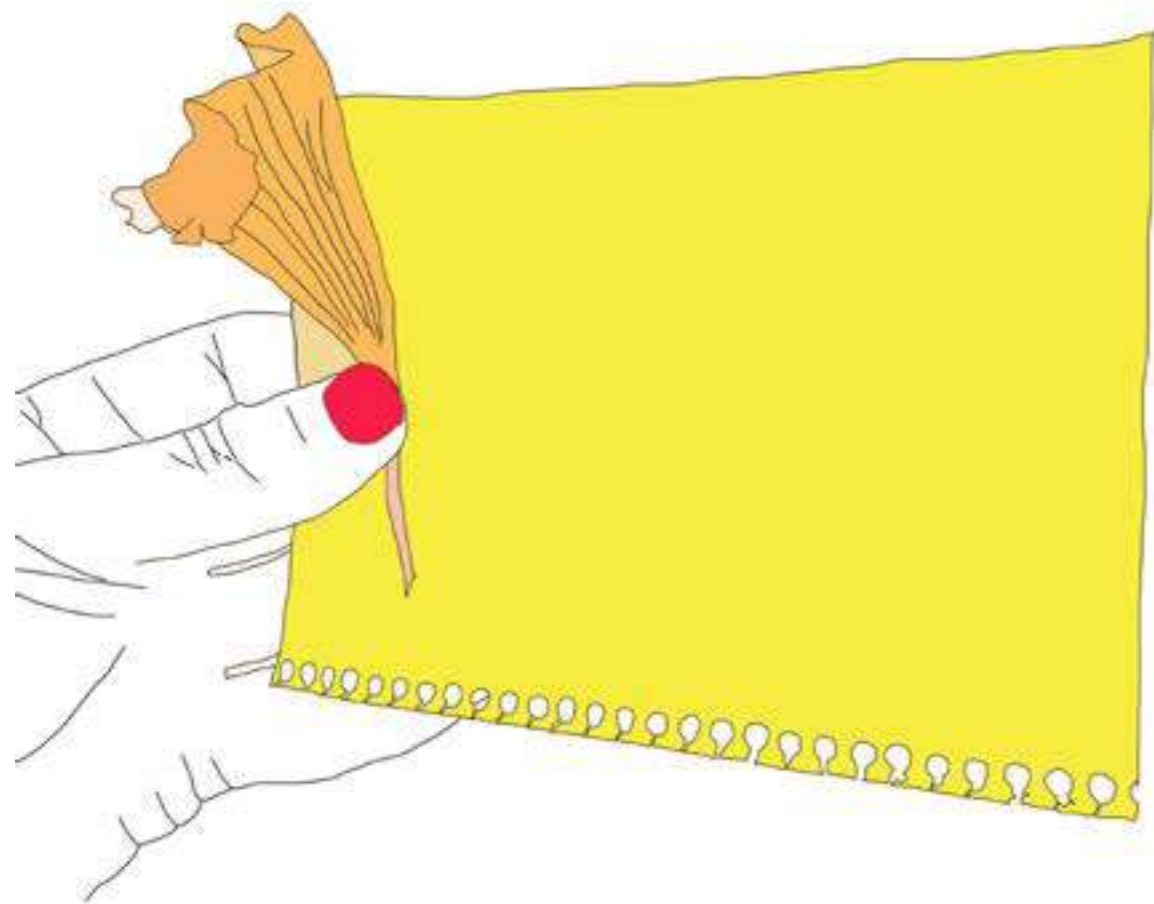
SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 2*. Barcelona: Siruela, 2004

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 3*. Barcelona: Siruela, 2006

SLOTERDIJK, Peter. *Sin salvación, tras las huellas de Heidegger*. Madrid. Akal. 2011

ZERZAN, John. *Futuro primitivo*.1994. <https://docplayer.com.br/13733084-Futuro-primitivo-john-zerzan.html>





## CALEIDOSCÓPIO URBANO olhares moventes sobre a cidade

*Sandra Espinosa Almansa<sup>1</sup>*

### Resumo

Elaborado a partir de uma experiência pedagógica inspirada na ideia e no exercício do caminhar como prática estética, este texto se constrói por entre as marcas deixadas por diferentes olhares, relativamente a suas deambulações pela cidade. A narrativa que aqui as reúne problematiza filosoficamente a relação entre cidade e subjetividade, e busca refletir a respeito dos modos pelos quais a errância urbana, com seus encontros e derivas, pode intervir em nossos modos de ver a paisagem, e produzir efeitos na invenção de nossas próprias paisagens, singulares e coletivas. Para tanto, transitamos teórica e sensivelmente em meio a diversas formas pelas quais a relação com a cidade – e mais precisamente, o ato de por ela caminhar – se expressa em criações estéticas, seja na obra de artistas com que tomamos contato no decorrer do trabalho, seja nas produções discentes que dele resultam.

Palavras-chave: cidade, caminhar, subjetividade, paisagem.

## URBAN KALEIDOSCOPE moving looks over the city

### Abstract

Developed from a pedagogical experience inspired by the idea and the exercise of walking as an aesthetic practice, this text is constructed among the marks left by different looks, relative to their wanderings around the city. The narrative that gathers them here problematizes philosophically the relationship between city and subjectivity, and seeks to reflect on the ways in which urban wandering, with its encounters and drifts, can intervene in our ways of seeing the landscape, and produce effects in the invention of our own landscapes, singular and collective. To this end, we move theoretically and sensitively amid several ways by which the relationship with the city – and, more precisely, the act of walking through it – is expressed in aesthetic creations, whether in the work of artists with whom we have had contact in the course of the work, or in the student productions that result from it.

Keywords: city, walk, subjectivity, landscape.

Cores, formas, volumes e outros se avizinham a nós na cidade. Refletidos, espelhados em nossa própria direção, com alguma luminosidade podem dar a ver imagens móveis, variantes, formadas a partir da relação vibrátil com o corpo e o olho que as experimenta – como em um caleidoscópio. Diante deles, no limiar entre um dentro e um fora, um olhar atravessa a lente e vislumbra, no caleidoscópio, o que há em seu interior. Com um leve gesto, um girar de pulso, um colocar-se em movimento, altera o que vê e experimenta novos cursos, velocidades, percepções e sensações. Outras intensidades, novas combinações de cores, formas, e novos modos de ver se multiplicam como as imagens que se vê.

Do pressuposto poético de que o gesto que gira um caleidoscópio põe-se a transformar, com aquilo que é visto, também o olhar de quem olha, construindo assim um novo horizonte sensível e igualmente móvel, somos lançados transversalmente ao ato de deslocar-se como um instrumento para ver diferentemente: o horizonte urbano, e seu contorno humano. Elaborado a partir de uma experiência pedagógica inspirada na ideia e no exercício do caminhar como prática estética (CARERI, 2018), este texto se constrói em meio à narrativa dessas linhas caminhantes, por entre as marcas deixadas por diferentes olhares, relativamente a suas deambulações pela cidade. A narrativa que aqui as reúne problematiza filosoficamente a relação entre cidade e produção de subjetividade, e busca refletir a respeito dos modos pelos quais a errância pela cidade, com seus encontros, mergulhos, e derivas, pode intervir em nossos modos de ver a paisagem, e produzir efeitos na invenção de nossas próprias paisagens, singulares e coletivas. Para tanto, transitamos teórica e sensivelmente em meio a diversas formas pelas quais a caminhada exploratória pela cidade se expressa em criações estéticas, seja na obra de artistas com que tomamos contato no decorrer do trabalho, seja nas produções discentes que dele resultam.

Assim, em seu caráter de rastro de uma experiência errante pela cidade, diferentes objetos estéticos são por nós reunidos em uma pequena coleção, junto a qual problematizamos o exercício de caminhar – em que se põem em relação diferentes forças, as do homem e as da cidade – como processo criador de uma abertura para o mundo, e meio de constituição subjetiva. O que está em jogo, desde os primeiros passos até as perdas de direção, é experimentar diferentemente o espaço urbano, explorar sensivelmente a paisagem contemporânea da cidade, e apreendê-la de maneira alternativa às percepções cotidianas.

Fotografias, filmes, vídeos, desenhos, intervenções urbanas e textos literários nos dispuseram, em diferentes intensidades, as filigranas de um percurso, e impulsionaram nossa suspeita. Devido à extensão do material original do trabalho, apenas algumas dessas produções serão abordadas neste texto. Cabe dizer, no entanto, que o passeio por imagens criadas por subjetividades errantes faz-se longe da pretensão de mapear um possível “destino” para afetar-se, ou ser afetado pela cidade. Tais objetos são antes tomados como expressão de afetos que pedem passagem num ir e vir sobre a cidade, exprimindo algo do dinamismo da relação sujeito-mundo, imanente à experiência urbana. Aqui, o olhar volta-se à cidade como obra aberta, e a incursão por imagens outras não constitui senão um apelo à invenção de uma cartografia própria, igualmente caleidoscópica. Trata-se, como mencionado, de um convite a experimentar a cidade: aguçar a sensibilidade a seus diferentes ambientes, transitar seu corpo, habitar seu espaço, criar condições para nela encontrar algo em que buscar matéria de expressão, princípio de educação, via de transformação.

Ao estimular, conceitual e empiricamente, a ação de caminhar pela cidade, o projeto do qual se origina este texto desde o início desejou, como em Peixoto (1996), fazer emergir novas relações entre as coisas num contexto dado, relações capazes de engendrar novas significações e modos de ver. Dos percursos habituais a caminhos

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: sandraealmansa@gmail.com



reinventados, e à deriva como possibilidade de deixar-se roçar pelo mundo, o que o exercício de deambular nos permite ver aqui, sob a lente duplicada do visível e do invisível, é uma cidade mais lúdica e experimental criar-se das relações espaciais, temporais, intensivas, tangíveis e imaginárias que com ela são feitas, desfeitas, renovadas, inventadas. Ver, desde a travessia, um mundo outro surgir, afirmando de algum modo a promessa de que, para que o mundo possa ser de outra maneira, é preciso vaguear pelos caminhos do mundo.

### Um convite à cidade

Desejar uma cidade. Desejá-la intensamente, como o homem que atravessa longos terrenos selvagens, e sonha nela encontrar coisas admiráveis e outras tantas corriqueiras (CALVINO, 2003). Desejar uma cidade, com ela encontrar-se, transitá-la, sonhá-la, ser por ela possuído: com essa intenção, um grupo de jovens alunas e alunos aceita o chamado para um minicurso, cujo tema giraria em torno da experiência do sujeito na cidade. Realizado por meio de um projeto de extensão, o trabalho envolveu estudantes secundaristas de diferentes cursos de ensino médio e técnico, de uma mesma instituição.

Nas paredes dos corredores, poucos cartazes anunciavam o convite. Neles, a imagem de uma grande lente fotográfica (ou se quisermos, caleidoscópica) reflete a imagem colorida da fachada de uma célebre edificação vienense<sup>2</sup>. Em torno da lente, fora de sua captura, a construção prossegue, agora sem cores. Acima da imagem, um título: Caleidoscópio Urbano. Abaixo dela, a inscrição: Cidade, Sujeito e Experiência. Tudo se passa como se, no limite das palavras, a imagem perguntasse: e você, o que vê na cidade? Uma pergunta para a qual, evidentemente, há muitas respostas possíveis. Respostas que mudam conforme as épocas, os lugares, os afetos, o relevo da paisagem, os movimentos do mundo e, certamente, conforme os nossos próprios movimentos.



Cientes dessa infinidade, propusemos aos interessados uma jornada de vinte horas pelo espaço urbano – por meio do encontro com obras de intervenção urbana, grafitti,

<sup>2</sup> Trata-se de um detalhe fotográfico da Hundertwasserhaus, de Friedensreich Hundertwasser e Joseph Krawina, construção localizada no Landstraße District da cidade austríaca de Viena.

fotografia, cinema, literatura, e, especialmente, por meio da própria errância. De início, nosso itinerário foi se fazendo modularmente, de forma coletiva, em sala de aula. Juntos, passeamos por reproduções de obras cujas diferentes paisagens do olhar, expressas em variadas técnicas e expressões artísticas, foram produzidas a partir de uma experiência itinerante pela cidade. Falamos e pensamos sobre o que vimos nas obras advindas da experiência caminhante de outrem, e nos deixamos afetar pelo que vimos. Fomos sendo provocados, diante da experiência de outros, a estar atentos às linguagens que encontramos, e a experimentar as intensidades dos encontros. E, sobretudo, fomos sendo instigados a acolher, em nossas próprias travessias, os movimentos de nossos afetos, e a dar língua para aqueles que pedem passagem (ROLNIK, 2006): tudo com o que seja possível, a qualquer tempo, inventarmos nós mesmos uma geografia, construindo, movendo-nos como cartógrafos caminchantes pela cidade, outras relações com o espaço e com as coisas vistas diante e em torno de nós. Como um convite a reinventar tanto “a ideia que se tem de cidade”, quanto “o lugar que se ocupa neste mundo” (CARERI, 2018, p. 171).

### Correr mundos, visitar outros percursos

Ir adiante, não deixar rastros: trata-se de uma possível combinação de ações, dentre várias outras possíveis, elencadas por Francesco Careri (2013, p. 27) numa lista movediça de ações, sugerida como “instrumento estético com o qual explorar e transformar os espaços nômades da cidade contemporânea”. Ir adiante, deixar rastros: eis outra combinação possível, para ações agora enlaçadas à nossa vontade, como propõe com soltura e confiança o autor.

Vaguear sobre um rasto. Mover-se, como um espírito viajante, pelos sinais de presença deixados por outrem no trânsito por um terreno urbano qualquer. Deixar-se levar por entre linhas desenhadas noutros percursos, como se os perambulando mais uma vez, deles nos atravessassem forças novas, deles devorássemos novas velocidades. Da sala de aula, abrir um sendeiro, viajar por desvios. Nossa viagem pelos percursos alheios, feita em meio a deslocamentos e conexões, teve uma condição particular: trata-se de uma arte da viagem mais sutil, para falar na esteira de Nietzsche (MA II/HH II, § 223), cujo traçado da cartografia não exige do viajante que saia, concretamente, do lugar. Algo como uma viagem imóvel, para usar as palavras de Deleuze (2006, p. 328), “feita num mesmo lugar”, sobre o corpo individual ou coletivo, ligada aos seus movimentos imperceptíveis onde trabalham, mascaradamente, forças não aparentes. Uma viagem intensiva, da natureza das viagens que se produzem na leitura de um livro, ou das que principiam quando se assiste a um filme, ouve-se um concerto musical, contempla-se uma exposição de fotografias ou de pinturas, etc. A arte de viajar, no seu mais vasto sentido, tipifica-se tanto pela heterogeneidade (e pela liberdade) que lhe é característica, quanto pela singularidade que a transforma.

Assim se iniciou uma jornada, no cruzamento pelas marcas deixadas por outros de suas andanças pela cidade. Mas, quem são esses outros, e de quê marcas falamos? Trata-se especialmente de outros que, de algum modo, prolongam o percurso como puro ato estético (CARERI, 2018), ou em outras palavras, fazem do percurso como puro ato estético uma continuação, sobrevivente no traçado de uma forma, de um ponto, de uma linha qualquer, artista. Vejamos: um homem caminha alternativamente para frente e para trás sobre a pastagem. A ação deixa atrás de si uma linha, desenhada pelo pisoteio na erva. Se o rasto reclama uma presença, na ausência do homem que o esculpiu na relva o caminhar se transforma em forma de arte autônoma, como lembra Careri (2018, p. 29) a respeito da obra *A Line Made by Walking*, realizada por Richard Long em 1967. Uma vez marcada no prado, essa forma, derivada da intervenção física de Long na paisagem, é registrada fotograficamente pelo artista.



De acordo com Careri (2018, p. 132), um dos principais problemas da arte do caminhar é “transmitir a sua experiência em forma estética”. Diferentemente da experiência específica de Long por ele evocada, no entanto, em que a ação do caminhar deixa para além da fotografia, no próprio terreno, uma forma estética (ainda que efêmera) a qual remete imediatamente à ideia de um percurso, os rastros sobre os quais transitamos aqui, embora hospedem caminhos e caminhantes e só sejam possíveis graças a ambos, nem sempre exibem de modo análogo, e diretamente visível, tal ação. Além disso, importa destacar que não se trata absolutamente de um apelo a converter a experiência do percurso em uma imagem, o que seria o mesmo que recusar a experiência, limitando-a a uma busca, nesse caso, por exemplo, pelo fotogênico (SONTAG, 2004). Trata-se, sim, de uma sorte de mergulho na errância, e de transitar por entre diferentes modos de apreensão do espaço urbano e seu registro. A partir da invenção de um percurso, de trajetórias imprevistas, e do que o olhar captura, importa, sobretudo, lançar o próprio corpo às ruas, disposto a se expor a um processo criativo com os espaços ao redor, e com o que neles acontece.

Desse modo, a cidade foi sendo exposta como um território em plena transformação, em meio ao qual viajamos com o pensamento e com o corpo, entendendo percurso, antes de tudo, “como ação simbólica e não como sinal ou objeto no espaço” (CARERI, 2018, p. 66). Concebidas em função de um itinerário, as obras às quais fomos ao encontro compõem-se de uma série de elementos tais como um lugar, um percurso, intervenções, convites, registros. Têm como ponto de partida, ou como parte essencial, o ato de caminhar pela cidade. Realizam-se desse modo, e também por meio daquilo que despertam – como uma sorte de prolongamento que já não depende mais do gesto daquele caminhar que as inaugura, mas dele deriva.

Em Metabiótica, de Alexandre Orion, a obra se realiza justo no cruzamento em que a marca produzida pelos caminhos trilhados pelo artista, interage com a passagem de um transeunte qualquer. Muros, esquinas, calçadas, tapumes, fachadas constituem, no espaço sedentário da cidade, os lugares de visibilidade escolhidos pelo artista para fixar seus grafittis, personagens pictóricos em escala real que passam a transformar o local e seus significados, como se, do espaço exterior, um fragmento qualquer de espaço liso, aberto, relacional, se destacasse. Nesse espaço, onde a pintura espreita, na atividade da cidade, um corpo que se move para com ele compor um plano, um percurso se torna paisagem, e uma paisagem revela fotograficamente uma geografia viva, num processo em que se conjugam um diálogo poético entre sujeitos e cidade, as inquietações e a eventualidade das ruas, e os efeitos de um trânsito em que se emaranham arte, cidade e sociedade.

Numa espécie de jogo lúdico cujas regras buscam criar uma situação interativa entre intervenção urbana e realidade das ruas, a ser capturada pelo registro fotográfico, um cavalo pintado sobre o muro, por exemplo, passa a ser “carregado” sobre a carroça conduzida pelo homem caminhante à beira da calçada, produzindo certa descontinuidade no discurso que normaliza modos inumanos como vivem e se situam muitos habitantes da cidade. Abrem-se, portanto, “janelas” para uma nova experiência, para olhar diferentemente a paisagem (urbana, humana, social). Noutra situação, um menino, desenhado na parede em escala real, em posição de jogo, é fotografado em meio a meninos reais que jogam bola na rua, como se, juntos, ambos fizessem se insurgir no espaço público, ao mesmo tempo, a problemática sobre os modos de vida da infância nas grandes cidades, e a recordação de que “o espaço é uma fantástica invenção com a qual se pode brincar, como as crianças” (CARERI, 2019, p. 171).

Na mesma lógica de tomada poética do cotidiano da cidade e de reapropriação do

seu território, Ossário se realizará, em 2006, a partir da descida de Orion em túneis recentemente inaugurados no ano de 2004, na cidade de São Paulo. Na primeira intervenção de Ossário, o artista percorre o Túnel Max Feffer a pé, ao longo de dezessete madrugadas, fazendo da poluição que se aglomera nas paredes interiores do local, matéria de expressão. Nelas, *limpa* uma série de crânios humanos, dispostos em trezentos metros de extensão, ao remover a fuligem que ali se agarra, revelando, na negra superfície poluída, o amarelo original das paredes. Após inúmeras abordagens policiais em uma tentativa frustrada de controle social, uma vez que, nas palavras do autor, “limpar não é crime” (ORION, 2013), a ação acaba com a lavagem do túnel por parte da prefeitura – note-se, apenas da parte em que a intervenção acontece. Como se, verticalmente empoderado, um jato d’água pudesse fazer desaparecer para sempre da visão, o invisível insuportável da cidade.



Figuras 2 e 3: Registros fotográficos da intervenção Ossário. Fonte: Alexandre Orion.



Ações estéticas dessa natureza, que desde o lance de um caminhar vem da cidade, e de alguma forma (que já não é apenas estética, mas também ética e política) para ela voltam, foram revisitadas também na obra *East 100th Street*, de Bruce Davidson. Por dois anos, na segunda metade da década de 1960, o fotógrafo transitou dia após dia por um quarteirão do East Harlem em Nova York<sup>3</sup>, à época considerado um dos locais mais desvalidos e marginalizados do centro da cidade. Entre idas e vindas, Davidson penetrou a rua feito um estrangeiro. Interagiu com a comunidade, e com uma câmera de grande formato fotografou espaços públicos e moradias privadas, retratou pessoas, deslocou-se entre exteriores e interiores transpondo muros, entabulando janelas.

A coleção de fotografias, em que se podem ver os corpos e paisagens capturados nas imagens dessa experiência, dá a ver algo mais do que a transformação de uma dura realidade em algo fotograficamente belo: é a uma não separação entre cidade, estética e política que nos remetem as marcas deixadas por suas passagens pelo East Harlem. Reputado como um trabalho de fotojornalismo (alçado criticamente à arte), *East 100th Street*, além de qualquer pretensão de veracidade, de registro da realidade e de fatos tais quais se apresentam, revela uma fotografia cujo recorte sensível dimana de uma relação particular com o mundo, na qual observador e observado são constitutivos das formas de visibilidade das práticas estéticas do caminhar pela cidade, incorporados, diferentemente, na composição entre figura humana e paisagem.

As fotografias feitas por André Cypriano em profunda travessia pelos morros cariocas da Rocinha, Mangueira, Vidigal, Canta Galo, Pavão e Pavãozinho, Maré, Morro da Providência, Jacarezinho, Borel e Santa Marta, ao mesmo tempo em que revelam o devir de um percurso para dentro da imagem, põem da imagem para fora os labirintos em contínua transformação das favelas. Fenômeno urbano contemporâneo que progride rápida e desordenadamente na América do Sul, as favelas são espaços em que outros espaços se reinventam a cada dia, modificando o relevo da paisagem. No último Censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 contam-se setecentas e sessenta e três favelas apenas na cidade do Rio de Janeiro, dentre as quais vivem mais de vinte e dois por cento da população urbana.

Dentre tantos outros aspectos, que poderiam ser aqui abordados, a respeito dessas séries fotográficas realizadas a partir de uma incursão itinerante nas favelas, um ponto se destaca, em especial, a respeito do projeto Rocinha, an orphan town, que delas faz parte. Conhecida por ser a maior favela do Brasil, Rocinha nunca antes havia sido explorada e documentada fotograficamente, tal como fizera Cypriano. Justamente, por se tratar de um território onde a errância não é uma atividade que se busca e se realiza com autonomia e desprendimento. Não é um lugar no qual se entra sem correr perigo, e pelo qual se caminha livremente, sem medo. Pelo contrário, pode-se dizer que nela se atualiza justamente o medo de caminhar, observado por Careri (2018, p. 170) ao constatar que “na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço [...] medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais”. De fato, caminhar entre a arquitetura informal da favela, explorar o cotidiano das ruas, becos e ruelas, avistar os modos de vida de seus habitantes, e fazer imagens, só foi possível com a autorização dos “donos dos morros”, como são chamados os chefões do tráfico de drogas nessas localidades. Na Rocinha, para poder caminhar, André Cypriano teve de estar ciente

<sup>3</sup> Também conhecido como El Barrio, cuja maioria da população é formada por imigrantes, especialmente por latino-americanos.

dos códigos da organização que permitiu suas passagens, e acompanhado de um “guia” previamente selecionado e disposto a ele por um alto membro do Comando Vermelho – o que põe imediatamente em questão a própria definição de espaço público, ou, no mínimo, expõe drasticamente as tensões existentes nesse espaço.

Embora muitas cidades não partilhem semelhante realidade, o medo social crescente, a espetacularização da violência e a questão da insegurança já não são exclusividade apenas das metrópoles, mas assumem uma dimensão importante no tocante à experiência da cidade, especialmente quando se trata de expor o próprio corpo ao ambiente. Com a insegurança, “estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana” (BAUMAN, 2009, p. 68). Apesar disso, o que aparece no contraste das fotografias e das veredas de Rocinha é uma “outra cidade, opaca, intensa e viva [que] se insinua assim nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano pacificado” (JACQUES, 2012, p. 15).



Figura 4: Fotografia do projeto Rocinha, an orphan town. Fonte: André Cypriano.

De outros recantos, imortalizada nas imagens fotográficas de Eugène Atget, vê-se Paris, “terra prometida do flâneur” (BENJAMIN, 2018, p. 702) e animada por sua passagem, tornar-se paisagem. Para este, como nas palavras de Benjamin (2018, p. 703), “a cidade cinde-se em seus polos dialéticos”: abre-se diante dele como paisagem, e em torno dele se fecha, como um quarto. Durante quase quarenta anos, de 1888 até sua morte em 1927, Atget, célebre flâneur e pioneiro em fotografia urbana, percorreu deambulatoriamente as ruas da capital francesa, fotografando cenas de rua da cidade, especialmente da arquitetura parisiense, antes de sua modernização no século XIX. Sua obra, tanto quanto conserva Paris da implacável dissolução do tempo, nos fornece dela um testemunho, mas, mais do que isso, falamos de um modo de abrir-se às coisas, de buscar as coisas perdidas, como se o lugar se animasse com a aproximação de seus passos.



Tendo passado quase sempre “ao largo das grandes vistas e dos lugares característicos”, Atget não negligenciou, no entanto, “uma grande fila de fôrmas de sapateiro; nem os pátios de Paris, onde da manhã à noite se enfileiram carrinhos de mão; nem as mesas com a louça suja ainda não retirada, [...] nem o bordel da rua... nº 5” (BENJAMIN, 2012, p. 108). Curiosamente, aponta Benjamin, em quase todas essas imagens a cidade foi esvaziada de sua multidão característica, os lugares estão vazios, as imagens se encontram vazias. O que se captura e se vê é então o rosto da cidade, a paisagem – “é nisto que a cidade se transforma para o flâneur” (BENJAMIN, 2018, p. 703).

Além desses artistas e produções, aos quais, por força das circunstâncias, aqui apresentamos sucintamente, vários outros se fizeram presentes ao longo dos encontros do grupo, dentre os quais podemos citar: Marcelo Masagão, Wim Wenders, Vitor Ramil, Banksy, Grupo Poro, WKInteract, etc. Desse modo, entre idas e vindas por paisagens alheias, atentos ao que diante delas nos provocava, já esse cruzamento suscitou, em alguma medida, uma exposição à diversidade e às diferenças, e um entrelaçar simbólico com outras vidas, como se, de modo mais intensivo do que propriamente metodológico, nos preparássemos para nossos próprios encontros com a cidade. Assim, seguir alhures, hospedar uma aventura, navegar relações, descobrir uma linha, constituíram todos outros arranjos, igualmente móveis, dos quais lançamos mão para experimentar a cidade, dados a construir, cada um dos *participantes caminhantes*, nossas próprias cartografias, a partir de uma experiência errante.

### Sair a campo, caminhar: ação poética e reinvenção

Caminhar, como uma forma de habitar o mundo. Fazer da errância uma ação poética, ir ao encontro da dimensão poética dos espaços, deixar-se à espreita do que se possa encontrar e esburacar as percepções cotidianas da cidade, as formas hegemônicas do sensível. Sair às margens da cidade, ou margear uma proximidade. Uma rua, um deserto, uma praça, uma floresta, um bairro. Um bairro *quase* discreto<sup>4</sup>, em que o ermo das ruas conduz a caminhante “em direção a um tempo que desapareceu” (BENJAMIN, 2018, p. 702), mas resta marcado no tecido urbano “como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas” (CALVINO, 1990, p. 7).

Em preto e branco, dezenas de fotografias se amontoam sobre o quadro, como se todas e nenhuma delas bastasse para descrever a experiência da cidade. Do lugar atravessado, resta um patchwork de imagens distribuídas ao sabor do corpo que por elas se move, como pedaços apanhados do andar, aos quais se poderiam acrescentar sempre mais um passo, um novo olhar, mais uma imagem. Entre as fotografias, no entanto, não há espaço. Nenhum vazio, exceto aqueles que se insurgem das imagens mesmas: ruas e avenidas esvaziadas de pedestres, terrenos baldios, degraus de escadas que não se sabe de onde vem nem para onde vão, viadutos vagos, pontes sobre rios. Na série de fotografias, o olhar atenta para a constituição natural e material da cidade, e não para sua matéria humana. Dentre tantas outras, apenas uma imagem é povoada, e justamente pelos pés que apreendem o que veem, como se deles se agitasse a vida da paisagem

À medida que a exposição avança, juntam-se palavras às imagens, as quais, agora, tomam certa distância entre si. Não se trata exatamente de encontrar palavras

<sup>4</sup> Desde este ponto, os títulos em itálico se referem às produções e registros criados individualmente pelas alunas e alunos, e apresentados coletivamente ao grupo.

suficientes para dizer tudo que se vê – imagens e palavras, como se sabe, nem sempre andam juntas. Ao que parece, fala-se por afeto, e de modo a dar sentido ao que é visto. Trata-se de falar a respeito de algo que não se vê evidentemente nas fotografias, de algo que está fora de campo, por meio do que a experiência dá a sentir e a pensar. Em imagens prosaicas do cotidiano da cidade, veem-se ruas precariamente pavimentadas e terrenos desertos amontoados de lixo, árvores e fachadas de construções diversas, placas de sinalização e diferentes lugares de passagem. Nesse registro de um percurso particular pela cidade conhecida e desconhecida (coexistentes no próprio bairro em que se habita), as palavras parecem seguir em direção às margens do recinto para dele (e com ele) falar: ao final da exposição, as imagens mostram que a direção tomada no percurso se desvia do bairro, aos confins em cujo horizonte mais largo a superfície espelhada do rio não aponta para o seu *final*, mas para um *poente que faz pensar*.

Composto de uma série numerosa de fotografias de janelas, o projeto *180° – Um olhar sobre a cidade de Pelotas* aviva, com a escolha do motivo a fotografar, a questão da ligação entre interior e exterior, onde se encontram e se cruzam um fora e um dentro, deslocando-a da arquitetura justamente na direção do sujeito. Caminhante, o olhar se detém naquilo que é capaz de ampliá-lo, ainda que se cerrem os olhos. Nas imagens, vemos janelas habitacionais com cenas domésticas e íntimas, de edifícios comerciais, de instalações industriais, janelas históricas. Janelas abertas, povoadas, em ruínas, fechadas, deixadas, indiscerníveis. Aberturas na parede da matéria urbana, as janelas, com sua ilimitada duplicidade, afirmam-se fotograficamente como fragmentos recortados de um tecido infinitamente mais amplo, como se, olhando a paisagem através de uma janela, o quadro truncasse a vista, mas nunca abalasse “a certeza de que a paisagem continua para além dos limites do que podemos ver naquele momento” (PEIXOTO, 1996, p. 11). Quem pode saber da vida que atravessa os intervalos aos quais se avista, no vai e vem das ventanas?

Ir e vir. A ida e a volta. O mesmo, ou outro? – pergunta-se o caminhante. Aqui, sair de casa para o local de trabalho, ainda que por um trajeto diferente do habitual, não constitui propriamente uma deriva. No entanto, o que importa não são precisamente os pontos de partida e de chegada, mas o espaço intermediário do ir (CARERI, 2018). O percurso que se traça, o espírito com o qual nele se investe, e a peça audiovisual que a partir deles se cria, não deixam dúvidas: trata-se da expressão de um ato essencialmente poético. Sobre ele, o estudante-caminhante narra ter tido a ideia de “rever-reler” o trajeto feito por ele até o seu local de trabalho, “não como um itinerário ao pé da letra da palavra, mas sim, como um itinerário livre, levando em consideração a forma do olhar, e sua duplicação mecânica”. Andando, por cerca de dois quilômetros com uma pequena câmera fotográfica em punho, realiza duas filmagens, como sugere o nome do vídeo: a ida – onde filma seu olhar sobre a cidade desde o ângulo do olhar, e a volta – onde filma os próprios pés percorrendo o espaço, o trajeto sob seus pés.

Ajustado estilisticamente à forma do vídeo, o tempo cronológico despendido no percurso é acelerado. Já trêmulas do andar, as imagens vibram e variam intensamente, como se vivessem. Um fundo musical eletrônico é a elas adicionado, acentuando ainda mais o aspecto caleidoscópico do trânsito a que se assiste. O aspecto provocativo da peça, no entanto, verte da montagem alternada: mescladas sucessivamente uma à outra, a ida e a vinda tornam-se indiscerníveis ao espectador, dando a impressão de que se trata de um mesmo movimento, ou seja, de que a cidade que o olho avista corresponde ao percurso que os pés transitam. Tudo se passa como se o vídeo mimetizasse, engenhosamente, a sua maneira, o pressuposto de que a ação de caminhar é, ao mesmo tempo, “ato perceptivo e criativo” (CARERI,



2018, p. 51).

A despeito dos encontros e surpresas do caminho, diante dos quais se indagou a respeito da atenção (ou da ausência de) conferida às suas próprias passagens, o jovem faz, textualmente, um derradeiro relato, alusivo à última sequência do vídeo, a única em que a filmagem mantém a velocidade real da cena. Nele, se diz atônito: ao pensar que nada mais pudesse ser capturado, mas ainda gravando, abriu a porta de sua morada, e com os olhos a mirar os pés, se deparou admiravelmente com o capacho na soleira da entrada, em cuja inscrição leu: bem vindo. Como se nunca o tivesse visto, descobria, como quem vem de longe, que seguir a própria caminhada envolve também, inelutavelmente, um retorno para casa. É bem possível que estejamos longe, diante da narrativa poética desse percurso, de algo como a fruição das *sete ou setenta maravilhas de uma cidade*: mas, certamente, o que dela experimentamos é qualquer coisa como “a resposta que dá às nossas perguntas. Ou a perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge” (CALVINO, 1994, p. 44).

A cada passo, o andar, o olhar e a cidade parecem todos adquirir um poder crescente, sobretudo quando se caminha devagar, prestando atenção à paisagem. Um novo horizonte perceptivo se expande, até o ponto em que o corpo transmuta à cidade uma condição que é sua. Em *Sujeito Cidade*, tudo se passa como se o corpo, sensorialmente tocado pela cidade, se despovoasse, e a enorme pele urbana se expressasse em infinitas células cuja textura se recolhe fotograficamente nos detalhes. Cascas de árvores rugosas, cobertas de fungos e líquens; ruas pedregosas, poças d'água, a memória das chuvas nos ladrilhos antigos das calçadas; paredes descascadas, pedaços de tempo desprendidos da erosão das tintas; plantas que se insurgem de ruínas; grades e ornamentos, lixeiras, bueiros e detritos. Tudo é textura, como se a paisagem se tornasse um muro para o olhar, que o derruba para ver, à distância, um fragmento recortado da paisagem. Na série de fotografias produzidas, o registro da experiência urbana é feito em planos sempre fechados, e é a minúcia dos detalhes que aqui parece constituir o inventário das coisas, como se “com esse seu jeito de passear [o olhar] recolhesse espécies para uma verdadeira tipologia urbana”, ou estivesse a fazer, como na poética expressão benjaminiana, “uma botânica do asfalto” (PEIXOTO, 1996, p. 99).

Na vizinhança, um exercício, também lúdico, revela-se da exploração urbana. De um fundo negro, uma palavra, um palíndromo, emerge solitário na tela. Logo em seguida, uma primeira fotografia acena visual e sensivelmente para o espaço poético que se verá ao longo da exposição. Espelhado no grande reflexo emoldurado na imagem, um corpo ocupa o primeiro plano da foto, em cujo fundo, no lado interno do vidro, se avista um bebê ao colo da mãe, a brincar no volante de um carro parado. A jovem em primeiro plano fotografa a cena: captura a si mesma refletida na transparência de uma brincadeira – e o jogo se inicia.

São duas as cidades com que nos deparamos nas fotografias de Satolep. Espécie de dobra da cidade sobre si mesma, aqui ela resiste, como ao contrário, à privação sensorial que cada vez mais se levanta dos modernos edifícios que se espalham pelo centro da cidade. Gêmeas, mas desiguais, *Satolep* e *Pelotas* olham-se continuamente pelas lentes da caminhante, que as espreita reunidas nos efeitos do brilho da luz na superfície hialina do urbano. Árvores enormes tornam-se miragens no delírio arquitetônico das fachadas espelhadas dos novos prédios. Obstinadas, como numa insubordinada fantasmagoria, insistem dali, junto à quentura da calçada, a revelar os efeitos de sua ausência na atmosfera da cidade. Edificações históricas tornam-se imagens provisórias, desaparecidas ao crepúsculo, ou insistentemente duráveis no frontispício cristalino e luminoso da noite.



Da centenária e celebrada catedral, passa-se ao longe do vislumbre de eternidade de seus vitrais, e da hera de vistosas folhas que a recobre – como se somente à distância, por meio da duplicação profana da imagem no vidro, fosse possível perceber algo da tenaz e secreta sacralização dos espaços. Da lisa face envidraçada da janela, a bela torre do Mercado se ergue sólida do outro lado do espelho. E finalmente, da transparência das portas, desponta mudo o burburinho dos pedestres nas calçadas atravancadas, e a poluição visual de uma miríade de anúncios, placas, propagandas, postes, fios elétricos, automóveis, motocicletas, e detritos espalhados pela cidade.

Assim, espelhada numa infinidade de olhos e olhares, uma *cidade-filigrana* surge à luz e contraluz, na experiência urbana, como uma genuína marca poética, na complexidade constitutiva do espaço, a lembrar que uma cidade nômade “vive dentro da cidade sedentária”, e se nutre dos seus resíduos “oferecendo em troca a própria presença como nova natureza” (CARERI, 2018, p. 164). Ora, quantas cidades são visíveis através do vidro? Diante das fotografias, o agenciamento entre a natureza dupla do vidro (corpo associado ao caos e à forma, ao espírito e à matéria), e o olhar que a ela se liga na experiência urbana, faz-nos recordar certa potência de infância da cidade, cuja força se investe da chance de demarcar *lugares utópicos*, de produzir outros espaços, contraespaços no espaço mesmo que se ocupa, onde se vive, onde se trabalha (FOUCAULT, 2013). Nesse sentido, também Careri (2018) nos lembra da potência de invenção dos espaços, com os quais podemos brincar como as crianças, as quais, por sua vez, conhecem bem essas utopias localizadas: é “a tenda de índios erguida no meio do celeiro, ou é então [...] a grande cama dos pais”, em que “se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas”; ou a floresta em que se pode esconder-se (FOUCAULT, 2013, p. 20).



Figura 6 Registro fotográfico de percurso. Fonte: Aluna, participante do projeto Caleidoscópio Urbano.

À espacialidade transitória da tenda, Careri (2018, p. 38) atribui – de outro registro, mas passível de diálogo – uma modalidade de arquitetura concebida “como percepção e construção simbólica do espaço”, por sua vez distinta de uma modalidade de “arquitetura entendida como construção física do espaço e da forma” – ambas as quais corresponderiam na visão do autor, a duas formas ancestrais de habitar a terra e se relacionar com o espaço, quais sejam: nomadismo e sedentarismo, conceitos surgidos, diga-se, muito depois das práticas a que definem. Contrariamente à convicção comum de que a arquitetura teria nascido “como necessidade de um espaço do estar em contraposição ao espaço do nomadismo, entendido como espaço do ir”, Careri (2018, p. 40) credita à errância a vida da arquitetura, “ao fazer com que surgisse a necessidade da construção simbólica da paisagem”. Segundo o

autor, antes dos menires do neolítico, o caminhar era a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente:

o caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar (CARERI, 2018, p. 51).

Embora nossa terminologia em alguma medida fracasse ao distinguir lugares e espaços, Foucault (2009) aludiu à nossa época como talvez, preferencialmente, a *época do espaço*. Vivemos a época do simultâneo, da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos num momento em que “o mundo se experimenta [...] como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama” (FOUCAULT, 2009, p. 411), e em que “o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos”, os quais são definidos pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos. Para o autor, apesar de todas as técnicas investidas no espaço contemporâneo, e de suas redes de saberes, ele ainda não foi suficientemente “dessacralizado” (FOUCAULT, 2009, p. 413). Isso significa que, embora a exímia obra de Bachelard, dentre outras, tenha nos ensinado que o espaço em que vivemos nada tem de homogêneo, sendo pelo contrário, um espaço carregado de qualidades, um espaço povoado de fantasmas, e que

[...] o espaço de nossa percepção primeira, o de nossos, devaneios, o de nossas paixões possuem eles mesmos qualidades que são como intrínsecas; é um espaço leve, etéreo, transparente ou então é um espaço obscuro, pedregoso, embaraçado: é um espaço do alto, um espaço dos cumes, ou é, pelo contrário, um espaço de baixo, um espaço do limo,

talvez

nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho (FOUCAULT, 2009, p. 413).

Foucault deixa claro, nessas passagens, que se refere a dois espaços diferentes: o de dentro e o de fora, e que também este último é organizado de maneira heterogênea e descontínua. Quando lemos com atenção que, tanto quanto é importante problematizar esses espaços exteriores, a análise dos primeiros é igualmente “fundamental para a reflexão contemporânea” (FOUCAULT, 2009, p. 414), ficamos frente a frente com algo desafiador, que talvez constitua quaisquer problemas para o pensamento educacional enfrentar. Espreitar como se constituem as relações entre esses espaços, que tão distintos podem ser, perscrutar seus caracteres de intimidade, comunidade, existência e resistência, os amores com que se tecem e os fantasmas que os fazem gritar, parece-nos, de certo modo, uma pista e um convite que se prolonga das palavras do filósofo. Que espaços percorremos, e com quais realizamos nossas *trocas de lugar*? Que paisagens nosso olhar perscruta? De que

modos elas dizem respeito aos sujeitos que somos, e que nos tornamos?

### Por fim, seguir

À construção humana da paisagem natural circundante, desde o paleolítico até os nossos dias, Careri (2018) analisa dever-se a um processo fundado, originalmente, no ato de caminhar. De acordo com o autor, “é às incessantes caminhadas dos primeiros homens que habitaram a terra que se deve o início da lenta e complexa operação de apropriação e mapeamento do território” (Careri, 2018, p. 44). O que vimos ao longo deste texto, nos mínimos gestos com que se tece, e na singularidade de cada percurso, é que às forças próprias da cidade se dobram as forças humanas de imaginar, de querer, de pensar, de criar, no caso, simbólica e poeticamente, um outro espaço, uma nova apreensão da cidade, e possivelmente, do lugar que nela se ocupa – bem como alguma revisão dos modos pelos quais esse lugar é ocupado. Seria preciso falar de cidades e de trocas, a ainda uma vez, fazer ressoar a pergunta: que mundos nascem e que outros morrem quando hospedamos em nós a aventura de um trânsito?

Diante das produções dos estudantes-caminhantes, parece mesmo se confirmar, a despeito de uma única cidade *real*, a hipótese evocada por Marco Polo, o famoso viajante veneziano, de que “cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (CALVINO, 1990, p. 34), tantas quanto diferentes são os homens e mulheres que a habitam. Como percorrê-la, escrevê-la, fotografa-la, experimentá-la de um único modo?

Registros imagéticos e textuais dos percursos, embora testemunhem de algum modo a experiência do caminhar pela cidade, jamais poderiam de fato alcançá-la através da representação. Tampouco devem ser vistos e lidos como suficientes para confundir uma cidade, qual seja a medida, com o discurso que a descreve (CALVINO, 1990). Eles nos dizem, antes, de ações poéticas, mostram-nos formas possíveis da cidade, indicam a emergência de múltiplas formas de apreensão da cidade pelas subjetividades que a transitam. Da sala de aula aos limiares da cidade, o envolvimento com a temática proposta permitiu às (e aos) estudantes experimentarem uma imersão de seu próprio corpo no corpus urbano, dando-lhes ocasião a novos modos de ver (a) e existir (na) cidade, de produzirem sentidos particulares que, quem sabe com que intensidade, mobilizem sua própria formação e transformação.

Assim como cada passagem tem seu ritmo próprio, cada marca produzida traz consigo a singularidade do olhar que o caminhar se produz. Diversas tanto técnica quanto esteticamente, mas resultantes de um processo comum, as produções, juntas, nos contam da paisagem de uma cidade que se produz também ela no cruzamento entre tempos e espaços diferentes, entre diversos suportes, linguagens, e tipos de imagens. O resultado, imaginamos, é um caleidoscópio que talvez sintetize melhor a paisagem urbana (PEIXOTO, 1996, p. 13), e a produção de subjetividade que com ela se dá.

### Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron.

Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, pp. 701-758.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 97-115.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CYPRIANO, André. *Rocinha, an orphan town*, 1999. Disponível em <https://www.andrecypriano.com/portfolios/rocinha-1999>

DAVIDSON, Bruce. *East 100th Street*. Disponível em <https://pro.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=SearchResult&ALID=2K7O3RP0468>

DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: LAPOUJADE, David. ORLANDI, Luiz B. L. (Org.) *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006, pp. 319-329.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

GOTRAND, Jean Claude. *Eugène Atget*. Paris. Köln: Taschen, 2016.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e escritos III*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 [1967/1984], pp. 411-422.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano II*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017 [1886].

ORION, Alexandre. *Metabiótica, Ossário*. Disponíveis em <https://www.alexandreorion.com/>

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Ed. Marca D'Água, 1996.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



# CAMINHAR, NARRAR, MAPEAR, RELACIONAR E ANALISAR verbos de uma cartografia errante

Gustavo de Oliveira Nunes<sup>1</sup>  
Carla Gonçalves Rodrigues<sup>2</sup>

## Resumo

O objetivo do texto é apresentar um método de apreensão da cidade na perspectiva cartográfica, experimentado na dissertação de mestrado intitulada Cartografias do limiar: processos de formação de um arquiteto e urbanista errante. Nela, caminhou-se pelas bordas do tecido urbano de Pelotas a fim de se produzir variações em uma formação moldada aos valores do mercado e pautada no ensino de projeto arquitetônico. Assim, os verbos caminhar, narrar, mapear, relacionar e analisar são utilizados para explorar os procedimentos criados ao se investigar uma formação errante em Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: caminhar. cartografia. filosofias da diferença. formação em arquitetura e urbanismo.

# WALK, NARRATE, MAP, RELATE AND ANALYZE verbs of a wandering cartography

## Abstract

The aim of the text is to present a method of capture of the city from a cartographic perspective, tried in the master's dissertation entitled Cartography of the threshold: processes of formation of a wandering architect and urbanist. In it, it walked along the edges of Pelotas in order to produce variations in a formation shaped to market values and based on the teaching of architectural design. Thus, the verbs to walk, to narrate, to map, to relate and to analyze are used to explore the procedures created when investigating an errant formation in Architecture and Urbanism.

Keywords: Walking. Cartography. Philosophies of difference. Formation in Architecture and Urbanism.

<sup>1</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade. Atualmente, trabalha como professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade João Paulo II, Campus Pelotas.

<sup>2</sup> Formada em Psicologia pela UCPel (2013); Pós doutora em Educação pela UFRGS (2012 e 2018) - supervisionada pela Prof<sup>a</sup>. Sandra Corazza. Concluiu doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006) - orientada pelo Prof. Dr. Tomaz Tadeu; mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (1999) - orientada pelo Prof. Dr. Marcos Villela Pereira. Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Católica de Pelotas (1985), especialização em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (1987), graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (1997), especialização em Educação Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (1998). Atualmente é professora aposentada associada 2 da Universidade Federal de Pelotas no Departamento de Ensino.

## Caminhar: as explor-ações urbanas

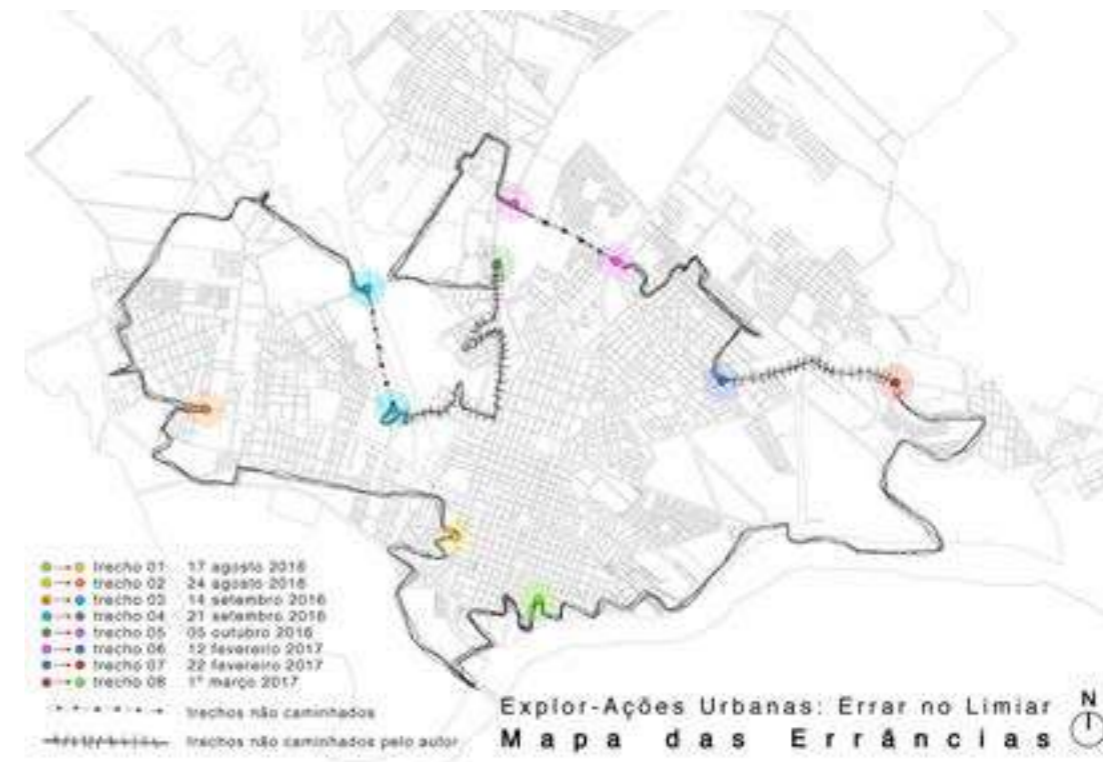


Figura 1: Mapa Explor-ações urbanas: Errar no Limiar. Fonte: do autor, 2017.

O objetivo do texto é apresentar um método de apreensão da cidade na perspectiva cartográfica<sup>3</sup>, experimentado na dissertação de mestrado intitulada Cartografias do limiar: processos de formação de um arquiteto e urbanista errante. O disparador da pesquisa foi uma caminhada realizada no Seminário Explor-ações urbanas: errar no limiar<sup>4</sup>, cujo itinerário é mostrado na Figura 1.

No mapa em questão, consta que no dia 17 de agosto de 2016 dezoito estudantes de diversas áreas do conhecimento, tais quais Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Ciências Sociais, Educação, Engenharia Civil e Filosofia, encontraram-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas com um objetivo em comum: caminhar. O espaço institucional fora o escolhido pois acolhia o curso mencionado, cuja a ementa o caracterizava enquanto uma

Exploração como re-apropriação da cidade e uma modalidade de investigar o território a partir de uma imersão nele. Atravessar os confins para reconstruir um mapa de fragmentos urbanos. A observação e interação direta entre umbrais de realidades descontínuas, formas de co-existência de diversidades, heterogeneidade de práticas e de espaços. O conhecimento prático através do caminhar com o fim de mapear a linguagem mestiça do contemporâneo. (FAURB / UFPel, Programa da disciplina Explor-

<sup>3</sup> Na perspectiva da cartografia, método cuja origem remonta aos conceitos apresentados na obra do filósofo francês Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari (1995), o princípio do pensamento é a experiência. Assim, o método é traçado a partir de um acontecimento, e não o antecede. Destarte, as categorias de análise partem de uma empiria que coloca um problema a ser pensado, posto que os problemas não estão prontos, são uma questão de construtivismo (DELEUZE; PARNET, 2001).

<sup>4</sup> Seminário ofertado pela professora Emanuela di Felice, durante seu período de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que ocorreu de maneira totalmente peripatética.

ações urbanas: errar no limiar, 2016).

Essa prática, locada num programa de Pós-graduação, diz de uma mudança epistemológica na referida área. Em contraposição aos ideais modernos, que criaram um modelo de cidade para decalca-lo na realidade urbana, a experiência procurou apreender o contexto, sem tomar qualquer atitude prática ou projetual. Tratava-se, então, de uma tentativa de deslocamento de perspectiva que até então os profissionais e estudantes da cidade a olhavam, tendo como referência os ensinamentos do arquiteto italiano Francesco Careri (2012) que, em 1995 junto ao coletivo de arte chamado Stalker, inaugurou o primeiro itinerário peripatético pelas bordas de Roma. Seu objetivo, na época, fora compreender um território urbano que se modificava de forma veloz, para além do controle instituído na cidade histórica. Segundo ele, a “caminhada surgiu de um desejo de conhecermos o que existia do outro lado, além da cidade que nos contavam os nossos professores” (CARERI; JACQUES, 2013, p. 9).

Em Pelotas, a errância consistiu em percorrer o perímetro da cidade em oito trajetos distintos. Os encontros aconteceram às quartas-feiras, das 14 até aproximadamente às 18 horas. Neles, caminhou-se prioritariamente pela borda da cidade, ou seja, num limiar entre urbano e rural onde o traçado estruturado rompia, conforme as informações do mapa que especificam os trechos, a data e a distância andada (Figura 01).

Por serem erráticos, os caminhos realizados no Seminário não eram pré-definidos, bem como não tinham objetivos gerais ou específicos. Pelo contrário, eles foram sendo escolhidos conforme os afetos experimentados pelo grupo durante a experiência, comportando no caminhar sensações de medo, apreensão, leveza e segurança. Funcionando como balizadores, apontaram qual direção seguir, fazendo-se menos o uso da razão e mais a de uma atenção à espreita do percurso (DELEUZE; PARNET, 2001).

A cada trajeto caminhado, marcava-se o ponto do próximo encontro em um mapa impresso carregado pela propositora do Seminário, de modo que cada “aula” iniciava em um lugar diferente da cidade. Dessa maneira, inventava-se um outro tipo de aprendizagem: ao ar livre, para além do domínio da sala de aula e em meio à cidade.

### **Narrar: a escrita de um diário**

A pergunta que se fez, mediante a possibilidade de contar algo acerca de uma errância foi: Como acompanhar uma experiência sem fixá-la ou dá-la por acabada? Essa dúvida gerou a necessidade de uma escrita que, para além de descrever o que havia acontecido, possibilitasse vivenciar por mais uma vez, sempre que necessário, o que ocorreu.

Por isso, aconteceu a escrita de um diário de bordo, que acompanhou o pesquisador em seus trajetos erráticos. Diz-se aconteceu porque, no início das Explorações urbanas, não se tinha uma noção sobre como a pesquisa seria estruturada. Dúvidas de tal tipo despontavam: as caminhadas fariam parte da dissertação? Onde vai se chegar com isso? Qual o objetivo do caminhar?

Todavia, desde o começo houve a escrita de um diário. Supõe-se que, na tentativa de acolher o caos da experiência errática, escrever acerca do que se passava traçava um território para se continuar caminhando, suportando assim um não saber. Sua escrita, para além da descrição, tentou apreender também as sensações da caminhada. Isso porque, de acordo com Barros e Kastrup,

[...] a escrita do relato não deve ser um mero registro de informações que se julga importante. Longe de ser um momento burocrático, sua elaboração requer até mesmo um certo recolhimento, cujo objetivo é possibilitar um retorno à experiência do campo, para que se possa então falar de dentro da experiência e não de fora, ou seja, sobre a experiência (2015, p. 70-71).

Desse modo, pode-se dizer que houveram dois movimentos de escrita: o de anotações e rabiscos — realizados no trajeto — e o da reescrita do que foi vivenciado, quando se rememorava os acontecimentos, produzindo-se outra forma de relato.



Figura 2: Diário de bordo. O da esquerda foi escrito durante a errância e o da direita, por sua vez, foi reescrito a partir do primeiro. Fonte do autor, 2017.

Foram essas anotações que geraram os dados da pesquisa, tendo a função de “transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 70). Por meio do diário, desfizeram-se contornos entre conhecimento e experiência, havendo coprodução. Foi com a escritura, então, que se olhou para os deslocamentos do pensamento frente ao encontro com as forças presentes nas bordas da cidade.

### **Mapear: superpondo percursos**

Ainda que o diário fosse um suporte para a experimentação, produzindo um material múltiplo para ser analisado, não se tinha uma ferramenta que permitisse tal análise. O registro, nesse sentido, era mais da ordem do agir que do fazer<sup>5</sup>, como ensina Deligny (2015). Mesmo que “se produzam coincidências entre os traços do agir e alguma utilidade” (DELIGNY, 2015, p. 83), como quando ele funcionou para suportar o caos da errância, sua escrita não tinha um fim, sendo um emaranhado de linhas enredadas.

5 Para Deligny (2015) o que caracteriza a atividade humana é o agir sem finalidade, que se dá no espaço, diferente do “fazer algo” visando um objetivo, referente ao homem-que-nós-somos. Este último conceito designaria aqueles que adentraram no regime simbólico da linguagem, da lei e da instituição, instâncias essas que demarcariam sua posição de sujeito na sociedade ocidental. Porém, o que traça o território comum é o agir, ação do humano que há em nós





Figura 4 Mapa dos trajetos realizados. Fonte: do autor, 2018.

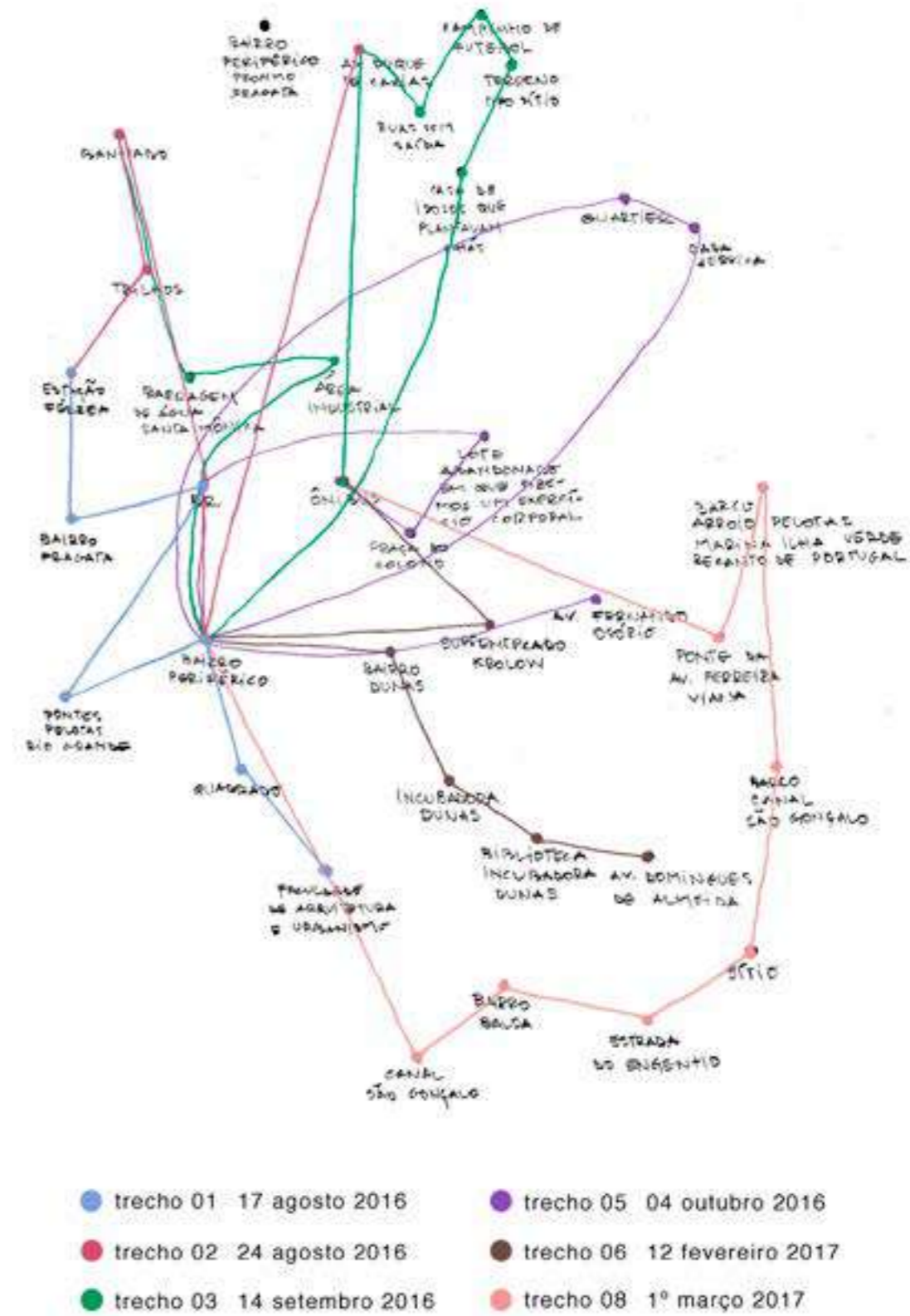
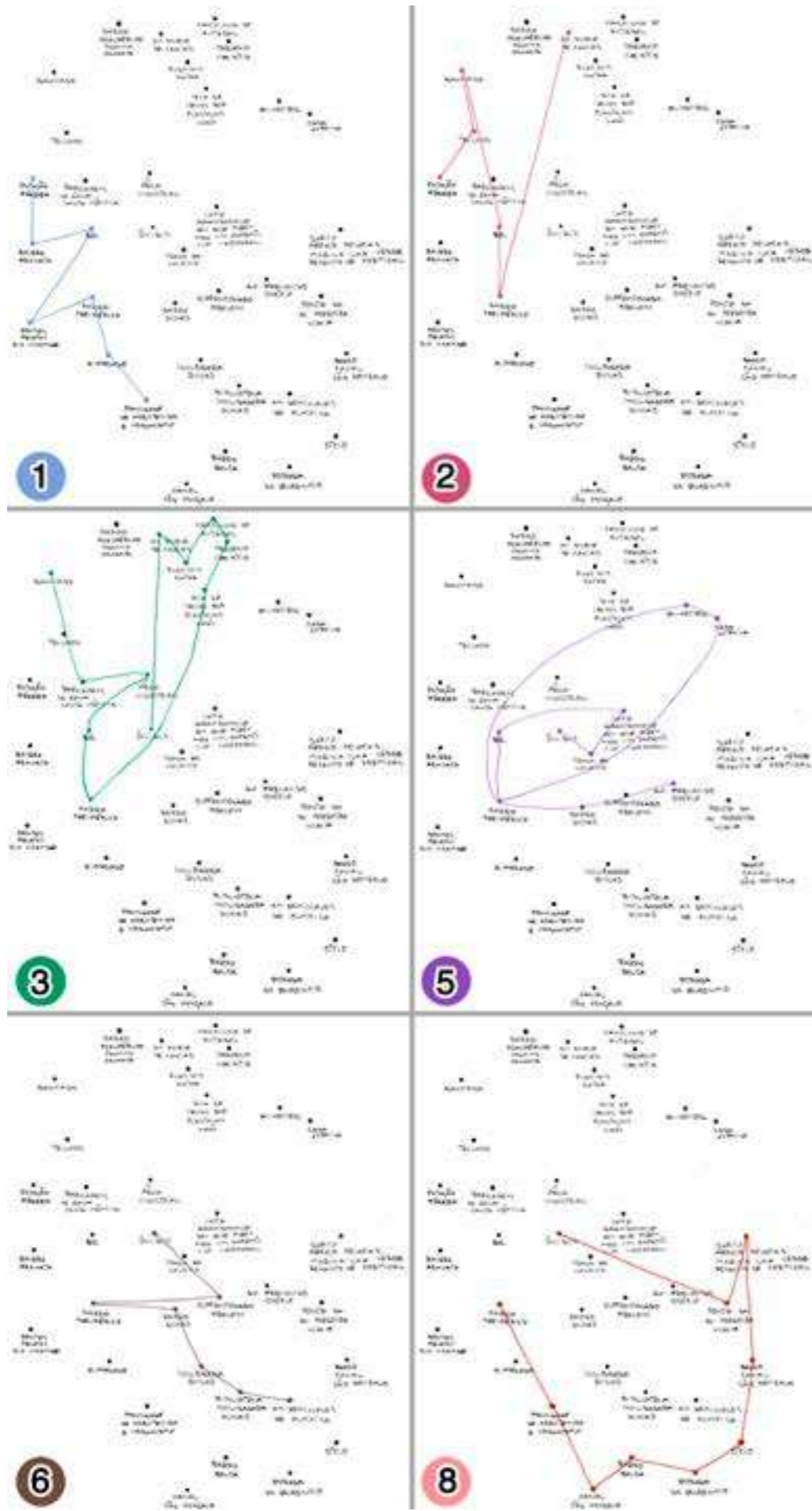
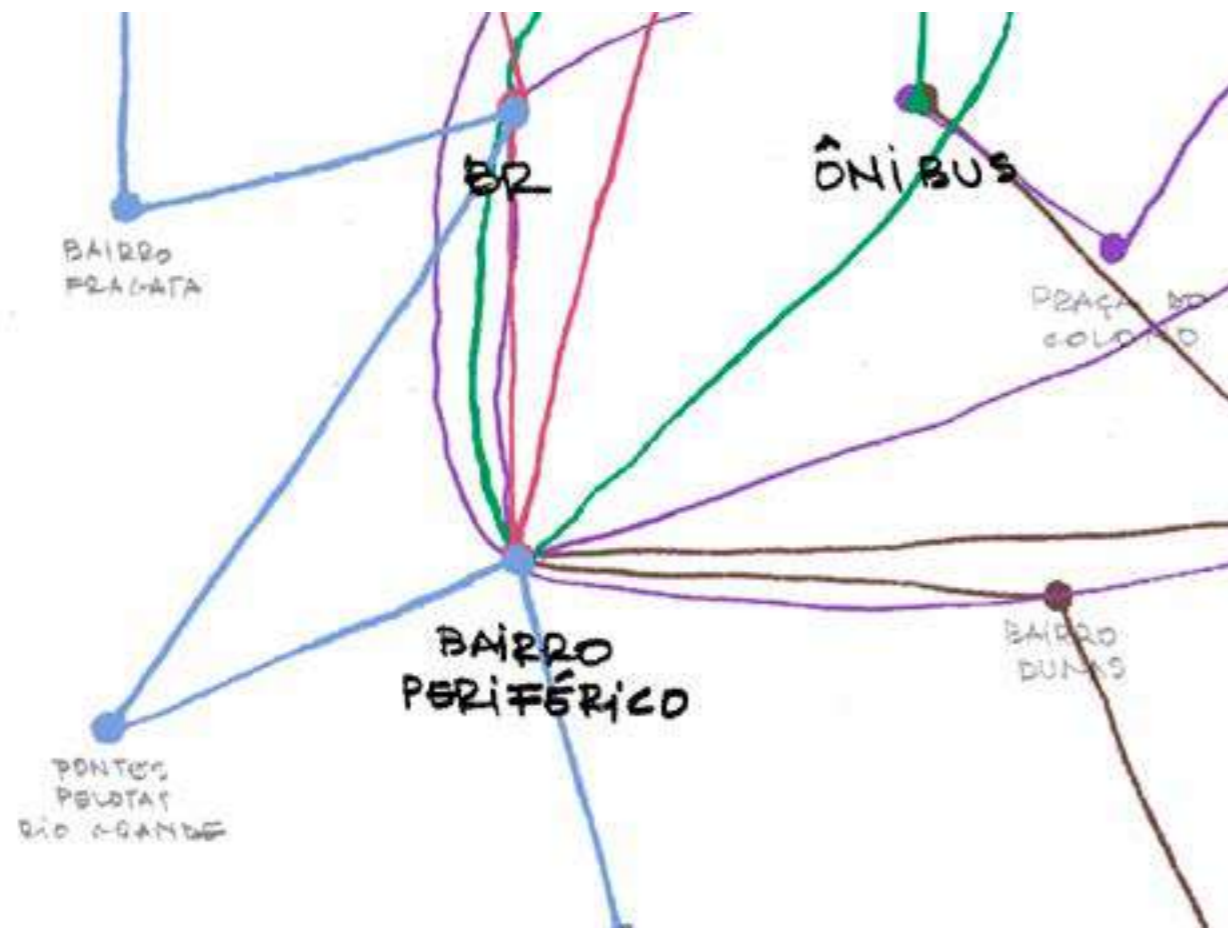


Figura 5 Mapa com a superposição dos trajetos. Do autor, 2018.





Para olhá-los, utilizou-se a teoria das linhas — molar, molecular e de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2012) — posto que o conceito funciona para dar a ver um mundo e, de certa forma, traça um plano de consistência que torna possível a expressão de determinada experiência (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Por meio das linhas (ou entre elas) percebeu-se uma imensidão de fios que compõe uma dada realidade, obrigando aquele que deles se ocupa a lhes dar expressão, indo procurar outros elementos para além dos seus saberes a fim de enunciar algo novo. Porém, como fazê-lo?

### Relacionar: ciência, arte e filosofia

Quando o seminário Explor-ações urbanas surgiu a pesquisa já estava em andamento. A temática, também, fora definida: o caminhar do arquiteto e urbanista. Mesmo na perspectiva cartográfica, não se pode dizer aqui que inexistia uma desconfiança de que caminhando é possível pensar a cidade de outra maneira. Desse jeito, na investigação por uma forma imanente de perceber o urbano, alguns estudos já estavam sendo feitos quando os trajetos pelas bordas da cidade de Pelotas iniciaram.

Esses estudos funcionaram, no momento analítico, como ferramentas que se dobraram sobre as linhas molares, moleculares e de fuga da experiência surgidas nos encontros. Na medida que estes levavam o pensamento ora à uma repetição, ora ao

indizível da linguagem, as notas foram dando consistência para a produção de sentido ao que aconteceu e, de certa forma, prepararam o território. Assim, mesmo que num primeiro momento parecessem matérias inanimadas e estáticas, os acontecimentos do percurso agiram nelas como um vento, desfazendo sua imobilidade e lhes dando vida.

Logo, para compor esse universo de conteúdos díspares que, ao serem colocados em relação teriam a força para expressar outros saberes em uma formação, juntou-se enunciados da ciência, arte e filosofia. Essas três áreas do conhecimento foram nomeadas por Deleuze e Guattari (2010) de caóides, ou seja, formas que se criam quando o pensamento traça um corte no caos.

Primeiramente, no campo científico, procurou-se no portal de periódicos da CAPES acerca dos enunciados sobre a formação em Arquitetura e Urbanismo a fim de poder compreender o porquê da necessidade do caminhar errático como uma prática estética<sup>6</sup>. Também, investigou-se eventos de pesquisa na área que incluíssem eixos destinados à formação, encontrando-se apenas um: o Grupo de Trabalho Formação e exercício profissional no mundo globalizado, do III Enanparq, organizado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo em 2014. Dele, foram selecionados quatro artigos que tratavam da profissão no que tange ao seu funcionamento e formas de atuação. O saber acerca das molaridades da formação pôde, assim, produzir sentido para as repetições presentes na superposição dos mapas, por exemplo, permitindo compreender em parte as escolhas realizadas e os caminhos tomados durante as errâncias.

Na arte, fez-se um encontro com Francis Alÿs, artista reconhecido por suas errâncias pela cidade<sup>7</sup>. Descobriu-se que Alÿs também possuía formação em Arquitetura e Urbanismo, graduando-se na Bélgica com doutorado feito na Itália. Após seus estudos, mudou-se para o México, a fim de trabalhar nas obras de reconstrução da capital destruída por um terremoto. Lá, realizou diversas caminhadas para compreender o caos do país latino. Aos poucos, percebeu que a própria prática possuía um estatuto artístico, destacando-se as obras O Coletor e Às vezes fazer alguma coisa não leva a nada, de 1991 e 1997, respectivamente.

Na terceira caóide, por sua vez, estudou-se acerca do modo de vida e pensamento de Friedrich Nietzsche, filósofo que caminhou exaustivamente para compor seus aforismos. A prática iniciou em sua vida após um adoecimento, que o levou a solicitar uma licença anual das suas funções como professor na Universidade da Basileia, na Suíça. Nesse tempo ele partiu para Sorrento, situado em solo italiano, acompanhado de mais três amigos (D'IORIO, 2014). Lá, durante extensos passeios pelos penhascos junto ao mar, afirmou uma grande saúde surgida após um período de convalescença, que o possibilitou pensar de outra maneira<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Nesta busca, utilizou-se tais palavras chaves: formação arquiteto, formação arquitetura, formação arquitetura e urbanismo. Entre dissertações e teses, obteve-se os seguintes resultados: 1) Formação arquiteto: 100 resultados; 2) Formação Arquitetura e Urbanismo: 154 resultados e 3) Formação arquitetura: 561 resultados. Dentre elas, constatou-se que, em sua maioria, referiam-se ao processo de consolidação da profissão, tanto à nível global quanto nacional.

<sup>7</sup> Para compreender o processo de criação de Alÿs, foi vasculhado o site do artista (<http://francisalys.com/>). Lá, pôde-se experimentar parte da obra a partir dos registros em vídeo das performances realizadas, em sua maioria no México, bem como ter o acesso a catálogos de exposições e entrevistas. Além disso, utilizou-se como fonte bibliográfica o catálogo chamado Francis Alÿs (2007), lançado na Inglaterra pela Phaidon, que comporta entrevistas com o artista e comentários de críticos de arte acerca da sua produção.

<sup>8</sup> Dessa forma, pesquisou-se a ideia de grande saúde na obra nietzschiana, identificando-a em três de seus livros: Humano, demasiado humano, A gaia ciência e em Ecce homo. No primeiro livro, Nietzsche

Assim, foram as três áreas— da ciência, arte e filosofia— que vieram a compor as análises dos pontos apreendidos através da superposição dos mapas. Logo, partiu-se deles para problematizar as linhas molares, moleculares e de fuga da formação. Deu-se, com isso, a invenção de outros sentidos que contivessem em si matérias de diferentes campos do saber, destituindo do pensamento sua posição disciplinar e hegemônica.

### **Analisar: entre linhas molares, moleculares e de fuga**

#### *Na linha molar: a rodovia br e a recongnição do pensamento*

No levantamento dos pontos de maior atravessamento em seis trajetos realizados, a rodovia BR surgiu como elemento marcante nos trechos 01, 02, 03 e 05. A pergunta que se fez é por que o percurso do seminário Explor-ações urbanas diversas vezes se reterritorializou no asfalto, sobre a BR, quando o objetivo fora errar pelos limiares da cidade?

Através das notas do diário, pôde-se perceber que pouca coisa aconteceu no cruzamento da via, não levando o pensamento a pensar diferente (DELEUZE, 2005), tal qual aconteceu com Francis Alÿs no encontro com o caos da Cidade do México pós abalo sísmico, que o lançou em um processo criativo de vida. Ou como Nietzsche que, percebendo os valores decadentes da moral da época, passou a desejar sua transvaloração a favor de uma grande saúde.

Nesse sentido, a rodovia passou a ser vista como um elemento de recongnição (DELEUZE, 2018), ou seja, algo que é possível identificar na paisagem pelo fato de existir uma imagem prévia no pensamento. Lynch (1988), inclusive, afirma a existência de uma “imagem pública” que permeia a cognição, estruturada através das vias, bairros, limites, cruzamentos e pontos marcantes da cidade. Para ele, são inclusive os dois primeiros componentes que definem quase todas as cidades globais. De acordo com o autor, eles funcionam para evitar a sensação de desorientação que pode ser desencadeada quando uma cidade é pouco legível, sendo isso contraindicado no planejamento e desenho urbano.

Todavia, na perspectiva deleuzo-guattariana, pensar é justamente um exercício de desterritorialização que se faz quando um encontro acontece. Aí, sai-se de uma lógica estruturada, conhecida, costumeira, desenhada por uma linha molar que sustenta um território estável. Vai-se, então, em direção à criação de sentido ao acontecimento a partir de diferentes matérias de expressão, que anunciam uma reterritorialização, ou seja, a criação de um outro saber.

A BR, porém, impediu que a desterritorialização acontecesse, ao dificultar o encontro com forças singulares da cidade. Configurou-se, então, como lugar de passagem e não de vivências, resguardando a imagem dogmática do arquiteto e urbanista ao pensar a cidade, que é a do projeto arquitetônico, como apontam Ferreira (2014) e Katakura (2014) no que tange à formação. Espinha dorsal na maioria dos currículos das instituições de ensino da área, é também a mais próxima dos valores do mercado capitalista, cuja relação de forças arquiteto – cliente privado é mais significativa que àquela que o liga ao restante da sociedade.

---

(2005) caracteriza a grande saúde como uma força plástica, curativa, reconstrutora e restauradora que sucede um período de sofrimento. Isso porque pensar de modo diferente, modificando a perspectiva da qual se olha para o mundo é tarefa árdua.

#### *Na linha molecular: o ônibus, entre o molar e a fuga*

Se a BR tendeu a preservar os saberes de uma possível desterritorialização, nem por isso ela não ocorreu. As errâncias foram, nesse sentido, a possibilidade de se pensar diferente a cidade para além daquilo que diz a formação em Arquitetura e Urbanismo, ao possibilitarem o encontro com o outro urbano (JACQUES, 2014).

Todavia, na medida que o ponto de encontro do Seminário foi se distanciando do centro da cidade, fez-se necessário o uso do ônibus, que cumpriu a função de deslocamento dos estudantes. Aí, uma linha molecular operou, ora habitando a formação tradicional desenhada por uma linha molar, ora experimentando-a de outras maneiras, em meio aos acontecimentos, aproximando-a de uma linha de fuga errática.

Conforme Deleuze e Guattari ensinam, essa linha “está presa entre as outras duas linhas, pronta para tombar para um lado ou para o outro — essa é a sua ambiguidade” (2012, p. 86). O ônibus, então, apresentou-se como um elemento paradoxal. Ao mesmo tempo que tornou possível a errância, anulou-a. Isso porque, possuindo um objetivo anterior à experimentação que era levar ao ponto de encontro do Seminário, acabou por desfazer certa ideia de errância, sendo esta a ausência de um planejamento ou, conforme Deligny (2015), um agir sem finalidade.

Contudo, após o ônibus transportar os alunos ao ponto de encontro tornou possível a linha de fuga por meio da prática errática, tendendo ao desfazimento da imagem dogmática do pensamento, cuja formação é voltada à materialidade do projeto de arquitetura. À maneira de Alÿs, com sua obra Às vezes fazer algo não leva a nada, em que caminha pelas ruas do centro histórico da Cidade do México carregando um bloco de gelo que se desfaz no percurso.

Também, foi ele o veículo que realizou o retorno do local de errância à cidade, sobretudo ao centro histórico, lugar onde habitam a maior parte dos estudantes matriculados no curso. No retorno, porém, a cada encontro travado alguma coisa voltava diferente. Todavia, que encontros foram esses que engendraram a diferença no pensamento, para além do regime molar e molecular?

#### *Na linha de fuga: o prefeito de três lotes só*

Na superposição dos mapas os bairros periféricos foram os pontos mais atravessados por linhas e, por isso, com maior força para serem pensados. De certa forma, todos os percursos tangenciaram e atravessaram esses lugares. Assim, se a BR permitiu uma recongnição do pensamento e seu conseqüente retorno às linhas molares e o ônibus oscilou entre elas e a errância num movimento molecular, é nos bairros que se criaram linhas de fuga na formação, ocorrendo encontros intensivos com a cidade, preenchidos por relações de forças até então desconhecidas.

Desses eventos, destacou-se o encontro realizado no trecho 02 com um personagem que, ao ocupar as bordas da cidade próximas aos trilhos do trem, foi chamado de *o prefeito de três lotes só*. Nesse local, o referido prefeito, junto à filha e ao genro, apropriavam-se de três pequenos pedaços de terra, divididos por cordas como se fossem lotes. No centro desse lugar, colocaram a escultura de um Buda.

Ao ir de encontro ao grupo de estudantes, disse estar surpreso, pois haviam pessoas olhando para ele, posto que ninguém o olhava. Isso porque as pessoas teriam desenvolvido um certo mau olhado, que as fez perder a capacidade de olhar para as coisas. Além disso, o ressentimento crescia no mundo, porque ninguém estava



conforme, querendo sempre mais, não respeitando o tempo das coisas.

Contou também que ocupava a área pois havia sido expulso de sua antiga cidade, e a filha pagava caro por um aluguel. Decidiram pela mudança, mesmo sabendo que pedaços da alma se desprenderam no caminho e ficaram pelo chão. Contudo, se fora a partir de guerras e batalhas que a história fora contada, batalharia também por um pedaço de chão nesse mundo. Sua luta consistia em capinar as terras que ocupava, o que em alguns momentos o fazia dar fartas gargalhadas. Para ele, isso era coisa do psiquismo que, estando bem, faz o resto estar assim também.

E, por fim, informa que caso ainda quisessem saber como era a sociedade, estavam olhando para ela. Ao dizer isso, balançava o corpo de forma teatral num gesto de reverência. Nesse momento, chegou a filha do prefeito de três lotes só, perguntando o porquê de o grupo estar ali. Tranquilizaram-na e disseram que, de certa forma, eram apenas estudantes aprendendo a ver e a caminhar pelo mundo.

Após o encontro, uma das alunas, formada em Arquitetura e Urbanismo e matriculada no Seminário, contou dos riscos que a família corria, afinal terras em bordas de trilhos pertenciam unicamente à Estação Ferroviária. Dessa maneira, seria impossível inclusive o pedido do Usucapião, trâmite jurídico que concede a posse do lugar depois de determinado tempo de uso. A questão problematizada foi: Por que, mesmo depois do abalo sofrido no encontro com o prefeito de três lotes só, o pensamento reterritorializou justamente em uma Lei jurídica?

A partir disso, pode-se afirmar que, talvez, não existissem outros saberes para produzir sentido ao acontecimento. Na contramão disso, Parreiras destaca que

[...] para os arquitetos é muito importante ter uma boa formação em disciplinas da área de ciências humanas, enfocando a psicologia, a filosofia, a teoria das relações, a história do homem, o entendimento de seus desejos, enfim, uma série de elementos que possibilitam entender melhor o usuário (2002, p. 13).

Para suprir tal demanda, partiu-se da errância em direção aos encontros nas bordas da cidade que produzissem forças criadoras de linhas de fuga na formação (DELEUZE; GUATTARI, 2012), ou seja, forjassem no pensamento a necessidade de ir além daquilo que já sabe. Por isso, utilizou-se do conceito de território, extraído da filosofia deleuzo-guattariana, produzindo um perspectivismo no olhar, característica de uma grande saúde nietzschiana.

Sendo assim, tentou-se uma aproximação entre a batalha do prefeito por um pedaço de chão neste mundo e o modo como um território existencial é produzido. Tal problema, desenvolvido por Deleuze e Guattari (2012a) em *O Anti-Édipo, Mil Platôs e O que é a filosofia?*, afirma que pensar se faz na relação entre o território e a terra. No platô 11, intitulado *Acerca do ritornelo*, o filósofo e o psicanalista desenvolvem juntos o conceito e dão a ver seu movimento, bem como Deleuze o explica em algumas entrevistas contidas em *Conversações e no Abecedário*.

Segundo Deleuze e Parnet (2001) o território é um mundo; um espaço onde afetos podem ser expressos e plenamente vividos. Para dar conta do conceito visitam a etologia, dando demonstrações daquilo que afirmam. Estudam, então, certos animais que produzem um território, como o carrapato e algumas espécies de pássaros. Estes, ao utilizarem suas glândulas anais e urinárias, realizam algumas posturas, marcando um espaço e delimitando suas fronteiras. Por isso, “o território são as propriedades do animal” (DELEUZE; PARNET, 2001, p. 4), algo do domínio do ter e

não do ser e, justamente por isso, sempre um lugar de passagem.

A partir disso, pode ser visto o movimento do *prefeito de três lotes só* em habitar um espaço de maneira diferente. Aí, a divisão do terreno delimitou o lugar. A escultura do Buda marcou um centro estável, fundando um ponto frágil em meio ao caos da borda da cidade (DELEUZE; GUATTARI, 2012a). Nesse lugar, as palavras do personagem, ainda que fugidias à uma linguagem padronizada daqueles que foram inseridos no regime simbólico da linguagem (DELIGNY, 2015), produziram uma atmosfera repleta de sentido, que ganhou densidade e expressou um modo de vida.

Ao capinar, o prefeito se reterritorializava, ou seja, constituía seu próprio território existencial enquanto uma *coisa de psiquismo*. Além disso, fazia da ação uma batalha por um pedaço de chão neste mundo, como ele mesmo mencionara. Desse jeito, poderia ser visto para além do mau olhado instaurado na sociedade, mantenedor da invisibilidade daqueles considerados pouco úteis ao sistema econômico. Assim, perceber a cidade através da produção territorial, relativa a própria invenção da subjetividade, faz-se fundamental para aqueles que a estudam. Pois, como constata Guattari:

Os urbanistas não poderão mais se contentar em definir a cidade em termos de espacialidade. Esse fenômeno urbano mudou de natureza. [...]. Constata-se muito frequentemente um desconhecimento desse aspecto global das problemáticas urbanas como meio de produção da subjetividade (GUATTARI, 2012, p. 153).

Dessa maneira, ao pensar o espaço, lidou-se não apenas com o projeto arquitetônico ou a legislação urbana, à maneira do exemplo da lei do Usucapião, mas com inúmeras questões que envolvem o próprio ato de habitar, como no exemplo do prefeito de três lotes só. O caminhar, em sua dimensão errática, forçou o grupo a olhar mais atentamente para o entorno, indo além de um *mau-olhado*.

Ainda que, por vezes, tenha sido necessário que alguém dissesse: *Eis aqui a sociedade!*, como o fez o personagem encontrado. Produziu-se com tal signo um estado de violência, talvez, mas que engendrou o pensar no próprio pensamento, fazendo da linha de fuga uma estratégia para invenção de um problema e a criação de sentido ao mesmo, reunindo-se matérias que ultrapassam um saber molar, como as da arte e da filosofia.

### Mais uma linha de fuga: o Bairro Dunas e a verdade

Outro acontecimento relevante da experiência errática responsável por uma torção no olhar costumeiro que contempla a cidade foi o cruzamento do bairro Dunas, localizado na periferia de Pelotas. Seu contexto está associado ao medo de cruzar o local, compartilhado pelos alunos do Seminário Explor-ações urbanas. Isso porque, era sabido, o bairro seria rico em relações com o tráfico de drogas, possuindo alto índice de homicídios, estando num crescente processo de marginalização.

Porém, ao se aproximarem do lugar, aos poucos essa imagem foi mudando. No bairro, foram realizados muitos encontros, com o núcleo de assistência social da vizinhança, chamado também de Incubadora Dunas; alguns moradores que cruzaram o percurso da caminhada; crianças que brincavam na rua; comerciantes que vendiam água, frutas e picolés. No final do trajeto, os alunos dividiram-se em duplas. Uma das partes vendava-se e era guiada pela outra. Tal brincadeira possibilitou uma ampliação da

escuta e do tato, e a apreensão do início aos poucos desapareceu.

Perguntou-se o porquê de tal sensação amedrontadora e como são produzidas as verdades acerca dos espaços urbanos, que levaram o grupo a crer em algo antes da experiência. Percebeu-se que tais crenças, interiorizadas no pensamento de cada aluno ali matriculado, eram expressas por palavras que se apropriavam do lugar e estabeleciam seu valor de verdade (DELEUZE, 2004), causando uma sensação de medo e apreensão.

Nessa direção, ao se ocupar da verdade, Deleuze (2005) afirma que “não há modelo de verdade que não remeta a um tipo de poder, nem saber ou sequer ciência que não exprima [...] um poder se exercendo” (p. 48). Isso porque, numa leitura de Foucault, o filósofo ensina que são três os dispositivos que levam os sujeitos a estabelecer uma relação com a verdade e, desta maneira, subjetivarem-se: o saber, o poder e a própria subjetividade.

Dessa forma, as relações de saber nomeiam e normatizam o visível; as relações de poder coagem determinadas ações em um meio social e as relações de subjetividade, ou relações de si consigo, por sua vez, permitem a alguém a invenção da vida como obra de arte, produto de um processo de subjetivação singular.

No nível do saber há dois estratos que o compõe: o visível e o enunciável. Ou aquilo que se pode ver e dizer, variando conforme determinada época histórica. Nesse sentido, o grupo, ao enunciar o sentimento de apreensão ao atravessar o bairro Dunas, apenas reproduzia algo que já estava dado no senso comum, que normatiza os corpos, os bairros e também as cidades. Careri (2013) chegou em semelhante conclusão quando, após caminhar pelo continente americano, perceber o pânico de se deixar vagar pela cidade, expressando isso da seguinte maneira:

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais. Simplesmente, o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais [...]. Que tipo de cidade poderão produzir essas pessoas que têm medo de caminhar? (CARERI, 2013, p. 170).

Francis Alÿs também dá prova desse sistema discursivo que assola a América e produz medo de se caminhar na cidade. Na obra *Re-enactments* (2000), o artista andou pelas ruas do Centro Histórico da capital do México portando uma pistola Beretta 9 mm, até ser algemado pela polícia e colocado em uma viatura. Segundo ele, o objetivo fora problematizar a facilidade que é comprar uma arma de fogo no país. Porém, quando o vídeo do ocorrido é apresentado no exterior, a peça adquire outros sentidos. De acordo com Medina e Diserens “a consequência é que o trabalho [...] passou a integrar parte do estereótipo que define o país por sua criminalidade” (2006, p. 85), o que não era a intenção.

Assim, quando se vai atrás das causas, ou seja, dos enunciados que produziram uma imagem de violência do bairro, encontrou-se a dissertação de mestrado intitulada *Loteamento Dunas e sua microfísica do poder* (MEREBA, 2011). Nela, o autor conta que tal cenário necessitou ser produzido e alimentado tanto pelos órgãos de Estado quanto pela mídia, para justificar melhorias no local e não em outras vizinhanças com situações semelhantes ou até mesmo mais desassistidas. Como isso se deu?

Criado em 1986 numa gleba de terras de 60 hectares doados por um devedor do INSS<sup>9</sup> no bairro Areal ao lado da comunidade Bom Jesus (MEREBA, 2001), o Loteamento Dunas iniciou de forma bastante precária em termos de ambiência urbana. A partir do fortalecimento de agrupamentos molares, como a Associação de Moradores e o Comitê de Desenvolvimento Dunas (CDD), passou-se a criar estratégias para sobrevivência num lugar que até 1991 era abastecido com água apenas através de um caminhão pipa do SANEP<sup>10</sup>. Ao pressionarem os poderes dominantes, foram garantidos investimentos e o consequente acesso à água, luz, escolas, creche e posto de saúde. Porém,

Essa necessidade política abriu espaço para que midiaticamente se criasse para o Loteamento uma sensação de violência Biopsicossocial, em especial pelos meios de comunicação (rádios, programas de televisão e jornais impressos), que incessantemente veiculavam o local como “violento”, onde moram os criminosos mais procurados pela polícia, enfim, uma simples discussão doméstica no Loteamento era tratada como um ato de alta violência. Ainda hoje, mesmo que a moldura tenha sido transformada pelas relações de poder ao longo dos anos, pode-se observar tais ocorrências como forma de justificar ou retirar os investimentos no Loteamento Dunas (MEREBA, 2011, p. 14-15).

Dessa forma, compreendeu-se que houve a invenção de um regime de dizibilidade e de visibilidade que se apropriaram das relações de força que aconteciam naquele agrupamento social, como a violência, para legitimar investimentos no bairro. Isso porque “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (DELEUZE, 2004, p. 48).

Nessa lógica, o saber está constantemente se apropriando do poder, que é invisível e acontece nas relações, de forma microfísica, como coloca Foucault (1979), ou micropolítica, à maneira de Deleuze e Guattari (2012a). Nesse jogo que saberes se constituem, passando a normatizar os indivíduos e dando-lhes, inclusive, medo: do outro, do espaço público, de caminhar e explorar a cidade.

Pode-se afirmar que as relações de poder que surgiram ainda na gênese do bairro ganharam um estatuto de verdade que se reproduziu no decorrer dos anos. Criou-se, então, uma imagem do lugar ou, nas palavras de Deleuze (2004), um regime de visibilidade atrelado à um regime de dizibilidade. Porém, ao entrar em relação com outras forças, tais estratos foram se modificando e se atualizaram numa nova compreensão do bairro.

Tal diferença de perspectiva, marca uma grande saúde nietzschiana (NIETZSCHE, 2012), permitiu que, no decorrer do percurso, os alunos brincassem e se vendassem, talvez para poder ver melhor. Então, se há saberes que criam uma verdade relativa a um lugar, quando se entra em contato com as forças que fogem do já dito e do já visto, tem-se um outro processo de subjetivação, por vezes singular. Por isso, novas formas de nomeá-lo e olhá-lo são possíveis.

9 Instituto Nacional de Seguridade Social.

10 Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas.



## Considerações finais

O texto, antes de ser uma tentativa de significar ou produzir pistas acerca do método, contou por meio de diferentes verbos sobre as experimentações de uma pesquisa que se propôs cartográfica. Com uma linguagem simples, tal qual um passeio pela periferia de uma cidade qualquer do sul desse país, as palavras caminharam, narraram, mapearam, relacionaram e analisaram. Por vezes, perderam-se por linhas molares, moleculares e de fuga a fim de criar uma torção na formação de quem olha e pensa a cidade.

Foi assim que o verbo caminhar trouxe à tona a parte empírica da pesquisa. Mesmo que um ato cotidiano, viu-se nele a força para viver de maneira imanente a cidade, podendo-se enunciar algo que foge à ordem dos saberes instituídos, posto que as relações urbanas estão sempre em movimento e, por isso mesmo, fogem à significação.

O narrar confundiu-se com o escrever e fez proliferar palavras num diário. A cada percurso realizado, uma história se escrevia. Os encontros potencializaram uma escrita veloz, em que sensações sem palavras se remexiam para serem expressas. Por vezes, a aridez de determinado percurso produzia narrativas sem força, desconexas, que pouco eram lembradas quando se tentava recordar a experimentação. Diz-se recordar porque assim o diário foi concebido: primeiro enquanto breves anotações das percepções do percurso, depois como uma história com um fio linear que detalhava e ampliava os dados da pesquisa.

Mapear, então, fez-se enquanto tentativa de sustentação de uma experiência sem uma finalidade específica ou objetivo pré-determinado. A partir daquilo que foi narrado no diário, traçaram-se caminhos para conectar os pontos extensivos atravessados durante a errância. Desenhados em folhas transparentes, quando superpostos deram visibilidade aos trajetos costumeiros e erráticos das Explorações urbanas. Assim, a rodovia BR, o ônibus e os bairros periféricos foram os pontos escolhidos para análise, posto que mais transversalizados por linhas.

Tais trajetos, por sua vez, movimentaram matérias da ciência, arte e filosofia, possibilitando a conjugação do verbo relacionar. Os saberes da formação denunciaram processos de subjetivação que criaram um modo de agir em constante repetição. Alÿs mostrou, porém, que o ato de repetir ganha dimensão estética quando se propõe propositivo, dando consistência à um novo território existencial por meio da arte. Nietzsche, por sua vez, fez entender que a escrita quando agenciada com o caminhar se dá em dois momentos: primeiro enquanto rabisco, depois enquanto artesanato, exigindo movimento e repouso necessários à uma grande saúde que é uma marca do perspectivismo.

Analisar, então, estava dado, mas para isso foi necessário também aprender a costurar. Três foram as linhas desenroladas do emaranhado de fios: as molares, moleculares e de fuga. Surgidas dos pontos extensivos definidos por meio das superposições, antes de dar respostas à pesquisa, colocaram os problemas.

Na BR, foi interrogado o porquê do insistente retorno à rodovia, considerada um ponto marcante na paisagem e que se repete na maior parte das cidades. Isto posto, ela foi vista como um espaço que dificultou o encontro com o outro, distanciando aqueles que caminhavam das forças do urbano. Dessa maneira, não forçou o pensamento a sair de suas molaridades. Configurando-se como lugar de passagem e não de vivências, conservou os saberes já adquiridos ao invés de coloca-los em variação. Já o ônibus possibilitou que os signos vividos no Seminário Explorações urbanas

agissem em sua potência de desterritorialização da formação. Logo, facilitou ao grupo a saída de um ensino tradicional realizado usualmente num ambiente de sala de aula e preso ao projeto arquitetônico. Na medida em que foram se distanciando do centro histórico, local habitado pela maioria dos estudantes, o ônibus cumpriu o papel de deslocamento de um modo de vida molar à uma maneira errática de vivenciar o espaço, e vice-versa.

Nos bairros periféricos, por sua vez, deram-se os encontros intensivos que produziram as linhas de fuga na formação, exigindo do pensamento que pensasse de maneira diferente. Aí, foi afirmado que habitar é construir territórios existenciais em meio à cidade, e que é possível a invenção de saberes acerca do meio urbano para além dos enunciados midiáticos, desencadeando outros processos de subjetivação e, com eles, diferentes formas de ver e dizer.

Por fim, a cartografia funcionou como um modo de apreensão e produção de sentido às linhas que se desenharam na pesquisa, em que caminhar foi como pensar a cidade, à maneira do guardador de rebanhos de Alberto Caeiro: “os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos / E com as mãos e os pés” (PESSOA, 2005, p. 34). Por enunciar-se processual, o método permitiu que o diário de bordo fosse o próprio objeto analítico, aproximando a experiência da produção de saberes. Por meio dele, desenharam-se os mapas dos trajetos em superposição de percursos, que dispararam as análises. Ainda, na medida em que se subtraiu do saber sua posição hegemônica, relacionou-se ciência, arte e filosofia, dando à formação em Arquitetura e Urbanismo uma forma singular que se pretendeu múltipla.

## Referências bibliográficas

ALÿS, Francis; MEDINA, Cuauhtémoc; DISERENS, Corinne. *Diez cuadras alrededor del estudio*. México: Antiguo Colegio de San Ildefonso, 2006.

ALÿS, Francis; FERGUSON, Russel. *Francis Alÿs*. Inglaterra: Phaidon, 2007.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gilli, 2013.

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: G. Gilli, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995, v.1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2012, v.3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2012a, v.4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

FAURB / UFPel – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal de Pelotas. *Programa da disciplina Explor-ações urbanas: errar no limiar*. 2 f. 2016.

FERREIRA, Eleine Freire Bourdette. O ensino da arquitetura e do urbanismo na contemporaneidade. In: *Anais do III ENANPARQ*, São Paulo, 2014.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.

JACQUES, Paola B. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2014.

KATAKURA, Paula. A formação do urbanismo no Mercosul. In: *Anais do III ENANPARQ*, São Paulo, 2014.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MIGUEL, Marlon. *Guerrilha e resistência em Cévenne: A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas*. In: Revista trágica, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 57-71, 2015a.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

PARREIRAS, Fernanda Villefort. *A busca de um enfoque psico-filosófico e Social no ensino de Arquitetura e Urbanismo*. Dissertação. Pós-Graduação em engenharia da produção. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; editora da UFRGS, 2014.



# CARTOGRAFIA QUE CAMINHA

## transurbanogramas da Ilha de Santa Catarina

Evandro Fiorin <sup>1</sup>

Maria Jose Luluaga Medici <sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho busca constituir um processo de legibilidade das atuais conformações urbanas. Assim, nos aventuramos em um arquipélago de cidades dentro da cidade, para compreender as tensões e códigos individuais dos seus lugares múltiplos. Andamos a esmo por entre intermezzos da urbe, afim de reconstruir algum tipo de intelecção provisional. Vamos além do conhecido, nos perdemos pelos espaços dos seus territórios, como uma forma de vivenciar por nós mesmos os trajetos, na suas intensidades e seus devires. Um sentido que recupera as lições da flânerie, mas também, busca no caminhar como prática estética, um exercício de compreensão urbana para experimentar as suas realidades e, assim, revelar retratos inacabados que se produzem pelo meio da rua. De tal sorte, propomos como uma possibilidade de leitura da Ilha de Santa Catarina, cartografias criadas pelo caminhar investigativo e perspicaz, como uma tentativa de percepção das imagens que nos atravessam e que atravessamos, por entre algumas das vias de passagem da porção insular de Florianópolis.

Palavras-chave: percepção, cidade, cartografia.

# WALKING CARTOGRAPHY

## transurbanograms of Santa Catarina Island

### Abstract

This paper seeks to constitute a readability process of the current urban conformations. So we venture into an archipelago of cities within the city to understand the individual tensions and codes of their multiple places. We wandered among the city, in order to reconstruct some kind of provisional intellection. We go beyond what is notorious, and we get lost through the spaces of their territories, as a way of experiencing for ourselves the paths, in their intensities and their becomings. A sense that recovers the lessons of flânerie, but also seeks to walk as an aesthetic practice, an exercise of urban understanding to experience its realities and thus reveal unfinished portraits that take place in the middle of the street. Thus, we propose as a possibility of reading Santa Catarina Island, cartographies created by the investigative and insightful walk, as an attempt to perceive the images that cross us and that we cross, among some of the ways of passage of the island portion of Florianópolis.

Keywords: perception, city, cartographies.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina / Brasil.

<sup>2</sup> Universidad Nacional de San Juan / Argentina

### O Caminhar Investigativo e Perspicaz

A cidade de Paris do século XIX é especialmente descrita pela proliferação dos artigos de luxo, pelo espetáculo dos panoramas, pelo surgimento dos novos tipos de edifício: os magazines de departamentos, as gares, as passagens parisienses e a vida noturna nos grandes bulevares. Na capital francesa, as estações e pavilhões de ferro e vidro, as galerias e os seus interiores, bem como, a profusão da cidade haussmanniana, são a realização de um mundo de sonhos para o delírio coletivo. Uma atmosfera inebriante que vai rarefazer a capacidade de experiência crítica dos sujeitos que frequentam esses novos lugares urbanos oriundos do advento da mecanização. Nessa dimensão, a percepção da coletividade manter-se-á sob um sono profundo, porque o sonhador na multidão, através do seu corpo, realiza uma viagem macroscópica, segundo a qual, o frenesi do espaço circundante e as sensações dos seus órgãos internos geram apenas meras imagens delirantes da cidade, as fantasmagorias (BENJAMIN, 1986, p. 509).

Nesse sentido, Walter Benjamin, em sua proposta teórico-política contava com a força explosiva das imagens dialéticas, as quais poderiam justapor, ao mesmo tempo, o passado e o presente, para tentar tirar as pessoas desse estado de torpor e sonho. Aos pobres de argúcia perceptiva defendia uma possibilidade de retorno a um estado de selvageria, para que pudessem despertar dessa letargia que estava contida na profusão do mundo enfeitado pelas mercadorias. Perante a vivência cotidiana saturada de fantasmagorias, restava a estes indivíduos reagir aos estímulos complacentes do consumo visual, através da experiência de choque, na tentativa de deixar de viver a cidade como mera representação. Sendo assim, de algum modo é importante ressaltar que: “[...] ao refazer o caminho das imagens até sua origem [...] seria possível um [...] despertar do sonho com conhecimento histórico suficiente para interpretá-los como um pesadelo” (BUCK-MORSS, 1990, p. 25).

Nesse contexto, o flâneur era aquele que tinha a consciência das mudanças em curso e, embora o seu olhar fosse de distanciamento, seguia tal como um detetive na cidade (BENJAMIN, 1989, p. 219). E, conhecendo-a como ninguém, por ela flanava como um observador que a sentia e compreendia as pistas das suas recentes transformações. Um trânsito dialético, entre o passado e o presente, da época de Charles Baudelaire. Em flânerie experimentava a cidade sem que fosse parte da mesma multidão alucinada pelo desejo das mercadorias ou, pelo acúmulo de capital ensejado pelos burgueses. Vagabundeando pela rua era capaz de manter, então, um caminhar investigativo e perspicaz, muito atento aos novos acontecimentos oriundos dos fenômenos da modernidade e às reminiscências dos diversos tempos, mantendo uma experiência sensível e, em alguma medida, inteligível para a sua própria cognição histórica.

Uma estratégia de percepção urbana, que tem relação com uma ideia de perder tempo vagando sem qualquer objetivo. Dito de outro modo, a expressão italiana “andare a Zonzo” lembrada pelo arquiteto Francesco Careri, recupera a experiência da cidade passeada pelos flâneurs. No entanto, o simples caminhar atento, já não nos torna suficientemente hábeis para compreender a cidade tal como hoje se apresenta. Não tratamos mais de percorrer àquela cidade moderna, cuja imagem estava contida na relação centro-periferia, ou passível de ser reconhecida apenas pelas novas imagens produzidas pelo consumo conspícuo, frente às ruínas do passado. No tempo em que vivemos, passado e presente são continuamente renovados e as conformações urbanas se configuram por manchas vazias dentro da cidade e machas cheias no meio do campo, nem centros ou periferias, mas uma espécie de pele de leopardo (CARERI, 2013, p. 162-163), como nos atesta o líder do grupo Stalker, ao rumar para os confins de Roma, em 1995.

O negativo da cidade, segundo Careri (2017, p. 15-16), pode ser descrito como: a única floresta onde ainda é possível perder-se, um território híbrido entre cidade e campo, onde a natureza ainda tem a possibilidade de evoluir em formas não previstas, de produzir espaços tênues, em equilíbrio instável, cuja única forma de cuidado é o abandono. Conhecê-los, percebê-los em seu devir, representá-los em defini-los, graças à representação involuntária, esse foi o sentido da nossa viagem.

Uma metamorfose que não diz respeito apenas aos revezes de uma organização racionalista da cidade, mas ao avanço do projeto capitalista de urbanização do último século, que fez ruir os tradicionais limites entre rural e urbano. Desenvolvimento que trouxe consigo a incapacidade de discernir a cidade como limitada ou contida, com uma forma coesa e contínua, tornando-a coisa desconfinada, difusa e fragmentada. De tal maneira que, passou a ser um campo de forças instável, configurado por novas mobilidades e espacialidades. Conformação urbana espraiada dimensionada, por diversas zonas em que tudo se mistura. Nessa leitura, o que era um plano foi retorcido, corrugado, estilhaçado e, assim, passou a ser mancha.

Domingues (2009, p. 17) assim a define: territórios imensos facilitando um processo de colonização urbana onde o edificado se conecta diretamente com a estrada. Ao contrário da cidade, o território urbano é um exterior, uma nebulosa, uma mancha extensiva e diversa onde tudo se mistura em densidade formal e funcional.

Diante dessa condição borrada estão dispersas as peças de um novo puzzle, que ainda está por ser montado. Quiçá, seja possível encontrar o fio da meada. Nessa compreensão, estas zonas são quebra-cabeças cujos encaixes se perderam e não mais podem ser encaixados da maneira tradicional. Ledo engano imaginar que sejam um tangram de formas geométricas puristas. São territórios fractais, cuja a observação não pode mais se dar pelo ponto de vista da perspectiva unidirecional. Agora é preciso aventurar-se num arquipélago de cidades dentro da cidade, para compreender as suas tensões e códigos individuais em seus lugares múltiplos. Andar a esmo por entre os intermezzos da urbe, afim de tentar reconstruir algum tipo de inteligência provisional. Ir além dos limites conhecidos, se perdendo pelos espaços dos territórios atuais, como uma forma de vivenciar por nós mesmos os trajetos, na suas intensidades e devires.

Um sentido que recupera lições do detetive de Walter Benjamin, mas também, busca na prática do caminhar do arquiteto Francesco Careri, um exercício de compreensão urbana, porque tende a se aproximar dos lugares urbanos experimentando as suas realidades, lançando mão, também, da tática de legibilidade do geógrafo português Álvaro Domingues, nos retratos inacabados que produz de lugares à beira da estrada. De tal sorte, propomos como uma possibilidade de leitura da Ilha de Santa Catarina, cartografias produzidas pelo caminhar investigativo e perspicaz, na tentativa de percepção das imagens que nos atravessam, em algumas das vias de passagem da porção insular de Florianópolis.

### Uma Cartografia que Caminha

Como nos ensina Benjamin (1921, p. 101), se toda a tradução, em primeiro lugar, é uma forma, a traduzibilidade da cidade atual, ao contrário de uma representação coesa e contínua, deve ir em busca da sua própria essência de mudança e

transformação. Desse ponto de vista, se toda tradução é sempre um outro, ela não pode, simplesmente, apresentar o original nas suas multifacetadas visões. Subtende um olhar reflexivo, que é também da imaginação e da criação. Preserva um parentesco, produz o estranhamento, traduz o intraduzível e, vai em busca do eco experiencial para fazer sempre nascer o novo em diferentes aspectos.

Uma correspondência que abre lacunas para que a subjetividade aflore como *modus operandi* para a legibilidade do lugar. Dependente do repertório, posição e condições que nos são dadas pelas variantes do contexto. Toda a representação, como uma cognição que vai além do próprio olhar é primordialmente relacional e se atrita com o espaço produzindo consensos, mas também dissensos. De tal sorte, o sentido do urbanismo da deriva, atualizado como transurbância por Careri (2013, p. 155), busca desmentir toda imagem urbana decantada, nos auxiliando, assim, no reconhecimento pela alteridade e desafio, no sentido da compreensão de uma cidade menos espetacular e mais experimental.

O olhar de cunho fenomenológico, que é baseado na experiência do espaço para além das suas aparências, também nos é muito caro, pois vai em busca das experiências originárias da cidade e, não se alinha com uma simples distinção entre forma e conteúdo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 334). Desse modo, não nos interessa mais, a tradicional ordem que marcou uma interpretação clássica do espaço das cidades. Nos movemos nas conformações urbanas contemporâneas sob novas atmosferas, em trajetórias múltiplas e flutuantes, quase sempre instauradas por sistemas urbanos versáteis e não-lineares, cujas traduções primam por configurar disposições abertas à individualidade e à diversidade (GAUSA, 2010, p. 220).

Nesse sentido, propomos aqui uma interpretação possível da Ilha de Santa Catarina, baseada em uma percepção dos seus espaços mais fugidios. Os grafites que encontramos perambulando sem rumo, pela porção insular de Florianópolis, não por acaso, se inscrevem por todos os seus cantos, contando uma outra história, não oficial, em alguns lugares marcadamente dissonantes. São coletados em imagens de um percurso errante e, resultam, também, em uma representação interpretativa de cunho pessoal. Experiência que se dá em diversos tempos, cujo espaço não se pretende mensurar, já que é existencial (PALLASMA, 2018, p. 23) e, portanto, difere do físico e, também, do geográfico. Uma prática experimental, porque implica em certa desregulamentação científica, se levarmos em conta a ciência empírica ocidental, já que busca trazer à tona as nossas vivências, derivando, também, de um processo de subjetivação. Este que se traduz num mapa, como uma experimentação baseada na realidade.

Não se trata de rememorar a cidade do passado, ou de descrever a urbe, mas de interpretar por entre seus territórios atuais, os espaços cambiantes, baseado em uma experiência singularizada. Nesse sentido, tratamos de captar por meio de imagens, alguns retratos inacabados à beira das principais vias da cidade, daqueles lugares concretos que nos conduzem a um desvio, por suas imagens dialéticas, capazes de ativar uma outra cognição estético-experiencial. Podem aqui ser revelados pelos grafites dos camaleões produzidos pelo artista plástico Rizzo. Ao mesmo tempo, produzimos os cartogramas desse caminho pela porção insular de Florianópolis, de acordo com uma terminologia antropológico artística, in situ e cartográfica.

De acordo com Costa (2010, p. 39):

En el arte in situ, o site specific, el artista interviene en un lugar concreto para desde allí ahondar en otros estratos, quizá, no inmediatamente visibles, que contribuyen a construir el espesor de



significados del lugar en cuestión y su contexto. El trabajo cartográfico es, ante todo, un esfuerzo por describir una complejidad existente, a partir del concepto de que, al poder transcribir esta complejidad a un sistema de signos, ya se está incidiendo en ella, ya se está construyendo una nueva realidad.

Uma cartografia que caminha para propiciar entrecruzamentos de distintas realidades provindas de uma experiência nos espaços moventes das conformações urbanas contemporâneas da Ilha de Santa Catarina. Um mapa que marca as mudanças dos lugares, mas também nos marca como nômades. Grafite que se camufla na ruína, no muro e na esquina ou, simples trajetória da prática do caminhar investigativo. Ambas são mediações artísticas. A primeira faz compreender o lugar de maneira dialética, o espaço de extroversão; a segunda, um diagrama feito de caminhos, uma construção reflexiva, aberta e desmontável.

Segundo Porras-Ysla, os mapas (2010, p. 66):

serão abertos, conectáveis em todas as suas dimensões, desmontáveis, reversíveis, suscetíveis de receber constantemente modificações, como o meio ou a arquitetura que o modelam. Arquiteturas como diagramas, como plasma-ação de ideias, sucessos ou relações. Nos interessam as cartografias, os diagramas como instrumentos conceituais, mais que como descrições formais.

Nessa multiplicidade, a tradução da ilha ganha a sua autonomia criadora. O trajeto adquire suas linhas erráticas pela subjetividade daqueles que estão no percurso e dos que se produz em seu meio. A cartografia passa a exprimir simultaneamente percurso e percorrido. “Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento” (DELEUZE, 1997, p. 73). E, assim, trajetos, territórios e suas traduções abrem passagem para as experiências de reconhecimento urbano contemporâneas, o que chamamos aqui de: transurbanogramas. Constelação de afetos que está subentendida no lugar, no percurso e na cartografia, ao mesmo tempo em que faz com que um complemento o outro, subjaz um intenso devir.

### Transurbanogramas da Ilha de Santa Catarina

A porção insular da cidade de Florianópolis teve a urbanização marcadamente influenciada pela colonização portuguesa, a qual ainda guarda os traços do seu passado no centro histórico, com seus antigos palacetes, prédios públicos e casario, também presentes no centro expandido e em outros núcleos urbanos da porção insular, tais como: Santo Antônio de Lisboa, a costa da Lagoa da Conceição, Ribeirão da Ilha, dentre outros. Bairros que preservam muito da organização espacial de outrora, com suas ruelas estreitas e igrejas centenárias, bem como, os costumes dos açorianos, negros e índios (CABRAL, 1994).

Ao mesmo tempo, a sede de exploração das áreas litorâneas para o turismo e criação de lugares de distinção, pulverizou a cidade em locais cada vez mais isolados, aumentando seu tráfego de veículos e demandando, diariamente, o seu truncado sistema viário – limitado pela geografia insular. Nesse contexto, Jurerê Internacional pode ser lido como um exemplo emblemático das contradições presentes no atual modelo de desenvolvimento urbano de Florianópolis. Na parte norte da ilha, visava atender a um *padrão internacional de urbanização*, com suas mansões cinematográficas sem muros, localizadas em uma antiga região de pescadores artesanais, como descreve Pimenta (2005, p. 111).

Com as praias mais badaladas do litoral sul do Brasil, reservas e unidades de conservação do bioma marinho costeiro, muitas problemáticas devem ser constantemente enfrentadas para um crescimento sustentável da cidade de Florianópolis, bem como, para uma preservação de suas paisagens e ocupação do seu território com responsabilidade ambiental. Ecossistemas variados, desde mangues, dunas às restingas, que guardam sítios pré-históricos sambaquis e ainda são a fonte de extração de sustento para muitas famílias, a despeito do avanço do mercado imobiliário e turismo. Diante desse dilema, a ilha deve ser lida sob esse seu contexto múltiplo, polivalente, multifacetado por tempos históricos e suas tradições diversas. Arquipélago de cidades, diante do caleidoscópio de culturas e atividades que se sobrepõem num terreno de trilhas e de asfalto, que se entrelaçam por entre as rendas de bilro e as redes de pesca, em uma complexa trama cambiante que, muitas vezes, é conflitante (YUNES, 2012, p. 124).

Nos *intermezzos* desse tecido, por entre as ruínas do patrimônio histórico (figura 01), casas abandonadas nas esquinas (figura 02), muros de terrenos vagos (figura 03), porosidades que desafiam as fronteiras entre o público e o privado, é por onde podemos penetrar para experimentar o dentro e o fora da cidade. São nesses entremeios, por entre cheios e vazios, que os grafites se inscrevem como um desafio à ordem estabelecida. Se fundem ao passado e rechaçam o presente, pontos de inflexão, onde a cidade aparece como um constructo de camadas sobrepostas. Zonas híbridas, com suas próprias temporalidades. Onde os espaços opacos são trazidos à luz.

À cidade informada e às vias de transporte e comunicação, aos espaços inteligentes que sustentam as atividades exigentes de infraestruturas e sequiosas de rápida mobilização, opõe-se a maior parte da aglomeração onde os tempos são lentos, adaptados às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado, os espaços opacos que, também, aparecem como zonas de resistência, das quais nos fala Milton Santos (1994, p. 39).

Essas áreas, são capazes de potencializar um rico exame, através da mobilidade ativa entre o ser humano e o lugar. A partir delas surgem as cartografias que se constroem nos vieses desse meio, em uma experiência que se utiliza dos próprios sentidos, para a produção de uma inteligência sobre o espaço. Assim, o simples ato de errar, pode produzir as inscrições sígnicas em um deixar-se levar pelas solicitações do território, fazendo surgir leituras de outras cidades possíveis dentro da cidade, revelando dinâmicas ocultas, estranhamentos, choques, despertando visões críticas, através do caminhar como instrumento cognitivo.

O que propomos é uma reflexão crítica criadora que pode fazer surgir, num novo jogo relacional de significações, um processo de entendimento do espaço que se dê pela subjetivação. Algumas traduções poéticas, sem uma codificação definida, já que produzida pelo trânsito entre-lugares. O resultado da construção de analogias, de maneira a recompor de modo diagramático e sempre em tensão, o lugar que informa. Busca o sentido de uma nova cartografia que não é mais cópia ou representação mimetizada do real, mas a possibilidade do fazer-ver sensível, revelado por seu carácter artístico, mas, também, projetual. Apontamento singular, que expressa qualidades relacionais para uma percepção urbana sempre em movimento.

Nesse sentido, os transurbanogramas<sup>3</sup>, aqui produzimos sobre a Ilha de Santa

<sup>3</sup> Transurbanograma é uma conjunção de palavras derivadas do latim: o prefixo trans- significa: atra-

Figura 01: Ruína da Chácara Gonzaga, centro expandido Florianópolis. Fonte: dos autores, 2018.



Figura 02: Casa abandonada em esquina no centro de Florianópolis. Fonte: dos autores, 2018.



Figura 03: Muro em terreno vago, em área central de Florianópolis. Fonte: dos autores, 2018.



Catarina, são nossas experiências de reconhecimento urbano, construídas pelos deslocamentos feitos na sua porção insular. São, também, produto do enredamento de nós, os espaços opacos que foram grafitados pelo artista plástico Rizzo. Francamente, assimilam noções defendidas por Deleuze & Guattari (1995), como uma tentativa de mapeamento da situação urbana, pela ativação de linhas de fuga. Assim, esses cartogramas devem ser entendidos como uma hipótese falível, em um processo inconcluso, de infinitas outras traduções possíveis dos seus territórios pelos trajetos realizados.

De acordo com Deleuze & Guattari (1995, p. 32): oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.

### Ponto, Linha, Ilha

Paradas, lugares chave, espaços opacos, as marcas perceptivas no mapa. Os pontos são como uma pulsão lampejante, uma imagem instantânea. Ao mesmo tempo que chegamos a eles, eles chegam até nós. Tem cor, textura e uma leitura cambiante passível de mudar, porque sempre podem ser novamente repontuados, como um projeto indeterminado. Os pontos fazem parte de um mapa mental, são momentos, mas sobretudo, terrenos desconhecidos. É difícil pintá-los de um mesmo tamanho ou cor, já que sempre são diferentes e nunca seriam eles mesmos, de fato, em sua representação. Cada ponto é, portanto, uma possibilidade de percepção da cidade, a parada do ônibus, a ruína, o muro, a esquina e a praia. Chegamos a esses pontos sem aviso prévio e sem qualquer pré-concepção. Os pontos podem ter muitos significados, porque nos marcam, como manchas (figura 04).

As linhas são caminhos formados pelos trajetos. Uma construção imagética dos percursos. Elas podem ser definidas ou indefinidas e, nesses termos, não tem começo ou fim. Constroem uma trama dos fluxos. Caminhando sozinhos, caminhando acompanhados, fazendo uso de transporte motorizado, nos seus tempos lentos de congestionamento do tráfego, ou de modo acelerado. As linhas se inscrevem como mapeamentos cambiantes dos traslados que fazemos por entre o território da Ilha de Santa Catarina (figura 05).

A ilha não é uma leitura unitária da cidade: porção de terra rodeada por mar de todos os lados. Em seus meandros de cheios e vazios podem ser constituídas múltiplas interpretações. A cada novo deslocamento, um arquipélago de cidades. Um processo de reconstrução do olhar pelo caminhar (figura 06); a cada cartografia um novo camaleão (figura 07 e 08).

vés; urbanus, significa: pertencente à cidade; e gramma, significa: qualquer signo escrito.



Figura 04: Transurbanogramas – pontos: marcas perceptivas sobre a ilha . Fonte: dos autores, 2018.

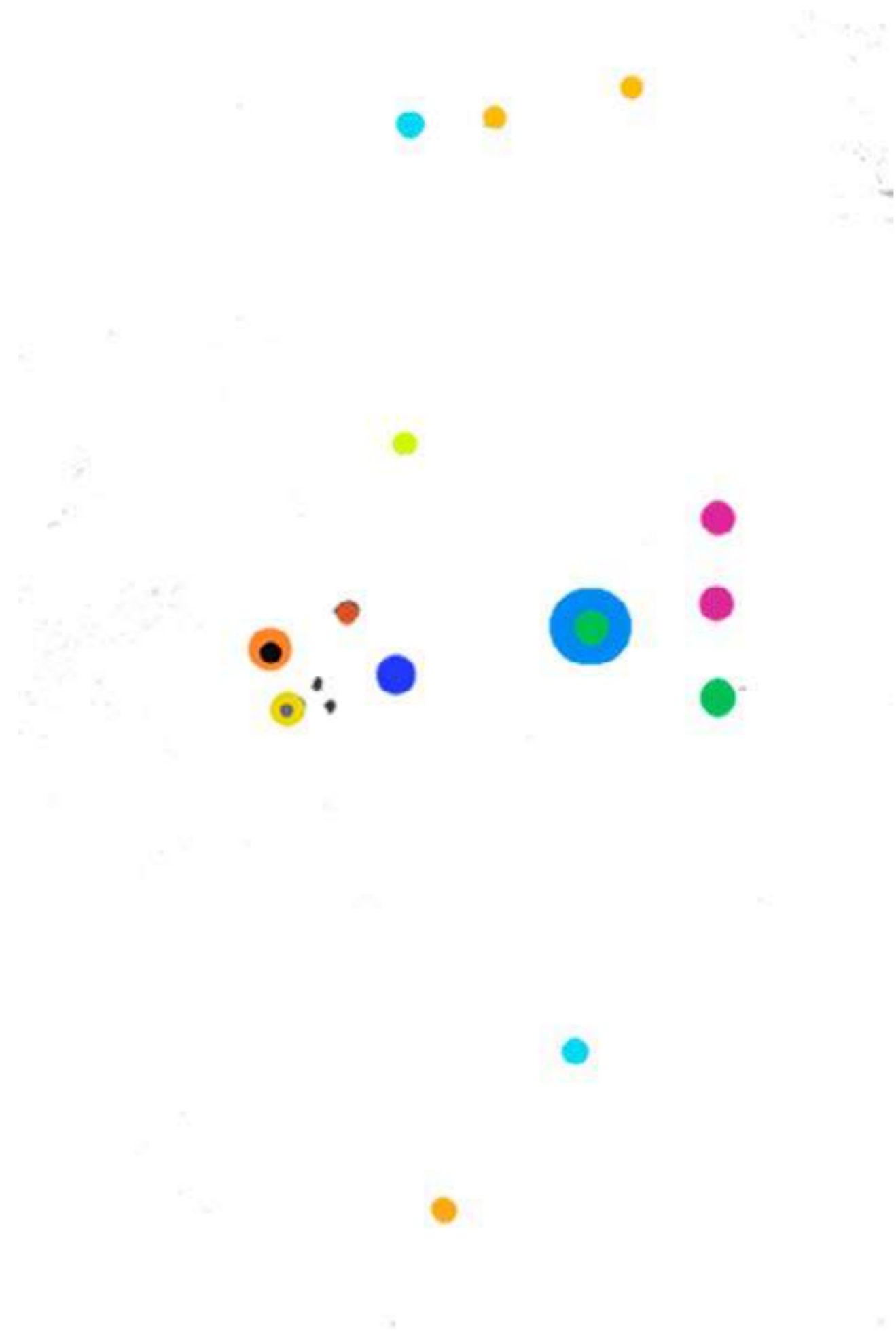


Figura 05: Transurbanogramas – linhas: trajetos sobre a ilha. Fonte: autores, 2018.

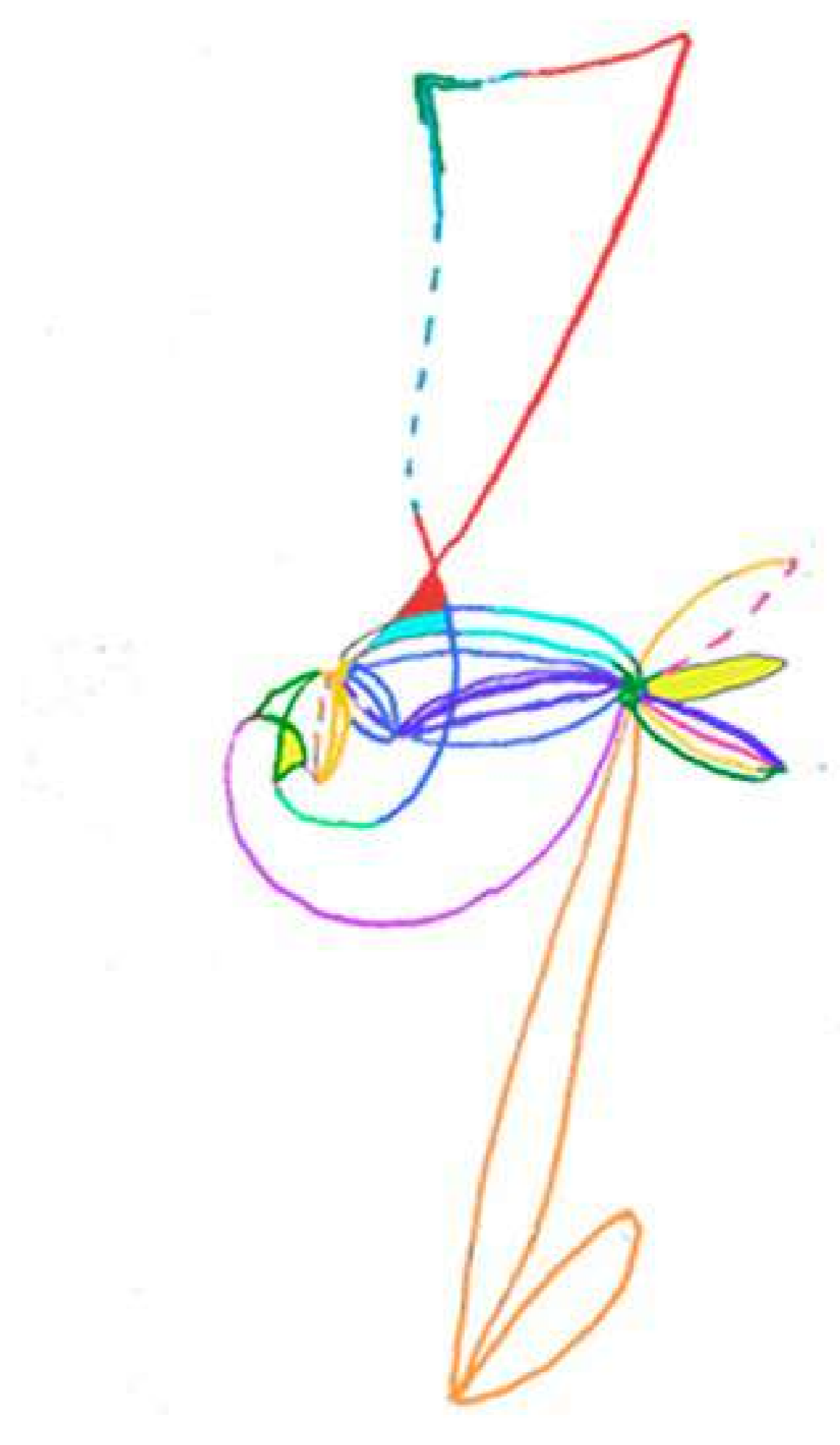


Figura 06: Transurbanogramas – a ilha e o processo de construção dos cartogramas. Fonte: dos autores, 2018.

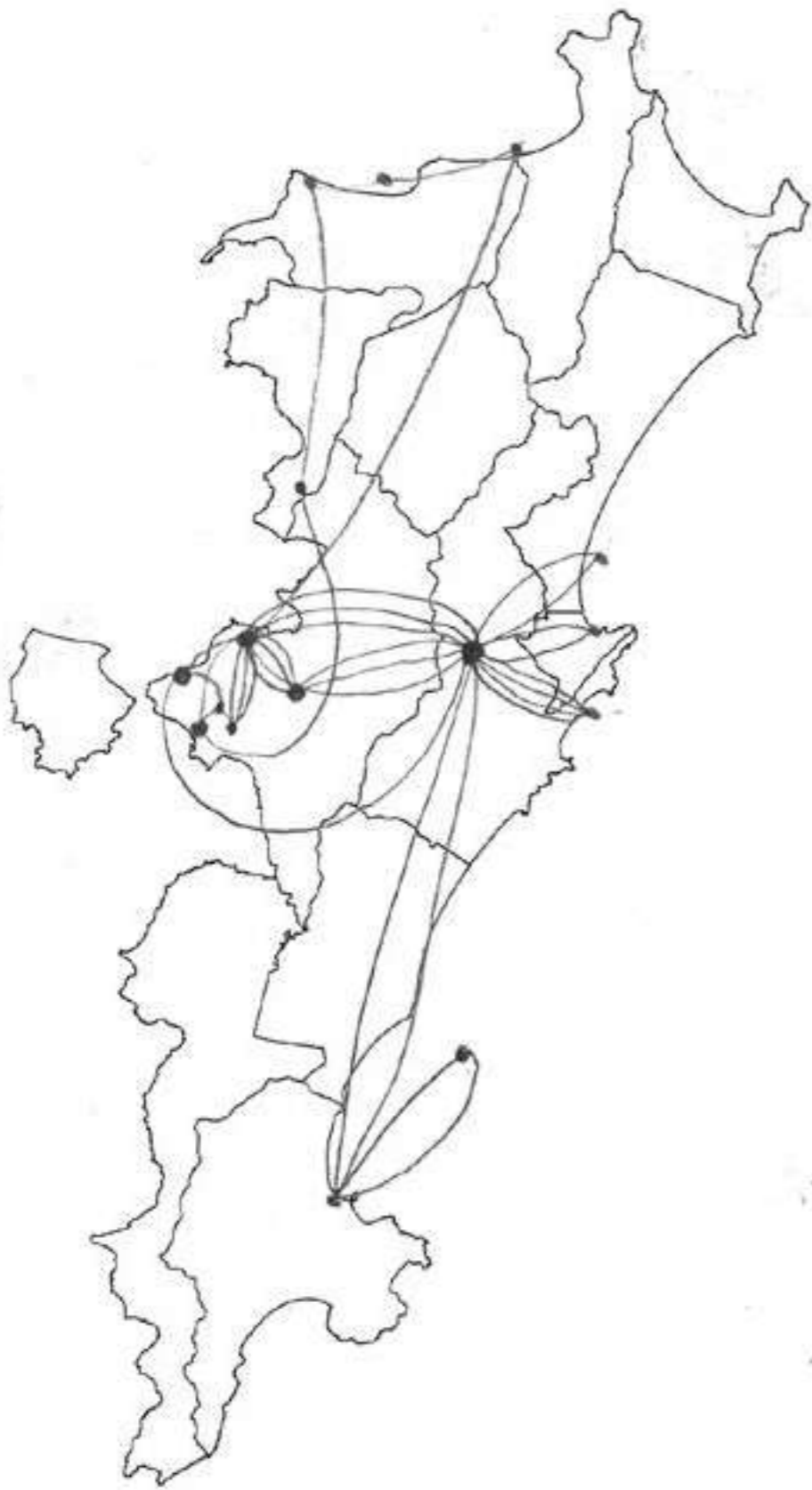


Figura 07: Transurbanogramas da ilha de Santa Catarina: cartografia que caminha. Fonte: autores, 2018.

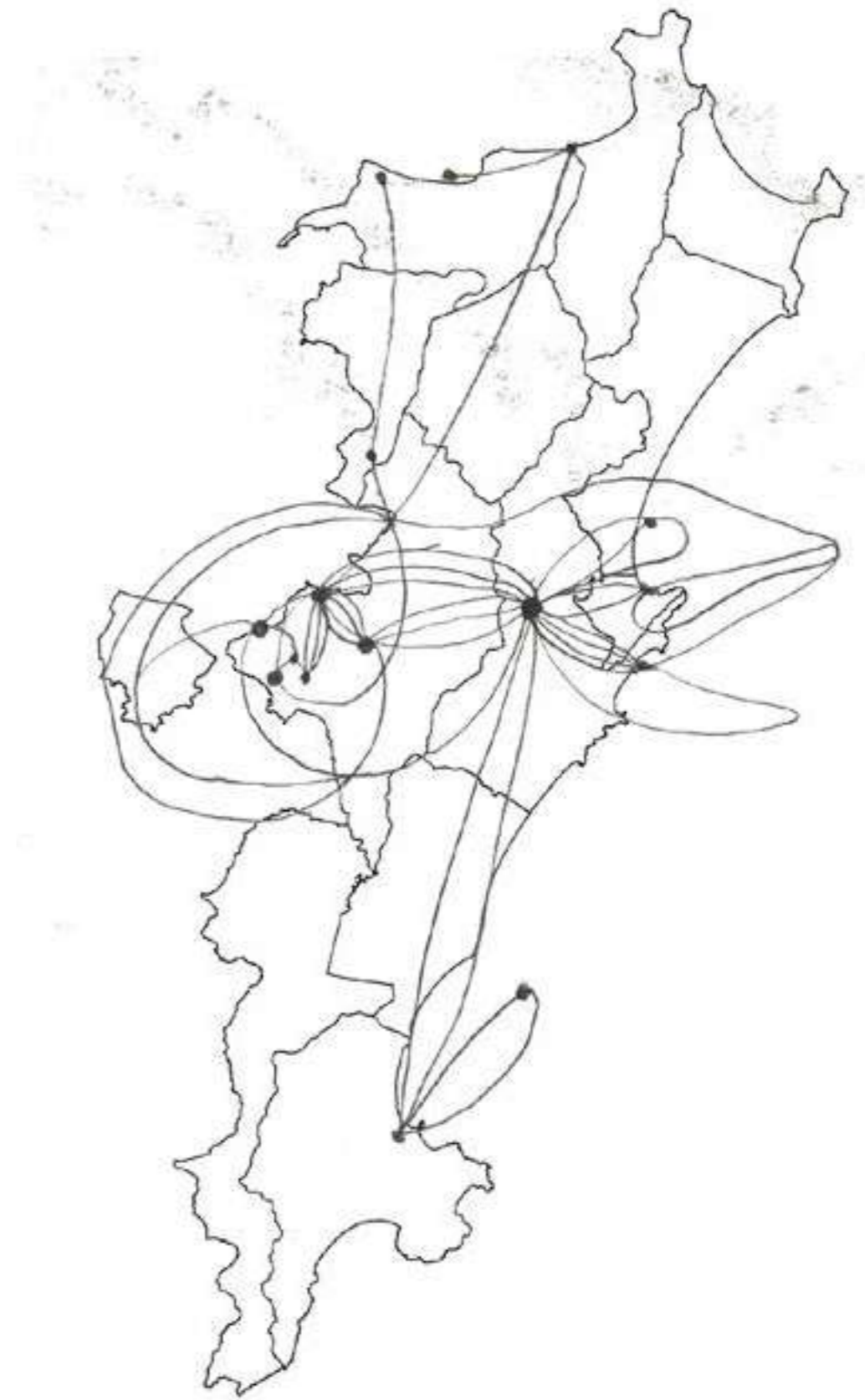
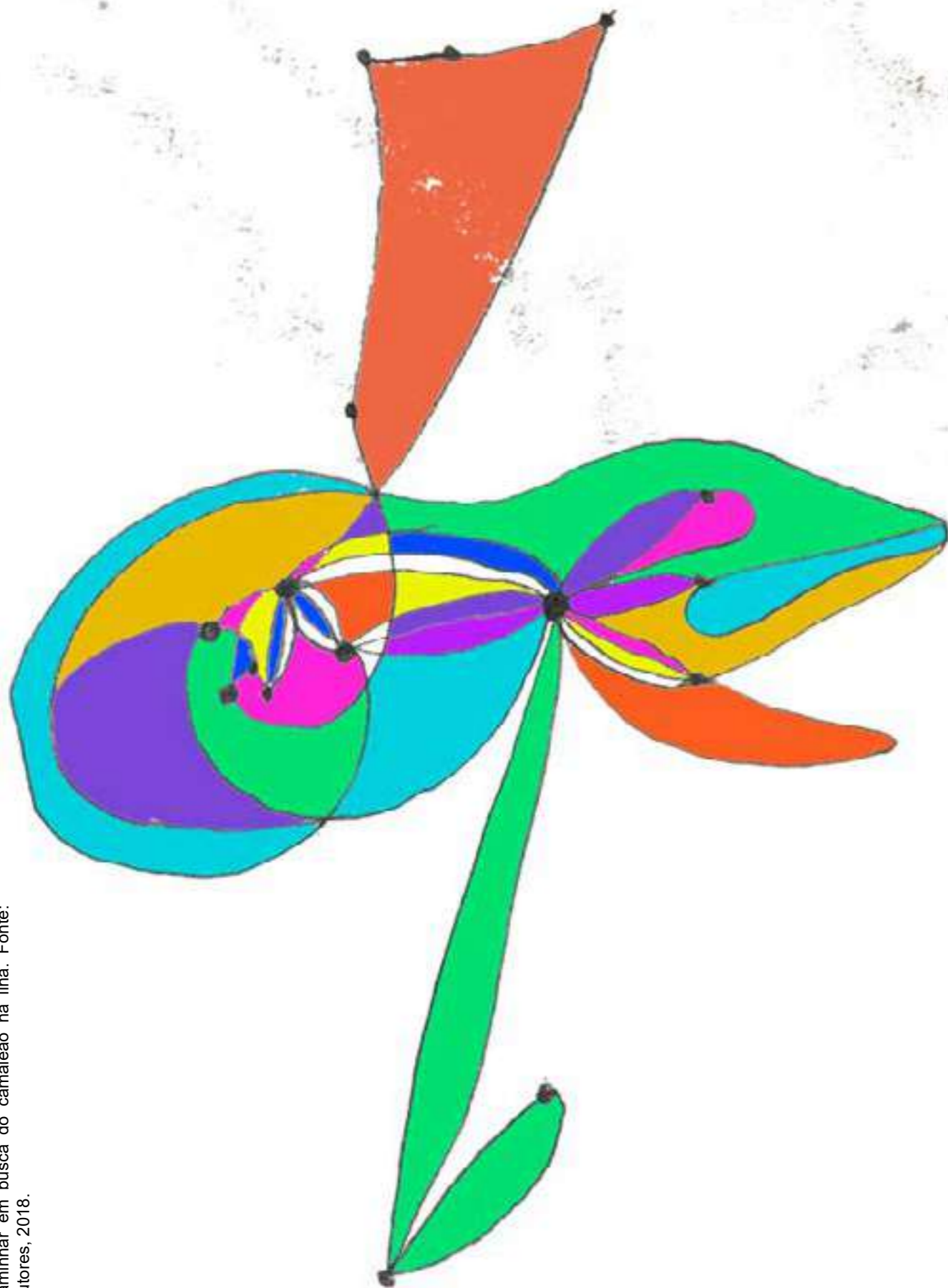




Figura 08: Cartografia artística produzida pelo caminhar em busca do camaleão na ilha. Fonte: autores, 2018.



## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor (1921). In: GAGNEBIN, J. M. (org.). *Escritos sobre Mito e Linguagem*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2011, pp. 101-119.
- BENJAMIN, Walter. *Parigi Capitale del XIX Secolo*. Torino: Giulio Einaudi, 1986.
- BUCK-MORSS, Susan. *O flâneur, o homem sanduíche e a prostituta: a política do perambular*. Revista Espaço e Debates, n. 29, ano X, 1990, pp. 09-31.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- COSTA, Xavier. *El arquitecto como etnógrafo*. In: GAUSA, M.; DEVESA, R. (ed.). *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. Barcelona: G. Gili, 2010, pp. 37-40.
- DELEUZE, Guilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 01. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- DOMINGUES, Álvaro. *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne, 2009.
- GAUSA, Manuel. Tiempo dinámico/ orden (in)formal: trayectorias (in)disciplinadas. In: GAUSA, Manuel.; DEVESA, Ricardo. (ed.). *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. Barcelona: G. Gili, 2010, pp. 217-221.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PALLASMA, Juhani. *Essências*. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. (org). *Florianópolis do Outro Lado do Espelho*. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.
- PORRAS-YSLA, Fernando. Interrogatorio a la disciplina. In GAUSA, Manuel.; DEVESA, Ricardo. (ed.). *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010, pp. 63-67.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- YUNES, Gilberto Sarkis. *Uma Ilha de Paisagens Culturais e Espaços Museográficos*. In: CASTELLS, Alícia ; NARDI, Letícia (org.). *Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea*. Florianópolis: Editora UFSC, 2012, pp. 123-141.

# CONSTRUIR LA OTREDAD PARA CO-CONSTRUIR CONOCIMIENTO

## Reflexiones en torno a herramientas metodológicas para caminhografar

Lucia Antonela Mitidieri<sup>1</sup>

### Resumo

El agotamiento de las formas dominantes de producción y reproducción de las relaciones sociedad-espacio se manifiesta en una ciudad que ha sido impregnada por sujetos sociales que reivindican derechos y emprenden luchas para demandar por lo que les pertenece. Sin embargo, estas acciones muchas veces son silenciadas por la racionalidad dominante y hegemónica, desvalorizando el potencial insurgente que poseen. Por lo tanto, se propone en este artículo la incursión en metodologías y técnicas que estimulen el diálogo con el *otro* para crear una cartografía que pueda expresar y reflejar racionalidades alternativas. Se trata de una reflexión teórico-metodológica, donde la construcción de la *otredad* juega un papel importante en la construcción de conocimiento.

Palabras-clave: racionalidades, *otredad*, cartografía.

# CONSTRUIR A ALTERIDADE PARA CO-CONSTRUIR CONHECIMENTO

## Reflexões sobre ferramentas metodológicas para caminhografar

### Abstract

O esgotamento das formas dominantes de produção e reprodução das relações sociedade-espaco se manifesta numa cidade impregnada de sujeitos sociais que reivindicam direitos e empreendem lutas para demandar o que lhes pertence. No entanto, essas ações são muitas vezes silenciadas pela racionalidade dominante e hegemônica, desvalorizando o potencial insurgente que possuem. Portanto, este artigo propõe a incursão em metodologias e técnicas que estimulam o diálogo com o outro para criar uma cartografia que possa expressar e refletir racionalidades alternativas. Trata-se de uma reflexão teórico-metodológica, onde a construção da alteridade desempenha um papel importante na construção do conhecimento.

Palavras-chave: racionalidades, alteridade, cartografia.

<sup>1</sup> Formada em Arquitetura pela Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP). Mestre em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC, São Paulo, Brasil. Na atualidade é bolsista do Instituto em Investigações em Desenvolvimento Urbano, Tecnologia y Vivienda (IIDUTyV-FAUD-UNMdP) onde desenvolve a pesquisa intitulada urbanización popular: estrategias y redes de gestión vecinal colaborativa.

### Introducción

Tetris Urbano<sup>23</sup>

- ¿Vamos a jugar?
- bueno...
- Listo, yo empiezo, hasta que se me acaben las vidas.
- ¡Pero eso no es justo, siempre empezas vos, y las vidas nunca se te acaban!
- Así son las reglas, yo NO inventé el juego.
- Pero...
- No se pueden quejar, van a terminar con una casa.
- Cuatro paredes y un techo, que cayeron de forma aleatoria, ¿crees que somos todos iguales? ¿que nos gustan esos “bloques”?
- ¿Entonces prefieren seguir jugando al *tetris* de casitas autoconstruidas?
- Es nuestra forma de resistencia.
- A nadie le gusta vivir así.
- Nosotros...
- Las estadísticas no mienten, la precariedad de sus viviendas no permite que ustedes tengan una vida digna.
- Las estadísticas...
- Ya está todo arreglado, en menos de un año estarán viviendo otra realidad.
- Sí, pero...
- De esta forma damos comienzo al nuevo *tetris* urbano! ¡súmense todos a la escopeta de la fortuna, cada cual recibirá lo que merece!
- ¡Anímense a un cambio!



<sup>2</sup> Tetris Urbano es un texto, seguido de un collage, que integra el trabajo artístico de Retazos de Ciudades y rescato aquí, a pesar de que toda arte es subjetiva, por ser concomitante con la idea que se pretende abordar en este trabajo. Disponible en: <http://retazosdecidades.blogspot.com/2017/10/tetris-urbano.html>. Acceso en 13 out. 2019.

<sup>3</sup> RETAZOS DE CIUDADES, 2017.

Figura 1: El juego de los poderosos. Fuente: Retazos de Ciudades, 2017.



Desde la pila de ladrillos de viviendas autoconstruidas que el *muñeco militar* no duda en pisotear y aplastar con sus viviendas-bloque, se escuchan las voces de sus autoconstructores. Ellos lo dicen claro y fuerte, *estamos acá, tenemos derechos*, pero pareciera que los que imponen las reglas del juego no pueden- ni quieren- escucharlos.

Modelos de desarrollo que responden a una lógica lineal, basada únicamente en el aspecto material y económico, evidencian la pauperización constante de millones de personas, creando un modelo que *sirve* a unos pocos, configurando una sociedad cada vez más desigual. Como consecuencia de esta crisis societaria, los segmentos y grupos sociales más afectados encuentran fisuras donde encajar, cual *tetris* urbano, para resistir y confrontar el orden dominante. La ciudad, como territorio alienado y alienante ha sido irrumpida por sujetos sociales que se manifiestan de las más variadas formas de acción en la demanda de sus derechos. Este, según Ribeiro (2009), es tan solo uno de los síntomas de un proceso mayor, que denuncia el agotamiento de las formas dominantes de construcción de las relaciones sociedad-espacio, reivindican nuevos sujetos que disputan espacios, que pugnan reclamos y emprenden luchas, como el derecho a la ciudad o el acceso a la vivienda.

Sin embargo, a la hora de interpretar las necesidades o proponer intervenciones para mejorar la situación de las personas, estas son hechas en base a otras formas de vivir. Ese conjunto de connotaciones y significados se construye a partir de prejuicios y parámetros técnicos que establecen lo que está *mal* y lo que está *bien*, formulados desde espacios hegemónicos (al servicio de una clase), patriarcales (al servicio de un género) y etnocéntricos (al servicio de una *raza*) (GROSGUÉL, 2009). Lo que en realidad sucede en estos territorios no es siquiera visualizado por los responsables en las tomas de decisiones. La brecha entre el conocimiento teórico y la realidad empírica del universo urbano es el tema en el que debemos enfocarnos, según Maricato, “[...] para definir técnicas, programas e instrumentos que puedan constituir una acción para resistir la exclusión” (MARICATO, 2000, p.173). Para no repetir los mismos errores que el muñeco militar, haciendo una alegoría con el *tetris* urbano que abre este artículo. Para liberarnos de nuestra mirada hegemónica y caminar juntos hacia una nueva cartografía.

De este modo, se propone en este artículo la incursión en metodologías y técnicas que estimulen el diálogo con el *otro* para crear una cartografía que pueda expresar y reflejar racionalidades alternativas. La *cartografía de la acción social*, propuesta por Ana Clara Torres Ribeiro (2009) es referente para la comprensión de otras formas de cartografiar. A partir de un breve análisis de la misma se plantea un camino para *atravesarla*, es decir, una metodología para *caminhografar*<sup>4</sup>. Como complemento, se indagará en cómo construir la *otredad* para co-construir conocimiento.

### Cartografía de la Acción Social

La creciente vitalidad de la ciudad, que acontece en respuesta a la ausencia del Estado y en contraste con la ciudad corporativa y controlada, asume relevancia política en la escena latinoamericana (RIBEIRO, 2009). Ocupaciones de predios ociosos, protestas, actos y manifestaciones con alto contenido simbólico demuestran la *densidad* de acciones insurgentes. En este marco, procurando aplicar una opción metodológica orientada por la acción creativa y crítica ante las imposiciones de la

<sup>4</sup> En respuesta a la convocatoria para la revista PIXO número 11, se utiliza el neologismo *caminhografar*, que significa caminar, en cuanto experiencia e investigación, para cartografiar.

racionalidad dominante (OLIVEIRA, 2016), la socióloga brasileña Ana Clara Torres Ribeiro propone la *Cartografía de la Acción Social*. Existe, según la autora, la urgente necesidad de incorporar al campo de los estudios urbanos este tipo de metodologías de investigación que incluyan, simultáneamente, la acción del *otro* y la explicación (económica y política) de sus circunstancias (RIBEIRO, 2009).

Esta es una cartografía que *actúa* en consonancia con un hombre lento- categoría filosófica propuesta por Milton Santos- creador de formas alternativas de sociabilidad y tácticas de sobrevivencia. Se encuentra constituida por el conocimiento vivido de la ciudad, los saberes populares, tradiciones y cotidianidades, usos que se tornan insurgentes al ser producidos en el espacio del orden dominante. Lograr mapear esos hechos –no tanto como registro estricto de la realidad sino más bien como proceso de transformación– significa la valorización de acontecimientos con potencia creativa.

Uno de los conceptos más importantes en esta propuesta es la noción de *Acción Social*, fuerza vital que relaciona cuerpos y objetos a la esfera política. El término alude a prácticas de producción y reproducción social, como acciones rutinarias de cooperación, fuentes estructurales de tensión y conflictos (MAMANI, 2016). Para Ribeiro (2009) la teoría de la acción demanda un análisis tentativo, abierto y parcial, orientado por una hipótesis que será verificada en el propio desarrollo de los acontecimientos, y al mismo tiempo exige inducción e intuición. Diferencia entre actividad y acción, donde la primera se refiere a actos que no superan la mantención de lo existente,

[...] já a ação social propriamente dita pressupõe a autonomia dos sujeitos sociais ou a luta por alcançá-la, o que inclui o domínio dos sentidos da ação e a defesa de projetos que podem superar o já existente. Considera-se que a valorização deste gesto é coerente com os limites em que ocorre, geralmente, a resistência à exclusão social, à opressão e ao anonimato (RIBEIRO, 2009, p. 154)

Está claro que no hay acción sin sujeto. No hay agencias sociales que no produzcan acciones, engendradas por sujetos que pertenecen a grupos políticos, a clases sociales, que dominan algún tipo de capital (simbólico, cultural, social, político o financiero). Miranda (2016), al analizar esta metodología, proclama por el reconocimiento de los agentes y las agencias involucradas en un recorte espacio-temporal.

Como alternativa a las representaciones hegemónicas de la ciudad y sus agentes dominantes, la *Cartografía de la Acción Social* constituye un instrumento de identificación de los conflictos, permite el registro de los recursos por los cuales, otras representaciones ganan visibilidad y emergen (MAMANI, 2016). Algunos procesos plausibles de ser mapeados son señalados por Ribeiro (2009):

- La valorización de la acción posible, (a pesar de que no presente los trazos esperados por las teorías sociales y partidos políticos)
- Los usos del espacio, especialmente aquellos producidos por los movimientos populares, de la memoria popular de las luchas urbanas, reclamos, protestas y formas de organización de la acción social.
- Los vínculos y articulaciones entre identidades sociales y territorio (territorialidades)
- Las innovaciones y mudanzas en las motivaciones identificadas en los objetivos de la acción social.
- Las alteraciones de las identidades políticas de los actores urbanos
- Los rechazos al orden urbano, a través de formas de manifestación que contrarían la reproducción sistémica de la ciudad.

Finalmente, reconocer las prácticas diarias de afirmación de los sujetos sociales, el lenguaje corporal, la escucha del *otro*, de los muchos *otros*, es, para este trabajo, la *caminhografia* insurgente a la que se apunta

### La construcción de la otredad

La potencialidad de los sistemas de representaciones y significaciones- de identidades, luchas, circuito de prácticas significativas- como la cartografía presentada en el apartado anterior se refuerza metodológica y teóricamente con la consideración de la *otredad* en esa construcción de conocimiento. Se trata de pensar al espacio como un proceso, es decir, un espacio social y políticamente construido por medio de una mirada sensible para el *otro*.

Lo que generalmente sucede, según Gravano (2019), es que muchas disciplinas y corrientes científicas sólo suponen al *otro* - un *epistemicidio* (SANTOS, 2007) frecuente en los circuitos de producción y reproducción de conocimiento. De esta forma el *otro* es subyugado a la condición de objeto a la espera de ser interpretado y como resultado “se le asigna un significado o se abstraen de él solo uno de sus significados, sin que importe mayormente la matriz conceptual, o la posibilidad de contradecirlos mediante el registro menudo, cualitativo e intenso” (Gravano, 2019, p.10). En ese sentido, Santos (2007) sostiene que “lo que no existe”, es decir, lo que la ciencia universal y hegemónica prefieren no reconocer, en verdad está siendo producido desde lugares otros que las jerarquías desclasifican y pretenden subestimar. Lo más significativo, una vez que se reconoce que las diferentes prácticas de conocimiento tienen lugar en diferentes escalas espaciales y con diferentes duraciones y ritmos, es la consideración de una propuesta epistemológica insurgente. Para que estas prácticas cognitivas propuestas por Santos sean validadas como ciencia, son necesarias intervenciones y relaciones descolonizadoras en la sociedad, como la creación y validación del conocimiento de subjetividades que sufren racismo, colonialismo, patriarcalismo. Un conocimiento nacido en la lucha, que evite fracturas epistémicas asoma en el horizonte al reconocerlas.

Varios autores (PEYLOUBET&ORTECHO, 2015; GRAVANO, 2019; CUSICANQUI, 2015) defienden la idea de que al reconocer la complejidad del *otro* estaríamos reconociendo nuestra propia subjetividad al participar de procesos de observación y auto-reflexividad que propician un proceso de interacción consciente entre interlocutores, síntesis dialéctica entre dos o más polos activos de reflexión y conceptualización. Escuchar no es sólo oír, es también descolonizar nuestros sentidos para conseguir establecer una relación de intercambio *con* el *otro* y *no sobre* el *otro*.

La lectura del antropólogo Ariel Gravano ha sido inspiradora en este sentido. Lo que el autor plantea es comprender las relaciones de poder que se manifiestan en los intercambios que, al apuntar a una construcción de significados, inherentemente atravesarán procesos de mediación, negociación y disputa. En Gravano (2019) propone:

[...] la escucha del otro en simultánea con la del yo como parte de un nosotros con poder, como componentes de una relación epistemológicamente asimétrica, en donde la palabra no resulta ni gratuita, ni desinteresada, ni producto de la mera voluntad individual. En esta relación, cada momento de la construcción de conocimiento es consecuencia de una puja-no necesariamente antagónica- por constituir significados, por imponerlos, por negociarlos, por adecuarlos (GRAVANO, 2019, p.10).

Esta perspectiva apela a la construcción colectiva de un *nos-otros* lo que plantea exigencias de justicia y democracia, en un diálogo que no se reduzca a un aparato formal o institucional, sino como resultado de significaciones compartidas. Entendiendo a lo *significacional* como aquello que adquiere un efecto de contrastes de sentidos entre distintos actores o puntos de vista, además de poder ser objetivado desde una dimensión específica, la que se ve enriquecida o *engrosada* de sentidos diversos, de significaciones diversas (GRAVANO, 2005).

En este énfasis en el diálogo y la comunicación, la *otredad* asume una dimensión transversal produciendo contaminaciones entre saberes y lenguajes. En este sentido, la capacidad discursiva abre el espacio de la política, ya que la lengua habilita para construir formas de convivencia que permiten avanzar en una pretensión de verdad práctica como coordinación de la acción, con base en acuerdos (SFEIR-YOUNIS, YAÑEZ, 2018). Esta actividad teórica no sólo tiene otros lugares de enunciación y otros sujetos que la pronuncian, sino que también implica “otros supuestos que perturban o interrumpen las relaciones binarias tradicionales: sujeto-objeto, racionalidad-afectos, ciencia-mito, pasado-presente; divisiones fundamentales para el pensamiento occidental” (ZIBECCHI: 2006, p144). La socióloga andina Silvia Rivera Cusicanqui (2010) propone una práctica bilingüe en la traducción de saberes, procurando la inteligibilidad entre esos procesos que son nombrados diferente, por grupos o movimientos diferentes. La epistemología *ch'ixi* es la palabra aymara que ella utiliza para nombrar la coexistencia en paralelo de múltiples diferencias culturales que no se funden, sino que antagonizan y se complementan al mismo tiempo. En el acto de dialogar se reconoce esta episteme, ya que,

[...] hay un nivel expresivo-dialógico que incluye “el pudor de meter la voz” y, al mismo tiempo, “el reconocimiento del efecto autoral de la escucha” y, finalmente, el arte de escribir, o de filmar, o de encontrar formatos al modo casi del *collage*. Hablar después de escuchar, porque escuchar es también un modo de mirar, y un dispositivo para crear la comprensión como empatía, capaz de volverse elemento de intersubjetividad (CUSICANQUI, 2015, p. 11).

La idea de acompañamiento que sustenta esta estrategia de abordaje empírico tiene como premisa el valor de estar allí, – desde una actitud crítica, (GRAVANO, 2019; PEYLOUBET&ORTECHO, 2015), no jerárquica ni verticalista, dejando de lado la idea de “encontrar” otros saberes, entendidos como productos, en cambio abrir caminos hacia otras formas de comprender los procesos de producción de conocimiento.

### Racionalidades alternativas

Las estrategias y tácticas de la otredad construida forman una cartografía muy diferente a la de la racionalidad instituida. En esta racionalidad dominante, basada en un modo de conocer y de producir conocimiento a partir de un sistema-mundo capitalista, colonial-moderno y eurocentrado, el cuerpo fue fijado como objeto, fuera del entorno sujeto-razón (QUIJANO, 2005). Sin embargo, el cuerpo no es un objeto que pueda ser apresado a una racionalidad que no le pertenece, y mucho menos a una cartografía que no lo representa. Al comprender al cuerpo como sujeto, como articulador de racionalidades otras, la cartografía que puede ser creada desde las intersubjetividades encontradas, deja de ser representación para ser acción. En esta apropiación, el cuerpo horizontaliza las relaciones, nos dispone a conocer al otro, afirma Ferreirós (2016), al permitir apertura y el encuentro a las sensibilidades, con nosotras y nosotros mismos, con el mundo.



En un intento por observar y producir cartografías de lucha para inspirar la lucha, podemos tomar de ejemplo el trabajo de un colectivo de acción con perspectiva descolonial. Presenta una propuesta epistemológica insurgente- como conciencia- y subalterna- como lugar de enunciación-, que defiende el sur- antiimperial- que hay en muchos lugares. Una producción de conocimiento a partir de racionalidades alternativas.

La labor del grupo *Iconoclastas* está centrada en la producción crítica de mapas, narraciones y representaciones que disputen e impugnen aquellas instaladas desde diversas instancias hegemónicas. Actúan desde el año 2006 en la formación de un espacio de creación que se despliega en tres dimensiones de saberes y prácticas: artísticas (poéticas de producción y dispositivos gráficos), políticas (activismo territorial y derivas institucionales) y académicas (pedagogías críticas e investigación participativa) (RISLER&ARES, 2013). Su forma de concebir la práctica del mapeo se encuentra en consonancia con lo planteado hasta aquí, donde el mapa sería parte del proceso y no el producto u objetivo final, y el mapeo- palabra que ellos utilizan para referirse a ese proceso- es un medio y no un fin. En un manual de mapeo colectivo realizado para la difusión abierta y gratuita de la técnica, los *Iconoclastas* exponen la finalidad de su trabajo colaborativo:

Concebimos al mapeo como una práctica, una acción de reflexión en la cual el mapa es sólo una de las herramientas que facilita el abordaje y la problematización de territorios sociales, subjetivos, geográficos. [...] Buscamos abrir un espacio de discusión y creación que no se cierre sobre sí mismo, sino que se posicione como un punto de partida disponible para ser retomado por otros y otras, un dispositivo apropiado que construya conocimiento, potenciando la organización y elaboración de alternativas emancipatorias (RISLER&ARES, 2013, p.7)

Las cartografías críticas realizadas de forma colectiva reflejan una realidad territorial problemática y compleja, de un espacio que no es estático, sino que está en permanente mutabilidad, dinamismo y transformación “en donde las fronteras, tanto las reales como las simbólicas, son continuamente alteradas y desbordadas por el accionar de cuerpos y subjetividades” (RISLER&ARES, 2013, p.8).

El siguiente mapeo<sup>5</sup>, una de las cartografías críticas co-construidas por “Iconoclastas”, evidencian dos de las grandes problemáticas que afectan a diversos territorios a lo largo y a lo ancho de América Latina, en este caso, el modelo del agro-negocio y las consecuencias del monocultivo transgénico y la mega-minería a cielo abierto que afectan al territorio argentino. La poca (o casi nula) regulación por parte del estado y las connivencias con el poder político, facultan el deterioro de ecosistemas, paisajes y salud de comunidades enteras, debido a las técnicas tóxicas de explotación a cielo abierto y de agroquímicos utilizados en el monocultivo transgénico.

La utilización de esta herramienta (mapa) está directamente relacionada a la

<sup>5</sup> Mapas creados a partir de los talleres organizados junto a movimientos sociales, colectivos culturales y de comunicación, asambleas socio ambientales, equipos de educación popular y movimientos estudiantiles. Los mapeos se realizaron entre 2008 y 2009, en Jujuy y Córdoba, como parte de las actividades de la Unión de asambleas ciudadanas (UAC); y en Buenos Aires, Bariloche, Tucumán, El Dorado (Misiones) y en Ciudad del Este (Paraguay), a partir de la convocatoria del equipo de pedagogía popular Pañuelos en Rebeldía. Los mapas fueron expuestos en el espacio público en numerosos eventos contra el saqueo de los bienes comunes. Para más información visitar <https://www.iconoclastas.net/cartografias-colectivas/>. Acceso en 17 de Oct. de 2019.



Figura 2: Proceso de mapeo colectivo con movimientos y asambleas organizados en contra del saqueo y la depredación de los bienes comunes. Fuente: Iconoclastas, 2009. Disponible en: <https://www.iconoclastas.net/cartografias-colectivas/>. Acceso en 17 de Oct. de 2019.



Figura 3: Cartografías críticas denuncian el monocultivo transgénico y la mega-minería en el territorio argentino. Fuente: Iconoclastas, 2009. Disponible en: <https://www.iconoclastas.net/cartografias-colectivas/>. Acceso en 17 de Oct. de 2019.

contemplación de la subjetividad en los procesos territoriales (mapeo), sus representaciones simbólicas o los imaginarios sobre el mismo. En este sentido cabe la indagación sobre si hay una sola racionalidad del espacio, es decir, si la ciudad es creada por quienes proyectan sus imágenes en ella y la moldean desde el diario habitar, transitar, percibir y crear, las racionalidades alternativas son tan protagonistas como las hegemónicas. Para Gravano (2005) se hace necesario registrar el espacio tal como es vivido y representado por los actores, además del valor que esta dimensión del espacio signficacional e imaginario ha venido adquiriendo en forma creciente como insumo necesario para la planificación y el diseño urbano. Retomando Ribeiro (2009) se espera que las ciencias sociales contribuyan para la



afirmación de racionalidades alternativas y orienten una apropiación más justa del espacio heredado. Sin embargo, Peyloubet & Ortecho (2015) no dejan de advertir que tal vez la academia no sea capaz de considerar, de *escuchar y comprender*, aquellas formas presuntamente alternas de producir sentido. Esto se debe precisamente porque el ámbito de producción formal de conocimiento impone a la racionalidad lingüística y argumental como única alternativa legítima.

### Discusión: ¿cómo organizar la esperanza?

Esta reflexión teórico-metodológica nos orienta en prácticas de investigación, así como también de enseñanza y se inspira en una reflexión colectiva, tentativa e inacabada. Implica un aprender a aprender, así como un aprender a desaprender y comenzar a construir otro conocimiento que se sitúa en relación con un sí mismo y un *no-sotros*.

Lo que tiene de diferente esta configuración es la voluntad de querer romper con la preeminencia de la producción de conocimiento únicamente institucional -hierárquica- que hasta ahora rige, y de querer legitimar otras formas de conocimiento tan válidas como las hegemónicas. Sumado a eso, cobra relevancia el hecho de que las comunidades se están involucrando cada vez más como una cuestión de resistencia, diciendo lo que necesitan, haciendo lo que necesitan.

Hay cuestiones que aún permanecen latentes en este proceso, pero solo para organizar la esperanza: de manera lenta y procesual es posible concebir otro horizonte de acción en el cual deberíamos incluir investigadores, es decir, académicos comprometidos con la realidad social. De esta forma, contribuir a la construcción de una base cognitiva alternativa. La intención es capturar toda la riqueza y diversidad presente en todas estas experiencias y, a partir de eso, proponer una epistemología con otro lugar de enunciación, con consecuencias teóricas y políticas para crear nuevas identidades y conciencias cognitivas con una base geográfica diferente. Porque la diferencia sólo puede concebirse en el orden del discurso, ya que, en el orden de las prácticas la diferencia es la regla.

### Referencias bibliográficas

CUSICANQUI, Silvia. Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. 1. ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010, 80p.

CUSICANQUI, Silvia. Rivera. *La sociología de la imagen como praxis descolonizadora. Miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

FERREIRÓS, Facundo. *Hacia una pedagogía del cuerpo vivido: la corporalidad como territorio y como movimiento descolonizador*. 2016. Acceso en 13 de octubre, 2019. Online. Disponible en [http://docs.wixstatic.com/ugd/ce4e5c\\_50d1c708026a48578512d31caf71e592.pdf](http://docs.wixstatic.com/ugd/ce4e5c_50d1c708026a48578512d31caf71e592.pdf).

GRAVANO Ariel. *Las demandas de un arquitecto. Apunte de cátedra para el Seminario de Doctorado de la FAUD*. Santiago: UNMDP, 2019.

GRAVANO, Ariel. *Antropología de lo urbano*. 2a ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Café de las Ciudades: 2005, pp. 127-146.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os

estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, B. DE SOUSA; MENESES, M. P. (Orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 383-418.

MAMANI, Hernan Armando. *Ação social e renovação das ciências sociais no pensamento de Ana Clara Torres Ribeiro*. In: COHEN EGLER, Tamara; POGGIESE, Hector; MIRANDA, Elís de Araújo. *Método e ação no pensamento de Ana Clara Torres Ribeiro*. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2016. p. 49-77.

MARICATO, Erminia. *As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. Planejamento urbano no Brasil*, em: *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MIRANDA, Elís de Araújo. *Ensinar a pensar/pesquisar. Experiências com o método de Ana Clara Torres Ribeiro*. In: COHEN EGLER, Tamara; POGGIESE, Hector; MIRANDA, Elís de Araújo. *Método e ação no pensamento de Ana Clara Torres Ribeiro*. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2016. p. 78-86

OLIVEIRA, Anita de Loureiro. *Por uma episteme dialógica, sensível e criativa. Uma homenagem a Ana Clara Torres Ribeiro*. In: COHEN EGLER, Tamara; POGGIESE, Hector; MIRANDA, Elís de Araújo. *Método e ação no pensamento de Ana Clara Torres Ribeiro*. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2016. p. 87-109.

PEYLOUBET, Paula; ORTECHO, Mariana Jesus. *Desafíos empíricos, crítica semiótica y una apuesta por la introducción a nuevos lenguajes. Signo Y Pensamiento*, v.34 n.36, 2015. p. 14 - 27.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Cartografia da ação social Região latino-americana e novo desenvolvimento urbano* In: COHEN EGLER, Tamara; POGGIESE, Hector; MIRANDA, Elís de Araújo (orgs). *Otro desarrollo urbano*. CLACSO. 2009

RISLER, Julia; ARES, Pablo. *Manual de mapeo colectivo: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa*. 1a ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013. 80 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 79, 2007, p. 71-94.

SFEIR-YOUNIS, Luis; YAÑEZ CANAL, Carlos. *Pedagogía desde la fisura: enseñando y aprendiendo en espacios del entre-medio*. In: YAÑEZ CANAL, Carlos. *Entre-lugares de las culturas*. Universidad Nacional de Colombia, 2018. p. 17-33.

ZIBECCHI, Raul. *La emancipación como producción de vínculos*. In: CECEÑA, Ana Esther (comp). *Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2006. p. 123-149.



# (RE)ENCONTROS ENTRE CORPOS URBANOS

## Um relato de experiências didáticas errantes

Juliana Michaello Macêdo Dias<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo apresenta experimentações conduzidas com estudantes de arquitetura, urbanismo e design, nas quais as práticas errantes e seus desdobramentos são postos em evidência. Partimos de uma discussão sobre a necessidade de reencarnar os corpos dos futuros arquitetos e desdobramos a reflexão em errâncias e proposições nos espaços da cidade em que o estabelecimento de relação com seus praticantes ordinários se coloca como condicionante.

Palavras-chave: errâncias, corpos urbanos, experimentos didáticos, intervenções artísticas urbanas

## URBAN BODIES ENCOUNTERS

### A report on wandering didactic experiences

### Abstract

The article presents experiments conducted with students of architecture, urbanism and design, in which errant practices and their consequences are highlighted. We discuss the need to reincarnate the bodies of future architects through wanderings and propositions in the city spaces in which the establishment of relationship with its ordinary practitioners is a condition.

Keywords: wanderings, urban bodies, didactic experiments, artistic urban interventions

<sup>1</sup> Doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFAL. Líder do Grupo de Pesquisa Nordes-tanças (CNPq).

### Introdução

A partir da década de 2000, através dos estudos de Jacques (2001) ao se debruçar sobre a relação entre Hélio Oiticica e a favela da Mangueira, que resultou no livro *Estética da Ginga*, os estudos acerca do embate entre corpo e cidade passam a se sedimentar nas práticas didáticas e de pesquisa nas faculdades de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. A influência dos Situacionistas nestas reflexões ganha fôlego com a antologia da autora, *Apologia da Deriva* (JACQUES, 2003), que compila escritos do grupo liderado por Guy Debord traduzidos para o português. A publicação será fundamental para a incorporação das práticas da deriva em disciplinas e experimentações acadêmicas (mas não apenas) no campo da Arquitetura e do Urbanismo. Não proponho aqui proceder um alinhavo histórico das práticas das errâncias urbanas, como proposto por JACQUES (2004) ou CARERI (2013). Me interessa discutir algumas das diferentes implicações do *errar* naquilo que elas permitem *fazer ver* a cidade.

Este artigo busca ampliar o debate acerca dessas questões através do relato de experiências vividas no âmbito de disciplinas dos cursos de Design e de Arquitetura e Urbanismo – Linguagem e Expressão Espacial, no caso do primeiro, e Estudo da Forma e Oficina de Plástica, no caso do segundo. Evidência de um modo de perceber a arquitetura e o urbanismo ainda marcado pelas premissas modernistas, o próprio nome da disciplina no curso de Arquitetura – Oficina de Plástica – nos impõe um exercício desconstrutivo. Tradicionalmente estruturado a partir de uma percepção já posta em cheque pelo pós-modernismo – a do objeto arquitetônico autônomo e cuja forma seria percebida de modo coeso e completo –, a referência à plástica leva os estudantes a uma percepção de modelagem formal desconectada de um enfrentamento mais sensorial do objeto arquitetônico.

Nos parece que, como descreve Pallasmaa (2017), “nosso conceito de arquitetura está fundamentado na ideia de objeto arquitetônico perfeitamente articulado, de artefato artístico desprovido de vida” (PALLASMAA, 2017, p. 15). É num enfrentamento a essa apatia do objeto arquitetônico, que geraria uma cidade autista, que tentamos recorrentemente produzir (re)encontros entre os corpos urbanos.

### A (re)ativação do corpo

Como primeira questão da discussão, se impõe à reflexão sobre as errâncias a percepção do próprio corpo enquanto: (a) um espaço com características próprias, tanto de ordem dimensional/física, quanto no embate desse espaço com outros; (b) mediador entre espaços – um espaço-membrana entre um dentro e um fora - que percebe o mesmo de modo mais ou menos permeável; (c) um “dispositivo” que percorre, altera, interfere e modela espaços, ao tempo em que é interferido por ele. Essa simplificação esquemática nos permite refletir sobre alguns desdobramentos.

A questão material do corpo enquanto uma descrição aparentemente objetiva é, em si, um dos pontos a partir dos quais a lógica modernista se vê interpelada pelos rastros pós-modernos. O corpo, ainda que tenha uma extensão, um peso, uma cor, é sempre também um corpo que se constitui socialmente. Baseadas nas marcações de diferenças que esses traços nos corpos produzem, se constroem importantes territorializações. Essas constituições de diferenças revestidas na pós-modernidade em questões de ordem identitária são características que estabelecem modos de ver, proibições, conflitos. Há também uma interferência marcada pela subjetividade que cria certo *jeito de corpo*: amplitudes, ritmos, gestos.

Com o tempo percebi que uma certa configuração de meu próprio corpo – baixa estatura, olhos teimosamente míopes a despeito de todos os óculos, um certo medo fundamental o incitava-me a privilegiar as coisas que estão embaixo. Tenho o costume de olhar olhando para o chão. [...] Julguei então por bem transformar essa genérica timidez diante das coisas, essa vontade de fugir ou de permanecer numa perpétua atenção flutuante, em observação de tudo que está embaixo: as primeiras coisas a serem vistas, as coisas que temos debaixo do nariz, as coisas chãs (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 28).

Esse mesmo corpo é também uma membrana, borda, margem. Enquanto se deixa atravessar pelos aspectos sensórios, é através desses mesmos apelos que percebe a relação com o “ao redor”. Bachelard, Hall e Tuan são alguns dos autores clássicos que discutiram o espaço tomando o universo sensorial por referência. Mais contemporaneamente e a partir de um olhar arquitetônico, Pallasmaa tem se debruçado sobre os sentidos, suas correlações e no quanto a percepção da arquitetura se constitui com eles. “O corpo lembra, mesmo quando não somos capazes de acessar outras marcas sensoriais” (PALLASMAA, 2017, p. 23), diz o arquiteto. Essa memória que extrapola e articula os sentidos está ancorada numa noção de espaço vivido a partir da qual seríamos incentivados a pensar a experiência do espaço através dos atos que praticamos e dos embates entre nossos corpos e os espaços nos quais estamos imersos.

Num embate atual sobre as implicações do virtual na relação com os corpos chega-se à noção de hiper-realidade e do corpo pós-orgânico, em cujas percepções sensoriais se incluem as marcas desse “real rasurado” tecnologicamente. Dentro desse debate o ano de 2016 foi emblemático, por haver incorporado aos espaços urbanos a vivência de jovens a mirar os espaços através da tela de seus *smartphones*, a caçar *Pokémóns* – experiência que foi debatida exaustivamente com as turmas do ano em questão, nos colocando a questão de se seria possível tratar o jogo como mediador de fato com a experiência urbana.

Enquanto dispositivo, o corpo poderia ser aqui pensado na dimensão de uma “corpografia”, conceito proposto por JACQUES (2008) para tratar da coimplicação entre os corpos dos praticantes das cidades e dos espaços urbanos. “O estudo corpográfico pode ser interessante para se compreender as pré-existências corporais resultantes da experiência do espaço, para se apreender as pré-existências espaciais registradas no próprio corpo através das experiências urbanas” (JACQUES, 2008)

Evidenciar o corpo no debate sobre o caminhar parece fundamental enquanto ferramenta discursiva e metodológica porque é ele, nas três dimensões elencadas, que encontra cidades e com elas estabelece relações. Por outro lado, nas experiências didáticas aqui relatadas, é o momento de pensar o próprio corpo aquele em que o esforço se mostra mais difícil para os estudantes. O exercício de produzir um diário de corpo – do *seu próprio* corpo – atento aos gestos, ritmos, à forma como os espaços o modificam, às suas interações, é o primeiro esforço que propomos. Demora-se algumas semanas nesse estado de auto atenção. Há incômodo.

A discussão geralmente caminha para uma mescla entre uma narrativa do cotidiano e uma análise da própria subjetividade condensada na noção de personalidade. Rompe-se com essa estrutura, em que os estudantes tendem a buscar relações causais imediatas entre gesto e emoção, ao propor um jogo de observação distinto do primeiro, ainda que de certa forma complementar. Em duplas, os estudantes passam a “*stalkear*” um colega por uma semana: atentar para os gestos, ritmos, etc

e trazer à tona o que esse olhar externo observou.

O cruzamento entre essas duas percepções faz ver novas camadas impressas nos corpos e a partir dessa troca os alunos produzem o que chamamos de *objetos corpográficos*: tentativas de traduzir a percepção construída até então para um objeto-dispositivo que tomará o corpo de um colega como suporte e que deve incorporar o movimento como premissa. Essa etapa foca, assim, numa reativação da experiência corpórea e suas implicações na experiência espacial.



Imagens 1 a 4 - Objetos corpográficos produzidos na disciplina Linguagem e Expressão Espacial. Aproximados aos parâmetros de Oitica, os objetos propostos se entrelaçam aos corpos e só têm sua materialidade substanciada através dos movimentos dos mesmos. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2018.

#### A cidade não mora mais em mim

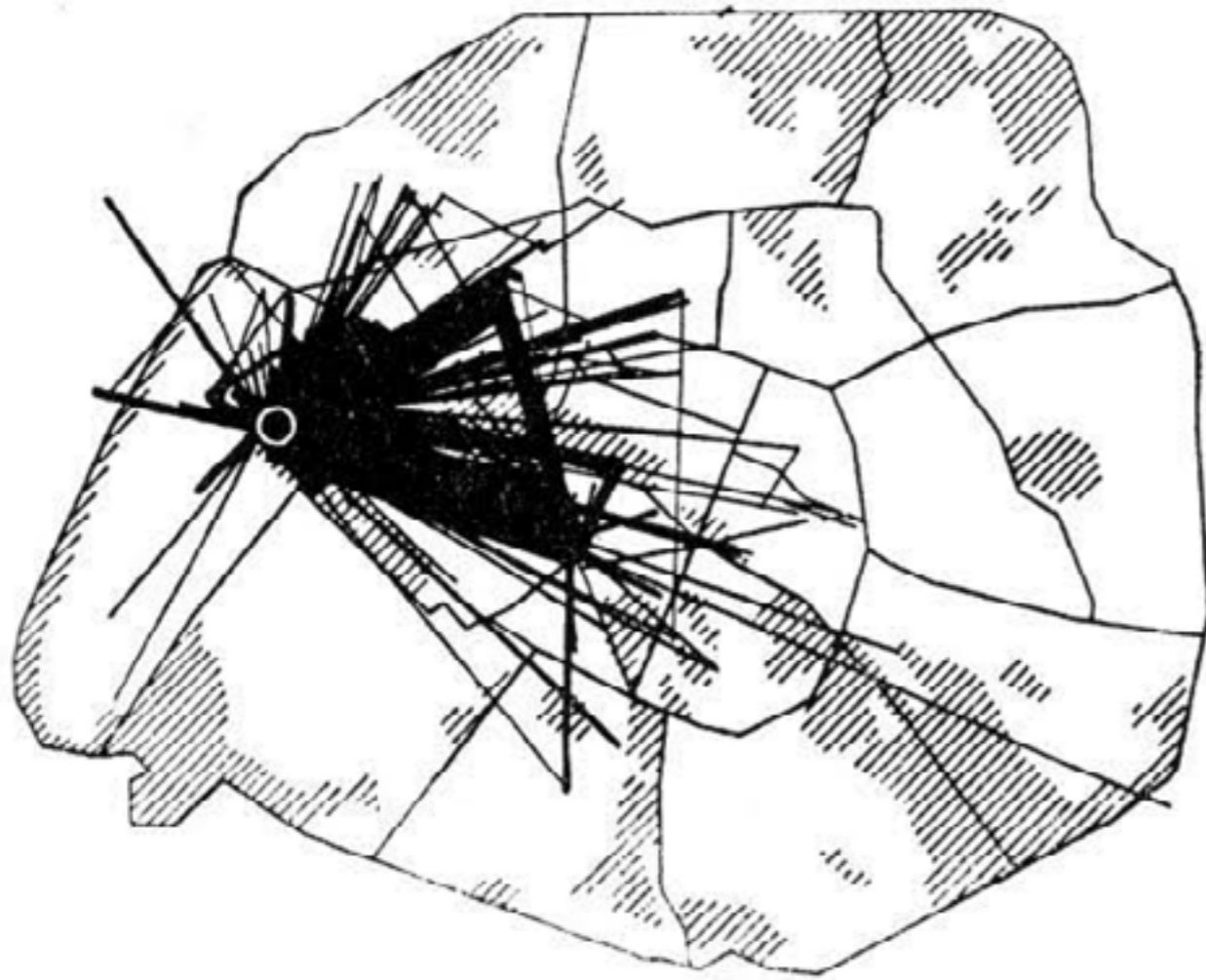
Percebi que, nas faculdades de arquitetura, os estudantes – ou seja, a futura classe dirigente – sabem tudo de teoria urbana e de filósofos franceses, acham-se especialistas em cidade e em espaço público, mas, na verdade, nunca tiveram a experiência de jogar bola na rua, de encontrar-se com os amigos na praça, de fazer amor em um parque, de entrar ilegalmente numa ruína industrial, de atravessar uma favela, de parar para pedir uma informação a um transeunte. Que tipo de cidade poderão produzir essas pessoas que têm medo de caminhar? (CARERI, 2013, p. 242).

Ainda que desejasse, não posso discordar do relato de Careri ao tratar dos estudantes que iniciam os cursos em que leciono. Através de processos diversos que se estruturam em nossas cidades, é cada vez mais frequente que a experiência urbana acumulada pelos alunos dos primeiros períodos seja alarmantemente restrita.

Quando os situacionistas destacaram a limitação experiencial da vivência urbana dos estudantes parisienses através do mapa publicado por Chombart de Lauwe em *Paris et l'agglomération parisienne*, que evidencia os trajetos de uma estudante por um ano e que resulta espantosamente num triângulo entre sua casa, a universidade e a casa de seu professor de música, estabeleceram uma síntese que permanece em certa medida atual.

Após discutir a percepção corporal e incentivar um olhar interessado nos espaços urbanos, ainda nos deparamos com certa desconexão com os mesmos, muitas vezes apresentados como variações do triângulo do mapa. Mesmo o trajeto até a Universidade, pelo qual iniciamos nossa discussão, é seletivamente nulo, tanto para os estudantes que usam transporte individual quanto o coletivo. Nessas situações o argumento da “cidade perigosa” ganha fôlego e notamos uma certa naturalização do afastamento, uma vez que a cidade não parece um lugar sequer de possibilidade de estar.





Como parte de uma preparação para romper esse distanciamento estabelecemos com os alunos um momento imaginativo e conjectural em que primeiro debatemos e selecionamos lugares na cidade com os quais eles gostariam de estabelecer contato. Num segundo momento, eles controem um exercício de síntese das expectativas para com esses lugares. Nesse momento, a depender dos espaços da cidade a serem percorridos surgem preocupações que reafirmam a noção da cidade enquanto território hostil. É comum que dentro desses relatos surjam elementos como medo, incômodo e ansiedade.

Sentimos, assim, a necessidade de (re)aproximação dos estudantes com a cidade, que tem início com errâncias cuja primeira finalidade é, ainda, (re)conectar os corpos dos futuros arquitetos, urbanistas e designers com os corpos multifacetados da cidade. Partimos de uma compreensão “do potencial da deriva artística, enfim, de funcionar como ferramenta para a posse de um território em reconhecimento” (VISCANTI, 2014, p. 17). O território em reconhecimento é um território em processo – a se constituir no encontro, a ser cartografado *nos* e *pelos* corpos.

Essas primeiras errâncias são experienciadas de modos distintos, nos quais cada estudante, retomando a reflexão sobre o seu próprio corpo e seus modos perceptivos, propõe para si um “deslocamento”. Há quem vende os olhos, exercício imediato de perda do controle determinado pela centralidade do visual. Há quem crie para si uma “persona”, teatralização que muitas vezes facilita a incorporação de novas modalidades gestuais. Não há nesse primeiro momento um condicionante à

experiência além do se deslocar: de si e na cidade. Para muitos essa é a primeira vez em que se dedicam a caminhar a cidade. Perdem-se conscientemente. Erram. Alguns, já aí, percebem a importância de estabelecer contato com os *outros* do lugar (o que será retomado depois por todos).

Uma vez finda a jornada, os relatos se organizam em diários de bordo, que narram as percepções em suportes variados e se apresentam enquanto espécies de “mapas psicogeográficos” do encontro com a cidade. O diário é trazido aqui como espaço narrativo em primeira pessoa que relata reflexivamente a experiência. Num segundo momento, como parte da reflexão sobre os espaços da Universidade



Imagens 6 a 8 - Diário de Bordo desenvolvido por aluno, com ênfase na ideia de irreversibilidade. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2016

e da cidade, mas compreendendo que ambos se complementam, exercitamos como provocação e síntese reflexiva uma intervenção coletiva no espaço da FAU-UFAL através da qual certas percepções, ambiências e afetos cartografados pelos alunos se agrupam. As instalações, penetráveis e interativas, criadas pelos estudantes são transposições/traduições das afetações que os espaços urbanos provocaram, agora com ênfase nas trocas coletivas.



Imagens 9 e 10 - Instalações produzidas por estudantes na FAU-UFAL. Essas instalações funcionam como expressão reflexiva e permitem explorar as transposições entre experiências vividas na cidade e propostas espaciais-relacionais. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2017-2019





### Estabelecer contato

Nos dois momentos narrados até aqui há um certo centramento involuntário das experiências. Ainda que fragmentado, contraditório e em construção, há uma ênfase num *eu* que percebe a si e à cidade. Numa perspectiva em que cada vez mais nos vemos *descarnados e conectadamente desconexos*, sem dúvidas esses momentos de acentuação do eu, um eu com corpo, que percebe e narra experiências em primeira pessoa é fundamental, inclusive como alargamento acadêmico das possibilidades do saber científico.

No entanto, sentimos ao longo do acúmulo dessas experiências, que havia a necessidade de um descentramento também desse sujeito (agora encarnado – um *cogito* que sente). Caminhamos assim para a necessidade de reintroduzir a *relação* como um dos pontos desejados nesse caminhar cidades.

O desconforto com a finalização sem que esta etapa fosse introduzida relaciona-se à necessidade de compreender o espaço da cidade como lugar praticado por uma miríade de gentes. As cidades se mostram diferentes para diferentes grupos sociais e mais que um exercício imaginativo, compreendemos que o ato da escuta é também fundamental na cartografia dos lugares urbanos. Tal escuta ultrapassa a romântica noção do “dar a voz”, em certa medida fortemente autoritário. Trata-se de estabelecer relação e ouvir.

Nessa etapa as compreensões que nos chegam através das experiências da antropologia urbana de Gilberto Velho nos parecem profícuas, especialmente quando nos coloca em embate com a observação aproximada na nossa própria cidade. O autor nos lembra que “falar a mesma língua não só não exclui que existam grandes diferenças no vocabulário mas que significados e interpretações diferentes podem ser dados a palavras, categorias ou expressões aparentemente idênticas” (VELHO, 2013, p. 71). Dessa forma, a experiência dos lugares urbanos é sempre incompleta e passível de ser reformulada, alargada, problematizada pelo encontro com os muitos outros urbanos.

A construção de pontes com pessoas que atravessam a trajetória desse caminhar errante torna-se então uma questão posta e o exercício de encontrar brechas que

permitam seu cruzamento uma tarefa para os errantes aprendizes. Nessa etapa a aproximação se dá através de grupos e pode implicar em intervenções espaciais que tenham por premissa a interação das pessoas com os espaços. Propõe-se aí o demorar, o parar. A ativação agora se dá no choque com a pele do outro e nos afetos que daí decorrem.

O ponto é, com efeito, como projetar uma direção, mas com uma ampla disponibilidade à indeterminação e à escuta dos projetos dos outros. [...] O que se disse tem muito a ver com processos criativos *relacionais* ou *participativos*. Por serem duas palavras usadas em demasia pelo mundo da arte e da arquitetura, falemos de processos criativos que só podem realizar-se através de um intercâmbio com o Outro. (CARERI, 2013, p. 243).



Imagens 13 e 14 - Intervenções produzidas por alunos na cidade de Maceió. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2016 e 2019.



### Considerações finais

Iniciamos este artigo tratando dos momentos em que o debate acadêmico dentro das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo brasileiras começa a abraçar de maneira mais sedimentada a deriva situacionista, inclusive enquanto ferramenta metodológica. No campo ampliado das artes as errâncias se fizeram presentes desde pelo menos os primeiros impulsos de urbanização moderna.

Como exercício urbanístico a contrapelo, resistência urbana encarnada e lúdica, o caminhar a esmo se coloca como uma espécie de antítese ao amortecimento e à espetacularização urbana, como propõe Jacques, mas também como prática de reencontro com o próprio corpo, a experiência da narrativa, a cartografia pisada e os muitos outros da cidade.

A medida da cidade é esta: você pode ouvir a risada das crianças, o bater das asas dos pombos e o grito do vendedor ambulante na cidade de sua memória? Você consegue recordar o eco dos seus passos? Na cidade de sua mente, você seria capaz de se apaixonar? (PALLASMAA, 2017, p. 55).

É por entender a necessidade dessa cidade experiencial como parte do processo de construção de um olhar essencial ao arquiteto, urbanista e designer que seguimos alimentando e refletindo sobre essas experimentações didáticas ao longo dos últimos 15 anos. Compreendo que o processo de feitura cotidiana das cidades é complexo, se estrutura em relações de poder assimétricas e não se fecha nunca. No entanto, entendo também que retomar a discussão acerca do caminhar a cidade com um corpo ativo e sensível é um caminho para potencializar olhares e encontros entre corpos urbanos.

### Referências bibliográficas

CARERI, Francesco. *Transurbância + Walkscapes: ten years later*. Redobra, 2013: 235-247.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias Urbanas*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 053.04, Vitruvius, fev. 2008. Acessado em 25 mai. 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Breve histórico das errâncias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 053.04, Vitruvius, out. 2004. Acessado em 13 de mar. 2006. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>.

PALLASMAA, J. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

## DERIVA, DELÍRIO, DEVANEIO modos de caminhar e perceber a cidade

Carlos Henrique de Lima<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho é uma especulação teórica desenvolvida a partir de três noções: *deriva*, *delírio* e *devaneio* – palavras que circularam em diferentes tempos e espaços urbanos na segunda metade do século XX. *Deriva* refere-se aos métodos situacionistas de circular nas cidades. *Delírio* faz menção ao manifesto de Koolhaas sobre Manhattan publicado em 1978. *Devaneio* está presente numa passagem do Relatório do Plano Piloto de Brasília, de Lucio Costa, e faz menção ao caráter aberto e especulativo dos espaços urbanos que o arquiteto havia então projetado. Os termos revelam aspectos das cidades às quais se referem e, acreditamos, nos fornecem pistas sobre uma vida ao rés-do-chão que, em certa medida, escapa às prescrições urbanísticas. Neste ensaio, estas palavras contribuem para tecer uma reflexão focalizada no Plano de Brasília.

Palavras-chave: deriva, delírio, devaneio, Brasília.

## DÉRIVE, DELIRIUM, REVERIE ways to walk and perceive the city

### Abstract

This work is a theoretical speculation developed from three notions: drift, delirium and reverie - words that circulated in different times and urban spaces in the second half of the twentieth century. Drift refers to the Situationist methods of circulating in the city. Delirium refers to Koolhaas's Manhattan manifesto published in 1978. The reverie is present in a passage from Lucio Costa's Brasilia Pilot Plan Report and refers to the open and speculative character of the urban spaces he had designed. The terms reveal aspects of the cities to which they refer and, we believe, provide us with clues about a daily life that cannot be totally assimilated by prescriptions of urban projects. In this essay, these words contribute to a reflection focused on the Brasilia Pilot Plan.

Keywords: drifting, delirium, reverie, Brasilia.

A modernização foi enfrentada de variadas formas no campo que trata da cidade e do urbanismo. Em Guy Debord, intelectual das vanguardas políticas e artísticas europeias, a crítica ao capitalismo também era crítica à cidade num momento em que esforços de reconstrução urbana tomavam corpo em países arrasados pela guerra. Nos Estados Unidos, Rem Koolhaas propõe a conjugação entre culturas de massa e práticas urbanísticas, enxergando aí virtudes que, segundo o arquiteto, nunca foram enfrentadas devidamente no campo intelectual. Anos antes, ao final da década de 1950, Lucio Costa elaborou espécie de poética do cotidiano, do sujeito comum, por meio de textos de caráter ensaístico que se condensam no relatório do Plano Piloto de Brasília – elaborado para o concurso que escolheria o projeto da nova capital do Brasil.

Neste ensaio, destacamos três palavras referentes à reflexões dos autores supracitados: *deriva* refere-se aos procedimentos experimentais da Internacional Situacionista em circular com olhar crítico pelas cidades; *delírio* faz menção ao manifesto de Koolhaas sobre Manhattan, *Nova York Delirante*, originalmente publicado em 1978, em que o autor reflete sobre as novidades urbanísticas por ele identificadas como produtoras de constante instabilidade programática; *devaneio* está presente numa passagem do Relatório do Plano Piloto de Brasília (1957) de Lucio Costa e faz menção ao caráter aberto e especulativo dos espaços urbanos que havia então projetado. Em nossa interpretação, o caminhar/deslocamento é o que conecta essas três formulações. Consideramos que este nexos pode contribuir para perceber a cidade em seu caráter mutável e impermanente e que portanto guarda relativo contraste com o que for a apreçoado em diversas propostas urbanísticas da segunda metade do séc. XX. Nessa leitura, o cotidiano emerge como lugar da produção de sentido e de lugar. A aposta que se faz está mais próxima das experiências que das prescrições. Por isso, estes termos são em boa parte críticos em relação espaços a que se referem e fazem ressoar percepções contrastantes quando relacionados aos parâmetros morfológicos e normativos que integram o campo do projeto e planejamento urbano.

Se consideramos que as experiências nas cidades são formadas por uma paralaxe de percepções, o caminhar passa a ser instigador de leituras sobre o mundo e a vida. Na esfera das teorias urbanísticas, a experiência comparece como elo entre os saberes e a dimensão vivida. É o caso dos errantes urbanos que desestabilizam as noções hegemônicas de interpretação e intervenção nas cidades (JACQUES, 2012; SCHVARBERG, 2011). Fazendo alusão a Benjamin (2000), o que se propõe é considerar o que está narrado em *letras pequenas*. Remetemos aqui a uma vida ao rés-do-chão (CÂNDIDO, 1984), fonte e foco para caminhos de leitura que nos leve à outras compreensões dos aspectos histórico-culturais que configuram a cidade.

Por meio dos termos aqui elencados – deriva, delírio e devaneio – procuramos indagar sobre aquilo que muitas vezes fica suprimido nos professos de formação dos espaços urbanos. Consideramos estes termos como enunciadores críticos a aspectos da modernização. Nestes três casos, falamos de campos atrelados às zonas psíquicas latentes da cidade (deriva), ao ingovernável e o imprevisível – dizendo de outra forma, ao fantasioso – relacionado ao acúmulo (delírio), ao que se apresenta contrário aos prognósticos da razão e da vontades presentes na urbanização moderna (devaneio). Nos três casos, há deslocamento da percepção totalizadora do espaço urbano: na deriva, a respeito de se perder entre espaços, o caminhar como aspecto prospectivo; no delírio, a impossibilidade de se prescrever por meios tradicionais uma cidade pulsante como Nova Iorque, espécie de objeto potencial que não se deixa apreender na perspectiva do plano; no devaneio, a modernidade apresentada como inquietação numa cidade rarefeita e abstrata, oferecendo novos entendimentos sobre os acordos entre técnica, cultura e natureza.

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB).



O que se apresenta aqui é menos uma investigação e mais um deslocamento entre estas palavras, tendo como foco uma reflexão a respeito das cidades a que se referem. Particularmente, o interesse recai sobre Brasília – sua formação e seu estado presente.

### Deriva

Contradições consideráveis permeavam o ambiente cultural europeu e parisiense ao final da década de 1960. A França se recuperava (simbólica e economicamente) do trauma da Segunda Guerra. Dentre outros fatores de otimismo, havia o pleno emprego. Mas isso não foi bastante para conter a maior greve da segunda metade do século XX em que milhares de pessoas tomaram as ruas com reivindicações que não diziam respeito apenas às questões materiais e distributivas, isto é, questões de classe. Sem programa definido ou proposição estruturada, estudantes e operários marcharam pelas ruas de Paris desafiando poderes – no entanto, sem ambicioná-los. A aversão às instituições é traço marcante destes movimentos que ficaram registrados na história como *maio de 1968*. É algo que também se apresenta na obra de Guy Debord (1931-1994) e demais formuladores da Internacional Situacionista. Dentre as instituições questionadas está o urbanismo e suas práticas, sobretudo aquele caracterizado pelo funcionalismo dos CIAMs (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna).

Os textos de Debord nos ajudam a compreender embates e dilemas cabais que emergiram no campo da esquerda em 1968. Assimilando influências do movimento Dadá e do Surrealismo, para Debord a vida cotidiana estava impregnada pela política. Contra a hegemonia das posições fixas encarnadas no agenciamento moderno, os Situacionistas propuseram *desfazer e reconfigurar* como operações urgentes. Com efeito, formularam um pensamento assentado nas ideias da psicogeografia, da deriva e da construção de situações (JACQUES, 2003a).

O maio de 68 não é movimento precursor da IS. Esta foi fundada dez anos antes a partir da combinação de grupos e movimentos que pesquisavam novas proposições para os campos da cidade, da arquitetura e do urbanismo. Em consonância com os movimentos sociais dos anos 1960, consideram os modos de vida de cada época indissociáveis de reivindicações revolucionárias. Defendiam o lazer como princípio e a invenção como prática. Para eles, os métodos de produção urbana deveriam dar espaço à construção contínua de situações, resultando num urbanismo menos laudatório e mais permeável. Constant Nieuwenhuys e Asger Jorgensen elaboraram a partir daí um pensamento urbano motivado pelo humanismo e pela crença revolucionária.

O termo *situações construídas* passou a circular entre estes intelectuais no final dos anos 1950 (BANDINI, 1998, p. 45, tradução do autor) para descrever “momentos da vida deliberadamente construídos por organizações coletivas, [um] ambiente unitário [...] associado à criação global da existência”. A construção de situações se realiza perante o “[...] princípio característico do espetáculo: a não participação”; e se cristaliza em torno da ideia de liberação da vida cotidiana diante do pensamento arquitetônico e urbanístico do funcionalismo (DEBORD, 2003, p. 57). A construção de situações rompe com o mundo roteirizado da arquitetura moderna, criando ambiências unitárias concreta e deliberadamente construídas por coletividades. Os Situacionistas afirmam que o funcionalismo, por seu caráter doutrinário, impede ou limita tais possibilidades de emancipação (idem).

No plano intelectual e prático, os Situacionistas questionavam o caráter programático

e disciplinar do urbanismo, propondo ações politicamente engajadas como forma de pensar quadros alternativos para o cotidiano. Estas alternativas estavam centradas na produção coletiva da cidade com convergência total entre arte e vida. Na noção de um *Urbanismo Unitário* proposto por Constant Nieuwenhuys nos anos 1950, enaltece-se a diversidade espacial contra o regramento urbanístico. Anos antes, parte destes movimentos, dentre os quais os *letristas*, consideram a deriva como prática de andar sem rumo, como *distração*. No *Urbanismo Unitário* o termo ressurgiu como possibilidade de alterar percepções automatizadas do espaço urbano, como manifestação contrária ao urbanismo normativo e utilitarista. O Situacionistas propunham ações articuladas em torno da dissidência e a favor de um espaço urbano capaz de revelar seus campos latentes.

Como observa Jacques (2002, 2003), talvez seja demasiado falar numa teoria urbana Situacionista. Por outro lado, a *construção de situações* e a *psicogeografia* da deriva são os elementos do repertório do grupo assentados na desconstrução da cidade existente. Diante de uma Paris de espaços públicos em franca modernização, as críticas Situacionistas viam a possibilidade de derivar e, com isso, articular novas imagens de sonho, algo como uma modulação temporária e influenciadora que, apesar de não ter em si um futuro, converte-se em potencial meio de ação. Amplificar as práticas experimentais seria uma oportunidade de reorientar as percepções capturadas pelo espetáculo que estava atrelado ao conforto material.

A arquitetura é um *meio de ação* (IVAIN, 2007, p. 22). Derivar é meio de formular hipóteses audazes, de produzir mapas *psicogeográficos* relativamente arbitrários “[...] de caráter não precisamente gratuitos, mas sim absolutamente insubmissos às influências habituais” (DEBORD, 2007, p.44). Quer dizer, imagens que, por realizações parciais, pudessem deslocar elementos urbanos, reordenar cenários e lugares. Nas palavras de Debord, “campos de força” que tenderiam ao equilíbrio instável e o aumento qualitativo de resultados imprevisíveis (ibid., p.52).

A deriva é parte da liberdade e do jogo instável descrito por Debord. Algo que poderia conduzir a comportamentos experimentais. E isto deveria ser incorporado por meio da arquitetura como alternativa libertária às investidas da cultura dominante. O comportamento lúdico-constructivo defendido por seus pensadores envolve deixar-se levar pelo inesperado, em que o acaso atua mediante novas e mais favoráveis condições. Neste sentido, o caminhar pela cidade é a reivindicação de aventura, da emergência de uma criatividade coletiva que acarreta o uso inventivo da cidade.

### Delírio

Em 1978, Koolhaas publica *Nova Iorque Delirante*, livro de considerável importância para estudos a respeito da modernidade e suas consequências. Koolhaas descreve com admiração a vitalidade de Nova Iorque, cidade moderna onde se pode identificar princípios para um urbanismo contemporâneo. Para Koolhaas, em Nova Iorque as formas vorazes do capitalismo se mostram com esplendor, pois atreladas à cultura de massas – atitude que irá afastá-lo do grupo de intelectuais ao qual pertence (MONEO, 2008). Neste manifesto sobre Manhattan, Koolhaas procura desfazer o vínculo da modernidade com as utopias que estão na origem das vanguardas europeias, aceitando as muitas contradições que permeiam a dinâmica metropolitana daquele então. Com isso, busca maior articulação e convergência com a mutabilidade dos lugares; não com metas sociais amplas e preestabelecidas. Desse modo, o arquiteto se dirá confiante ante a modernização, mas crítico ao modernismo – sendo este caracterizado como movimento essencialmente artístico (KOOLHAAS, 2002).

Essa cultura de massas produz uma energia que impede a assimilação de Nova Iorque à qualquer tratado urbanístico. O *grid* de Manhattan escapa da interpretação apriorística da ciência urbana. Desde o Renascimento, quando a cidade deixa de estar sujeita sobretudo às circunstâncias e contingências para se estabelecer como domínio projetável. Quer dizer, a cidade torna-se lugar cujo futuro pode ser pronunciado e os tratados de urbanismo comumente remetem a uma cidade ordenada, equilibrada e com densidades igualmente distribuídas (MONEO, 2008). Para Koolhaas, Manhattan representa a congestão em todos os níveis: de edifícios, infraestrutura, pessoas. O congestionamento é tomado em chave positiva. Algo com o que arquitetas/os devem saber lidar. Nova Iorque não consiste numa textura relativamente homogênea – um “mosaico de fragmentos urbanos complementares”; pelo contrário, na cidade, “cada quadra está sozinha como uma ilha, entregue fundamentalmente a si mesma” (KOOLHAAS, 2008, p.122).

Em Manhattan, consolidou-se uma experiência (não premeditada) de intensa transformação material a psicológica em que os edifícios podem ser usados com mais liberdade do que que costume e a forma edificada é alheia às exigências funcionais. Ainda: onde funções podem ser acomodadas à forma dos edifícios com menos dificuldade (MONEO, 2008, p. 287). Assim, exterior e interior, pertencem a dois mundos arquitetônicos diferentes (KOOLHAAS, 1977), sendo os interiores permanentemente fluidos, sincronizados à volatilidade dos cidadãos metropolitanos.

No manifesto sobre Manhattan, assim como em muitos de seus memoriais de projeto, a perspectiva que se tem é a do caminhante. As quadras no *grid* de Manhattan são estados em miniatura onde realidades alternativas se instauram, um contexto em que todas as quadras são iguais, “enfaticamente equivalentes na filosofia tácita da retícula [...]” (KOOLHAAS, 2008, p. 121). Não havendo correspondência entre função e lugar, os edifícios mantêm relativa indeterminação. As múltiplas referências que o arquiteto articula produzem uma *fecundação transformadora* (MONEO, 2008, p. 289), uma hibridação que não permite se chegar à solução definitiva. Nessa visão, arquiteto não é quem projeta e especula, mas um sujeito que está *entre* os processos, um *catalisador* com capacidade de produzir formas para abrigar os programas da vida moderna (idem).

A vida moderna acontece em diferentes escalas, entre a já referida cultura de massa e a esfera individual. O cotidiano acontece na sobreposição de experiências e sentidos, não só ao rés-do-chão, na rua, mas numa continuidade que se prolonga nos edifícios. Para Koolhaas, o arranha céu por vezes funciona como *contêiner*, cuja *grandeza (bigness)* é um dos maiores prodígios nessa espécie de sucessão de autonomias que é a cidade americana. *Delírio* é este modo de conceber a cidade como um continuum espacial: pavimentos mantêm correspondência com o chão da rua, a malha multidimensional que daí resulta (*grid*) é o campo fecundo em que se conjugam experiências diversificadas de deslocamento.

Um breve parêntese sobre algo de ilustrativo a esse respeito. Na reflexão sobre São Paulo que deu origem a sua tese, Bucci (2010) sugere ler os quilômetros de infraestrutura de mobilidade em São Paulo num conjunto que envolve não apenas as linhas de trem e metrô, mas também a malha de elevadores. Nessa espécie de cidade ampliada é possível os domínios públicos e privados estejam em constante reconfiguração.

Este potencial não é apenas retórica intelectual, mas algo acatado como virtude por Koolhaas quando desenha proposta para o concurso do *Parc de la Villette* (1982). Neste caso, a solução foi enfrentar o problema propondo arranjos provisórios de atributos desejáveis, em que a especificidade arquitetônica e a indeterminação

programática se apresentam num ajuste contínuo, podendo ser acomodadas numa experiência perceptiva (o projeto) relativamente estável (KOOLHAAS, 1995, p. 921). O princípio da indeterminação programática como base para a concepção formal permite qualquer modificação, derivação, reposição ou substituição sem que seja modificada a hipótese inicial. Nessa interface, surgem eventos imprevistos, ideia colocada ante o desafio de projetar um “condensador social baseado na congestão horizontal: o tamanho do parque” (idem). O projeto desenvolve numa sequência de diagramas em que são acomodados os elementos do programa, dos usos gerais aos particulares. Tática que permite criar uma dimensão máxima de bordas com um número elevado de componentes programáticos.

O arquiteto pensa o parque a partir de faixas (*bands*) que seriam ativadas por catalisadores específicos (MONEO, 2008, p. 298). As faixas permitem criar mudança e reposição, sem disjunção, a partir de pontos fixos de infraestrutura. A analogia proposta no memorial descrito é de um arranha céu cujos pavimentos acomodam eventos diversos e o resultado é mais do que a soma das partes. *La Villette* foi proposto como lugar de decompressão na malha urbana parisiense a partir da criação de duas formas distintas de caminhos: *bulevares* e *promenades*. Estas circulações obedecem a uma diferenciação hierárquica que varia conforme os interesses dos transeuntes e ao mesmo tempo é capaz de assimilar uma integração fortuita das faixas (*bands*). Koolhaas apresenta hipóteses da confluência de atividades, sendo estas configuradas por uma fisionomia particular. Isto é necessário em qualquer projeto. O que particulariza sua hipótese é o modo como elementos edificados se misturam num desenho marcado pela indeterminação: “arbustos ocasionais abrem vistas num jogo entre enclaves e conexões que produz um efeito de contração ou expansão do campo de visão aparente.” (KOOLHAAS, 1995, p.930, tradução do autor). *Promenades* e *Bulevares* oferecem duas experiências opostas de circulação: reservada ou extrovertida<sup>2</sup>. “Enquanto que o fim da *Promenade* é derivar continuamente, nos *Bulevares* se realiza um trajeto sem surpresas – seus estágios progressivos estão sempre claros” (KOOLHAAS, 1995, p. 931, tradução do autor). Na *promenade* há surpresa, nou *boulevares*, certeza. A vegetação, concebida na escala dos principais elementos arquitetônicos, também apresenta contrapontos. Segundo o memorial, “a floresta linear, ao sul do Canal de l’Ourcq e a floresta circular no centro do parque guardam correspondência dialética: do natural para o artificial, do sólido para o vazio, das espécies perenifólias para as caducifólias” (idem).

Assim como em *La Villette*, Koolhaas elabora outras hipóteses a respeito deste objeto potencial: a cidade em seu acúmulo de experiências formais e de uso. O caminhar nas cidades “delirantes” se faz diante de sua ambivalência programática e funcional. Na cidade contemporânea, a trama do *grid* talvez possa ser lida como as faixas propostas por Koolhaas para *La Villette*, em que predominam campos de tensão mais que zonas hierarquizadas. A experiência de circular por estes espaços se manifesta na radicalidade do uso livre, sendo este um valor paradigmático da arquitetura moderna.

## Devaneio

Os espaços livres sustentados pelos discursos da arquitetura moderna encontram em Brasília novas articulações. Quando circulamos no Plano Piloto percebemos o quão entremeadas estão as escalas da cidade. Nas unidades de vizinhança, compreende-se melhor o que é se distanciar do tráfego ruidoso da metrópole. Esta pretendida

<sup>2</sup> No original, “the secretive vs. the blatant”. C.f. KOOLHAAS, 2008.



diluição da estrutura urbana num arranjo rarefeito (WISNIK, 2001) entra em frequente contraste com as demandas de funcionamento da capital. Em muitos casos, caminhar por Brasília, seja no Plano Piloto ou nas cidades satélites, é enfrentar o vazio. Este vazio se configura ora como espaço potente, ora como lugar residual (no último caso, sofre frequentemente assédio especulativo do capital imobiliário privado).

Em Brasília, este vazio potencial e latente fundamenta uma passagem a respeito da concepção do Plano que soa instigante. No relatório de 1957, Lucio escreve que a cidade seria “própria ao devaneio e à especulação intelectual”, afirmando-a, assim, não apenas como propícia ao trabalho ordenado e eficiente, mas como cidade viva e aprazível, capaz de converter-se, “com o tempo, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país” (COSTA, 1995, p.283).



Imagem 1: Sem Título (2013). Fonte: Isabella Carneiro.

Devaneio é perder-se em cogitações, pensar coisas vãs, conceber na imaginação. É também divagar, “caminhar sem rumo; andejar; vagar, vaguear”<sup>3</sup>. Mais do que uma passagem a esmo, o tempo empregado por Lucio Costa revela uma aposta no cotidiano como algo semelhante à *quebra do monumental e da ênfase* referida por Cândido (1984) a respeito da crônica como gênero literário. Em Lucio Costa, este sentido cotidiano e de composição solta é identificado nas superquadras, sendo que estas não deixam de apresentar correspondência com a escala representativa e simbólica da capital. Forma-se uma *monumentalidade que não oprime*, uma “lírica do mundo comum” (TELLES, 2018, p. 626). Em vez de se debater com a oposição arte-técnica/ natureza-cultura, Lucio se situa entre estas categorias.

<sup>3</sup> AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. Dicionário Aurélio eletrônico século XXI. [S.l.]: Nova Fronteira, 1999. Versão 3.0 - 1 CD-ROM.



Imagem 2: Sem Título (2013). Fonte: Isabella Carneiro.

Nos textos de Koolhaas sobre a metrópole marcada pela *cultura da congestão* há presença constante do cidadão metropolitano, aqueles a quem o arquiteto se dirige com sua arquitetura. Nos vários textos de Lucio Costa, ele muitas vezes se dirige “a um interlocutor comum, o cidadão [...] seja ele usuário ou autoridade civil [...] Raramente aos arquitetos (TELLES, 2018, p. 617). Isto é revelador uma vez que, embora a obra de Lucio Costa seja tributária da matriz corbusiana, esta não resulta em um modelo. No lugar de discursos e de falas precisas do arquiteto suíço, Costa faz uso de amplas digressões e do tom coloquial. Lucio Costa encarna postura dubitativa em relação às prescrições e normativas da modernidade. Assume olhar afetuoso ligado à pessoa comum. Dá atenção semelhante ao que delimita seu plano urbano no âmbito geral e os pormenores relacionados aos seus efeitos na vida cotidiana.

Paralelos talvez possam ajudar nessa elucidação. Ao contrário da ironia de Frank Lloyd Wright e Corbusier - que demonstram espécie de “desespero afirmativo diante

do estado do mundo” (TELLES, 2018, p. 618) – Koolhaas abraça a indeterminação e a potência presente no *manhattanismo*. Costa, por sua vez, afasta-se da figura estrita do profissional: é um intelectual que se debruçou sobre contradições e dilemas das circunstâncias brasileiras. Por isso talvez, Telles (2018) identifique na crônica o registro mais próximo da maneira pela qual o arquiteto apresenta seus preceitos urbanísticos. Citamos outra vez Antônio Cândido (1984) para quem a crônica tem o ar de coisa sem necessidade e que, em sua despreensão, humaniza.

Exemplo disso está na própria descrição das superquadras, onde estas “seriam apenas niveladas e paisagisticamente definidas, com as respectivas cintas plantadas de grama e desde logo arborizadas, mas sem calçamento de qualquer espécie, nem meios fios” (COSTA, 1995). Igualmente reveladora é a maneira pela qual descreve diferentes entres porte e configuração da vegetação em diferentes escalas: nos setores monumentais as árvores formam fundo para as obras arquitetônicas, já nas áreas residenciais dominam a paisagem amortecendo-a, fazendo com que os prédios quase desapareçam entre as folhagens. Árvores e arbustos são dispostos ora em renques de espécies predominantes e suplementares em torno das quadras, ora em bosques de *feição naturalista*, caso da escala bucólica dedicada às amenidades e passeios bucólicos para a população. Há semelhança aqui entre o que Koolhaas argumenta sobre os contrastes entre os aspectos visual e sensorio que imaginou para *La Vilette*.

Na caracterização dos espaços que projetou, Lucio Costa deixa transbordar certo ideal de vida. Em Monlevade, vê-se “a feição desprestenciosa dos arruamentos e calçadas, como atualizações das velhas capistranas, pois o tratamento rústico dado ao paisagismo tem por função dissolver o caráter marcadamente urbano de seus espaços[...]”. A descrição da tonalidade branca das louças de uso diário é outro índice do quão prosaico pode ser um plano urbanístico. De forma semelhante, Lucio propõe cadeiras de lona verde, a serem mantidas pela municipalidade em Brasília, “para que o transeunte possa espairecer” (Lucio Costa, 1962, p. 322). Exemplos em que a vida na cidade se apresenta entre o que é generalizável (os códigos, as normas) e o particular (no cotidiano do caminhante, do transeunte). A cidade se contrói na presença, na interação, como quando escreve que os caminhos não deveriam ser prontamente pavimentados, mas apenas quando já estivesse desenhado pelo desenho dos pedestres. Em Costa, esta é uma das expressões em que mais se desfigura a objetividade do agenciamento moderno.

Podemos ir além no que se refere a essa incorporação efetiva do bucólico ao monumental e do amortecimento do conjunto urbano na paisagem adotadas no desenho de Brasília. Ronaldo Brito (2004) é muito preciso ao apontar que parece não haver na obra de Lucio Costa a oposição entre natureza e cultura, mas sim sua continuidade fenomenológica. Para Lucio, o ser humano é o veículo da tecnologia escolhido pela natureza. Se admitirmos a humanidade como o lado lúcido da natureza, encontraremos dificuldade em pensar nas oposições formuladas pelo desenvolvimento da modernidade arquitetônica. A diluição do desenho urbano enfrentada por Lucio Costa oferece fragmentos que configuram camadas de leitura apreensíveis apenas no convívio íntimo e prolongado que se faz em seus espaços abertos.

Lucio Costa mantinha postura oclante em relação à técnica e sobre a real possibilidade desta equacionar as carências do país. Diante disso, preenche seus memoriais com ironias sutis – ainda que carregas de afeto – o que constitui uma estética do cotidiano a das propriedades talvez seja a indistinção entre meios e fins. Assim, ao rigor geométrico que pode ser identificado no Plano Piloto de Brasília a partir de uma perspectiva aérea, é confrontado o despojamento que relativiza o caráter abstrato

dos espaços urbanos.

Em 1958, quando participava de um debate sobre cidades-capitais, Lucio dá uma resposta instigante o ser questionado sobre as superquadras. Afirma que gostaria de ver o mínimo de casas ao se percorrer o conjunto urbano, que não se poderia garantir no futuro a qualidade arquitetônica dos edifícios; que a ênfase deveria ser dada ao monumental, “quase como se estivéssemos fora da cidade quando se deixa o centro” (TELLES, 2004). Na mesma ocasião, o arquiteto diz que suas experiências são para criar percepções simultâneas entre diferentes escalas, unidades pequenas e independentes dentro da cidade, sem deixar de contemplar escalas maiores, as áreas monumentais.

Se em Corbusier “a defesa do mundo técnico é uma estratégia que faz de sua obra uma tática ofensiva” em Lucio, há hesitação ante “as relações sociais engendradas pela era moderna” (TELLES, 2004, p.179). Esta ambiguidade se manifesta na maneira como objetividades técnicas se misturam à reminiscências que a arquitetura deve à tradição. A técnica é um “pano de fundo que deverá suprir as carências mais imediatas [...] mas à arquitetura cabe reparar a maior carência de um país novo: a necessidade de cultura”, pois, no país, não há passado que tenha sedimentado uma tradição, algo de que Lucio se ressentia (ibid., p.180).

Estes problemas são muito significativos para pensar Brasília numa perspectiva pedestre, ao rés-do-chão. As referências aqui elencadas levam a caminhos que extrapolam esta leitura, ressaltamos apenas aspectos que implicam na dimensão corporal e perceptiva do caminhante. Em sua concepção sobre urbanismo, Lucio ressalta a feição nobre e digna que conduz ao sentido monumental – monumentalidade que não oprime, pois *não exclui a graça*. Em Costa, a descrição dos espaços se faz na perspectiva do caminhante, incorporando a seu modo a ideia de *promenade* tão cara a Corbusier. Em Koolhaas, o contraste entre *promenade* e *bulevares* se efetua na disposição e arranjo das árvores e na marcação das faixas no piso. Por sua vez, Lucio Costa descreve as passagens entre estas atmosferas por meio de vagas impreções.

No anteprojeto para a Universidade do Brasil (1936), galerias, pátios e varandas mostram estreitas relações e, combinados à vegetação, produzem um caráter de localidade, de simplicidade *derramada e desprestenciosa* (GOROVITZ, 1995). Este uso rarefeito do solo se apresenta também no projeto (parcialmente realizado) do Plano Urbanístico da Barra da Tijuca, onde se deveria manter o ar bucólico da campina verde – ressalte-se a distância entre as torres de habitação previstas: 1km. Em Brasília, o enquadramento arborizado foi pensado para garantir a feição recolhida e íntima. Na Plataforma de cruzamento dos eixos, o caráter gregário deveria ser também tanto quanto acolhedor

Essas percepções cruzadas (*derramada e concisa; gregária e acolhedora*) derivam de lugares geometricamente definidos mas que são também diluídos na paisagem. Aqueles que se movimentam a pé entre esses espaços estão sujeitos a deslocamentos sucessivos de percepção. São espaços nivelados paisagisticamente – cada qual a partir de um princípio, como assinalado acima – mas que estão sempre no limite entre *definição* e *dissolução*. Tal aspecto de *limiaridade* e *simultaneidade* coloca em suspenso o caráter propriamente urbano dessa concepção urbanística. Para Sophia Telles, reside aí uma relação alternada entre espaços íntimos e monumentais, em ambas as escalas, “[...] a preemência da paisagem agreste e dos amplos espaços [...]”, o que distancia seu projeto de outras experiências urbanísticas da arquitetura moderna em que se considera a planificação em decorrência dos problemas da era industrial” (TELLES, 2010, p. 196).



Assim, ao *devanear* por este espaço onde parece não haver síntese definitiva entre técnica e natureza, somos levados a buscar sempre restabelecer atributos e percepções. Em lugar de oferecer um cenário definitivo, Lucio nos leva a identificar o *menor* na grande escala, e vice-versa. A beleza da singularidade é confrontada por aspectos latentes e insinuantes feitos na contínua interseção da esfera cotidiana com as dimensões dos temas amplos, monumentais. O *devaneio*, talvez seja a aposta de Lucio em oferecer espaços de reflexão ao caminhante numa cidade de modo mais aberto do que seus contemporâneos. A brevidade de suas descrições deixa espaço para que se aposte no que será feito da cidade a partir das inclinações e aspirações que resultam do desejável amadurecimento cultural, da soma de visões de mundo.

### Considerações

Neste texto, apresentamos breves questões teóricas a respeito do caminhar em diferentes circunstâncias, levando em consideração aspectos presentes nas obras de três pensadores marcantes para a modernidade arquitetônica e urbanística. As palavras *deriva*, *delírio* e *devaneio* contribuíram para conduzir uma discussão em que apresentam problemas atinentes ao campo do urbanismo. Nossa intenção não foi localizar e restringir estas palavras aos seus contextos de emergências; ao contrário, estes termos sinalizam matizes e nuances de percepções no campo arquitetônico e urbanístico.

A ideia da deriva é tema que encontra relativa penetração nos campos do pensamento e da prática urbanística nos dias de hoje. A expressão é associada de forma recorrente às incursões potencialmente capazes de questionar e modificar modos de pesquisa e produção da cidade e representam um esforço de levar a sério àqueles com quem interagimos. Essa característica de alteridade surge num contexto de intensa movimentação política, em que a imagem urbana estava sendo modificada com grande rapidez – seguida de proporcional transformação nos modos de vida. O termo *delírio* foi mobilizado a partir do texto de Koolhaas sobre Manhattan para se referir o caráter impermanente desta cidade (moderna por excelência), formada em decomposição fragmentária, *ilhas* em justaposição. Nessa ótica, Manhattan é construída continuamente sobretudo a partir de experiências, e não de predeterminações herdadas.

De modo semelhante, *devaneio* foi o termo pinçado numa passagem escrita por Lucio Costa a respeito do Plano Piloto. Nas palavras do autor, a cidade moderna se caracteriza em boa medida pela vagueza e indeterminação, pela interrelação entre as escalas e pela definição geométrica diluída pela presença da vegetação. Isso torna a perspectiva do caminhante, de quem usa a cidade, importante para se considerar outras formas sensíveis fundadas na experiência que permitem perceber a cidade de forma mais múltipla que unitária.

### Referências bibliográficas

BANDINI, Mirella. *L'Esthétique, le Politique de Cobra à l'Internationale Situationiste (1948-1957)*. Tradução: Claude Galli. Roma: Editions Sulliver et Via Valeriano, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRITO, Ronaldo. Fluida Modernidade. In: NOBRE, Ana Luiza; KAMTA, J.M. Lucio Costa. *Um modo de Ser Moderno*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, pp. 249-245

BUCCI, Angelo. *São Paulo, razões de arquitetura. Da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes*. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

CÂNDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-99.

CÂNDIDO, Antonio. *Memória descritiva do Plano Piloto (1957)*. In: Registro de uma vivência. São Paulo: Editora do Sesc; Editora 34, 2018, p. 283-295.

DEBORD, Guy. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional. In: JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003, pp. 43-59.

FELÍCIO, Erahsto. *Internacional Situacionista: deriva, psicogeografia e urbanismo unitário*. Porto Alegre: Deriva, 2007.

GOROVITZ, Matheus. *Brasília: uma questão de Escala*. São Paulo: Projeto, 1995.

JACQUES, Paola Berenstein. *Internacional Situacionista: teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. *Breve histórico da Internacional Situacionista – IS*. In: Vitruvius, ano 3. Abril de 2003a.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EdUFBA, 2012.

KOOLHAAS, Rem. *Life in the Metropolis or The culture of congestion*. In Architectural Design n/. 47, 1977.

KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, Rem. S,M,L,XL. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.

MONEO, Rafael. *Inquietação Teórica e Estratégia Projetual*. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

SCHVARSBURG, G. *Rua de contramão: o movimento como desvio na Cidade e no urbanismo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2011.

TELLES, Sophia Silva. Utilidade Lírica. In: NOBRE, Ana Luiza; KAMTA, J.M. Lucio Costa. *Um modo de Ser Moderno*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, pp. 280-287.

TELLES, Sophia Silva. Ensaio sobre a utilidade lírica. In: COSTA, Lucio. Registro de uma Vivência. São Paulo: Editora 34 / Edições Sesc São Paulo, 2018, pp. 617-628.

WISNIK, Guilherme. Lucio Costa entre o empenho e a reserva. In: **Lucio Costa**, São Paulo: Cosac Naify, 2001.

XAVIER, Alberto (org.). *Lucio Costa: Sobre Arquitetura*. Porto Alegre; Editora UniRitter, 2007.

XAVIER, Alberto. Ensaio sobre a utilidade lírica. In: COSTA, Lucio. *Registro de uma Vivência*. São Paulo: Editora 34 / Edições Sesc São Paulo, 2018.



# UMA EXPERIÊNCIA DE CAMINHOGRÁFIA URBANA NO PORTO DE PELOTAS

## diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo

**Luana Pavan Detoni<sup>1</sup>**  
**Guilherme Pinto de Almeida<sup>2</sup>**  
**Karolina Dias Lopes Fernandes<sup>3</sup>**  
**Gabriel Silva Lopes Fernandes<sup>4</sup>**

### Resumo

Este trabalho apresenta diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo estabelecidos na realização de uma oficina de *caminhografia urbana*. Esta experiência explora a transdisciplinaridade das disciplinas de Atelier de Projeto de Arquitetura e de Técnicas Retrospectivas, Restauração e Patrimônio Histórico, no território do Porto de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. A questão deste estudo reside em como aplicar procedimentos que potencializam uma reflexão estética e ética. O ato de estudar através da caminhada compõe o principal objetivo da oficina. O propósito foi transitar e experimentar a cidade em meio aos seus espaços, suas histórias, seus diferentes significados e suas múltiplas camadas de significação. A oficina confrontou o paradigma do positivismo lógico em estudar a arquitetura da cidade a partir da subversão e sobreposição de procedimentos tradicionais, como o levantamento *topoceptivo* e as narrativas históricas.

Palavras-chave: arquitetura e urbanismo, estudo, caminhada, cartografia.

# AN EXPERIENCE OF WALKING AND CARTOGRAPHING IN THE PORT PELOTAS

## dialogues between heritage and study of architecture and urbanism

### Abstract

This paper presents dialogues between heritage and the study of architecture and urbanism established in the realization of an walking and cartographing workshop. This

<sup>1</sup> Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, e Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas. Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Anhanguera de Pelotas. E-mail: luanadetoni@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, e Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: guinotauro@gmail.com.

<sup>3</sup> Pós-graduanda em Arquitetura de Interiores pelo Instituto de Pós-Graduação do Rio Grande do Sul, e Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: karolinadiaslopes@gmail.com.

<sup>4</sup> Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, e Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Pelotas. Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Anhanguera de Pelotas. E-mail: arq.gabrielfer@gmail.com.

experience explores the transdisciplinarity of the disciplines of Architecture Design Workshop and Retrospective Techniques, Restoration and Historical Heritage, in the territory of the port of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. The question of this study is how to apply procedures that enhance aesthetic and ethical reflection. The act of studying through walking is the main objective of the workshop. The purpose was to transit and experience the city amidst its spaces, its histories, its different meanings and its multiple layers of meaning. The workshop confronted the paradigm of logical positivism in studying the architecture of the city from the subversion and overlap of traditional procedures, such as topoceptive survey and historical narratives.

Keywords: architecture and urbanism, study, walking, cartography.

### Introdução

Mais do que construir a figura ideal do estudante, o que me interessa agora é separar uma categoria administrativa (a do aluno), de uma categoria mais existencial (a do estudante) e, sobretudo, tentar diferenciar estudo de aprendizagem e tentar pensar o ofício de professor como ligado ao estudo (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 155).

A reflexão sobre a ressignificação da palavra estudo, anunciada por Jorge Larrosa na epígrafe, pauta o presente artigo. Este busca compartilhar uma experiência de estudar arquitetura e urbanismo, através de uma oficina de *caminhografia urbana* no Porto da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. O desafio colocado aos estudantes (alunos, professores e pesquisadores) explorou a transdisciplinaridade entre as disciplinas de Atelier de Projeto de Arquitetura e de Técnicas Retrospectivas, Restauração e Patrimônio Histórico, com o objetivo de fomentar o diálogo no âmbito da teoria, história e crítica do patrimônio na elaboração do projeto de arquitetura escolar.

O estudo, visto em Larrosa e Rechia (2018) como uma relação atenta, cuidadosa e paciente, transpõe a produtividade empregada aos conteúdos e métodos das disciplinas de formação curricular do curso de arquitetura e urbanismo. Os resultados de aprendizagem e as competências adquiridas até podem se esgotar, já o estudo nunca se encerra, é um constante entregar-se. Neste sentido, os procedimentos aplicados, em meio à caminhada coletiva da turma, não compuseram ferramentas com a finalidade trivial de aprender para, ao cabo, fazer um projeto de atelier. Esses procuravam antes compor potências para o estudo, a partir das reflexões estética, ética, social e política do território experienciado.

Ser professor é habitar um ofício que ocupa-se de pensar em modos e maneiras de fazer as coisas. O ato de estudar através de uma abordagem pós-estruturalista compõe o principal objetivo desta oficina de *caminhografia urbana*. O propósito foi transitar e experimentar a cidade em meio aos seus espaços, suas histórias, seus diferentes significados e suas múltiplas camadas de significação. A composição dessa experiência propõe estudar a cidade pela prática da *transurbância* proposta por Careri (2013), que, inspirada no movimento do *flâneur*, na deriva, no errante, aponta uma possibilidade metodológica para este estudo.

Neste viés, a experiência dos estudantes em meio à cidade contemporânea aponta à necessidade de olhar além das relações tipomorfológicas. Uma vez que nem tudo pode se encaixar em categorias interpretativas, e que se evidencia a inserção em um contexto múltiplo, sugere-se compreender essa cidade por fragmentos justapostos

casualmente sobre o território. A caminhada como prática social e estética, a fim de perder tempo para apropriar-se dos espaços, foi proposta junto à compreensão da cartografia, capturada enquanto método.

A cartografia inspirada junto ao movimento situacionista é proposta como uma possibilidade para realização de uma psicogeografia. Originalmente anunciada como um dos princípios do conceito de *rizoma* (DELEUZE; GUATARRI, 1995), diferencia-se do decalque, não decorre da repetição ou da reprodução, é sempre criação. Enquanto método de estudo, a cartografia busca uma constante transformação; não é definida nem definitiva. Um processo que possibilita ao estudo traçar suas metas ao longo do percurso, sendo *hódos* o caminho e *metá* a reflexão, configura um *hódos-metá*; ou seja, uma inversão no sentido tradicional do método (PASSOS et al., 2014).

A primeira experiência dessa oficina foi aplicada na forma de uma saída de campo. Somado a isso estava o desafio de romper com os preconceitos dos estudantes, acostumados com métodos mais positivistas. Neste ponto, o procedimento de levantamento *topoceptivo* serviu de tranquilizador, pois possibilitou imaginar um resultado na forma de produto a ser entregue, diminuindo as angústias dos estudantes ao lidar com a indefinição do objeto final.

O levantamento proposto por Maria Elaine Kohlsdorf (1996), no objetivo de apreender a cidade, tem como base a área da percepção ambiental e busca analisar o desempenho cognitivo dos lugares. O registro através de sequências visuais decorre da ideia de movimento, seleção e transformação. Os efeitos a serem percebidos são classificados em: visuais topológicos — amplidão, envolvimento, estreitamento, alargamento; visuais perspectivos — direcionamento, impedimento, emolduramento, mirante, realce; e semânticos — clareza, dominância, originalidade, associatividade, complexidade.

Tais efeitos são analisados a partir de estações, que correspondem a um lugar de parada provocado por algo que chama atenção. Essas ambiências são percebidas de acordo com o campo visual; ou seja, porção de espaço abrangida pela vista do observador — lateral esquerdo, frontal, lateral direito — juntamente com a combinação dos efeitos topológicos se/ou perspectivos identificados. Por fim, elaboram-se desenhos e o preenchimento de um quadro guia (JANTZEN; OLIVEIRA, 2018).

Outro procedimento adotado foi composto por narrativas históricas. A partir das estações de análise, pontos de maior permanência em meio à caminhada, buscou-se construir conhecimento pelas arquiteturas remanescentes e, também, pelos antigos fluxos: fluviais, ferroviários, rodoviários e peatonais. Essa caminhada cartográfica, que ocupava-se em demorar-se no território para senti-lo, também propôs enquanto procedimento a elaboração de desenhos, a anotação de informações pertinentes e a captura fotográfica. Entre prancheta, papel, lápis, mapa, fotografias, foram seguidos caminhos *derridianos*. Buscou-se questionar o pensamento logocêntrico da arquitetura: a verdade absoluta sobre cada experimentação e cada saber prévio foi colocada em jogo, frente a diferentes rastros de outros sentidos possíveis (DERRIDA, 2011).

No jogo de ler e escrever a cidade, buscou-se prolongar a experiência angustiante de definir um sentido, dificultando o lugar privilegiado do arquiteto que atribui um significado absoluto à cidade, às experimentações do espaço (DERRIDA, 2000). Seguindo linhas da historiografia, foi apontado que as histórias narradas ao longo do percurso eram alguns dos discursos possíveis. A grande narrativa histórica acaba sobrescrevendo outras narrativas menores, cabendo ao estudante estar atento à existência de outras representações na história. Pelas inúmeras relações feitas dos

objetos arquitetônicos aos seus rastros, nas diferentes camadas de significação na cultura, dificultou-se uma visão totalizante e objetivante da arquitetura, da cidade.

“A cidade pode ser descrita do ponto de vista estético-geométrico, mas também do ponto de vista estético-experiencial (CARERI, 2013, p. 159)”. A experiência dessa oficina de *caminhografia urbana* se desenvolveu justamente na diferença entre as múltiplas abordagens de estudo da cidade, compreendendo que entre elas existe o conflito paradigmático da representação, onde o positivismo e o logocentrismo ainda imperam como determinantes na forma do saber (DERRIDA, 2000).

### O mapa da *transurbância*



Figura 1: O mapa da *transurbância*. Fonte: Karolina Dias Lopes Fernandes, 2019.



A *caminhografia urbana* sugere um mapa capaz de acompanhar os processos e dar vazão às experiências; essa cartografia está sempre em movimento (DELEUZE; GUATARRI, 1995). Produzido pelo grupo de estudantes, esse mapa aconteceu de diversas formas: nas presenças e nos rastros que marcaram o território caminhado; nos desenhos e escritas sobre as folhas em branco, sobre o quadro síntese do levantamento *topoceptivo* e sobre a imagem de satélite; na captura espaço-temporal das fotografias e vídeos. Também, no ato político de ocupar o território do Porto num domingo pela manhã, subvertendo as noções do tempo cronos para fomentar os estudos de arquitetura e urbanismo.

Para Careri (2013), a experiência da *transurbância* acompanha quatro premissas, como um jogo. A primeira anuncia que todo território é caminhável, condição que rompe com a dicotomia do espaço público e do espaço privado. A segunda propõe que o percurso aconteça pelos caminhos menos óbvios e diretos — *andare a zonzo* — busca a essência do *flâneur*, e sugere a conquista do espaço, a apropriação da cidade, através do perder tempo. A terceira aponta que não é possível retornar pelo mesmo caminho. Assim como não é possível entrar no mesmo rio duas vezes, tanto pela transformação das águas quanto pela transformação do sujeito. Além disso, essa terceira condição afirma a importância das anteriores, permitindo que o muro seja adentrado e a busca pelo trajeto mais desafiadora.

Por fim, a quarta premissa busca a liberdade do ser, afirma que não há regras, fato que rompe com as demais premissas e estabelece um plano comum para composição cartográfica. Nesse mapa, as metas são criadas ao longo do caminho e traçadas pela experiência. Mais uma vez, a fim de diminuir as angústias provocadas pela liberdade e suas infinitas possibilidades, foi entregue a cada estudante um mapa tradicional. Este, elaborado com base na imagem de satélite, marcava dois pontos, catalisadores desse encontro: a Praça Domingos Rodrigues e o Colégio Estadual Félix da Cunha.

A praça marcava a primeira estação, enquanto ponto de partida da caminhada. O colégio marcava a última estação, mas também um ponto de partida, como local estabelecido para o lançamento dos projetos arquitetônicos da disciplina de Atelier. A imagem de satélite possibilitou aos estudantes outro ponto de vista do território que estava sendo explorado, especialmente para a compreensão de que o percurso tangencia um espaço marginal da cidade, o canal São Gonçalo. Embora pouco visível a partir da escala humana, durante o percurso da oficina, continuamente ele se fez presente nas narrativas históricas que constituem o território experienciado.

A região do Porto de Pelotas compreende uma parcela da margem esquerda do canal São Gonçalo, ligação natural entre a Laguna<sup>5</sup> dos Patos e a Lagoa Mirim. Sua ocupação, aponta a arqueologia, remonta a cerca de 2.500 anos, por nativos das tribos Tapes e Minuanos/Guenoas (MILHEIRA, 2014). A presença do colonizador europeu deu-se ainda no século XVI, através das bandeiras, e sua ocupação efetiva iniciou no século seguinte, quando foram consolidadas rotas para o comércio de gado, ligando as províncias do Sul ao Sudeste. No século XVIII, a posse do território em questão foi disputada — administrativa e militarmente — entre as coroas portuguesa e espanhola; embate que culminou com definição da posse lusitana em 1776. Uma das principais táticas empregadas pelos portugueses na consolidação da ocupação foi a doação de sesmarias. O espaço estudado corresponde, especificamente, a uma terminação ribeirinha da antiga Sesmaria do Monte Bonito, doada na segunda metade do século XVIII (GUTIERREZ, 2004).

<sup>5</sup> Tecnicamente uma laguna, pois salga com a entrada de água do oceano Atlântico, por vezes, tendo seu fluxo invertido, em função do regime das chuvas. Popularmente é referida como “Lagoa dos Patos”.

Logo das primeiras tentativas de desbravamento desse território pelos colonizadores portugueses, foi descoberto um ponto de passagem mais cômodo para atravessar o canal São Gonçalo. Tal passo facilitou a transposição do gado, bem como de homens embarcados em canoas. Nele foi estabelecido pedágio, que logo proveu considerável arrecadação, justificando a nomenclatura de Passo Rico. O Passo dos Negros, como ficou mais conhecido, devido à significativa presença de africanos escravizados, está localizado a poucos quilômetros a leste do atual cais do porto (GUTIERREZ, 2004).

O trabalho forçado dos negros escravizados foi o moto-contínuo da economia local nas charqueadas. Esses saladeiros, que tomaram proporções industriais no último quartel do século XVIII, existiram às dezenas. Eram terrenos longilíneos, subdivididos das sesmarias, e terminados em cursos d’água. Concentravam-se ao longo da margem esquerda do canal São Gonçalo e, principalmente, nas margens do arroio Pelotas, seu afluente próximo da foz com a Laguna dos Patos. Cada charqueada tinha seu atracadouro e trapiche particulares, com estrutura rudimentar, em estacada de madeira. Com o desenvolvimento local, em consequência da riqueza gerada pelo comércio do charque — principal produto da economia regional —, surgiram demandas relacionadas ao porto. Era necessário realizar a desobstrução da foz do canal junto à laguna, bem como melhor estruturar um porto público (GUTIERREZ, 2004).

No ano da criação da Câmara de Vereadores, 1832, uma das primeiras medidas tomadas foi a proibição das construções em uma faixa de 22 metros nas margens do canal São Gonçalo. No trecho foi construído um trapiche de madeira para atracação das embarcações. Em março de 1833 foi organizada a primeira tentativa de desobstrução da foz do canal, intento adiado pelo conflito farroupilha. Uma das batalhas dessa guerra civil veio a ocorrer no próprio canal São Gonçalo, em junho de 1836, visando o controle daquele trânsito fluvial-lacustre. A matéria da desobstrução só teria andamento junto ao governo provincial na década de 1860, e o projeto só seria executado em novembro de 1875. O porto de Pelotas estava finalmente apto a receber navios de maior calado, avanço significativo para o comércio e a economia locais.

O período coincidiu com o apogeu econômico da cidade, refletido em diversos melhoramentos urbanos, além de transformações sociais, com o incremento da chegada de imigrantes. No ano de 1865, em virtude da segunda visita de Dom Pedro II à cidade, foram calçadas e retificadas em seu traçado algumas vias, para a passagem do imperador, que chegaria via porto. Em 1870 foi firmado contrato com a Cia. Ferro Carril e Cais de Pelotas relativo aos serviços de operação do porto e de transporte público por bondes. A ambiência do cais e da praça Domingos Rodrigues (traçada em 1846), contígua, tomaria forma com a implantação dos trilhos e de um dos chafarizes importados pela Cia. Hidráulica Pelotense (GUTIERREZ, 2004).

Passado o ciclo áureo das charqueadas, o primeiro núcleo fabril em termos modernos formou-se na região portuária de Pelotas. Diversas indústrias instalaram endereço à margem esquerda do canal São Gonçalo, desde o antigo Passo dos Negros até as margens do leito original do Arroio Santa Bárbara, afluente do canal a oeste do porto. Dentre as fábricas de maior relevância, figura a “Cervejaria Sul-Riograndense”. Contribuíram decisivamente também para a formação deste núcleo fabril a instalação do ramal e da estação ferroviária fluviais, dada na segunda metade da década de 1900. O equipamento conectou o cais do Porto à Estação Pelotas da Estrada de Ferro Rio Grande-Bagé (inaugurada em 1884). Ainda na década de 1900 ocorre a construção o primeiro cais de alvenaria de pedra. A existência, ainda que intermitente, de uma alfândega própria, também foi importante para a operação dessas fábricas, que usufruíram desta facilitação burocrática em sua logística de

expedição de mercadorias, recebimento de maquinário e outros insumos. Em 1910 a praça Domingos Rodrigues foi arborizada em seu trecho norte, para onde foi levado o chafariz.

Outros melhoramentos significativos da estrutura do porto ocorreram na década de 1930, após estudos realizados nas décadas anteriores. Nesta data o cais foi aumentado em aterro sobre o canal e foram construídos três armazéns, servidos por avenida de acesso. Estas obras sofreram grandes atrasos e reveses. No ano de 1938 foi edificado o prédio definitivo da alfândega, junto à praça Domingos Rodrigues. Na década de 1940 o porto operava a pleno, seguindo com razoável movimentação até a década de 1970. A política de preferência pelo modal rodoviário, incentivada no país na segunda metade do século XX, preteriu os modais fluvial e ferroviário para transporte de cargas. O movimento de operação estava diretamente ligado à dinâmica do próprio bairro, influenciando na quantidade de trabalhadores circulando e de residentes.

Em termos de preservação do patrimônio, preocupação que, em Pelotas, remonta à década de 1950, a região do porto, especificamente, foi alvo de proteção a partir de 1999, através do dossiê intitulado *Patrimônio Cultural, Cidade e Inventário*. Levado a efeito pela Universidade Federal de Pelotas, em parceria com a Prefeitura Municipal, esse estudo contribuiu para a elaboração de duas leis; uma estadual (Lei nº 11.499/2000) e outra municipal (Lei nº 4.568/2000). Essas legislações definiram as Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPCs). A III ZPPC, mais a leste, incluiu o atual cais (POLIDORI; ROIG, 1999). Posteriormente, durante a elaboração do III Plano Diretor de Pelotas (2008), as ZPPCs foram incluídas em Áreas Especiais de Interesse do Ambiente Cultural (AEIACs), e destacadas na forma de Focos de Especial Interesse Cultural (FEICs), corroborando a proteção da Lei Municipal nº 4.568/2000 (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2014).

A construção dessa legislação é fruto de décadas de reflexão e discussão, processo protagonizado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Em 1984, durante o Seminário Sobre o Plano de Desenvolvimento Físico da UFPel, que apontou a necessidade de criação de um novo campus da universidade, foi levantada a proposta de trazer a instituição para mais próximo da área urbana de Pelotas. No ano de 1986, a UFPel promoveu o projeto de extensão Universidade na Cidade, com coordenação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que propôs trazer unidades que ainda não possuíam prédios próprios no campus universitário do Capão do Leão da UFPel para a antiga área portuária da cidade, na forma de um Corredor Cultural de ocupação de prédios ociosos da atividade fabril-industrial significativos culturalmente. Outras iniciativas neste sentido, também de professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo ocorreram nos anos de 1984, 1987, 1988 e 1989, aprofundando os estudos e enriquecendo os argumentos favoráveis (GUTIERREZ; OLIVEIRA; SANTOS, 2016).

Em 2002, a cidade foi objeto de estudos do projeto Atelier SIRCHAL (Seminários Internacionais de Reabilitação em Centros Históricos da América Latina<sup>6</sup>), focado no estudo da zona portuária. O atelier corroborou as intenções e diretrizes que a UFPel propunha para o sítio. Em 2005, seguiu-se o projeto de pesquisa “A Inclusão da Ociosidade”, que inventariou 35 prédios ociosos com localização propícia para a instalação da UFPel, a maioria deles antigos estabelecimentos fabris. Ainda em

<sup>6</sup> Rede para a reabilitação de centros históricos da América Latina e Caribe, patrocinada pelo Governo da França, Banco Interamericano de Desenvolvimento e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), entre outras instituições.

2005, a universidade adquiriu o Frigorífico Anglo. Os resultados e conclusões dessa pesquisa foram incorporados ao III Plano Diretor de Pelotas em 2008 (GUTIERREZ; OLIVEIRA; SANTOS, 2016).

No ano de 2007, foi instituído o Programa Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). A UFPel integrou o programa, através de um Plano de Desenvolvimento da Educação, o que a possibilitou ampliar significativamente o número de cursos oferecidos, com a necessidade de aumentar suas instalações. Consolidou-se, assim, a presença da universidade no porto, com a criação do Campus Porto e do Campus Anglo<sup>7</sup> (GUTIERREZ; OLIVEIRA; SANTOS, 2016).

Nesta retomada das narrativas do território do Porto de Pelotas é possível atentar-se para suas sobreposições de tecidos históricos, sua heterogeneidade de linguagens, sua multiplicidade de usos e de abandonos. Este é composto por diversas camadas, com alusão à noção de palimpsesto<sup>8</sup> (PESAVENTO, 2004).

Como experimentar estes espaços em sua complexidade? Cada vez que se experimenta um território é possível estudar por uma perspectiva diferente. Como colocou Jacques Derrida (2011, p. 26) “é preciso procurar novos conceitos e novos modelos, uma economia que escape a esse sistema de oposições metafísicas”. Assim, transpuseram-se conceitos e métodos da filosofia e da história da arte, para criticar as estabilidades lógicas do saber hegemônico, o logocentrismo da arquitetura e do urbanismo.

Na necessidade de abrir a lógica da representação da arquitetura e do urbanismo, questionou-se a definição de imagem, confrontando hábitos de leituras das imagens do patrimônio, da história, das memórias, como absolutas e imaculadas. Foi preciso rasgar a imagem, diria Didi-Huberman (2015). Nos limites da representação tradicional, enunciados numa lógica *Kantiana*, o sujeito esbarra no próprio reflexo, na sua *autocaptação* imaginária a partir de uma reflexão intelectual. Essa reflexão é *autossatisfatória*. Sair dessa caixa de espelhos é desafiar os limites do sujeito moderno, conhecedor, genial, e arriscar-se a não saber. Por isso, durante o percurso não se buscou quantificar ou mensurar nada: o principal enfoque foi a experimentação estética no estudo da cidade.

### Estação Praça Domingos Rodrigues

Os territórios são formados por disputas e conquistas, fugas e encontros. A Praça Domingo Rodrigues, popularmente chamada de Praça da Alfândega ou Praça do Porto, foi eleita como a estação de acolhida para o encontro dos estudantes com o Porto. A lei dos encontros é essencialmente a lei da vida (DELEUZE, 2002): a composição da vida é fruto de um arranjo de encontros, atravessados por todos os lados e direções. O contínuo ato de estudar arquitetura e urbanismo necessita sofrer uma série de encontros. Esses encontros com outros corpos, humanos e não humanos, sofrem interferências, assim como interferem. No encontro, as relações

<sup>7</sup> A ocupação de prédios ociosos do sítio portuário pelotense pela UFPEL está em consonância com as postulações relativas ao Patrimônio Industrial, pautado por documentos como a Carta de Nizhny Tagil, de julho de 2003.

<sup>8</sup> “O palimpsesto é uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.C., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto. (...) O palimpsesto da memória é indestrutível, sendo sempre possível resgatar, pela evocação, experiências e sensações adormecidas” (PESAVENTO, 2004, p.26-27).





podem compor e aumentar a capacidade de agir, através da potência de *afectar* e ser *afectado*.

A Praça Domingos Rodrigues teve origem em um litígio entre a família Rodrigues e a administração pública local. Natural da Galícia, noroeste da Península Ibérica, Domingos Rodrigues manteve charqueada em terreno próximo da margem do canal São Gonçalo, no entorno imediato da localização do atual cais. O impasse foi, entretanto, vivenciado por sua viúva Maria Luzia Ferminiana do Pilar e filhos, e estava relacionado à construção, pela família, de um armazém em desconformidade com os limites de arruamento vigentes. Em julho de 1845, respondendo a uma intimação para suspender a obra do armazém, que obstruía o trânsito público, os filhos representaram oferecendo compensações. Comprometeram-se por escrito a levantar estacada para compensar e garantir as dimensões mínimas necessárias ao trânsito público e a deixar, no melhor lugar dos ditos terrenos que ali possuíam, uma praça pública com quarenta braças (88 metros) do canal e mais de setenta braças de fundos (154 metros), uma vez que lhes fosse permitido continuar a obra do armazém (GUTIERREZ, 2004).

A família apelou para a influência, recorrendo por ofício diretamente ao Presidente da Província, Luís Alves de Lima e Silva. A resposta do governante, enviada à Câmara de Vereadores de Pelotas através de ofício datado de 18 de outubro de 1845, foi favorável. Os vereadores viram-se, então, obrigados a ceder. No entanto, discutiram a matéria até abril de 1846. Nesse ano foi feita a demarcação da nova praça pública nos terrenos oferecidos pelos Rodrigues. A doação das terras foi condicionada à exigência de que a nova praça fosse batizada em homenagem ao patriarca da família, Domingos Rodrigues, com a cláusula de que jamais tal denominação fosse alterada (GUTIERREZ, 2004).

O espaço da praça Domingos Rodrigues sempre esteve dividido em duas porções, segmentado por uma via — atual rua Benjamin Constant. A porção sul, junto ao

canal, constituiu-se historicamente como uma extensão natural do cais, sobre a qual eram depositadas mercadorias temporariamente. A porção norte foi arborizada em 1910, enquanto a porção sul foi urbanizada e ajardinada na década de 1960.

A praça, Ágora da mitologia grega, representa simbolicamente o caráter de reunião e de concentração. Lugar propício aos encontros, constituiu nesta oficina um universo de descobertas. Suas delimitações físicas se impõem pelos muros e galpões do cais do Porto, pela continuidade da Praça Domingos Rodrigues, segmentada pela Rua Benjamin Constant, área que abriga a Escola Municipal de Ensino Infantil Marechal Ignácio de Freitas Rolim, pelo edifício da antiga Cotada — Companhia Atlântica de Massas, hoje Centro de Engenharias da UFPel —, pelo edifício da antiga Alfândega, hoje sede dos cursos de Engenharias Geológica e do Petróleo da UFPel, entre outros edifícios ociosos.

A partir da praça foi possível avistar a chaminé da antiga Fábrica de Fiação e Tecidos Pelotense, marca do antigo cenário industrial, hoje somada ao atual cenário universitário, e ao, mais recentemente, cenário portuário que compõem este território. A praça, que outrora foi medida por braças, no momento da oficina compunha um lugar do encontro: não possuía uma delimitação física, mas sim um território no campo do pensamento. Nela a partilha do sensível, a experimentação estética se deu como ato político onde é possível refletir e questionar sobre os próprios modos de subjetivação, como são determinados certos modos de sentir e existir (RANCIÈRE, 2009). Desta estação, onde foi possível ter várias perspectivas sobre a mesma cidade, seguiu-se pela rua Benjamin Constant em busca do encontro com as próximas estações, como corpos que desejam encontros e saberes.

### Estação Cervejaria Sul-Riograndense



Figura 3: Desenho da antiga Cervejaria Sul-Riograndense. Fonte: Karolina Dias Lopes Fernandes, 2019.

O complexo da antiga cervejaria Sul-Riograndense compreende o quarteirão sito entre as ruas Benjamin Constant, José do Patrocínio, Conde de Porto Alegre e João Pessoa. A fábrica de cervejas, refrigerantes, água mineral e gelo foi fundada em 1889, pelo teuto-brasileiro Leopoldo Haertel. Instalou-se inicialmente em um pequeno edifício pela rua Conde de Porto Alegre. Com a aceitação dos produtos, foi recebendo sucessivas ampliações, em meados das décadas de 1890, 1900, e 1910, de modo a vir a ocupar toda a referida quadra, operando com frente para a Rua Benjamin Constant. Contava com moinho completo de cevada, frigoríficos, adegas, escritório, oficinas e residência da família do proprietário (RUBIRA, 2014).

Operou independente até 1931, quando, frente à concorrência das grandes cervejarias do centro do país, passou a liderar o consórcio Cervejaria Sul Brasil, de cervejarias locais. Resistiu até 1946, ano em que o complexo foi adquirido pela Cervejaria Brahma, do Rio de Janeiro, que o utilizou para depósito e distribuição até 1997 (RUBIRA, 2014). As edificações passaram, então, por um período sem uso, ficando suscetíveis a degradações por ação natural e antrópica até 2009. Neste ano o complexo foi adquirido pela Universidade Federal, após permuta com a Prefeitura Municipal de Pelotas, tendo sido objeto de projeto cultural, parcialmente implementado. Um dos edifícios, ao miolo do complexo, foi adaptado em galeria de arte, a *Galeria Brahma — Espaço Expositivo Universitário*, inaugurada em dezembro de 2012. Outro edifício, erguido em 1915 para escritório da fábrica, na esquina das ruas Benjamin Constant e José do Patrocínio, foi restaurado, e desde 2015 sedia a livraria da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL, 2012).

A partir do conceito de imagem crítica de Didi-Huberman (2010), pode-se refletir sobre como o olhar vê e é visto pelo patrimônio, pelo abandono, pelas imagens da cidade. O patrimônio arquitetônico foi explorado na oficina como um conteúdo tabu. Os estudantes, na disciplina de Técnicas Retrospectivas do Restauo, leram previamente teorias, cartilhas e doutrinas da arquitetura e do urbanismo, conteúdos que valorizam e atribuem algum fetiche à imagem do patrimônio arquitetônico. É possível um descentramento do observador, para além do prazer de exercer um domínio sobre um determinado conhecimento, sobre um objeto, estabelecer naquela imagem a capacidade de ser o senhor do conhecimento, e do prazer da angústia de não saber, de não poder dizer algo sobre o que vê.

Quando colocado diante do edifício alguns questionamentos foram potencializados. A imagem do patrimônio abandonado foi uma delas. Essa imagem cobra algo, ela se relaciona as estruturas econômicas da cidade, as dinâmicas sociais, que confrontam o saber arquitetônico. O senhor do conhecimento que define e compreende exatamente a imagem que vê é questionado por um estranhamento (DIDI-HUBERMAN, 2013).

Não há que escolher entre o que vemos (com sua consequência exclusiva num discurso que o fixa, a saber: a tautologia) e o que nos olha (com seu embargo exclusivo no discurso que o fixa, a saber: a crença). Há apenas que se inquietar com o entre. Há apenas que tentar dialetizar (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.77).

Estar diante da imagem do patrimônio, em sua potência dialética, foi um dos objetivos da oficina. Não só foram compartilhados dados e fatos da história, mas, também, analisadas as ambiências e a estética dos edifícios e do tecido urbano, abrindo questionamentos: por quê ler, como ler e para quem se lê a cidade?

#### Estação muro do Terminal de toras



Figura 4: Desenho do muro do Terminal de toras. Fonte: Karolina Dias Lopes Fernandes, 2019.

Seguindo o caminho na lateral da cervejaria Sul-Riograndense, pela rua José do Patrocínio, vê-se, fechando essa rua, uma fachada, que obstrui a visual da margem do canal. Trata-se da remanescência de um antigo armazém de uma companhia privada de navegação fluvial. A fachada, na rua Conde de Porto Alegre foi preservada, junto à de uma edificação vizinha, como partes do muro de um novo terminal de operação privado, o qual também utiliza parte do antigo complexo portuário público. Este extenso muro, formado por estas fachadas e mais alguns metros de paredes novas tem sido, há dois anos, suporte para manifestações artísticas de grafiteiros locais, em uma iniciativa da empresa operadora do terminal.

No momento em que alguns estudantes, destacaram nesta estação o efeito de “barreira”, outros, também refletiram a questão do muro como suporte. O elemento muro não permite ver o outro lado, mas, ao mesmo tempo, impõe uma visibilidade. O visível são galpões que foram mantidos apenas em suas fachadas, transformadas em muros ornados e que receberam atualmente intervenções artísticas, na tentativa de requalificar aquele espaço. O muro delimita as instalações do porto, hoje reativado para atividades de uma grande empresa, cujos investimentos na transformação daquele local vêm na forma de medidas compensatórias. Questiona-se: por quê, como e para quem foram escolhidas tais transformações?

Só podemos dizer tautologicamente vejo o que vejo se recusarmos à imagem o poder de impor sua visualidade com uma abertura, uma perda – ainda que momentânea – praticada no espaço de nossa certeza visível a seu respeito. E é exatamente daí que a imagem se torna capaz de nos olhar (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.105).

Paradoxalmente, em um dos momentos em que o visível mais impôs sua presença, sua materialidade, enquanto barreira visual, enquanto muro com expressões artísticas, é que se tornou mais difícil ir além, abandonar as certezas do que era visível. Seria como se existisse ali uma espécie de camuflagem que amorteceu, ou dificultou, a capacidade de observar algumas questões da arquitetura e do urbanismo que estavam ali ocultas.



### Estação descampado e Doquinhas



Seguindo-se pela rua Conde de Porto Alegre, avista-se, vizinho a oeste do terminal, um grande descampado. O terreno vazio, gramado, outrora abrigou residências, pela referida rua. Tal vazio permitiu ao grupo de estudantes vislumbrar a ocupação urbana ribeirinha, ao fundo. As Doquinhas, também conhecidas pela alcunha de Quadrado, são uma parte peculiar dessa região ribeirinha do canal São Gonçalo. O termo “quadrado” é uma referência ao formato quadrangular da doca fluvial ali existente, invaginação construída da margem. Essa doca em concreto armado, erguida pelo poder público na segunda metade do século XX, como uma estrutura auxiliar do porto de Pelotas, com a finalidade de prover um local para manutenção e atracação de pequenas embarcações, livre do agito da correnteza do canal. No entorno dessa doca, na esteira da presença dos pescadores, deu-se ali uma ocupação urbana irregular (o local era terreno de marinha), levada a efeito há algumas décadas. O local é também um ponto de sociabilidades e de contemplação da paisagem, muito frequentado pelas recentes gerações. Contribuiu, para tanto, a presença ali, desde o final da década de 1980 de um bar, que hoje dá lugar a um instituto voltado para ações sociais junto à comunidade local.

Esta estação pode ser refletida a partir de um acontecimento. No sentido *deleuziano*, provocou uma *desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARI, 1997), no momento em que os estudantes sentiram-se *afectados* pelo campo vazio, localizado entre a indústria em atividade no porto e as edificações abandonadas. Mais ao fundo podia-se avistar uma ocupação irregular em zona de risco, algo que fugiu às expectativas, ao que era previsto.

Como coloca Didi-Huberman (2015), diante das imagens deve-se pensar a potência do negativo. Um ato de escavar o visível, de mexer com a ordem dos aspectos representados e ferir o legível, rompendo com a ordenação dos dispositivos de significação, com o regime de diferenças. Seguindo os rastros dessas diferenças, pode-se questionar as hierarquias, a hegemonia de um discurso frente ao outro e dar voz às narrativas menores.

O patrimônio, visto pela memória de uma pequena nação, por exemplo, não é mais

curto que o de uma grande, portanto trabalha-se muito mais a fundo as questões materiais e imateriais existentes. O conceito de *literatura menor* não coloca a expressão de maneira abstrata e universal, mas em relação com as literaturas ditas menores. A expressão oferece os procedimentos — não em comparação, mas na diferença em si — cria, recria e intervém nas estruturas dominantes (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

Essas imagens críticas forçam o estudo de arquitetura e urbanismo para algo que a elaboração simbólica havia deixado encoberto. Algum sintoma ressurgiu por um instante, é o visual que aflora do visível (DIDI-HUBERMAN, 2013). Neste momento a estação é rompida por um estranhamento que proporciona aos estudantes uma reflexão para além da materialidade do patrimônio, das ruínas. Eles estabelecem pensamentos mais profundos, ligados a estruturas de poder e dominação na cidade, que ficam encobertas ou intocáveis ao olhar dos arquitetos e urbanistas. Como essas pessoas excluídas fazem parte das histórias da cidade? O olhar-pensamento dos estudantes é levado das arquiteturas abandonadas, em situação de ruínas, ao campo vazio, ocupado por uma população em zona de risco ambiental. Neste ponto é que a visão objetivante da arquitetura é deixada de lado, a imaginação é prolongada e o saber da profissão é questionado.

### Estação Antiga Capitania dos Portos



Figura 6: Desenho da Antiga Capitania dos Portos. Fonte: Karolina Dias Lopes Fernandes, 2019.

Seguindo-se o caminho, já pela rua Benjamin Constant, na direção oeste, chegou-se à esquina com a rua Álvaro Chaves. Ali encontra-se o prédio da antiga Capitania dos Portos de Pelotas, edificação de arquitetura proto-racionalista, inaugurado em 07 de setembro de 1940. Originalmente, servia também como moradia para o respectivo capitão responsável. Sua construção foi executada pela firma Dahne Conceição e Cia., construtora à frente de diversos prédios em edificação em Pelotas, na data. Depois de abrigar uma pensão geriátrica durante a década de 2000, permaneceu desocupado por alguns anos, na década seguinte, ficando suscetível a degradações. Em 17 de março de 2017, após uma primeira tentativa, foi então ocupado pela Ocupação Canto de Conexão, movimento popular ligado ao Movimento Nacional de Luta pela Moradia, organização que vem utilizando o espaço de forma comunitária. Ainda na esquina, avistam-se, no leito carroçável da rua Álvaro Chaves, resquícios

dos trilhos de bondes. O bonde foi o primeiro transporte urbano coletivo com o qual contou Pelotas. Implantado na cidade em 1873, era inicialmente movido a tração animal por muares. Substituído em 1915 pelo modelo movido a eletricidade, este transporte serviu à população até o ano de 1955, quando já surgiam os primeiros ônibus. O porto de Pelotas foi servido pela primeira linha de bondes instalada, comunicando a praça Domingos Rodrigues ao centro da cidade (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2017).

Pouco mais adiante, vizinho ao prédio da capitania, está a sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, ali sediada desde o início da década de 1990. Sua platibanda, em planos escalonados, denota seu período de construção, permitindo a leitura da linguagem arquitetônica, ainda que o prédio tenha sido reformado e ampliado. Trata-se de um antigo depósito de lã, um dos prédios originalmente edificadas como parte do complexo de uma antiga cooperativa de beneficiamento de lãs, peles e couros – Cooperativa Sudeste dos Produtores de Lã (COSULÃ). Seu prédio principal, na quadra ao lado, abriga o Instituto de Ciências Humanas da mesma universidade (RUBIRA, 2014).

Quando o patrimônio é invadido, o arquiteto se vê diante de um conflito, um dilema ético-moral. As pessoas que passaram a ocupar aquele prédio em situação de abandono, se apropriam dele, mas dado suas formas e condições de habitar transformam e deformam aquele edifício. A pureza da arquitetura é manchada pelo resto, pela dilaceração, seguindo o pensamento de Georges Bataille o antropomorfismo dilacerado (DIDI-HUBERMAN, 2015).

Habitar irregularmente o patrimônio abandonado é desde o início um dilaceramento da lógica da representação da arquitetura. Não ter uma projeto, desobedecer a ordem das instituições e do próprio saber da arquitetura pode ser visto como um pecado. O abandono habitado é um escândalo.

O desigual parece cobrar ser visto, fato que aterroriza a visão. A desigualdade social e a mudança de função da edificação refletem certa complexidade, que apela para a emoção do estudante de arquitetura e urbanismo. Nesse instante a experimentação estética foi prolongada. A racionalidade prática, a fim de julgar o que se entende e o que é certo, torna-se vacilante. As certezas são substituídas por um olhar que inclui o outro (DERRIDA, 2012).

### Estação Colégio Estadual Félix da Cunha



Figura 7: Desenho Colégio Estadual Félix da Cunha. Fonte: Karolina Dias Lopes Fernandes, 2019.

O Colégio Estadual Félix da Cunha, última estação da oficina, foi fundado como Colégio Elemental Félix da Cunha em 14 de julho de 1913, em cerimônia oficial que teve o escritor regionalista João Simões Lopes Neto como orador. Mudou de endereço por duas vezes, pelo mesmo motivo: busca de maior espaço para atender a demanda de alunos. Situava-se, originalmente, à rua Félix da Cunha. Um ano após, mudou endereço para a Rua Gonçalves esquina da Rua Barão de Butuí, e em 1944 passou a ocupar o prédio à rua Benjamin Constant, endereço atual. A ocupação efetiva deu-se em 1952 com a compra do edifício pelo governo do Estado (LEAL, 2015).

O palacete que lhe serve de sede, de arquitetura eclética inspirada na Renascença italiana, foi construído entre 1907 e 1908 para residência de Antônio Rodrigues Ribas. O proprietário era neto de Domingos Rodrigues, patriarca que dá nome à praça junto ao cais do porto de Pelotas. A família Rodrigues Ribas, convém ressaltar, foi a responsável pela hospedagem de sua alteza Dom Pedro II, quando de sua segunda visita a Pelotas, acompanhado de seu genro, o Conde D'Eu, em 1865 (SANTOS, 2011).

Atualmente o colégio oferece o ensino fundamental e o ensino médio, e tem funcionamento nos três turnos: manhã, tarde e noite. Sem recursos, a edificação patrimonial passa por um processo de deterioração constante, e representa um perigo para os seus usuários, por este motivo algumas salas e o pavimento do antigo porão encontram-se interditados. Sendo as demais áreas acessadas para uso administrativo, devido a demanda de menor fluxo dos usuários.

A disciplina de Atelier de Projeto de Arquitetura propunha a expansão da área correspondente à escola e a reformulação da arquitetura dos prédios contemporâneos, junto com o exercício de restauração da edificação patrimonial para atender as atividades escolares. Para maior liberdade espacial para desenvolver o exercício de criação foi incorporado o terreno do lado que abriga um ginásio esportivo. O desafio colocado aos estudantes consistiu em apropriar-se dos estudos do levantamento *topoceptivo* e das narrativas históricas, experienciados na oficina, para a criação das novas edificações e adequação da antiga.

Esse processo de estudar arquitetura e urbanismo busca acontecer numa temporalidade distinta do calendário acadêmico. Embora o semestre tenha terminado e junto com ele o compromisso com as disciplinas, foi construído entre os estudantes potencialidades e inquietações, que repercutem em desvios diante da produtividade e mercantilização de saber um ofício. Ser arquiteto e urbanista ou aprender ou pesquisar sobre arquitetura e urbanismo, é diferente de estudar arquitetura e urbanismo. O estudo requer estar sempre presente, e não orientado por uma finalidade externa; ação que trabalha mais na receptividade do que a atividade (LARROSA; RECHIA, 2018).

Em um trecho do livro *O Processo* de Kafka, um camponês iletrado fica frente a frente com a porta da justiça, e ele não se sente apto a passar pelo guardião da porta (DIDI-HUBERMAN, 2010). Ao passo que se torna interessante pensar, como se dão as relações de partilha do sensível na experimentação da escola em seu valor patrimonial? Para arquitetos e urbanistas, para estudiosos da cultura, existe um valor e um significado para esta edificação, que para a maioria dos usuários deste e de outros edifícios são inacessíveis.

A restauração daquele patrimônio precisa estar relacionada às narrativas menores. Enquanto, continuar sendo pensada separadamente de seus usuários e Gabriel Fernandes: Isso fica gravado ?



comunidade do entorno, uma massa sem voz, eles continuaram se sentido bloqueados na identificação com esta história. Suas memórias, suas subjetividades devem ter a liberdade de estabelecer suas relações com esse espaço, deve existir o desejo de pertencer e fazer parte destas representações históricas.

### Considerações

A oficina de *caminhografia urbana*, composta pela sobreposição dos conceitos de cartografia e caminhada apropriados como método de estudo, reforça duas concepções importantes. A primeira refere-se aos estudos da cartografia e sugere que se estabeleça um plano coletivo de forças, transformando a noção de estudar *sobre* em estudar *com*, neste caso, com as edificações arquitetônicas, com os percursos, com as relações *topoceptivas* e com as narrativas históricas. A segunda concepção, referente aos estudos da caminhada enquanto prática de ler e escrever no território, anuncia que essencialmente todo território é caminhável, rompendo com a rigidez entre a propriedade pública e a propriedade privada. Ou seja, o canal, o porto, a rua, as edificações, as histórias e as ambiências da cidade não devem ser estudados e abordados de modo isolado.

A experiência desta oficina revela a importância de aproximar os estudos em arquitetura e urbanismo das artes e da filosofia, abrangendo, assim, as três *caóides delezianas*. Alguns encaminhamentos anunciam a necessidade de buscar estratégias de estudo com as pessoas que vivenciam aquele território. Destaca-se a importância da proposição de oficinas para a comunidade local e escolar, a fim de fomentar a prática de estudar e compartilhar os trabalhos desenvolvidos, que por vezes ficam restritos às universidades.

Neste percurso o regime estético foi afetado por enunciados políticos. Vivencia-se tempos obscuros, golpes na democracia, críticas e sucateamento da educação em diversos níveis. A partilha do sensível, o modo como as subjetividades ocuparam certos espaços foram pré-determinados. Eis onde, acredita-se, reside a potência crítica e a emergência desta atividade. Frente a esse contexto, faz-se ainda mais necessário práticas de estudo mais engajadas e questionadoras das dimensões éticas e estéticas da disciplina de arquitetura e urbanismo.

### Referências bibliográficas

- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver – escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. *Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas [1777 – 1888]*. Pelotas, 2004.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. *A inclusão da ociosidade*. Relatório Técnico de Pesquisa. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2005.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SANTOS, Carlos Alberto Avila. *Universidade na Cidade: história do Patrimônio Agroindustrial da Universidade Federal de Pelotas, RS - BR*. Pelotas, 2016.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *Apreensão da forma da cidade*. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1996.

JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. *Material didático da disciplina Técnicas Retrospectivas do Projeto Arquitetônico e Urbanístico*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karem. *P de professor*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LEAL, Carmen Beatriz Pereira. *Colégio Elementar Félix da Cunha (1913-1934) : aspectos da cultura escolar*. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio. *Dicionário de História de Pelotas* [recurso eletrônico]. 3. ed. Pelotas: Editora UFPel, 2017.

MILHEIRA, Rafael Guedes. Pelotas: 2.500 anos de história indígena. In: RUBIRA, Luís (org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Pelotas: PRÓ-CULTURA-RS/ Editora João Eduardo Keiber ME, 2014. v. 3.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SILVEIRA, Aline Montagna. A preservação patrimonial em Pelotas: um olhar sobre a sua trajetória (1955-2015). In: RUBIRA, Luís (org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Pelotas: PRÓ-CULTURA-RS/ Editora João Eduardo Keiber ME, 2014. v. 3. p.577-585.

PELOTAS. *Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008*. Institui o III Plano Diretor Municipal, 2008. Acessado em 21 nov. 2019. Disponível em: [http://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei\\_5502.pdf](http://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf).

PELOTAS. *Lei nº 4.568, de 7 de julho de 2000*. Institui áreas da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas, 2000. Acessado em 21 nov. 2019. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2000/456/4568/lei-ordinaria-n-4568-2000-declara-area-da-cidade-como-zonas-de-preservacao-do-patrimonio-cultural-de-pelotas-zppcs-lista-seus-bens-integrantes-e-da-outras-providencias>

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum*. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In.: *Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, 2004, v. 11, n. 11, p. 25-30. Acessado em 21 nov. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>>.

POLIDORI, Maurício Couto; ROIG, Carmem Vera et al. *Patrimônio cultural, cidade e Inventário*. Pelotas: Ed UFPel, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 11.499, de 06 de julho de 2000*. Declara integrantes do patrimônio cultural do Estado áreas históricas da cidade de Pelotas Acessado em 21 nov. 2019. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.499.pdf>.

RUBIRA, Luís (org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. 3 v. Santa Maria: Palotti, 2012-2014.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *O Eclétismo Historicista em Pelotas: 1870-1931*. Artigo *online*. 2011. Acessado em 11 nov. 2019. Disponível em: <http://ecletismoempelotas.wordpress.com/arquitetura>. 2011.

UFPEL. *Inauguradas as primeiras instalações do Mercosul Multicultural*. UFPel, Centro de Integração do Mercosul, Pelotas, 17 dez. 2012. Acessado em 08 nov. 2019. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/mercosul/pt/2012/12/17/inauguradas-as-primeiras-instalacoes-do-mercosul-multicultural/>



# CARTOGRAFAR PEQUENAS CIDADES NO NORDESTE BRASILEIRO

## caminhos percorridos

**Eduardo Gomes Machado<sup>1</sup>**  
**Jorge Luiz Oliveira Lima<sup>2</sup>**  
**Nathalia Alves De Oliveira<sup>3</sup>**  
**Regina Balbino Da Silva<sup>4</sup>**

### Resumo

A partir de duas pequenas cidades do nordeste brasileiro, pesquisamos o cotidiano urbano experienciado pelas juventudes que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma universidade federal pública com três *campi* e quatro mil estudantes no Ceará. Considerando-se o contexto de migração temporária estudantil, ocorrem intensas mudanças na produção do espaço urbano, com as juventudes tornando-se agentes urbanos politicamente ativos. Emergem conflitos urbanos associados às disputas pela ocupação, uso, acesso, regulação, posse e propriedade de diferentes parcelas da terra urbana. Nesse contexto, dialogamos com a cartografia social, entendendo-a como um método de pesquisa-intervenção. O cartografar adquire o caráter de um duplo movimento: cartografar o campo e cartografar a pesquisa, percebendo que, nesse entrelaçar, caminhos vão sendo traçados, e é no próprio percurso que se redefinem a pesquisa e o campo. Partilhamos o que nomeamos como caminhos percorridos, apresentando resultados preliminares a partir das ações desenvolvidas.  
Palavras-chave: cidade, urbano, juventude, cartografia.

# MAPPING SMALL CITIES IN NORTHEASTERN BRAZIL

## paths traveled

### Abstract

From two small cities in northeastern Brazil, we surveyed the urban daily life experienced by youths studying at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), a public federal university with three campuses and four thousand students in Ceará. Considering the context of temporary student migration, intense changes occur in the production of urban space, with the presence of youth as politically active urban agents. Urban conflicts arise associated with disputes over the occupation, use, access, regulation and ownership of different parcels of urban land.

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenador do Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares. Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). [eduardomachado@unilab.edu.br](mailto:eduardomachado@unilab.edu.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Humanidades e Graduando em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Bolsista FUNCAP. [luzjorge021@gmail.com](mailto:luzjorge021@gmail.com)

<sup>3</sup> Bacharel em Humanidades e Graduanda em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Bolsista FUNCAP. [nathaliaoliveira0911@gmail.com](mailto:nathaliaoliveira0911@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Vinculada ao Laboratório de Planejamento Urbano e Regional do Departamento de Geografia (LAPUR). [reginabalbino2011@gmail.com](mailto:reginabalbino2011@gmail.com)

In this context, we dialogue with social cartography, understanding it as a research-intervention method. Mapping takes on the character of a double movement: mapping the field and mapping the research, realizing that, in this intertwining, paths are being traced, and it is in the very path that research and the field are redefined. We share what we call pathways, presenting preliminary results from the actions developed.

Keywords: city, urban, youth, cartography.

### Introdução

Redenção e Acarape, duas pequenas cidades praticamente conurbadas situadas a aproximadamente 60 Km da capital do estado do Ceará, Fortaleza, compõem a Região do Maciço de Baturité (RMB), formada por treze municípios e limítrofe à Região da Grande Fortaleza (IPECE, 2015). A região detém longa historicidade vinculada aos povos indígenas e, a partir da segunda metade do século XVII, com a intensificação da ocupação colonial, é também marcada pela presença de portugueses e de africanos escravizados (BASTOS, 2015; NASCIMENTO, SOUZA, CRUZ, 2010; SANTOS, MEDEIROS, SOUZA, 2012).

No final de 2010, inicia-se a implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) com três *campi* no estado do Ceará, nas cidades de Redenção e Acarape (UNILAB, 2019).<sup>5</sup> A Unilab, uma Universidade federal pública interiorizada e internacionalizada, detém como objetivo “ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária”, detendo como “missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”, particularmente “os países africanos”, assim “como promover o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional” (BRASIL, 2019).

A Instituição detém atualmente 3894 discentes em cursos de graduação presencial, 458 em graduação à distância, 145 em pós-graduação presencial e 795 em pós-graduação à distância no estado do Ceará (BRASIL, 2019b). A instituição conta com um total de 5292 discentes com 904 sendo originários de outros países, particularmente os cinco países africanos da CPLP – Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe (BRASIL, 2019b). Quanto aos brasileiros, a maioria não é originária de Redenção e de Acarape. Como é possível perceber, em menos de dez anos, milhares de discentes passaram a residir nas duas cidades, com grande parcela ocupando periferias intraurbanas, vivenciando violências, violações de direitos e vulnerabilidades de várias ordens. A implantação da Unilab, portanto, induz dinâmicas migratórias de larga escala, permitindo intuir como pequenas cidades (ENDLICH, 2011; DETONI; ROCHA, 2017), que já detêm vulnerabilidade social e precariedade urbana significativas, experienciam mudanças intensas e complexas. Sob o signo do multiculturalismo/interculturalidade críticos e reconhecendo “a colonialidade, o racismo e o machismo como elementos estruturantes das sociedades latino-americanas” (MALOMALO, 2018, p. 76), também cabe considerar a Unilab como instituição e comunidade capaz de – mesmo potencialmente – instituir e promover “espaços [e processos] educativos e democráticos”, reconhecer e promover “os direitos dos grupos oprimidos” (MALOMALO, 2018, p. 76). Nesse contexto, cabe avaliar a presença das juventudes estudantis nas cidades.

Considerando essas questões, experienciamos e analisamos o cotidiano das

<sup>5</sup> Há também um campus na Bahia, em São Francisco do Conde, com mais de mil alunos de graduação presencial (UNILAB, 2019).

juventudes nas urbes, mergulhando nas diferentes formas de fazer a cidade (AGIER, 2015), nos desafios que vivenciam ao demandar – mesmo de modo intuitivo, espontâneo e não formalizado – diferentes aspectos do direito à cidade (LEFEBVRE, 1991), e nos conflitos urbanos que emergem e se agravam.

Neste artigo, dialogamos com a cartografia social, entendendo-a como um método de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2009). O cartografar adquire, aqui, o caráter de um duplo movimento, entrelaçado: cartografar o campo e cartografar a pesquisa, percebendo que, nesse entrelaçar, caminhos vão sendo traçados, e é no próprio percurso que se redefinem a pesquisa e o campo. Desse modo, a cartografia compõe um método singular para adentrar e participar do campo, vivenciando experiências e gerando percepções e análises significativas, indiciando linhas de força e de fuga. Ao mesmo tempo, cartografar envolve uma autorreflexão inquieta, continuada e densa sobre a pesquisa em seu pensar, em seu fazer, em suas teorias e práticas, desdobramentos e implicações, fragilidades, erros e construções. Nesse duplo movimento, vamos redescobrir o próprio campo, que vai se refazendo, se alargando, tornando-se mais denso e complexo, e, ao mesmo tempo, a cada momento vamos retomando a pesquisa em seu fazer, em suas hesitações e incertezas, Tateando indecisa, reiteradamente escolhendo rotas e, no percurso, descobrindo teorias e conceitos e experienciando intuições e *insights*.

Partilhamos, aqui, o que nomeamos como quatro caminhos percorridos, envolvendo teorias, metodologias e técnicas, apresentando resultados preliminares gerados a partir das ações desenvolvidas. Além desta Introdução, o artigo se estrutura nos seguintes tópicos: Etnografias, caminhadas e *sketches* urbanos; Cotidiano, indícios e conflitos; Alargamento do urbano; Entre hegemonias e subalternidades; e Considerações Finais.

### Primeiro caminho: etnografias, caminhadas e *sketches* urbanos

Desde o início, a pesquisa buscou participar de, e até estimular, processos de mobilização social que pudessem ativar, induzir e subsidiar ações e demandas dos estudantes que residem nas cidades de Redenção e Acarape, nos marcos do direito à cidade (LEFEBVRE, 1991) e do fazer a cidade (AGIER, 2015), entrelaçando, para tanto, ações de pesquisa, educação e extensão, configurando a produção participativa de dados qualitativos e quantitativos e sua disponibilização através de uma plataforma *online* publicamente acessível, nos termos de *softwares* livres, como o QGIS.<sup>6</sup>

O fio condutor essencial envolveria a percepção e a análise de como as juventudes estudantis da UNILAB, em sua diversidade, inserem-se nas cidades, participando de dinâmicas de ocupação, uso, acesso, construção, regulação e posse/propriedade de diferentes parcelas da terra urbana; buscando caracterizar, em cada território intraurbano, as problemáticas urbanas vivenciadas, identificando as necessidades urbanas e subsidiando a constituição de demandas, pautas e agendas políticas, ética e tecnicamente fundamentadas.

As primeiras aproximações envolveram a identificação, a coleta e a sistematização de dados secundários de fontes oficiais variadas, buscando caracterizar as cidades sob diversos aspectos, inscrevendo-as na Região do Maciço de Baturité, onde se situam.

<sup>6</sup> O QGIS é um software livre com código-fonte aberto, multiplataforma de sistema de informação geográfica que permite a visualização, edição e análise de dados georreferenciados.

Aos poucos, deslocamos nossa perspectiva de uma aproximação formal e mediada por dados secundários, para uma aproximação que revela inserção etnográfica e mergulhos nos universos experienciais das cidades. Mais do que isso, desvela-se o que vamos nomeando como densidade e complexidade urbana nas duas pequenas cidades, requerendo outras categorias analíticas que permitissem evidenciar, e, em certa medida, incorporar, interagir, intervir e narrar essa densidade e complexidade. Em determinado momento, o fomento à pesquisa, ao permitir a concessão de bolsas de iniciação científica, dinamizou a constituição da equipe, reposicionando as ações em outro patamar e momento<sup>7</sup>. Porém, foi o próprio campo que tensionou a equipe e requereu um redirecionamento das ações e a mobilização de outros referenciais teórico-empíricos. Isso ocorreu a partir do momento em que emergiu, na cidade de Redenção, o agravamento de conflitos propriamente urbanos relacionados à ocupação, acesso e uso da Praça do Obelisco por juventudes, realizando diferentes atividades, envolvendo dinâmicas artísticas (vide Figura 2). Configuram, assim, um espaço apropriado, mesmo de modo efêmero, para dinâmicas de convivência, lazer, esporte, arte e cultura juvenil<sup>8</sup>.

As juventudes, e particularmente as estudantis, já vinham ocupando a praça desde pelo menos 2015, inclusive através da realização de variadas atividades acadêmicas, diurnas e noturnas (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).<sup>9</sup> Contudo, a partir do segundo semestre de 2018, as tensões e os conflitos envolvendo essas ocupações juvenis se intensificam, envolvendo a presença reiterada e ostensiva de contingentes policiais (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019), e vários episódios conflituosos, inclusive com a denúncia de que um morador teria disparado tiros ao ar. Parece, então, estar em curso um reposicionamento de parcela da população que já residia na cidade, evoluindo esse quadro até ocorrer a *proibição*, pela prefeitura, da realização de atividades de estudantes da UNILAB na praça.

Essa processualidade requereu outras abordagens e referências teóricas, oportunizando aprendizagens importantes.

Um primeiro deslocamento envolveu a incorporação de uma abordagem etnográfica, demandando a inserção da equipe em campo, com participação direta, continuada e implicada nas situações cotidianas, particularmente nos embates – reiterados e revelando uma dinâmica sequenciada e cumulativa – entre parcelas das juventudes e das populações que já residiam na cidade anteriormente; focando e experienciando os conflitos mais propriamente urbanos – relacionados à ocupação, uso, acesso, regulação e posse/propriedade de pedaços de terra urbana nas cidades.

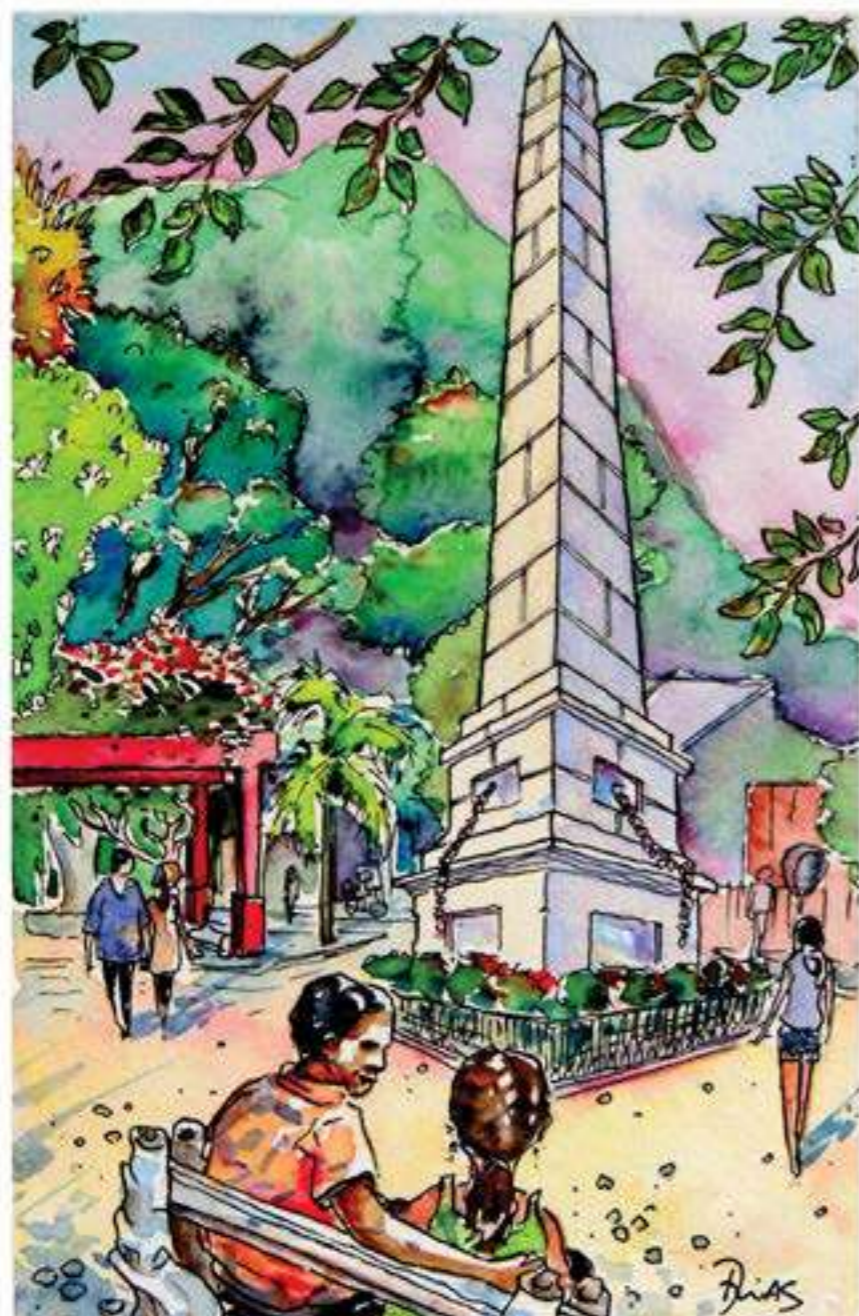
Aos poucos, revela-se a emergência dessas juventudes enquanto agentes urbanos politicamente significativos. Cabe lembrar, com Agier (2015, p. 491), como o ato de ocupação de um espaço detém, ao mesmo tempo, caráter urbano e político, considerando que esse “movimento é uma tomada do espaço tanto quanto uma tomada da palavra, é o momento político porque é aquele que cria uma situação radicalmente nova”. Mesmo se detém caráter efêmero, instável, provisório, fugaz – por exemplo, ao ocupar e usar uma praça ou uma esquina da cidade –, esse ato pode revelar ou fazer emergir conflitos e disputas que, de outro modo, permaneceriam

<sup>7</sup> Também cabe considerar que mudanças no contexto nacional e institucional – estamos aqui entre 2017 e 2019 – redirecionaram aspectos importantes da pesquisa.

<sup>8</sup> A Praça do Obelisco, uma das duas principais da cidade de Redenção, junto com a Praça da Igreja Matriz, situa-se em um território central da cidade, detendo no entorno um conjunto amplo de equipamentos privados e públicos, agregando a maior parcela das residências das elites locais.

<sup>9</sup> Diários de Campo do Projeto de Pesquisa em desenvolvimento, cujos registros compreendem o período de 2017 a 2019.





Praça do Obelisco. Redenção/CE. 28 de setembro de 2019.



invisíveis e latentes. O ato de ocupar, portanto, revela-se também gerador de conhecimento para os agentes envolvidos, inclusive os pesquisadores, capaz de indiciar tensões e linhas de força até então imperceptíveis, e que evidenciam, para além de uma cidade pacificada e plenamente equilibrada em suas contradições e desigualdades, uma cidade intensa e conflituosa.

Vão se constituindo, aos poucos, percepções mais densas sobre o campo, ou seja, as cidades, de sua complexidade, densidade, espessura e, mais do que isso, de como o próprio campo é instável, poroso, pois reconstitui-se continuamente e detém diferentes escalas a lhe compor; inclusive ao irmos percebendo que a inserção

etnográfica, particularmente a mediada pela cartografia social, envolve mais “do que um aprendizado de regras”, uma “ambientação aos espaços do campo, onde realmente podemos treinar nossa paciência e atenção aos acontecimentos” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 147).

Nessa perspectiva, emerge, a cada passo, a noção de implicação, em dois sentidos: da equipe de pesquisa, que se compromete não só ética, política, sociológica e estética, mas também academicamente, com diferentes agentes subalternizados, minoritários, e de como esses também estão implicados com os agentes acadêmicos; e da percepção de que os agentes urbanos estão co-implicados nas cidades, mesmo distantes, material e/ou simbolicamente, mesmo apartados, ou, mais propriamente, vinculados através de hegemonias e subalternizações que se reconstituem (FONSECA, 1999; PASSOS; BARROS, 2009).

Trata-se de uma modificação do próprio campo, da própria compreensão do campo, dos próprios limites de intervenção, considerando-se uma maior sobriedade, talvez prudência, nas presenças, nas interações e nas potenciais implicações. Isso se revela, por exemplo, na percepção de que análises dualistas não conseguem evidenciar a complexidade dessa realidade socioespacial, não conseguem, por exemplo, perceber as implicações e, mais do que isso, as misturas, os hibridismos, as mesclagens que compõem o urbano e seus agentes. Então, nesse sentido, a essa prudência se alia também uma imaginação e ousadia nas metodologias mobilizadas e nos esforços interpretativos, mantendo e considerando o comprometimento e o cuidado com os agentes envolvidos.

Aqui emerge a necessidade não somente de novas referências, mas também de novas formas de estar em campo e de apreender o que ocorre no campo. Duas indicações podem ser pontuadas neste momento: o caminhar nas cidades como elemento que atravessa toda a pesquisa e a experiência de produção dos *sketches* urbanos.

#### O caminhar nas cidades

Aos poucos, a pesquisa vai refazendo seu caráter, de um processo marcado por dados secundários, coletados virtualmente, evidenciando uma cidade à distância, para um mergulho etnográfico que efetiva a proximidade reiterada e cotidiana. Pouco a pouco, fronteiras vão sendo cruzadas, no campo e na pesquisa, revelando uma dinâmica que oscila entre o planejamento e a condução organizada capaz de acolher a descoberta pontuada pela incerteza e pelo acaso, com os agentes inscritos no próprio vai e vem que compõem os espaços urbanos.

O caminhar urbano se torna essencial a esse deslocamento, pois é ele que referencia e, ao mesmo tempo, ancora recursivamente a possibilidade de um mergulho etnográfico significativo nas cidades. É o caminhar que efetiva uma pesquisa da proximidade, permitindo aos pesquisadores tangenciar e fazer parte do cotidiano urbano, particularmente ao considerarmos que o caminhar agrega a passagem, o movimento, a fronteira, o vínculo, o estar.

Desse modo, o caminhar, entendido enquanto andar pedestre pela cidade, se desvela enquanto modo de experienciar a cidade, tangenciando ou mergulhando em rotas, espacialidades, temporalidades, situações e interações diversas; inclusive ao considerarmos que o andar pedestre é o principal meio de deslocamento dos estudantes nas duas cidades.

O caminhar permite experienciar uma política da proximidade na pesquisa, abrindo



espaço para mergulhos etnográficos nas cidades, permitindo efetivar cartografias que evidenciem elementos significativos que as compõem. Ao pesquisador, cabe uma atenção ao que se apresenta em campo, o que requer uma abertura ao que se vai produzindo no percurso, identificando pistas ou indícios (GINZBURG, 1989) que lhe permitam redefinir formas – materiais e imateriais – consolidadas, linhas de fuga, tensões e devires emergentes (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). Engajar-se no caminhar pedestre na cidade, inclusive quando associado a variados instrumentos da pesquisa, como o diário de campo ou os *sketches* urbanos, permite apreender e registrar indícios, inclusive quanto aos elementos que buscam expressividade.

O caminhar envolve formas diversas em nossas pesquisas. Pode ocorrer enquanto flunar aberto a mergulhos nas cidades, incerto, sem roteiros previamente definidos, aberto ao que se apresenta no caminho. Pode ocorrer enquanto observação participante em uma festa na rua ou na praça, marcado por ambiguidades, entre a diversão e a pesquisa, de todo modo com o diário de campo revelando-se instrumento de registro importante. Pode ocorrer como observação direta de variados territórios intraurbanos das cidades, com a mediação de um questionário, em equipe, com foco previamente definido quanto ao que se vai observar. Pode ocorrer como a própria vivência que confunde pesquisador e morador das cidades, envolvendo as situações e os afazeres mais simples e ordinários da vida cotidiana.

De todo modo, nesses diferentes caminhares, imiscui-se a marca da atenção continuada e minimamente sequencial ao que se presencia, ao que se experiencia. A atenção aos indícios (GINZBURG, 1989) é ancorada por toda uma dinâmica, invisível, mas relevante, vivenciada pela equipe enquanto processos coletivos que nos vinculam a todos, pontuando e demarcando as questões da pesquisa – reuniões, tabulação e análise de dados, reflexões acerca dos conceitos, construção dos instrumentos de pesquisa, apresentação e discussão de indícios percebidos, dentre outros.

Essa múltipla forma do caminhar abre espaço para percepções, inserções, observações e interações diferentes em campo, particularmente ao considerarmos as reações dos agentes urbanos com os quais entramos em contato. Somos percebidos de forma diferente em cada uma dessas caminhadas, assim como percebemos as cidades e seus agentes também de forma diferente (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Ademais, essas formas diversas de caminhar nos permitem frequentar espaços diversos, por exemplo, centralidades e periferias intraurbanas, e nos posicionarmos de forma diferente nos lugares e nas situações cotidianas. Sendo moradores das cidades, mesmo migrantes temporários, certas caminhadas nos permitem participar das situações ordinárias da vida cotidiana, sentindo seus ritmos, interagindo e dialogando com seus agentes, experienciando os hábitos mais comuns e reiterados, comungando e, em certa medida, fazendo junto, e, mesmo assim, identificando indícios significativos.

### Os *sketches* urbanos

Já mergulhada nas situações cotidianas e caminhando na cidade de diferentes formas, em 2019 a equipe agrega enquanto recurso importante à pesquisa o registro através de um conjunto de *sketches* urbanos<sup>10</sup>. Os *sketches* são desenhos que retratam

<sup>10</sup> Para saber mais sobre os *sketches* urbanos e o movimento dos *skechers*, conferir Valgas (2016) e Kuschnir (2012).

cenar e situações do cotidiano urbano.<sup>11</sup> Neles, o desenhar adquire o caráter de construção processual de conhecimento, envolvendo a proximidade e, pode-se dizer, até mesmo, a cumplicidade com o que se desenha (KUSCHNIR, 2012), revelando uma dimensão experiencial que, ousamos afirmar, inclui dimensões cognitivas, normativas, “da afetividade e da sensibilidade, da memória, da imaginação e do projeto” (CEFAÏ, 2009, p. 24; KUSCHNIR, 2012, p. 297). Cabe lembrar do *snapshot*,

[...] [que] significa, literalmente, a imagem momentânea de uma cena ou fragmento da realidade. Neste deslizar do olhar pelo social – nos seus aspectos mais particulares, acidentais e superficiais – o fotografar [ou desenhar] é um processo de capturar o fugaz que o olhar vagabundo do fotógrafo (ou do sociólogo) [ou do artista] possibilita. [...] [buscando] preservar nas suas observações da realidade aquilo que nela é único e transitório, ao mesmo tempo que dela extrai o essencial da forma, a tipicidade (PAIS, 1993, p. 106).

A experiência com *sketches* urbanos vincula-se a uma lógica da descoberta que busca indícios nas situações urbanas cotidianas – ordinárias – experienciadas. Cabe falar em uma sociologia do talvez, na qual a realidade apenas se insinua – analítica, retórica e expressivamente –, não se entrega, necessitando ser imaginada, descoberta, construída (PAIS, 1993). Desse modo, os *sketches* insinuam, desvelam, indiciam, ao registrar as *cenar banais da vida cotidiana*, as situações e práticas ordinárias, revelando uma “ânsia de acercamento à realidade”, capaz de “fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas” (PAIS, 1993, p. 108). E, mais do que isso, instigando a conversão do “quotidiano em permanente surpresa”, desnaturalizando e problematizando o que parece normal, óbvio, absolutamente ordenado, estável e transparente (PAIS, 1993, p. 106). Não é à toa que De Certeau (1998, p. 171) refere-se aos *praticantes ordinários da cidade*, caminhantes, pedestres, “cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo”, referindo-se a “espaços que não se veem”, “poesias ignoradas”.

### Segundo caminho: cotidiano, indícios e conflitos

Os acontecimentos experienciados no cotidiano urbano requerem uma base teórica que permita compreender o caráter dos conflitos que se acentuam, e, mais do que isso, o que está emergindo a partir deles. Desse modo, um segundo caminho envolveu a redescoberta e a incorporação de elementos de uma sociologia do cotidiano (PAIS, 1993) e de um paradigma indiciário (GINZBURG, 1989); e, ao mesmo tempo, o contato com uma literatura que dialoga com as tradições pragmáticas através das categorias distúrbio, situações problemáticas, litígios, arenas públicas e partilha do sensível (CEFAÏ, 2009; RANCIÈRE, 2009).

No decorrer dos últimos anos, as juventudes urbanas, em Redenção e em Acarape, e particularmente os estudantes da UNILAB, têm experienciado um conjunto muito amplo de situações urbanas cotidianas que, pouco a pouco, são experienciadas como situações problemáticas (CEFAÏ, 2009). Nesse sentido, o que poderia ser vivenciado ou entendido como normal ou natural, emerge como algo que inquieta, incomoda,

<sup>11</sup> Os *sketches* urbanos foram feitos pelo artista André Dias, que se incorporou à equipe a partir de junho de 2019.



gera insatisfação, instituindo-se enquanto distúrbio (CEFAÍ, 2009). Sua continuidade, seu caráter de violência e violação de direitos, suas implicações e resultados vão, aos poucos, tornando esses episódios uma situação problemática que necessita ser entendida, redefinida e com a qual se busca lidar, e, de algum modo, controlar e regular (CEFAÍ, 2009).

Dentre as situações e os episódios que evidenciam essa dimensão conflitual, é possível indicar (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019): (i) constantes críticas efetuadas por radialista à UNILAB e às pessoas da instituição, em programa de ampla audiência, sediado em Redenção, mas com alcance na região, inclusive apresentando falas racistas e xenófobas; (ii) episódios de agressão verbal, moral e física, com caráter machista, misógino, racista e xenófobo, atingindo discentes da universidade em espaços públicos das cidades; (iii) assaltos, alguns com agressões físicas, e invasões a residências de universitários, inclusive com discentes feridos, alguns gravemente; (iv) críticas à ocupações criativas efetuadas por docentes e discentes da UNILAB e convidados em alguns casos, contando com apoio de segmentos policiais “encerrando a festa”; (v) enquete efetuada por vereador de Acarape, instando a população a escolher entre a instalação de um novo *campus* da universidade ou uma indústria no município; (vi) os aluguéis caros, com preços exorbitantes, aos quais os estudantes precisam se submeter; (vii) assaltos na entrada/saída dos *campi* da UNILAB, particularmente em Palmares, onde se concentra a maioria dos cursos noturnos; (viii) tentativa de feminicídio ocorrida no interior do *campus* da universidade; (ix) denúncias de estupros envolvendo discentes da UNILAB.

A Figura 2 registra uma Assembleia Estudantil realizada em 18 de julho de 2018, agregando centenas de estudantes, no contexto de uma ocupação estudantil de parte da Universidade.



Figura 2: assembleia de alunos da unilab – campus liberdade. Fonte: projeto cidades e juventudes no maciço de baturité; autor: andré dias.

A migração temporária dos estudantes, em um contexto de ausência de residências universitárias e de políticas urbanas, particularmente habitacionais, induziu a instituição de um mercado imobiliário para aluguel nas duas cidades, com a recuperação de imóveis já existentes e construção de imóveis novos, destinados preferencial ou exclusivamente ao aluguel para estudantes universitários (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019), que revelam, inclusive, a instituição de uma verticalização incipiente no padrão de ocupação urbana (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019); dinamizando também mercados consumidores e economias locais (MACHADO, LIMA, FURTADO, 2017).

Os discentes efetuam consumos variados, envolvendo pequenos comércios, mercadinhos, supermercados, bares, restaurantes e lanchonetes, e também usufruem, em algum grau, dos equipamentos e serviços de saúde, educação, esporte e assistência social existentes (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Para exemplificar como a presença dos discentes impacta as cidades, particularmente dinamizando as economias locais, cabe indicar que Redenção passa a ter cinco supermercados após a implantação da Unilab, quando anteriormente somente possuía um desses equipamentos.

Redenção estrutura-se, como indica a Figura 3, em: (i) duas centralidades, Centro Principal e Praça do Obelisco; (ii) dois bairros agregados, Centro Comunitário e Conjunto Habitacional; (iii) duas grandes periferias: ao Sul, Boa Fé/PROURB e Alto da Boa Vista; ao Norte, Alto do Cassiano; (iv) vazios urbanos, uma área de transição e duas áreas periurbanas, cabendo destacar a Franja Periurbana e a Fazenda (vide Figura 1). Em Acarape, como indica a Figura 3, a estrutura urbana apresenta: (i) uma ampla porção de vazios urbanos, um bairro de transição e uma área de expansão; (ii) um eixo central, que se apresenta mais como um vetor de estabilização e atração comercial do que como um centro econômico, político e simbólico bem delimitado material e imaterialmente; (iii) duas periferias, São Benedito/Estrada Velha e São Francisco/Marrecos.

A grande maioria dos discentes reside em periferias intraurbanas locais, cabendo



Figura 3: mapa dos territórios intraurbanos de redenção e de acarape. Fonte: Projeto Cidades e Juventudes no Maciço de Baturité; elaborado por Regina Balbino.

considerar que centralidades e periferias, interdependentes, conjugam diferenças e desigualdades quanto à: (i) distribuição de infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos; (ii) riscos urbanos, associados a fatores naturais, como o relevo acidentado em áreas de risco, e a violências criminais e delinqüenciais; (iii) imaginários e percepções simbólicas, envolvendo, por exemplo, estigmas associados a territórios específicos; (iv) mobilidade intra e interurbana.

Parcela das juventudes passa, aos poucos, a manifestar-se publicamente em relação aos episódios indicados e a outros, relatando-os como situações problemáticas, descrevendo-os e, mais do que isso, justificando suas falas, argumentando e buscando dotar de validade sua posição e demandas associadas (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Presencia-se a constituição, mesmo espontânea e não totalmente formal, de uma coletivização das ações, tal qual uma orquestração sem maestro, considerando-se o defrontar cotidiano com essas situações problemáticas (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

Essa dimensão pública emerge nas redes sociais, nos corredores, salas de aula e instâncias institucionais da universidade, nos bares, nas ruas e nas praças das cidades, e nas redes sociais virtuais (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). O urbano se alarga e emerge uma dimensão pública e política na cidade, conformando arenas públicas (CEFAÍ, 2009), mesmo que efêmeras. Em determinado momento, e ao largo das representações mais tradicionais das juventudes estudantis, como centros acadêmicos e partidos políticos, constitui-se uma forma associativa que se denominou Juventudes Autônomas de Redenção e Acarape (JARA), manifestando-se através de uma Carta Pública<sup>12</sup> em que demanda o acesso e usufruto de direitos, a existência de espaços públicos e de políticas urbanas que garantam às juventudes as condições para lazer, esporte, cultura, arte e convivência cotidiana.

Apesar do que pode parecer à primeira vista, esse contexto não comporta somente mudanças, ao contrário, há continuidades significativas, assim como hegemonias e subalternidades.

Terceiro caminho: alargamento do urbano

Um terceiro caminho envolveu um alargamento teórico e prático do urbano, com a equipe da pesquisa inicialmente percebendo e evidenciando, como relações, redes e diálogos virtuais dos quais as juventudes participam, e nos quais os conflitos também são experienciados, compõem a cidade e a dinâmica de produção do espaço urbano. Com a equipe da pesquisa também constituindo um maior cuidado às relações entre as duas cidades, considerando e integrando múltiplas escalas do urbano – urbano-regional, aglomeração urbana e intraurbano. E vivenciando uma atenção mais específica às relações envolvendo centralidades e periferias na cidade, agentes hegemônicos e subalternizados, buscando transcender perspectivas essencialistas e duais. Além disso, dois outros elementos compõem esse alargamento teórico-empírico do urbano: a articulação entre sociologia do cotidiano, paradigma indiciário e geo-história de longa e média duração e as tensões entre cidade lenta e intensificação do urbano.

*Incorporando uma geo-história de longa e média duração*

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/search/posts/?q=juventudes%20aut%C3%B4nomas%20reden%C3%A7%C3%A3o&epa=SERP\\_TAB](https://www.facebook.com/search/posts/?q=juventudes%20aut%C3%B4nomas%20reden%C3%A7%C3%A3o&epa=SERP_TAB). Acesso em: 11 mar. 2019.

No espaço urbano, se inscrevem e se condensam escalas temporais e espaciais diversas, perceptíveis através das *tramas finas das estruturas* urbanas de longa duração e das práticas cotidianas de interação face a face (BRAUDEL, 1965; PAIS, 2005), cabendo “não pensar, unicamente [sic], no tempo curto, não crer que só os atôres [sic] que sobressaem sejam os mais autênticos; há outros, e silenciosos” (BRAUDEL, 1965, p. 276).

Essa percepção emerge quando nos perguntamos sobre os povos indígenas e africanos escravizados que habitavam a Região do Maciço de Baturité e, particularmente, as áreas que atualmente conformam os dois municípios/cidades. Onde estão? Quais suas histórias, memórias, tradições, artefatos? Onde estão as famílias, as comunidades, as pessoas? A par dos genocídios e dos etnocídios perpetrados nos séculos de dominação colonial na região, cabe questionar se continuam operantes nas cidades estruturas e relações de longa duração, bem como costumes e hábitos reiterados através dos anos, evidenciando “imperativos e constrangimentos morais profundamente arraigados” (TURNER, 2008, p. 31). Aos poucos, enfatizando o urbano como processualidade, fomos compreendendo que “o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações”, evidenciando que as cidades são portadoras “de uma espessura processual”, contrastando “com o meio informacional raso” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 58-59).

O contato com a geo-história de longa duração nos permitiu avançar na percepção e experiência de cidades que, ao monumentalizar a *libertação* dos escravizados de modo pioneiro no país, tornando pública, material e imaterialmente inscrita a *redenção*, articulam e reproduzem ausências, silenciamentos, invisibilidades. O contexto é ainda mais complexo ao considerarmos que também compõe essa articulação entre cotidiano/longa e média duração uma religiosidade católica tradicional bastante presente nas cidades, continuamente reativada, inclusive através de episódios que remontam, pelo menos, ao século XIX.

*Cidade lenta e intensificação do urbano*

Cabe considerar como os quadros de observação/imersão em pequenas cidades, incluídas Redenção e Acarape, considerando sua extensão físico-geográfica, favorecem experiências de apreensão e registro das cenas cotidianas marcadas pelo deslocamento e presença corporal dos pesquisadores em diferentes pedaços urbanos. Desse modo, em certa medida, cabe falar no embrenhar-se na cidade e na feitura de uma *ciência vivida* e de uma *estética vivida*, o que é facilitado, também, pelo fato das duas cidades ainda manterem relações e situações marcadas pela proximidade, pela lentidão e pelas trocas entre *carne e pedra*, entre corpo e cidade (SENNET, 2003). Os corpos e as cidades se influenciam, *alimentam*, dinamizam e reconstituem mutuamente, com espacialidades e temporalidades urbanas permitindo interações, diálogos, trocas, circulações e permanências, envolvendo agentes bastante diferentes entre si.

A implantação da UNILAB carrega para o cotidiano urbano das duas cidades a presença cotidiana de centenas de jovens, mulheres, negros, africanos, indígenas, quilombolas, gays, lésbicas, que se posicionam de modo não tradicional no espaço urbano, circulam com outras falas, posturas, hábitos e modos de estar, de ser, de se relacionar, alimentar, conviver e vestir (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Para ilustrar, cabe indicar como antes da implantação da UNILAB apenas 28 pessoas se autodeclaravam indígenas no município de Redenção, e, dessas, apenas 5 residentes na cidade (IBGE, 2010). Em Acarape, não havia registro de pessoas indígenas (IBGE, 2010). Com a UNILAB, somente selecionados nos editais exclusivos para



indígenas e quilombolas, há 125 estudantes com esse perfil, vários deles aldeados ou aquilombados, originários de diferentes regiões do Ceará, com a grande maioria residindo nas duas cidades durante o período letivo (UNILAB, 2019).

Nesse contexto, e considerando que se tratam de cidades que se fazem hegemônicas através de um perfil tradicional e até conservador, a presença cotidiana no espaço urbano, por si só, em sua reiteração, e ao considerarmos a diversidade social que a UNILAB institui, parece gerar tensões significativas. Mais do que isso, também cabe considerar que as cidades ancoram, mesmo de modo minoritário, agentes que vêm assumindo perfil e postura ativista, política e publicamente ativos, com falas e comportamentos marcados por disposições neoconservadoras e neofascistas, reforçando e/ou reativando no cotidiano urbano um conjunto de preconceitos e discriminações de várias ordens, redundando em violações de direitos e em violências físicas, morais, verbais, etc., em diferentes situações.

Também cabe considerar que a proximidade entre corpo e cidade ocorre em um contexto de *agudização do caráter urbano* nas duas cidades. Essa agudização envolve uma intensificação e ampliação da variedade das experiências urbanas experienciadas, com “estímulos recebidos de um grande número de indivíduos diferentes”, evidenciando uma ampliação da convivência cotidiana, inclusive através do “contato físico estreito de numerosos indivíduos” (SIMMEL, 1967; WIRTH, 1967). Apesar disso, avalia-se que não há – ainda – uma hegemonia, nas duas cidades, de modos de vida urbanos marcados – mesmo de modo latente ou tendencial – pela abolição do contato corporal, pela desconexão com o espaço e pela perda do caráter associativo (SENNETT [2014], *apud* NASCIMENTO, 2016, p. 3). Dito de outro modo, ainda não é hegemônico, nas duas cidades, um urbano que tenderia a causar *estranhamento e afastamento*, em vez de proximidade (SENNETT, 2014 *apud* NASCIMENTO, 2016, p. 3).

Todavia, isso não significa, mesmo considerando a prevalência da cidade lenta ao invés da cidade veloz, que inexistam distinções urbanas associadas a clivagens de classe, raça, gênero, geração, sexualidade, nacionalidade e etnia. Não implica, tampouco, afirmar a ausência de desigualdades, segregações, opressões e violências. Ao contrário, há e assume-se, em vários casos, expressividade, caráter e implicações dramáticas e violentas, inclusive através de episódios de racismo, xenofobia, homofobia, misoginia e machismo. A cidade lenta não é uma cidade homogênea, unificada ou pacificada. É uma cidade que se faz hegemônica através de processos inscritos de média e longa duração que se reproduzem processualmente na vida cotidiana.

#### Quarto caminho: Entre Hegemonias e Subalternidades

Um quarto caminho envolveu a atenção voltada para as dinâmicas e as características de uma cidade que se (re)faz reiteradamente hegemônica em seus dispositivos, configurando uma partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009) hegemônica, e, ao mesmo tempo, vivenciando o tensionamento e potencial esgarçamento dessa partilha no contexto atual.

A partir de certo momento, com as crescentes tensões envolvendo juventudes em Redenção, e considerando as percepções associadas ao caminhar na cidade – diurno e noturno –, envolvendo as interações, os afetos, as presenças e ausências, os diálogos interindividuais e um complexo de significados afirmados em espaços públicos e privados, fomos percebendo a importância de entender os complexos jogos

envolvendo o que aqui estamos nomeando como hegemônias e subalternidades (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Particularmente, cabe a referência às caminhadas, que envolvem o passar, o deslocar e o estar nos lugares, associadas às festividades de Santa Rita de Cássia, a cerveja nos botecos e as ocupações urbanas criativas juvenis (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019) e também à pesquisa de campo envolvendo questionários nas centralidades e periferias das cidades (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

Nos termos de De Certeau (1998, p. 171), a cidade que se faz hegemônica constitui-se enquanto panorama, marcada pela visão à distância, revelando um simulacro narcísico, um quadro citadino que requer a naturalização do olhar à distância e “que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas”, entendida como *ficção que só conhece os cadáveres* e requerendo a exclusão do “obscuro entrelaçamento dos comportamentos do dia-a-dia [sic]”, um “fazer-se estranho” a esses comportamentos. Essa cidade hegemônica ao mesmo tempo em que dá visibilidade a certos agentes, práticas, lugares e objetos nos espaços urbanos, oculta, dissimula, invisibiliza outros.

No caso de Redenção, e Acarape segue a reboque, mesmo parcialmente, trata-se de uma cidade que se faz monumentalização, associada ao fato histórico de que teria sido a primeira do país a libertar todos os seus escravizados (MACHADO et al, 2019, no prelo). Assim, ao publicizar o passado de um determinado modo, conforma-se uma cidade que, estática e voltada ao passado, esquece o presente e o futuro, invisibilizando os agentes indígenas/africanos e seus descendentes –, suas heranças, suas memórias e histórias, suas culturas, suas demandas e necessidades. A cidade se faz hegemônica ao (i) operar a redução do espaço urbano a um espaço singular e próprio, “capaz de recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam” (CERTEAU, 1998, p. 173); (ii) estabelecer um não tempo ou um tempo sincrônico que bloqueia todas as demais temporalidades, as “resistências inapreensíveis e teimosas” (CERTEAU, 1978, p. 173); (iii) criando um sujeito universal e anônimo, que anula ou dissolve todos os demais (CERTEAU, 1998, p. 173). Desse modo, tratam-se de cidades que se fazem hegemônicas ao subalternizar mulheres, indígenas, negros, africanos, LGBTQ+, mestiços, não proprietários de terra e capital, pobres, jovens, não naturais do lugar, dentre outros segmentos sociais; ao relegá-los aos não lugares das cidades – as periferias invisíveis, os espaços privados, e ao não os reconhecerem enquanto sujeitos das cidades, posto que não se enquadram no perfil – que se faz hegemônico – aparentemente identificado com o homem branco, heterossexual, proprietário de terra ou capital e católico.

Porém, para além dessa cidade que se faz hegemônica, “proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir” (CERTEAU, 1998, p. 174). Considerando isso, o cartografar e o caminhar na pesquisa buscam:

[...] [identificar e] analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de serem controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítima, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividade sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora (CERTEAU, 1998, p. 175).

Cabe considerar que as hegemonias somente adquirem concretude, sentido e potência para se reproduzirem à medida que se atualizam ao performarem-se através dos/nos agentes que convivem e interagem cotidianamente nos espaços urbanos. Desse modo, também as pequenas cidades revelam equilíbrios e condensações de forças, sempre provisórias e a se refazer cotidianamente e continuamente, em um reiterado devir (PASSOS; BARROS, 2009). A par de hegemonias que se atualizam reiteradamente – e não desde sempre e para sempre –, as cidades evidenciam instabilidades, fluidez e porosidade em suas processualidades, e nas espacialidades e temporalidades que as compõem, desvelando uma *dinâmica de devir* que “potencializa resistências atuais e atualiza existências potenciais” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 20). Nesse sentido, em estruturas e formas urbanas de média e longa duração e em dinâmicas urbanas cotidianas, as cidades – e mais particularmente situações e episódios cotidianos – podem desvelar como “as existências se atualizam, as instituições se organizam e as formas de resistência se impõem contra os regimes de assujeitamento e as paralisias sintomáticas” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 21).

Intui-se, portanto, o contínuo refazer-se de hegemonias e subalternidades, evidenciando a força de uma dimensão e dinâmica conflitual, mesmo invisível, dissimulada, oculta e/ou interdita. Emerge, então, a seguinte questão: como intuir, indiciar, evidenciar e narrar as hegemonias em seus fazeres, formas e tensões constitutivas e, ao mesmo tempo, as subalternidades que – mesmo de modo latente ou potencial – constituem resistências, alternativas, contraposições e contraciclos, mesmo fragmentários, minoritários e efêmeros? Através de quais teorias e conceitos, a partir de quais posturas? Como apreender, experienciar mesmo, a contínua tensão entre estruturas, configurações e/ou formas urbanas consolidadas e uma dinâmica do contínuo refazer-se, comportando as contradições, as multiplicidades, as polifonias, as incertezas, as inquietações, as dúvidas, as variações, as resistências, as contraposições, os contraciclos, que perpassam os espaços urbanos. Aqui, à geo-história de longa duração, à sociologia do cotidiano e ao paradigma indiciário, se ajunta, mais propriamente, o que podemos agregar sob o nome de cartografia social. As referências da cartografia social nos permitem perceber que as hegemonias contêm em si, ao mesmo tempo, a afirmação de si próprias e seu extrapolar, suas implosões, suas tensões, mesmo minoritárias, subalternizadas, efêmeras, fragmentadas, não visíveis, pouco articuladas e institucionalizadas.

Afinal, embora a cidade seja tradição, cabendo intuir o que nela permanece constante, ela é, também, passagem, movimento, caminho que se recria através de rotas não preestabelecidas as quais podem, inclusive, nas encruzilhadas entre continuidade e ruptura, reativar memórias de longa duração, silenciadas, esquecidas, invisibilizadas (PAIS, 2005). Portanto, no caminhar e no cartografar, certos agentes, ao refazerem o urbano através de suas práticas cotidianas, podem deslocar o que é visível e invisível, reativando sentidos historicamente desqualificados e tornados invisíveis, descartáveis ou ininteligíveis (SANTOS, 2002).

A atenção às tensões, portanto, constitui-se enquanto mecanismo metodologicamente relevante à compreensão do campo, inclusive porque é possível, em diferentes momentos e processualidades, sentir, no espaço e nos agentes urbanos, “intensidades buscando expressão” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 66) (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Há um deslocamento analítico, então, das estruturas para as processualidades, as quais permitiriam evidenciar configurações “de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente”, considerando que as “configurações subjetivas [e objetivas] não apenas resultam de um processo histórico que lhes molda estratos, mas portam em si mesmas processualidade, guardando a potência do movimento” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 77).

Nesse sentido, retendo a dinâmica da processualidade, inscrita nas cidades, também cabe considerar o *plano das formas* em tensão com o *plano das forças*:

O plano das formas corresponde ao plano de organização da realidade (Deleuze e Parnet, 1998) ou plano do instituído (Lourau, 1995) e concerne às figuras já estabilizadas – individuais ou coletivas. Também se incluem aí os objetos que acreditamos constituir a realidade: coisas e estados de coisa, com contornos definidos que lhes emprestam caráter constante e cujos limites parecem claramente distingui-los uns dos outros. [...] os objetos do mundo, diferente de possuírem natureza fixa, de ostentarem invariância, abrem-se à variação, ou melhor, estão em constante processo de transformação. Eles são resultantes de composições do plano das formas com o plano movente das forças ou coletivo de forças. [...] As formas resultam dos jogos de forças e correspondem a coagulações, a conglomerados de vetores. [...] O desafio da cartografia é justamente a investigação de formas, porém, indissociadas de sua dimensão processual, ou seja, do plano coletivo das forças moventes (ESCÓSSIA; TEDESCO, p. 94-99).

Nesse contexto e um pouco à frente na caminhada, vivencia-se a percepção de que está em curso nas cidades – potencialmente – uma renovação das hegemonias e subalternidades postas, com variadas ações adquirindo o caráter de remeter e relegar as juventudes às periferias urbanas nas cidades, considerando dimensões materiais e simbólicas. Está em jogo uma disputa pelas centralidades, pelo direito de estar ou não nesses espaços, pelo direito a fazer a cidade de modo que as juventudes possam ou não ocupar, acessar e usar esses espaços centrais, simbolicamente muito significativos para as elites locais e os segmentos médios agregados. Nesse contexto, também se entende que cabe considerar a ampla diversidade de necessidades e interesses vinculadas aos moradores mais antigos das cidades a partir de suas percepções, demandas, questionamentos e críticas.

### Considerações Finais

A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, e não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente, pois sempre podemos ser assaltados pela política cognitiva do pesquisador cognitivista: aquele que se isola do objeto de estudo na busca de soluções, regras, invariantes. O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo *com a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo com* o coletivo (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 73-74, grifos dos autores).

Enquanto pesquisadores estamos em obras, em processos, inacabados, em uma reiterada dinâmica de experienciar, fazer, incorporar, analisar, redefinir, recomeçar. Apesar do que poderia parecer, não se trata de uma situação ruim, desde que consigamos gerar acúmulos significativos, vivendo os caminhos enquanto potência, criação e aprendizagem.

Cartografar é acompanhar processo e, em nosso caso, é preciso considerar que Redenção e Acarape são cidades em diáspora. A diáspora é sempre lugar de sofrimento e, porventura, tragédia, mas é também lugar de invenção, de trânsito, de movimento, de passagem, de múltiplos cruzamentos e encruzilhadas (SIMAS, 2019). Cabe reconhecer a cartografia enquanto abordagem ou método investigativo que compreende a pesquisa/análise, ao mesmo tempo, enquanto intervenção, em que o “observador está sempre implicado” e onde a “intervenção não se dá em um



único sentido” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 21). Desse modo, percebemos que se trata, a um só tempo, “de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade”, inclusive adquirindo o caráter de conectar “devires minoritários” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 27-28). No entanto, essa dimensão não foi aqui tematizada. É talvez uma das mais complexas, sobre as quais ainda estamos intuindo, refletindo e buscando constituir algumas iniciativas, porventura significativas.

Porém, foi possível perceber e sintetizar brevemente alguns elementos relevantes aos caminhos percorridos. Dentre eles: (i) a crescente densidade e complexidade da pesquisa e, simultaneamente, do campo; embora essa densidade e complexidade nos tensionem e desafie, revela-se como espaço de descoberta e aprendizagem teórica e prática; (ii) o deslocamento da escala simples para a multi ou a transescalaridade; (iii) o caminhar da sociologia do cotidiano e do paradigma indiciário para as tensões criativas envolvendo sociologia do cotidiano, paradigma indiciário, pragmatismo, geo-história de média e de longa duração e cartografia social; (iv) o fazer dialogar a cidade com os territórios intraurbanos, os micro e nanourbanos e o urbano regional; (v) o fazer dialogar espacialidades e temporalidades significativas que, porventura, coexistam nas cidades, evidenciando uma proliferação de multiplicidades, de agenciamentos; (vi) o reconhecer que há hegemonias e subalternidades, há formas/estruturas sociais e urbanas que se consolidam, que se hegemonizam, que imperam, porém sempre sob tensão, e, portanto, em si potências e multiplicidades variadas; (vii) o perceber que as hegemonias necessitam atualizar-se a cada momento, em cada contexto, enquadramento e situação; (viii) o perceber que as subalternidades se exercem ativando modos marcados – mesmo de modo latente ou potencial – por inquietações, incômodos, tensionamentos, transcendências, rupturas, desvios, recriações, mudanças; (ix) a emergência de novas – novas no sentido de antes não estarem inscritas ativamente nos espaços urbanos locais – juventudes urbanas; (x) o cartografar as processualidades das inscrições juvenis – materiais e virtuais – nas cidades, sua emergência pública e política, e, ao mesmo tempo, portanto, a emergência do público e do político nas cidades; (xi) o perceber a potência das ocupações urbanas criativas; (xii) o experienciar uma questão urbana que se politiza e se publiciza, inscrevendo em si as lutas por necessidades sociais (no sentido lefebvriano), emergindo como direito à cidade; (xiii) um lidar com situações problemáticas que desnaturaliza as formas sociais consolidadas – partilha do sensível; (xiv) a emergência de uma dimensão conflitual alargada, intensa, corriqueira e reiterada, desvelando, também, a espessura das cidades, inclusive no que envolve nossa *chegada aos meios*.

### Agradecimentos

Agradecemos à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP); ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PROPPG-UNILAB); à Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX); ao Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

### Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Do direito à cidade ao fazer cidade: o antropólogo, a margem e o centro*. Maná, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

ALVAREZ, Johnny.; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia.; ESCÓSSIA, Lilianna. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

BARROS, Laura Pozzana.; KASTRUP, Virginia Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BASTOS, Ana Paula Pinto. *A diáspora africana numa trajetória geográfica, territorial e libertadora: da África ao Brasil (a liberdade em Redenção)*. Cadernos de Geografia, Coimbra, n. 34, p. 6572, 2015.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. Revista da História, v. 30, a. 16, p. 261-294, 1965.

BRASIL. Ministério da Educação. Unilab. Estatuto Geral da UNILAB. In: Unilab. 2019<sup>a</sup>. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2018/01/Estatuto-da-Universidade-da-Integra%C3%A7%C3%A3o-Internacional-da-Lusofonia-Afro-Brasileira-aprovado-pela-resolu%C3%A7%C3%A3o-42-2016-e-alterado-pelas-resolu%C3%A7%C3%B5es-332017-e34-2017.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Unilab em números. In: Unilab. 2019b Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrjoiNTkzZjY2MWQ4tNjMzNS00MjkzLWI4YTAtOGJyY2NmNjdmNzI1liwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVhMzI5>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CEFAÏ, Daniel. *Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva*. Dilemas, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DETONI, Luana. Pavan; ROCHA, Eduardo. Cartografia das Cidades Pequenas: o caso de Aceguá/BR e Acegua/UY. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017. Anais [...]. São Paulo: ENANPUR, 2017.

ENDLICH, Angela Maria. *O estudo das pequenas sociedades e os desafios conceituais: áreas de comparabilidade e complexidade mínima*. Huellas, n. 15, p. 149-165, 2011.

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. Revista Brasileira de Educação da ANPED, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999. Acessado em: 19 ago. 2018. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20082/EducacaoMII/4SF/Miriam/RBDE10\\_06\\_CLAUDIA\\_FONSECA.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20082/EducacaoMII/4SF/Miriam/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf).

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico*. Brasília: IBGE, 2010 Acessado em: 15 mar. 2019. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). As

regiões de planejamento do estado do Ceará. Textos para Discussão, n. 111, nov. 2015.

KASTRUP, Virgínia.; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.

KUSCHNIR, Karina. *Desenhando cidades*. *Sociologia e Antropologia*, v. 2, n. 4, p. 295-314, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

MACHADO, Eduardo Gomes; LIMA, Erlaino. F.; FURTADO, Osvaldo. *Urbanização e os desafios à política urbana em pequenas cidades: o caso de Redenção, Ceará, no contexto de implantação da UNILAB*. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 5, p. 43-63, 2017.

MACHADO, Eduardo Gomes et al (no prelo). *Cidades, Juventudes E Conflitos Urbanos: Questões Teórico-Empíricas A Partir De Redenção E Acarape*. Estudos de Sociologia (Recife), 2019.

NASCIMENTO, Silvana. *A cidade no corpo*. *Ponto Urbe*, v. 16, p. 1-12, 2016.

NASCIMENTO, Flavio Rodrigues; SOUZA, Marcos José Nogueira; CRUZ, Maria Lúcia Brito. *Diagnóstico Socioeconômico da Área de Proteção Ambiental da Serra de Baturité – Ceará*. RA'EGA, Curitiba, n. 20, p. 19-33, 2010.

PAIS, José Machado. *Nas rotas do cotidiano*. *Revista Crítica da Ciências Sociais*, n. 37, p. 105-115, 1993.

PAIS, José Machado. *Sociologia da vida quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

PASSOS, Eduardo.; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para uma sociedade das ausências e uma sociologia das emergências*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Francisco Leandro de Almeida; MEDEIROS, Ésulo Maia; SOUZA, Marcos José Nogueira. *Contexto Hidroclimático do Enclave Úmido do Maciço de Baturité – Ceará: Potencialidades e Limitações ao Uso da Terra*. *Revista Geonorte*, v. 2, n. 5, p. 1056-1065, 2012.

SENNETT, Richard. 2014. *Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental*.

2º ed., BestBolso: Rio de Janeiro.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2003.

SIMAS, Luis Antonio. *Epistemologia da Macumba de José Luiz Simas*. Canal Escritos IBICT, 30 set. 2019. 1 Vídeo [59m06s]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=52&v=ciQLWs7xVCw](https://www.youtube.com/watch?time_continue=52&v=ciQLWs7xVCw). Acesso em: 21 nov. 2019.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, 1967. p. 10-24.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

VALGAS, Paulo Henrique Tôrres. *Urban Sketchers e a Descoberta da Cidade*. *Revista Ciclos*, v. 3, p. 174-183, 2016.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, 1967. p. 89-112.



# O CORPO-MULHER QUE CAMINHA

## caminhografia na cidade de Pelotas

Taís Beltrame dos Santos<sup>1</sup>  
Vanessa Forneck<sup>2</sup>  
Carolina Frasson Sebalhos<sup>3</sup>

### Resumo

A partir da nossa experiência como mulheres pesquisadoras, arquitetas e urbanistas, que caminham, o trabalho traz relatos sobre a disciplina Caminhografia Urbana do PROGRAU/FAUrb/UFPel, seus procedimentos e sua metodologia. Percorrendo um caminho teórico que parte da cartografia de Deleuze e Guattari, perpassa a cartografia urbana situacionista e alcança a transurbância, a caminhografia urbana consiste no cartografar enquanto se caminha, ou seja, na elaboração de mapas de *afectos* durante um percurso a pé. O procedimento simultâneo visa capturar o que, naquele instante, possui maior intensidade, marcando o registro do momento em mapas sensíveis. Dessa forma, concluímos que a caminhografia como um método de (re)conhecimento da cidade, funciona como uma caixa de ferramentas em nossas mãos, possibilitando, através de diversos procedimentos, uma leitura de cidade palpável, que diz sobre a subjetividade coletiva que constitui os espaços.

Palavras-chave: caminhografia urbana, cartografia, caminhada, corpo-mulher, cidade.

## WOMAN'S BODY WALKING

### walkgraphy in the city of Pelotas

### Abstract

From the experience of three women researchers, architects and urbanists, who walk, the work brings reports about the discipline of Walkgraphy - PROGRAU / FAUrb / UFPel - its procedures and methodology. Following a theoretical path that starts from the Deleuze and Guattari's cartography, it goes through the situationist urban cartography and reaches the transurbance. walkgraphy consists of mapping while walking, that is, the elaboration of affection maps during a walking route. The simultaneous procedure aims to capture what at that moment has the highest intensity, marking the moment registration in sensitive maps. Thus, it can be concluded that the

1 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

3 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Franciscana (UFN).

caminhografia as a method of (re) knowledge of the city, works as a toolbox in our hands, enabling through the various procedures, a palpable city reading, which tells about the collective subjectivity that constitutes the spaces.

Keywords: walkgraphy, cartography, walking, female body, city.

### Introdução

Caminhamos todos os dias. Nós: três arquitetas e urbanistas, brancas, que utilizam as pernas como meio de locomoção. Caminhamos menos depressa do que passam os ônibus, os carros e as bicicletas. Porém, com mais objetividade do que as crianças, os idosos, os viajantes. Percorremos as ruas pouco dispostas aos encontros ordinários, pois não nos colocamos em estado de experiência. Devido à rapidez e ao propósito – de, normalmente, chegarmos a outro lugar –, muitas coisas passam despercebidas. Ainda assim somos subversivas, pois a rua sempre foi um espaço masculino.

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais (CARERI, 2013, p. 170).

Como mulheres, podemos acrescentar também outros temores: medo de ser oprimida, medo de ser assediada, medo de ser perturbada e medo de ser violentada. E caminhar, sem resguardo ou companhia, é estar nesse local de sensibilidade, e talvez vulnerabilidade, que nos obriga a perceber tudo o que nos cerca. É caminhar sempre à espreita de um acontecimento. Com uma atenção cartográfica, que Virgínia Kastrup (2009) sugere que seja flutuante, concentrada e aberta. Nós mulheres, ao que parece, já somos mais suscetíveis a perceber, por meio deste tipo de atenção, o que se desconhece. Estamos sempre vigilantes.

Pensando na caminhada como uma prática estética e ética suscetível ao encontro, a disciplina Caminhografia Urbana do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, proposta pelo grupo de pesquisa Cidade e Contemporaneidade<sup>4</sup>, propôs um percurso pelas ruas de Pelotas que transformasse e interviesse na cidade. O título caminhografia faz referência ao cartografar<sup>5</sup> caminhando, pois objetiva a construção de mapas a partir do deslocamento a pé. Com a máxima “perder tempo e ganhar espaço” (CARERI, 2013), propõe-se a ressignificação dos espaços e a construção simbólica de lugares banais que coexistem na malha urbana, a partir de uma leitura subjetiva e intensiva dos encontros consigo mesmas, com a cidade e com os outros.

Os encontros intensivos são preponderantes, pois, segundo Luiz Orlandi (2014), eles nos forçam a pensar, a sentir e a imaginar. São encontros que nos invadem e nos obrigam a ter o que dizer. São encontros que para a cartografia urbana, revelam muito sobre a cidade que está sendo experimentada e que, de uma forma simplificada, nos contam sobre uma (des)ordem efêmera de cidade, que não está presente nos planos homogêneos e sedentários.

O objetivo deste escrito é explicitar os atravessamentos que nos encontramos, ou

4 O grupo é parte do Laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>.

5 A cartografia é um método proposto por Deleuze e Guattari (1995) que permite o acompanhamento de um processo. Valoriza a experiência e compreende que não existe a separação entre objeto e pesquisador, pois ambos se confundem e se afectam durante uma experiência.

os encontros que nos atravessam, enquanto corpo-mulher-cartógrafa-arquiteta-urbanista que caminha, através do mapeamento das experiências vividas no processo da caminhada em três encontros diferentes na cidade de Pelotas. Para isso, usamos a metodologia da caminhografia, que foi aplicada na disciplina. Este método exprime uma coexistência de acontecimentos, que são revelados no ato de caminhar e mapear o espaço concomitantemente, refletindo sobre a errância enquanto mulheres que precisam estar sempre à espreita. Serão apresentadas inscrições-mapas, que, como resultados, sugerem pistas e considerações sobre o agir na cidade. Afinal, “não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras” (DELEUZE, 1992).

### A cartografia

A cartografia como forma de investigação foi proposta por Deleuze e Guattari (1995) e, subvertendo as lógicas científicas precedentes, visa mapear um processo, e não representar um objeto. Esse mapeamento é proposto a partir das sensações – ou dos *afectos* e *perceptos*<sup>6</sup> desencadeados em uma experiência. O mapa pode ser feito individualmente ou em grupos, apresentando uma adaptabilidade em sua formação, podendo ser rasgado, reinventado, invertido e adaptado (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Expressa as subjetividades e instâncias minorizadas – ou também as microrresistências, usualmente ignoradas nos mapas hegemônicos. Difere-se de um mapa urbano delimitado por ruas, lotes, cursos d’água, relevos.

A cartografia consiste em um mapa sensível, do heterogêneo, do que é visto, vivido e sentido, mas não é dito. Fala sobre as informações que não constam nas escritas tradicionais, mas que podem ser sobrepostas a estas, de maneira que revelem os acontecimentos. Logo, entendemos que “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.30). Pode ser caotizado e comparado, revertido, superposto e relatado. Possui caráter qualitativo, não sendo relevante a quantidade de informações coletadas, mas sim a intensidade dessas informações, a subjetividade absorvida e as potencialidades provocadas naquele instante.

Não existem regras ou manuais de como a cartografia deve ser realizada, pois ela é um processo singular. Considera que a experiência de cada indivíduo e de cada pesquisa é única e, por isso, pode ser ajustada para cada caso. Há uma imersão no plano da experiência, onde não há espaço para a neutralidade das cartógrafas, sendo inseparáveis o conhecer e o fazer, uma vez que implicam em reflexos políticos na produção do conhecimento (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Nesse sentido, entendemos que cada indivíduo demarca a sua sensação em um mapa, sem hierarquia de conceitos e informações.

Os mapas cartográficos podem ser conectados, como afirmam Deleuze e Guattari (1995), com o conceito de rizoma, no qual não há um fim ou um começo, uma linearidade ou uma hierarquia entre os componentes que o configuram. Nele, as

<sup>6</sup> Os *perceptos* não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os *afectos* não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, *perceptos* e *afectos*, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de *perceptos* e de *afectos*. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE & GUATTARI, 1991, p.213).

múltiplas forças heterogêneas atuam e o vinculam ou o conectam a outros mapas, também sensíveis e múltiplos, tecendo uma malha subjetiva dotada de alteridade, que tangencia territórios existenciais distintos, sendo capaz de provocar a criação.

### A cartografia urbana

A cartografia urbana se apropria do movimento da cartografia deleuziana, que constitui mapas na esfera cognitiva, aplicando-os em territórios físicos de uma cidade. Busca tecer uma outra leitura das cidades, compondo mapas de *afectos* e *perceptos* vinculados aos lugares.

Carrega a possibilidade de habilitar outros possíveis cenários, buscando estruturas de vínculos latentes, em dimensões nem sempre questionadas pelas cartografias habituais, como o não estável, o frágil, o simultâneo, o multidimensional, o não central, o não formal, o não pleno, o que aparece segregado, aquilo, às vezes, soterrado, o abandonado que também é cidade e que reclama, grita, aproximações (ROCHA, 2008, p.170).

Nesse caso, a cidade é mapeada a partir das frestas, com base numa perspectiva que tende a diminuir a distância entre o pesquisador e o pesquisado e a tornar visíveis outras escalas e instâncias de cidade que não estão presentes nos mapas hegemônicos.

Esse tipo de processo se dispõe a ser um mapa da cidade nômade, pois pretende lançar pistas sobre uma cidade outra, fora de um centro hierárquico e sedentário, que se aproxima da cidade explorada pelos letristas e situacionistas do anos 1960. A cartografia não se opõe aos mapas estáticos, mas pretende somar-se a eles, ampliando a complexidade que pode ser representada. Traz discussões sobre acontecimentos e sobreposições dinâmicas, propondo-se a ser, no campo científico, uma metodologia experimental que reúne conceitos de diversos campos do conhecimento – como a geografia, a filosofia, a arquitetura, o urbanismo e as artes contemporâneas.

### A caminhada e a significância

A caminhada como forma de constituir territorialidade começou a ser praticada pelos homens muito antes dos aglomerados urbanos se constituírem. Francesco Careri (2002), no livro *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, faz um apanhado sobre a caminhada, diferenciando as práticas nômades e sedentárias que configuram a presença do homem em comunidade desde que o percurso era mais importante que o espaço arquitetônico. Como um elogio aos errantes, Paola Jacques (2012) também percorre a história em busca do reconhecimento daqueles que produzem os espaços banais de uma forma não maquínica, resignificando os espaços não espetacularizados da cidade.

Esse diálogo, para ambos autores, começou de forma mais convicta na modernidade, quando a cidade estruturada foi rompida – e registrada a partir de um outro ângulo por Baudelaire, com os *Flâneur*, vagabundos e andarilhos que percorriam as miseráveis ruas de Paris em busca do ócio criativo. Nos anos 1930, iniciaram-se as deambulações, primeiro com os dadaístas e depois com os surrealistas, que perambulavam por lugares insossos, a fim de tatear o inconsciente das cidades e desmascarar a farsa da cidade burguesa.



O primeiro movimento, *dadá*, reconhece a caminhada como uma forma de dessacralização total da arte, que une a arte e a vida, o sublime e o cotidiano. As errâncias situacionistas, propõem um novo lugar para a arte, que rechaça a representação, e uma revolução anônima e coletiva. “A arte sem obra e sem artista” (CARERI, 2002, p.83).

A *deriva*, termo cunhado pelos situacionistas, apresenta a errância voluntária pelas ruas como um meio estético-político que ultrapassa o campo da arte. “A *dérivé*, [é] uma atividade lúdica coletiva que não apenas visa definir as zonas inconscientes da cidade, mas que – apoiando-se no conceito de psicogeografia – pretende investigar os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz no indivíduo” (CARERI, 2002, p.85). A deriva, como modo de experimentação da vida real, foi praticada por artistas brasileiros – como Hélio Oiticica, com o *Delirium Ambulatorium*, e Flávio de Carvalho. Ambos questionaram a passividade e a alienação da sociedade, principalmente burguesa, diante da invariabilidade pós-guerra e propuseram, mesmo que de formas diferentes, a caminhada como um jogo:

O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências. Além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. São relatos daqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com uma intenção clara de errar e de compartilhar essas experiências (JACQUES, 2012, p.23).

Como um desafio de entretenimento e reconhecimento das brechas da cidade, o caminhante joga. A ação lúdica é ligada à construção de um pensamento que captura a cidade. O jogo surge, então, como uma possibilidade de apreensão das texturas, das nuances, das paisagens e dos territórios. Como uma forma de interpretação dos espaços que recorrentemente são subvertidos e ressignificados. Aqui, o perambular não é somente uma forma criativa, mas uma forma de compreensão e leitura do que compõe e transforma a cidade.

Já no final do século XX, um grupo de arquitetos italianos denominado *Stalker*, ao perceber espaços outros, localizados nas bordas das cidades, que não podiam ser classificados de acordo com as categorias interpretativas vigentes, decidem percorrer o que intitulam como *cidade difusa*. O movimento de transurbância caminhou pelos espaços banais, não para enchê-los de coisas, mas para preenchê-los de significados, compreendendo outras dinâmicas que configuram esses lugares.

Ao imergir no sistema dos vazios e começar a percorrê-lo nas suas enseadas capilares, compreende-se como aquilo que até agora chamamos de vazio não é tão vazio como parece e que, na verdade, apresenta diversas identidades (CARERI, 2002, p.159).

Assim, por meio da caminhada, o grupo *Stalker* se apropriou de outros lugares da cidade, até então vazios e formulou um outro mapa, não buscando se perder por completo, mas experimentar a cidade que era tida como outra. Transpondo, ou até mesmo dissolvendo, as fronteiras, os medos, as possibilidades e os limites. Ressignificando uma área de Roma que era ignorada.

## A caminhografia urbana

Exercitando a cartografia urbana por meio da caminhada como prática estética, a disciplina Caminhografia Urbana explorou a experiência de colocar os pés nas ruas na cidade de Pelotas. Com o corpo aberto aos encontros intensivos e extensivos, objetivamos sentir, vivenciar e explorar o que a cidade é e o que ela nos proporciona. O entrelaço entre a caminhada e o processo de composição de mapas permitiu aos caminhógrafos enxergarem e perceberem as pequenas singularidades da cidade que se encontram no plano do indizível, do ordinário.

Foram realizados sete encontros em diferentes pontos da cidade – nas quartas-feiras, com início às 13h30min e término às 17h. O horário era flexível, pois caminhar com (c)alma e com atenção às experiências era mais importante do que a pontualidade. Afinal, é necessário perder tempo para ganhar espaço. Cada participante iniciou seu percurso em um local distinto: em casa, num restaurante, no trabalho, na faculdade. O trajeto foi escolhido individualmente, assim como o meio utilizado para percorrê-lo, desde que uma parte do percurso fosse realizada a pé. As reuniões ocorreram independentemente da previsão do tempo: fizesse chuva ou fizesse sol.

Com o intuito de apresentar a dinâmica e as regras da disciplina, que exigia que todos os caminhógrafos refletissem sobre o processo e o compreendessem, a primeira aula foi expositiva e realizada numa sala de aula. Neste sentido, as próximas aulas seguiram os preceitos de: caminhar, registrar e jogar. O registro desses fragmentos, junto da interação com a cidade proporcionada pelo jogo, colaborou com a produção do pensamento da cidade contemporânea nômade. Os encontros e os jogos, por sua vez cumulativos, eram definidos ao final de cada aula.

### O caminhar

Solitário e atento, o caminhar provoca a ebulição dos *perceptos*. O caminhógrafo, por sua vez, deve estar disposto a deixar-se atravessar por esses acontecimentos, que não são individuais, e sim subjetivos<sup>7</sup>. Deixa-se notar de forma sensível o que aflora da e na cidade, reconectando o sujeito ao seu tempo, restaurando a ligação entre corpo e cidade. A fim de reverter a subjetividade maquínica da contemporaneidade, a ideia foi abandonar a pressa do dia a dia e o costume de caminhar apenas para chegar a algum lugar, fazendo o caminho mais curto, mais rápido ou mais fácil. Dessa forma, ao escolher um percurso indireto, percebe-se o objetivo de caminhar, e assim até mesmo o percurso diário ganha heterogeneidade. Em cada encontro, ganham-se novos territórios, seja pelo trajeto desconhecido, seja pela transformação do ato de caminhar.

### O registrar

Uma vez que a caminhografia se mostra capaz de mapear sensações e sentimentos, interessa o registro do processo de caminhar. O levantamento deste processo serve como dispositivo responsável pelos desdobramentos da cidade para com o corpo e do corpo para com a cidade. Foram utilizados cadernos de campo para anotações, assim como fotografias, filmagens, coletas e outras formas de registro. Numa circularidade

<sup>7</sup> Ao contrário do pensamento clássico que entende a subjetividade de forma individual e, portanto, não reconhecida como forma de análise e coleta de dados para a ciência, aqui carregamos o significado de subjetividade em Guattari (1992) como sendo um produto de desejos e agenciamentos coletivos.

de saberes, os *afectos* registrados transformaram as experiências das caminhadas em conhecimento e o conhecimento em experiência. Mapeando os acontecimentos e pensamentos que nos atravessavam, estávamos inscrevendo, arranhando, esculpindo, entalhando saberes em nossas próprias vivências. E, apesar do método de registro no caderno de campo ser singular para cada caminhógrafo, foi possível perceber semelhanças e diferenças de *afectos* no grupo, composto majoritariamente por arquitetos e urbanistas.

### O jogar

O jogo foi utilizado para aproximar o indivíduo da experiência. De forma lúdica, permite a apropriação de territórios outros e obriga o corpo a jogar para e com a cidade. De forma cumulativa, os jogos criaram situações de corpo que romperam a postura que usualmente tomamos ao perambular pelos espaços públicos. Os jogos consistiram em: conversar com um desconhecido e perguntar-lhe sobre a cidade; inscrever um poema, frase, desenho no percurso; comer algo pelo caminho; coletar algum objeto que despertou atenção durante o trajeto; convidar alguém para participar da aula; e levar um prato de comida para um piquenique coletivo.

### A reunião encontro

Após a experiência da caminhada, do registro e do jogo, estávamos em diferentes locais, discutindo as experiências e as descobertas de cada percurso. O mapa geográfico apresentado na Figura 1 demarca todos os pontos de reunião na cidade de Pelotas.



Figura 1: Mapa dos Encontros da disciplina Caminhografia Urbana na cidade de Pelotas, RS. Fonte: Acervo da disciplina, 2019.

As reuniões-encontro eram compostas pelos relatos da experiência da caminhada e da realização dos jogos propostos pelo grupo. Sendo, ao final de cada aula, programado o próximo encontro, de forma a contemplar um ponto da cidade onde houvesse algum tópico de discussão, seja um cemitério, uma escola, um bairro planejado ou um supermercado. Assim, ao realizar o percurso de forma errante, a caminhografia fez emergir narrativas potentes quanto aos sentimentos que atravessaram os caminhógrafos, as relações entre acontecimentos<sup>8</sup> e sentidos<sup>9</sup>,

<sup>8</sup> Que remetem à colisão do corpo com a cidade.

<sup>9</sup> Trazemos a palavra 'sentido' de uma maneira propositalmente polissêmica, podendo ser interpretada

passado e presente. Com uma ideia não rígida sobre o seguimento da aula, o ritmo da turma ditava os procedimentos a serem seguidos. Dessa forma, cada aula nos levava a uma discussão, cada encontro se revelava único.

### Os percursos e as experiências: narrativas e relações

Os relatos a seguir revelam os atravessamentos vivenciados por nós, três caminhógrafas autoras deste escrito, durante as caminhadas na disciplina Caminhografia Urbana. Cada uma relata a caminhada mais intensa e permeada de *afectos*, como forma de refletir sobre a experiência do corpo-mulher-pesquisadora-arquiteta-urbanista, que caminha. O mapa da Figura 2 apresenta o trajeto percorrido por cada uma de nós e o ponto de encontro estabelecido para o respectivo dia.

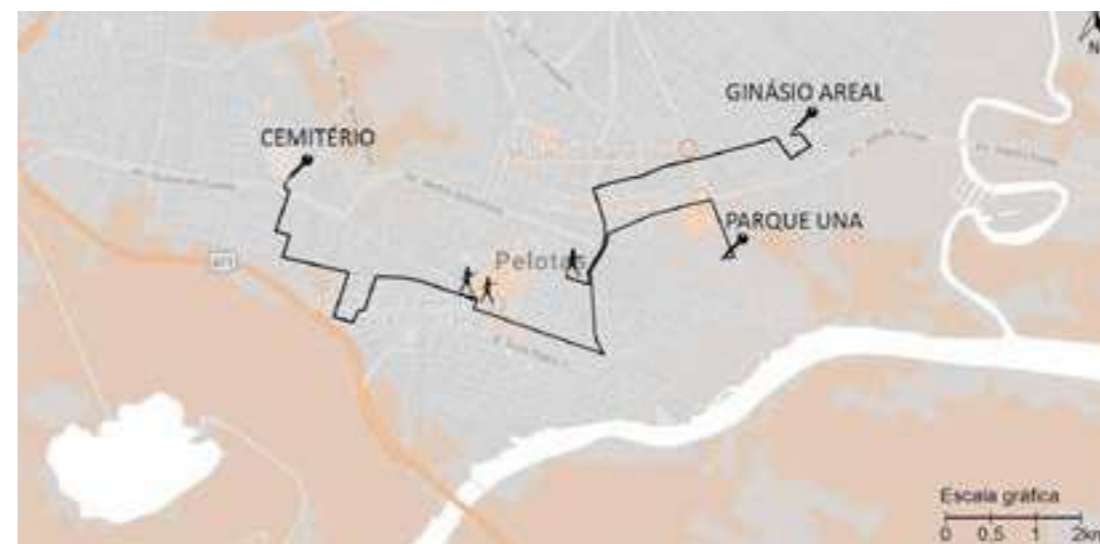


Figura 2: Mapa de sobreposição dos trajetos percorridos pelas autoras. Fonte: Elaborado pelas autoras, 2019.

### Dia 09 de outubro, dia quente e com bastante sol

O ponto de saída foi a minha casa, moro perto do centro, já estou habituada com o barulho do intenso fluxo de veículos que ecoa pela minha janela. Decidi ir de bicicleta até determinada parte do trajeto. A bicicleta tem sido uma aliada nos meus deslocamentos cotidianos. Sinto-me mais segura percorrendo a cidade assim do que caminhando. Mas a proposta da disciplina não era essa. Tínhamos que pensar no nosso movimento pela cidade por meio da caminhada.

O jogo desta vez era trazer um lanche para fazermos um piquenique no Parque Una e convidar um amigo ou colega para participar da aula. Passei na padaria para pegar um bolo, ficava no trajeto que decidi seguir. Ao escolher qual rua pegar, preferi o caminho mais cômodo, aquele que estava acostumada a percorrer e que tinha pavimentação asfáltica. O centro sempre me incomoda, o barulho dos automóveis, gente com pressa atravessando na frente dos carros e das bicicletas sem olhar para os lados. O olhar precisa

como significado, direção, propósito, sentimento e como nós, seres humanos, experienciamos os cinco sentidos.



estar sempre atento: cuidado para atravessar, cuidado para nenhum carro me atropelar, cuidado para eu não atropelar uma pessoa ou um animal. Há muitos cachorros vagando pela cidade. É uma movimentação constante, que me faz estar nesse estado de vigilância o tempo todo.

Saindo do centro, decidi pegar a Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, que possui uma calçada larga e uma ciclovia, mesmo que pouco extensa. Ao meu lado esquerdo havia uma área de banhado. Consegui relaxar e olhar com mais calma o entorno. Vi mais horizonte, mais verde, mais pássaros, mais respiro. Segui em direção ao shopping. Fim da ciclovia. Voltei a disputar lugar entre os carros, no meio da rua. Um pouco antes do shopping, encontrei uma colega e sua convidada (confesso que esqueci de levar alguém!). Decidi descer da bicicleta e seguir o trajeto caminhando com elas.



Passamos em frente ao Shopping de Pelotas, que estava decorado com bandeiras cor de rosa, uma forma de divulgação do Outubro Rosa, campanha de conscientização sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama e de colo do útero nas mulheres. Assim como o shopping, a Prefeitura de Pelotas também iluminou de rosa seu prédio do centro. Ironicamente foi esta a cidade que em 2018 fraudou exames de pacientes pelo SUS, que foram realizados por amostragem, negligenciando a saúde de diversas mulheres<sup>10</sup>.

Fomos seguindo nosso trajeto, afastando-nos cada vez mais do intenso movimento de veículos. Contornamos o shopping. Mais à frente havia um respiro: uma grande área aberta sem prédios, carros ou pessoas. Parecia que a expansão urbana ainda não

havia invadido aquela região: sem movimentação, sem calçadas, sem ônibus. Apenas uma rua asfaltada indicava que adiante havia algo.

Quando nos aproximamos do Parque Una, o cenário era outro: barulho de obra, vários prédios altos sendo construídos. Ali já havia calçadas, faixas de pedestres, travessias elevadas, gramado recém plantado, um lago com um grande deque de madeira, brinquedos diferentes. Era um lugar diferente se comparado aos lugares da cidade em que já havia andado. O Parque Una é um bairro projetado, que ainda está em construção, ao lado de um bairro carente da cidade. Está localizado numa área de preservação permanente, mas a construção foi liberada, tendo como contrapartida a realização de medidas compensatórias em benefício da comunidade local. A parte urbana parecia estar mais adiantada, podendo já receber visitantes durante os finais de semana. O acesso estava liberado a qualquer pessoa que quisesse aproveitar o lugar. Mas e depois que as obras terminarem? Todos poderão entrar facilmente no bairro projetado? Qual a ligação desse bairro com o restante da cidade? As pessoas terão a mesma receptividade de agora? Ou precisarão pagar para usufruir do local? Fica a incerteza sobre o que acontecerá quando o bairro estiver pronto: será inclusivo ou excludente, como acontece com outros diversos pontos da cidade?

#### Dia 25 de setembro, céu azul e pouco vento

Acostumada com o tratamento dado ao corpo-mulher no centro da cidade, alguns assédios passam despercebidos. Ao caminhar pela Av. Domingos de Almeida, que dá acesso ao ginásio do Areal (nosso encontro da semana), já começam as forças que agem no corpo-mulher: o constante pensamento e a análise sobre qual caminho seria menos pior – em qual lado da rua andar, em qual rua dobrar, quando atravessar a rua, quando trocar de calçada. Por isso, também podemos pensar sobre a errância existente num caminhar (devanear). Será que ela realmente existe num corpo-mulher-cartógrafa ou sempre haverá uma força (do medo, do receio), atravessando-o e impedindo-o de errar?

O processo de cartografia do corpo-mulher começa muito antes de colocarmos o pé na porta de casa, já prontas para sair. Seu início não é quando pisamos na rua, mas logo pela manhã quando acordamos: Que roupa usamos? Como deixamos o cabelo? Será que vamos passar calor? Não importa, manga comprida e calça é sempre mais seguro. Não pode o corpo-mulher-cartógrafa andar sem planejamento. Não pode se perder, devanear, perambular. Até mesmo o andar mais lento se mostra perigoso. E neste caminho (Casa-Ginásio) esse pensamento se mostra mais eloquente.

Escolhi andar pela ciclovia, no meio da avenida, entre a rua-que-vai e a rua-que-vem. No meio do caminho, enxergo minha colega do lado da rua-que-vai. Começo a observar sua caminhada, cuidando dela (Parece natural que cuidemos umas das outras, na rua, nas festas... que estejamos sempre atentas, cuidando as mulheres

<sup>10</sup> Ver reportagem completa em: <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/fato-grave-a-farsa-dos-exames-de-pre-cancer-em-pelotas/>

Figuras 4 e 5: Imagens do trajeto para o Ginásio Areal, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.



que andam na nossa frente e torcendo para que a pessoa atrás de nós também seja uma). Foram inúmeros os olhares, as viradas de pescoço, as buzinas... que comecei a pensar quantos olhares ignorei e quantos passaram despercebidos pela naturalização forçada desses assédios. Será que minha colega notou?

O corpo-mulher escolhe as ruas que anda. Se a ideia é percorrer um caminho transversal, não reto, essa ideia fica de lado e o alarme de segurança da cabeça apita: não vá por aí! Não atravesse esta rua! Troque de calçada!

Tomei certa coragem e adentrei as ruas do bairro, afastando-me da grande avenida. Mesmo num dia lindo e numa rua deserta, qualquer barulho é ameaçador. Um homem passa, o corpo vibra diferente, o alarme soa: os pés se aprontam para a corrida. Mas não estão eles sempre prontos?

Encontrei uma mulher e finalmente pude realizar um dos jogos. Ela veio do nordeste com seu filho, que veio trabalhar. Ainda não está acostumada com o frio, mas aqui tem trabalho, *então tudo bem, né?* – *A senhora sabe onde fica o ginásio do Areal?* – *Sei não, mas pede pro meu filho que está logo ali na frente.* Chegando perto do filho da senhorinha, começaram os olhares – facilmente percebidos



Figuras 6: Imagem do trajeto para o Ginásio Areal, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

pelo corpo-mulher. Ele e mais um homem arrumavam um poste de luz. Para o corpo-mulher, é fácil distinguir os olhares, é natural perceber o jeito como somos olhadas. O caminhar se altera, instintivamente. Não parei para conversar com ele.

[...]

Ao nos encontrarmos em frente ao ginásio, [...] conversamos sobre a caminhada da semana. O corpo-mulher-cartógrafa gritava assédios, não foram um, dois ou três... O corpo-mulher da cidade na cidade, na rua, caminha sobre o medo e o planejamento instintivo de fuga.

Encerro aqui meu relato trazendo a reflexão sobre como um corpo-mulher pode caminhar à deriva? Quais as forças que sempre estão atravessando e *afe(c)tando* nosso caminhar?

#### Quarta-feira de sol

Saí de casa esperando muito, pois a curiosidade de conhecer o cemitério vertical de Pelotas vinha sendo alimentada há anos. Na tentativa de me perder um pouco mais, e caminhar por lugares que não conhecia, não saí de casa sozinha. Ser mulher é sempre ter que escolher a roupa, o caminho, a hora, a companhia. Fui acompanhada do meu namorado. O fato de eu ser uma mulher branca, de olhos azuis, e ele um homem negro, de olhos castanhos, confere a nós uma permissividade de estar em lugares diferentes da cidade. Quando caminhamos juntos, ampliamos os territórios seguros, e legitimamos a presença de um e de outro nesses. Funciona quase como um acobertamento social e é bem explícita a forma como isso se dá nos encontros em territórios estranhos. Outro fator é que somos um casal de homem + mulher, e isso muda, inevitavelmente, tudo. Se estamos juntos, não seremos alvo de elogios, brincadeiras ou afrontas. É quase como um escudo, onde o somatório das nossas diferenças amplia nossa segurança física e emocional.

Saímos de casa, no centro, a caminho do IFSul. Decidimos desde cedo não ir pela Av. Duque de Caxias, principal ligação entre o centro da cidade e o Fragata – bairro em que está localizado o cemitério. Faz sete anos que moro na cidade de Pelotas, que brinco de fazer planejamentos e projetos, e mal conheço os caminhos opacos. Já estive em diversas regiões da cidade, mas quase como uma viajante que percorre um caminho em busca de alguma coisa nova e vai embora. Não tenho laços com Três Vendas, Barro Duro ou Areal. Só caminho e pratico o centro. Por isso, resolvi conhecer o que está paralelo a uma das principais ruas da cidade.

Passamos o Instituto Federal e já não havia pavimentação, indicação ou mapa. Será que podemos ir por aqui? Será que tem saída? Seguimos os trilhos. Juntei do chão um catavento azul. Estava desbotado e sujo. Parei.



Figura 7: Caderno de campo da disciplina Caminhografia Urbana. Fonte: Acervo das autoras, 2019.



Seguimos. Humberto apontou pra uma rua e falou: *Essa é a rua mais bonita de Pelotas*. Militar passando. Casa rosa. Abacateiro no terreno do cachorro. Será que tem saída? Não tinha. Voltamos.

Figura 8: Imagem do trajeto para o Cemitério do Fragata, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.



Algumas pessoas estavam paradas na esquina, em frente a uma casa azul. *Se seguirmos pelos trilhos, tem saída?* Responderam que sim: *Pode ir que dá na D. Pedro I*. Fomos, sem saber onde ficava a D. Pedro I. Aos poucos percebi que andar em linha reta por lugares heterogêneos não é andar em linha reta. São tantos encontros e atravessamentos, que a linha vira curva, canto, beco. É como se os encontros te parassem e te jogassem para a quina, que às vezes nem existe. Talvez caminhar em linha reta com tempo seja uma caminhada de obstáculos. Bons obstáculos. Talvez construir essas curvas também seja ganhar espaço.... Os trilhos ficaram altos. Passamos por uma casa branca com um pórtico. Tinha um casal na frente. Perguntamos: *Esse rio é o que vai até a rodoviária?* A mulher respondeu: *Acho que sim, mas não sei o nome dele*. E continuou o que estava fazendo. Perguntei: *Aqui é Fragata ou Simões Lopes?* - *Estamos no limiar entre Fragata e Simões Lopes*. Limiar. Fronteira. Seguimos.



Figura 9: Imagem do trajeto para o Cemitério do Fragata, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

Não me senti a vontade de fazer uma inscrição urbana. Não me senti a vontade de intervir nesse outro território, do qual com certeza eu não era parte. Casas abertas, janela pra rua. Sem grades, sem cerca elétrica. Crianças na rua. Parece que o nosso jogo também é uma estrutura.

Chegamos a uma rua mais movimentada. Trabalhadores do SANEP cortavam a grama. Passavam ônibus. O movimento já era outro. Passamos por uma parada. *Mulher tem que apanhar*. Parei. Levy riscou *apanhar* e escreveu *ser livre*. Depois, em outra ocasião, a Shirley comentou que encontrou o mesmo pixo em outro lugar da cidade. Todo o tempo, nós mulheres somos violentadas.

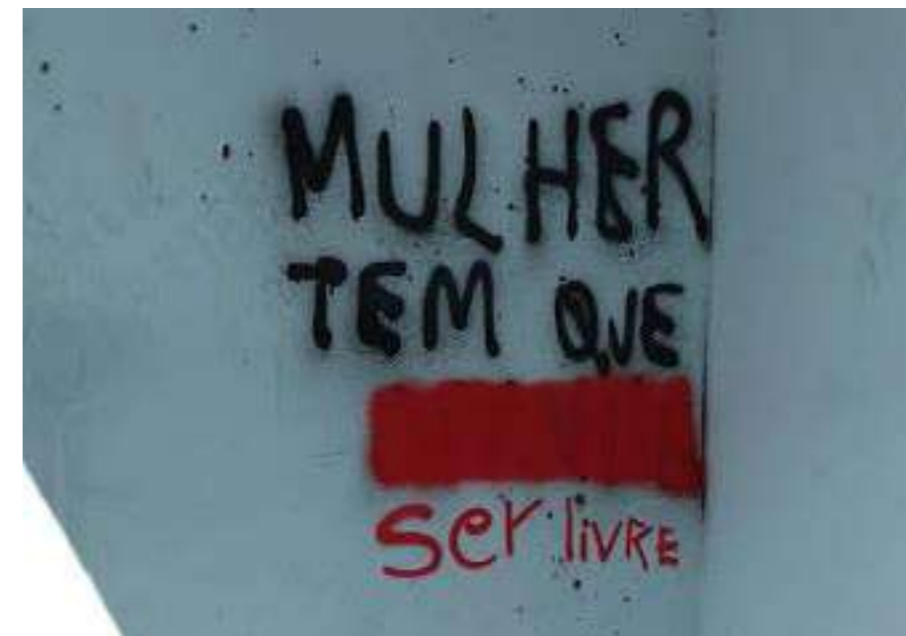


Figura 10: Imagem do trajeto para o Cemitério do Fragata, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

Passou um carro de som: - *Bolo, pão e folhado por apenas R\$0,50...* Passamos por uma charqueada perdida, ao lado do que parecia os fundos de uma escola. Ou um clube comunitário. Pedimos informação. Já estávamos perto do cemitério. Passou de pressa. - *É só dobrar à direita*. Entramos.

De novo, escolhemos não olhar o mapa do Google, mas ir devagar até encontrar o grupo. Fomos, voltamos. Nos perdemos. A sensação de estar em uma necrópole é estranha. Não vem com medo, mas com angústia. As ruas da parte de trás, incertas, irregulares, trouxeram a sensação de estávamos caminhando numa vila. Como a cidade, o cemitério também tem o bairro dos edifícios iguais, das





mansões com estatuetas, do abandono... Nomes, anos, frases. Túmulos com flores de plástico. Crianças. Entrar nos becos, não achar ninguém e não conseguir sair. Fomos para o fundo, onde a natureza engole as lápides.

Andamos. Enxergamos algumas pessoas bebendo. Tentamos entrar em uma parte cercada por um muro baixo. Um cachorro surgiu, e não nos deixou passar. Decidimos voltar, encontrar a todos. Na volta, nos perdemos mais uma vez pelos caminhos sem saída e portões fechados. Angústia. Subimos no último andar da parte vertical. Descemos e saímos. Seguimos a localização em tempo real do Whatsapp para encontrar o grupo, que estava na padaria de R\$0,50. Coincidências.

### A reflexão: o forçar a pensar

Após os encontros na cidade, voltamos à sala de aula com a proposta de ler alguns textos que nos forçassem a pensar sobre o que fora experienciado por nossos corpos. Luiz Orlandi (2014) afirma, a partir das escritas deleuzianas, que a liberdade de “escolher esta ou aquela via nos emaranhados do território vivencial implica um complexo envolvimento da própria volição com quebradiças condições não transparentes à consciência”. Assim, entende que o estado de viver e sentir o aqui e o agora é atravessado por blocos de condições longitudinais – dinamismo dos movimentos do qual somos submetidos – e condições latitudinais – a intensificação de poderes dos *affectos* inesperados. Ou seja, os percursos, os objetos coletados, as pessoas entrevistadas não foram escolhidos ao acaso. Existe uma série de atravessamentos – longitudinais e latitudinais – que condicionam as escolhas tomadas, principalmente para o corpo-mulher. São regras definidas que servem para aquele determinado instante, que exemplificam o real plano da experiência proposto por Deleuze.

Os territórios densos e de infinitas descobertas, caracterizados por Careri (2002) como espaços nômades, configuram uma espécie de arquipélago que (r)existe e se desenvolve tão espontaneamente que independe dos planejamentos urbanísticos. A caminhada ganha outra importância, que talvez fuja do sentido de transurbância e se adegue ao da intraurbância na cidade de Pelotas, uma vez que não é necessário recorrer aos espaços vazios, que separam as cidades, para encontrar espaços

banais. Esses espaços configuram uma malha urbana que ainda não conseguiu se solidificar e que, mesmo apartada, está muito próxima do centro legal da cidade. Querendo ou não, são lugares mais inseguros para o corpo-mulher. Afinal, espaços abertos que não seguem uma legislação determinada, do espaço sedentário, criam brechas para o accidental. Ainda assim, são territórios que precisam ser reconhecidos, por apresentarem potentes resistências da heterogeneidade das cidades.

### A escrita coletiva

Com todos os atravessamentos que foram surgindo através das caminhadas, levamos um tempo para absorver todos os acontecimentos. Ocorreram diversos sentimentos e pensamentos que foram considerados após essa experiência latente em nossos corpos na cidade. Após a reflexão sobre as caminhadas e a partir das leituras em sala de aula, produzimos uma escrita coletiva sobre a experiência dos processos da caminhografia urbana. Esta escrita se deu através da lembrança dos *affectos* de cada encontro, evidenciando subjetividades coletivas que marcaram cada trajeto. Foram separadas folhas de papel que continham o título do respectivo encontro. Estas foram distribuídas aleatoriamente para os integrantes do grupo, que imediatamente iniciaram a escrita. Após um tempo determinado foi sinalizado que o texto deveria ser passado para algum colega. Este seguiria a escrita a partir do final da anterior, dando sequência à mesma. Ao final da aula, foram lidos os textos escritos pelo grupo, uma escrita potente que revelou elementos que se repetiam em determinados lugares. Os resultados propulsionaram a capacidade de caminhar, ler e escrever sobre, da e na cidade, como uma forma de territorialização de uma subjetividade coletiva.

### Considerações Finais

Somos nós, arquitetas e urbanistas, que precisamos nos jogar na cidade para compreender aquilo que não cabe na cidade sedentária masculina. Caminhar pela cidade pela experiência de ressignificar espaços e reconhecer os territórios coexistentes vem sendo um grande desafio, sobretudo onde o medo de andar na rua é proeminente. A sobreposição e o jogo de fronteiras entre os espaços nômades e sedentários, masculinos e femininos, que configuram as cidades latinoamericanas, somados aos mapas fluidos e em constante modificação segregam ainda mais os espaços, criando muros invisíveis. Caminhar é romper com esse cenário, colocando-se em estado de corpo fluido que faz vazar – e dá vazão.

Caminhar na rua sendo mulher, de forma errante, ainda é uma utopia. Pois é impossível se despir da carga subjetiva que nos constrói para perambular sem rumo ou parâmetros, colocando em risco a própria vida. O jogo, assim, possibilita a aproximação com a cidade, pois garante o corpo-jogador-perfomático, que dá sentido e objetivo ao perambular, como uma ferramenta de presença na cidade. Parece que a mulher precisa de um motivo para enfrentar as barreiras que a delimitam. Dessa forma, o jogo entra como um dispositivo de ruptura dessa linha de força, que tende a nos deixar no estado passivo-receoso, passando para um estado ativo-destemido.

Caminhamos *em lugares novos* e deixamos que os acontecimentos surjam da cidade, onde corpos vivem aquelas ruas e esses atravessamentos cotidianamente. Permitimo-nos, como caminhógrafas, uma entrega à cidade, aos seus acontecimentos e sentimentos. Colocamo-nos no lugar de caminhantes diários, no lugar do medo, do livre e do vivo. Colocamo-nos no lugar da vida cotidiana, cidadina e conseguimos, assim, ler a cidade e a vida urbana através dela mesma.



O encontro, a conversa e a escrita coletiva fizeram parte dessas ferramentas potentes, pois deram tempo ao ato de pensar sobre os acontecimentos, especular e gerar novas considerações que não haviam sido consideradas. Mesmo que a cartografia se atenha a uma análise simultânea ao processo, é no pensar *a posteriori* que encontramos novos caminhos para levar a metodologia que está em constante construção. O ato de cartografar enquanto se caminha tem sua relevância, pois o registro é realizado naquele momento, é imediato, o que aflora e é apontado no ato. A caminhografia não é lembrança, é o desejo que atravessa nossos corpos em um determinado instante e, por isso, exprime tanta potência na sua realização.

A caminhografia, como um método de (re)conhecimento da cidade, funciona como uma caixa de ferramentas em nossas mãos. Caixa esta que possibilita, através dos diversos procedimentos, uma leitura de cidade palpável. O corpo-mulher que caminha na cidade se coloca em risco, se deixa riscar, arranhar, assinalar, experienciando na carne as inscrições do percurso. Caminhar e cartografar é um desafio que subverte a velocidade da cidade que corre. É um instante de pausa, de olhar atento e sensível à cidade, ao que ela quer nos dizer. Caminhografar é tentar buscar o desdobramento do contemporâneo, que por vezes é árvore, por vezes rizoma. É se propor a seguir as frestas, que geram algumas respostas e infinitas perguntas.

### Referências Bibliográficas

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. 2002

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. [Tradução Frederico Bonado] 1 ed. São Paulo: Editora G. Gill, 2013

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Perceptos, Afectos e Conceitos. In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad.: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992, p.213-255.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol.1.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad.: Oliveira, Ana Lúcia; Leão, Lúcia Cláudia. São Paulo: Editora 34, 1992.

JACQUES, Paola Berenstein. 2012. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

KASTRUP, Virgínia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, Apr. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso)>. access on 28 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100003>.

ORLANDI, Luiz. *Um gosto pelos encontros*. 2014. Online. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/?fbclid=IwAR0cn5MrZn18djg8aZxZ-fw93imWmGYcW6MzDFiRHmU7yIslwGq0RbQRoi0A> Acesso em 16 out 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto

Alegre: Sulina, 2015.

ROCHA, Eduardo. *Cartografias Urbanas*. Revista Projectare, Pelotas, v.1, n.2, p. 162 – 173, 2008.

# APREENSÕES NO ESPAÇO URBANO

## uma abordagem imersiva ao caminhar na cidade de Pelotas/RS

**Matheus Gomes Barbosa<sup>1</sup>**  
**Emanuela Di Felice<sup>2</sup>**

### Resumo

Caminhar na cidade pode ser considerado um instrumento de grande eficácia para compreensão e investigação do espaço urbano. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta o caminhar como ato urbano, performático e pessoal, cuja ação procura adentrar em diferentes localidades com o intuito de explorar os conflitos e nuances da cidade contemporânea. Este trabalho justifica-se pela oportuna e necessária compreensão da cidade e tem como objetivo fomentar o pensamento crítico através das caminhadas. A metodologia consistiu em pesquisas bibliográficas e na realização da deriva na cidade de Pelotas/RS. A metodologia se mostrou eficaz para a compreensão do espaço urbano e proporcionou clareza ao abordar os seguintes aspectos contemporâneos: fronteiras; vulnerabilidade periférica; segregação social; dentre outros processos urbanos. Conclui-se que a investigação da cidade contemporânea é de grande valia para os Arquitetos e Urbanistas, de modo que estes conhecimentos urbanos estimulem ações que possam modificar o espaço urbano.

Palavras-chave: espaço urbano, caminhar, deriva, cidade.

# SEIZURES AND INVESTIGATIONS OF URBAN SPACE

## an immersive approach to walking in the city of Pelotas/RS

### Abstract

Walking in the city can be considered a very effective tool for comprehension and investigating urban space. In this sense, the present work presents walking as an urban, performative and personal act, whose action seeks to enter different locations in order to explore the conflicts and nuances of the contemporary city. This work is justified by the timely and necessary understanding of the city and aims to foster critical thinking through walking. The methodology consisted of a bibliographic research and drift in the city of Pelotas / RS. The methodology proved to be effective for comprehension space and provided clarity in addressing the following contemporary aspects: borders; peripheral vulnerability; social segregation; among other urban processes. It is concluded that the investigation of the contemporary city is of great value to the Architects and Urbanists, so that this urban knowledge stimulates actions that can modify the urban space.

Keywords: urban space, walk, drift, city.

<sup>1</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas; Doutora em *Projecto Urbano Sustentável* no DIPSA, Universidade de Roma 3.

### Introdução

Ao longo das últimas décadas, têm emergido discussões sobre a cidade moderna. Essa reflexão se apoia nas mudanças sociais, morfológicas e de organização do espaço urbano, e para atingi-las são necessárias mudanças no (re)significado da cidade, além de atualizar e modificar os modos de aprendizado das teorias convencionais que estudam o espaço urbano.

Hoje em dia, o urbanismo tradicional, visto como ferramenta de planejamento urbano da cidade, prevê o crescimento, o desenvolvimento das potencialidades e das criticidades do território. Porém, as transformações urbanas ocorrem de forma mais acelerada do que a realidade decenal que os planos diretores proporcionam e necessitam ser entendidas de uma escala 1:1 (BARBOSA; PONS; DI FELICE, 2018, p.1).

Por outro lado, a formação acadêmica dos profissionais em Arquitetura e Urbanismo, geralmente, está mais confinada nas salas de aula, estúdios em escritórios e em ambientes que não possuem conexões diretas com a produção da cidade, suas diversidades, marginalidades e demandas.

As transformações contínuas do urbanismo contemporâneo precisam ser exploradas e constantemente se deve observar os fenômenos e forças que agem sobre ela, extrapolando de qualquer planejamento abstrato ou democrático do desenho da cidade.

Pensando em uma formação que contemple o entendimento da realidade local, que proporcione uma reflexão pessoal com a cidade e desenvolva um senso cívico dos futuros planejadores, se faz necessária a interação corpo a corpo em espaços normalmente invisibilizados culturalmente e renegados socialmente, muitas vezes visto como lugares banais.

Neste contexto de reflexão e interação com espaços urbanos, se fez oportuno e fecundo a proposição de adentrar e vivenciar lugares, através da caminhada, em espaços até então desconhecidos, como ferramenta educacional para profissionais que estão em contato com a produção da cidade, assim como os seus desdobramentos e suas peculiaridades.

A ação de caminhar possui, principalmente, a finalidade de se locomover. A história humana conta que este fim foi sendo modificado ao longo dos anos, passando de uma simples locomoção, para um modo de pensar, sentir, vivenciar.

As práticas do caminhar inspiraram escritores do século XIX e XX, como John Clare (1893); Guy Debord (1968) e tiveram um grande papel nos movimentos do Dadaísmo, Surrealismo, Situcionismo e mais recentemente a ação de caminhar incorporou os atributos relativos a ações performáticas, o que possibilitou a união do corpo, arte e pensamento com a rua, a cidade e o urbano.

A deriva situacionista não quer ser uma ação artística, mas, sim uma técnica urbana para desenvolver através da prática, a ideia da construção de uma situação, um ato psicogeográfico.

A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas, e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação, basicamente ao caminhar na cidade. Aquele que *pesquisa*



e transmite as realidades psicogeográficas era considerado um psicogeógrafo.

À medida em que a sociedade foi assumindo diferentes comportamentos, diversos movimentos surgiram, e com eles surgem novas práticas de observação da cidade. Geddes (1915), urbanista e biólogo, foi um autor pioneiro ao realizar a experiência da *Outlook Tower*, cujo objetivo era criar um dispositivo que permitisse observar a cidade de dentro e de fora. A ideia de Geddes foi um importante marco e instrumento de observação da requalificação urbana da Cidade Velha de Edimburgo.

Pensando em observar a cidade, a teoria da deriva surge a partir da proposição de caminhar solitariamente e de uma inovadora proposição.

Debord (1999) e Jacques (2012) apresentam a teoria da deriva como um instrumento lúdico e experiencial, apoiado em conceitos literais, o que a torna diferente de um passeio e a coloca em uma posição contrária as técnicas tradicionais de apreensão do urbano. Para os autores citados anteriormente, esta forma lúdica vem na contramão do ensino da arquitetura tradicional, pois transforma o caminhante em um ser pertencente a um grupo maior, que dialoga com as ruas, se permite conhecer lugares novos, (re)visita locais com outro olhar, sente as conexões urbanas pertencentes aos locais explorados, criando assim uma relação de afeto e pertencimento.

Na cidade atual, essa ideia de periodização é ainda presente; é presente nas cidades que encontramos ao longo da História, porque cada uma delas nasce com características próprias, ligadas às necessidades e possibilidades da época, e é presente no presente, à medida que o espaço é formado pelo menos de dois elementos: a materialidade e as relações sociais (SANTOS, 2001, p.1).

Entretanto, o pensamento e desenvolvimento da cidade do início do século XX, era baseado na definição, na repetição de padrões e na fragmentação do urbano, onde a burguesia se apropriou dos centros e nas bordas das suas fábricas proliferaram bairros informais. As duas revoluções industriais trouxeram mudanças estruturais, de um modernismo urbano que antecipa as ideias Le Corbusianas da cidade moderna e pós-moderna. A cidade contemporânea está apoiada nos preceitos do capitalismo, como Agambem (2007) destaca em seus trabalhos, no qual o espaço possui suas limitações, constituições e regras.

Lynch (1980) destaca que cada indivíduo possui uma imagem única e própria da cidade. Esta imagem limita-se a percepção da localidade e a outros fatores, como o significado social de uma área, sua função e história. Dentro do campo físico da cidade, o autor, aponta os elementos como: vias, bairros, cruzamentos, limites, elementos marcantes.

A cidade compacta, de zoneamento social estanque e de limites precisos, cujo centro evidencia uma relativa homogeneidade social, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística dão lugar a formações territoriais mais complexas, territorialmente descontínuas e sócio e espacialmente enclavadas (MENDES, 2011, p. 474).

Contudo, o caminhar visto como uma prática livre, subverte as regras da cidade e proporciona o desaceleramento, a procura do atrito, do encontro, o caminhante situacionista, neste caso, é pronto ao jogo com a cidade. O jogo, como Careri (2002) chama, se apresenta como o ensejo de unir o passado com o presente e se aproximar da cidade de um modo criativo e espontâneo. Speber (2009) também

vê a experiência lúdica com a cidade como jogo, no qual o jogador produz o seu conhecimento, interage com a cidade e utiliza o seu imaginário para extrair de forma criativa e direta novos conceitos sobre a cidade.

De modo geral, o desenvolvimento das cidades proporcionaram um (re)significado das cidades, e de certa maneira, o conceito e significado de caminhar também foi sendo alterado na medida em que a cidade ganhou novas funções.

Segundo os dicionários Michaelis (2019) e Aurélio (2019), o caminhar é definido como: seguir por determinado caminho andando a pé; ir e vir livremente; movimentar-se; etc. Entretanto, estas definições devem ser ampliadas para os Arquitetos e Urbanistas contemporâneos, trazendo ao mesmo tempo a simplicidade da ação, mas também a criticidade e a sua relação de ser e estar na cidade. Careri (2002) define o caminhar como uma prática estética que prepara o caminhante para um percurso, uma consciência cívica.

A ação de caminhar e vivenciar a cidade abre um leque de possibilidades ao caminhante, no qual este entre em contato com a ambiência, por intermédio de observações e apropriações do urbano. O objetivo do caminhar vai além da exploração da complexidade da cidade, pois a experiência se apoia na subjetividade do ambiente, para que assim possa ser alcançado um senso crítico aos alunos que se propuseram a realizar a experiência.

As caminhadas são experiências não planejadas, cuja imprevisibilidade e unicidade se faz essencial para a apropriação do ambiente explorado, pois o caminhante se propõe a sair da sua zona de conforto para a dubiedade, se afastando de lugares até então familiares e se colocando em uma condicionante de apreensão, a procura do conhecimento prático das frestas e fissuras da cidade contemporânea.

Pode-se pensar que a deriva é uma forma de vivência, de reapropriação da cidade, com o objetivo de romper com a racionalidade das representações dos espaços dominantes e entendimento dos espaços de limite, que são terras limiares, indecisas, ambíguas, instáveis, híbridas, onde é possível repensar a relação entre as partes e, por outro lado, habitá-los com a prática e uni-la com a teoria. É a oportunidade de criar uma ligação entre os olhos, o corpo e o espaço, e a alteridade (BARBOSA; PONS; DI FELICE, 2018, p.4).

A deriva, o caminhar, a errância, é caracterizada aqui como um ato flexível e performático que permite ir além das barreiras impostas e também instiga o novo, pois a ação se modifica ao longo do trajeto.

Em síntese, a vivência na cidade, elucidada pelo dispositivo de Foucault (1971, 1975), ou o jogo de Agambem (2007), procura imergir o pesquisador de uma forma lúdica e interativa, afim de despir o pesquisador dos seus preconceitos e preceitos, por meio de intervenções que possibilitem performances, os envolvimentos dos cinco sentidos do corpo humano, mas também o tempo dos humanos.

O império do tempo é muito grande sobre nós, mas é, sobre nós, diferentemente estabelecido. Nós, homens, não temos o mesmo comando do tempo na cidade [...] paralelamente a um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço (SANTOS, 2001, p.2)

Neste sentido, a deriva, caminhada, ou errância, é utilizada como uma das ferramentas do jogo, que brinca com o tempo, a materialidade, o corpo e o subjetivo para observação do cívico, do uso dos espaços, do patrimônio edificado, além dos processos urbanos e naturais. O que proporciona ao caminhante novas experiências metodológicas, cuja teoria e prática se difundem na ação proposta.

O espaço impede que o tempo se dissolva e o qualifica de maneira extremamente diversa para cada ator. O espaço permite que pessoas, instituições e firmas com temporalidades diversas, funcionem na mesma cidade, não de modo harmonioso, mas de modo harmônico (SANTOS, 2001, p.2).

Dentro da ação proposta, a deriva/caminhada utilizou a proposta da metodologia de perder tempo para ganhar espaço (MUZZONIGRO; TALOCCI, 2012), com o intuito de observar o urbano e permitir o ócio filosófico no espaço urbano. Nesse aspecto, a cartografia se destaca pelo distanciamento de regras para atingir o seu objetivo. Utilizando as técnicas da percepção, do sentir e da conexão com o espaço, a cartografia surge como uma técnica que se apoia na criatividade e observação do pesquisador, e acompanha todo o processo de conexão com o conhecimento.

Deleuze e Guattari (1995) sintetizam que a cartografia é uma performance, pensada e abordada como instrumento prático de observação e registro. Em suma, pode ser entendida como uma metodologia que proporciona a tradução da experiência de habitar, com o intuito de expressar a as linguagens encontradas ao longo do caminho, destruindo barreiras, mas ao mesmo tempo criando novos mundos (ROLNIK, 1989, p.15).

Este trabalho se justifica pela importância da apreensão da cidade, por intermédio da ação de caminhar e tem como objetivo a compreensão do espaço urbano por parte do grupo de pesquisadores e alunos de mestrado.

Dentro deste contexto acadêmico, se faz necessário ampliar as definições de caminhar, para os profissionais da área de arquitetura e urbanismo, pois os mesmos, muitas vezes, possuem a carência de conhecimento sobre a cidade. Se faz oportuna as vivências urbanas da cidade, por intermédio de um olhar crítico, que traga consigo as histórias, sentimentos e apreensões do espaço cotidiano. Em consequência destes aprendizados, espera-se que os profissionais competentes e agentes da cidade possam intervir no espaço urbano e assim modificá-lo, mesmo que de uma forma simples, pura e lúdica.

O presente artigo parte da hipótese de que o homem contemporâneo precisa e necessita conhecer a cidade de uma forma livre, lúdica, poética e performática, sem rumo e sem trajeto, para que assim possa se despir das suas crenças e remodelar a sua relação de ser e estar na cidade. Além disso, este estudo pressupõe que os conhecimentos adquiridos ao longo das caminhadas, proporcionam um olhar mais prático e humano sobre morfologia, urbanismo, ambiente construído, processos sociais, patrimônio público, história da arquitetura, etc.

Com isto, pode-se perguntar: como o arquiteto e urbanista vivência a cidade? A caminhada é uma técnica eficaz para conhecer e investigar o espaço urbano?

Neste sentido, este estudo tem por objetivo geral realizar caminhadas pela cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, visando fomentar o pensamento crítico sobre a cidade e possui os seguintes objetivos específicos:

a) experienciar a cidade de Pelotas, adentrando em diferentes localidades do município e observando as contradições do urbano e da produção da cidade;

b) (re)significar e se (re)apropriar dos locais explorados, a partir de ações performáticas e dos sentimentos que o espaço proporcionou;

c) relatar e compartilhar a experiência dos alunos envolvidos na ação, trazendo à tona um olhar crítico dos modos de uso da cidade, seus conflitos contemporâneos e históricos.

## Metodologia

De acordo com Gil (2008) e Yin (2005), a presente pesquisa é caracterizada como exploratória e aplicada. Essa caracterização se deve ao fato de se tratar de uma exploração do espaço urbano e por ser uma pesquisa ação, cuja problemática surge na medida em que a ação ocorre, considerando a explicitação das problemáticas cotidianas.

Quanto ao seu procedimento, Fonseca (2002) caracteriza como uma pesquisa participante. Portanto, há o contato do pesquisador com os usuários, embora não seja programado e não haja roteiro pré-estabelecido.

Sua abordagem é qualitativa, visto que a pesquisa não tem interesse numérico, mas sim, na qualidade da informação e na abordagem de temas relevantes para o urbanismo contemporâneo, concentrando-se em entrevistas e observações ao longo do trajeto.

Fonseca (2002) classifica este trabalho como pesquisa ação, pois no contexto metodológico, o pesquisador dá voz ao usuário e acaba por diminuir o ato de observar, em uma relação cordial com moradores e colaboradores de diferentes áreas. O grande diferencial da pesquisa é a aproximação com o usuário da localidade explorada, pois os resultados são apoiados principalmente em francos relatos da população residente, de modo espontâneo e não programado, originando conversas naturais necessárias para a apreensão do urbano.

Cabe salientar que embora o pesquisador se dispa das suas crenças, os conhecimentos bibliográficos são utilizados como apoio para desenvolvimento do olhar crítico perante os elementos que surgem.

Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a literatura existente e que esta abordasse os conceitos de caminhar, errância, cidade, deriva. O apoio literário foi sustentado, principalmente, pela teoria da deriva, segundo os princípios de Careri (2002); Jacques (2012), e a técnica da cartografia se apoiou nos conceitos de Muzzonigro e Talocci (2012); Deleuze e Guattari (1995). A partir desta abordagem do estado da arte partiu-se para a experiência prática e foi proposta a ação de experienciar a cidade de uma forma coletiva, porém singular e livre.

A ideia prática iniciou, principalmente, da experiência de sair da zona acadêmica da Universidade para interação com a cidade, unindo assim o referencial teórico, versado anteriormente, com a ideia de ir a campo.

Esta interação do coletivo (grupo de alunos) contempla a vasta interdisciplinaridade, pois os alunos, pesquisadores, eram de diferentes áreas, como: engenharia civil; arquitetura; artes; antropologia e história.

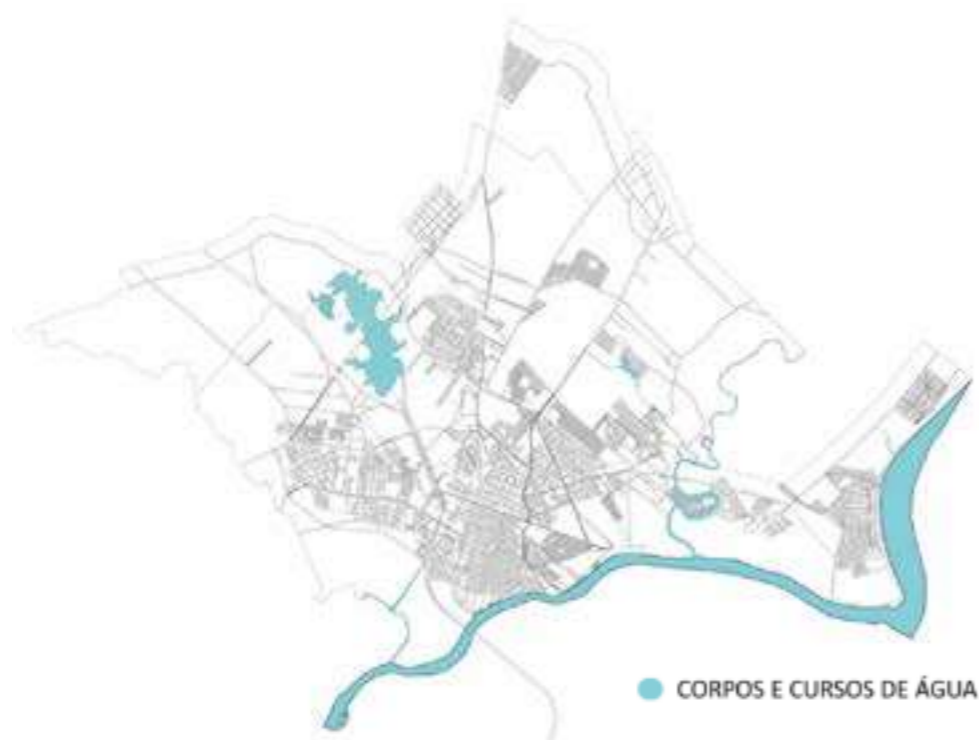


A ideia parte da possibilidade de congruência do pesquisador ser também o resultado da sua pesquisa, ou seja, os pesquisadores produzem conhecimento, trocam saberes entre os seus pares e com a população que eventualmente fará parte da caminhada. As caminhadas aconteceram por intermédio de um caminhar voluntário ao longo de mais de 50 km. No caso deste trabalho, os trajetos foram escolhidos de forma livre, cuja abordagem se deu principalmente pela escolha de locais que se presume que tenham alguma problemática que poderia ser explorada pelos pesquisadores. Em suma, à deriva propôs adentrar desde o os limites do entorno até as zonas periféricas.

A metodologia foi dividida em quatro etapas distintas:

- (a) caminhar no espaço urbano, observando os nuances e peculiaridades da cidade;
- (b) realização de atividades que possibilitem habitar o espaço através de atividades sensoriais, performances e leituras nos espaços;
- (c) aplicação de entrevistas informais, sem roteiro pré-estabelecido com usuários;
- (d) utilização de cartografias para registro;
- (e) compartilhamento das experiências individuais entre os alunos, por intermédio da subjetividade encontrada.

A cidade escolhida para a essa abordagem foi Pelotas, município do Rio Grande do Sul, localizado no extremo sul do estado. O município possui área de 1.909 Km<sup>2</sup> e está situado às margens da Lagoa dos Patos. A história da cidade, marcada pela economia proporcionada pelo charque e pela força da arquitetura eclética, dentre outros movimentos que impulsionaram a produção habitacional, possui o primeiro registro de arruamento em 1815, quando a cidade começa a se desenvolver. Segundo Gutierrez (1995), a topografia plana da cidade possibilitou o traçado xadrez e a continuidade das vias principais, inspirado na arquitetura militar e o classicismo (Figura 1).



As caminhadas foram realizadas em diferentes períodos do ano, em diferentes temperaturas e contextos meteorológicos. Foram visitados diferentes locais (Figura 2) e a quantidade de caminhantes foi sendo alterada ao longo dos dias de percurso.



Figura 2- Locais visitados nas caminhadas. Fonte: do autor, 2019.

As caminhadas nos locais identificados na Figura 2 foram realizadas em diferentes dias, totalizando 5 dias em diferentes semanas.

Foram utilizados os seguintes materiais: máquinas fotográficas e câmeras de celulares para registro visual; mapas para identificação do trajeto a ser percorrido; gravadores de áudio para registrar as conversas e entrevistas; gravadores de vídeo; prancheta para registrar apontamentos. Os materiais usados ficaram a cargo de cada pesquisador pertencente ao grupo, o que ocasionou liberdade de escolha para anotações, registros e rascunhos.



## Resultados e discussão

Primeiramente foram lidos textos em aula, referentes a teoria do caminhar e da deriva. O que proporcionou maior familiaridade com a abordagem prática que viera posteriormente. A caminhada propriamente dita ocorreu nos encontros seguintes e o grupo encarou diferentes adversidades práticas do cotidiano, dentre elas se destaca o tempo, o clima da cidade, o espaço, os conflitos de cunho público e privado, dentre outros.

Em suma, foi possível discutir diferentes temáticas cotidianas sobre o ambiente construído em diferentes escalas. Cada membro do grupo pode construir e vivenciar a cidade da sua maneira, baseada no que o pesquisador gostaria de entrar em contato e fortalecido pelas dinâmicas propostas pela professora.

De modo geral, os alunos puderam construir a sua imagem da cidade a partir dos seus parâmetros urbanos, suas observações, valores pessoais e vivências anteriores.

Nesse sentido, a caminhada proporcionou um novo olhar de apreensão do cotidiano, por intermédio do toque e interação com o ambiente, mas também um olhar lúdico que proporciona não só a apreensão, mas também o brincar com o meio e com o ambiente construído (Figura 3).

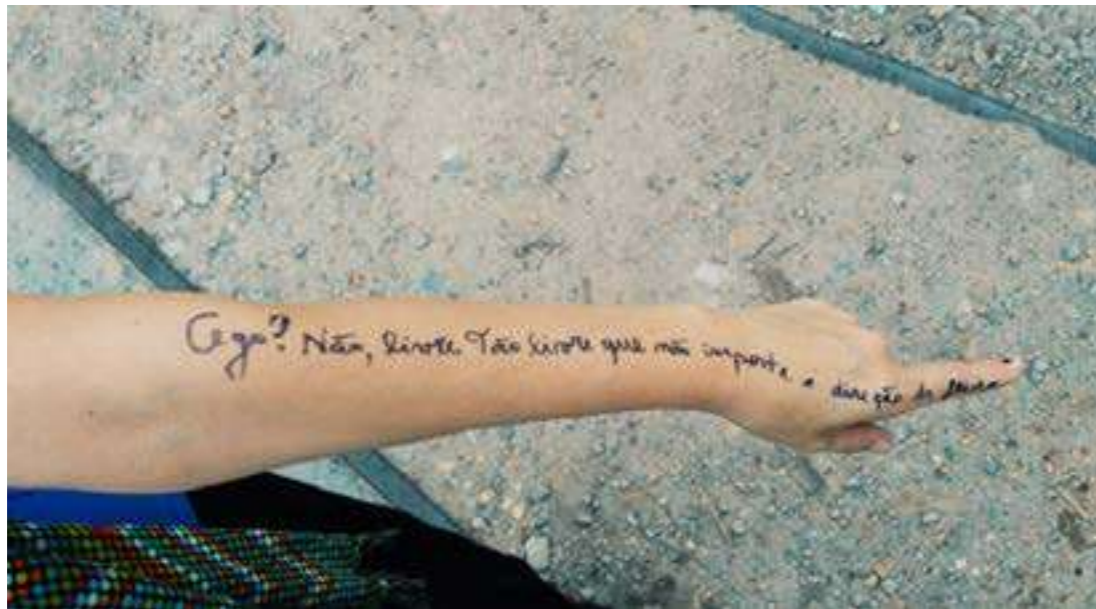


Figura 3: Interação com a cidade. Fonte: do autor, 2017.

Segundo os relatos dos caminhantes, as observações, contatos e interações fomentaram o conhecimento, de uma forma não tradicional, trazendo consigo diferentes caminhos e possibilidades. Foi possível entender os limites urbanos impostos pela produção da cidade, as rupturas e conexões dos bairros periféricos com os de alta renda (Figuras 4), a coexistência deles.

A Figura 4 demonstra os diferentes traços da arquitetura, e a proximidade entre duas realidades distintas. A figura revela ainda, o quanto a arquitetura é fortemente influenciada por questões sociais, sua funcionalidade e o modo como foi construída. Outra grande característica das caminhadas foi o entendimento de lugares históricos e culturais da cidade. A partir da caminhada foi possível entender a história do Quadrado, único ponto de lazer público na beira do canal, bem como usufruir dos espaços históricos e culturais, além de entrar em contato com lugares que proporcionam maior contato do homem com a natureza (Figura 5).



Figuras 4: (a) Bairro Marina Verde (b) Estrada do Engenho. Fonte: do autor, 2017.



Figuras 5: (a) e (b) Visita ao Katanga's bar, localizado no Quadrado em Pelotas. Fonte: dos autores, 2017.



Figuras 6 - (a) Mudança climática (b) Interação com a cidade (c) Caminhada na estrada do Engenho. Fonte: Autores, 2017.

Ao visitar o Katanga's bar, bar localizado no Quadrado, foi possível obter o conhecimento da história do local e as mudanças do mesmo. Anteriormente a ocupação realizada pelo dono do bar, a área estava abandonada e marginalizada, sendo um ponto de insegurança para as pessoas que moravam próximo ao atracadouro. Ao longo dos anos e devido a preservação liderada pelo dono do bar, o local foi sendo limpo, se tornando um local turístico e característico da cidade. Através da entrevista com a filha de Hélio, dono do bar (pintura da Figura 5b), o grupo soube da luta para que o local fosse transformado e pudesse ajudar as crianças da região com aulas, atividades extracurriculares e etc.

Os imprevistos nas caminhadas trouxeram maior coletividade e de certa forma promoveram o debate, seja para decisões coletivas ou pela surpresa causada por ações não programadas. Em função desta imprevisibilidade, houve diversos contratempos climáticos e entrevistas sem roteiro, e interações com a cidade, o que proporcionou a casualidade, objetivo da caminhada.



Figuras 7: (a) Castelo Simões Lopes Neto (b) interior do Edifício IPASE, em Pelotas (c) Antiga Caixa d'água de Pelotas. Fonte: dos autores, 2017.



A exploração teve o intuito também de apresentar aos caminhantes as diferentes tipologias arquitetônicas produzidas em diferentes contextos históricos, mas ainda presentes na cidade.

As imagens das edificações históricas da cidade, muitas vezes, não contam a história do ambiente construído ou apresentam de forma superficial as peculiaridades do empreendimento. (Figuras 7). Pensando nisso, através de entrevistas com moradores e prestadores de serviço foi possível compreender de uma forma mais concisa a situação patrimonial de edificações públicas e privadas, bem como a sua preservação, conservação, a manutenção e operação.

Na caixa d'água (Figura 7c), o grupo realizou uma experiência performática, no qual foi feita uma dinâmica onde cada participante tinha a liberdade de fazer o som que achasse adequado, em um local que ecoava as ondas sonoras e juntos o grupo formou um único som.

De modo geral, as zonas de maior vulnerabilidade sempre foram alvo desta pesquisa, pois se pretendeu entrar, (re)significar e entender estes locais que possuem realidades distintas. O intuito de vivenciar esses locais, muitas vezes marginalizados, foi proporcionar o entendimento, por parte dos pesquisadores, de uma realidade local e periférica, na qual esses moradores enfrentam diversos processos contemporâneos como gentrificação e segregação social.

Em pelotas, a cerca dos últimos dez anos, houve uma crescente na produção e implementação de novos condomínios fechados (Figura 8b), o que originou e desenvolveu novas formas de moradia. Esta promoção acentuou as grandes ofertas no mercado imobiliário e fomentou a especulação do mesmo. Esta produção recente trouxe consigo diferentes efeitos para a cidade, principalmente no que se refere a gentrificação de bairros vizinhos a estes novos empreendimentos, visto que potencializou a segregação social e gerou conflitos de desapropriações nos bairros do entorno.

As Figuras 8 trazem dois contrapontos vizinhos, na Figura 8a tem-se um exemplo de moradia no bairro Navegantes e a Figura 8b elucida o Parque Una, bairro que está sendo construído ao lado do bairro Navegantes.

Os moradores do bairro Navegantes (Figura 8a) relataram a retirada da ligação do bairro com o terreno onde o Parque Una está sendo construído. Essa situação, considerada como segregação e exclusão social, potencializou-se na medida em



Figuras 8: (a) Arquitetura de zonas periféricas, no bairro Navegantes (b) Construção do Parque Una. Fonte: do autor, 2017

que o parque tem como discurso a inclusão e compartilhamento do espaço coletivo por pessoas que não são, necessariamente, proprietárias dos espaços comerciais e residenciais do parque. O discurso do parque se baseia nos conceitos de Jacobs (1961) e Florida (2002), no qual abordam os limites da cidade; a convivência pacífica entre as pessoas; o uso misto e a diversidade dos usuários, o que proporcionaria uma rica troca e inúmeros benefícios entre os usuários que usufruem do espaço urbano. Ao primeiro olhar, o discurso parece não estar condizente com a realidade encontrada pelos pesquisadores e relatada pela população residente dos bairros do entorno do empreendimento. Foi constatado que há uma dificuldade do acesso, dentre outros agravantes, que fazem com que o parque seja frequentado somente por uma parcela segmentada da população pelotense.

Nesse contexto social, pode-se dizer que a caminhada origina uma narrativa atual e uma imagem contemporânea da cidade, de modo que impulsiona o lúdico, o fantástico, a imaginação, mas também revela situações reais e que nem sempre são agradáveis do ponto de vista social.

Paralelo ao entendimento dos processos urbanos citados anteriormente, há a fragmentação da história da cidade, porém, foram identificados que há diversos locais ociosos que contam a história da cidade e que são pouco explorados pela população, principalmente, no que se refere as edificações das antigas fábricas pelotenses e prédios históricos que atualmente encontram-se em estado de degradação (Figuras 9a).

Nesse sentido, se destacam a estrada do engenho, onde está localizada a antiga fábrica de arroz e o castelo do Major (Figura 9a), dois tipos de arquitetura que estão em estado de degradação e não possuem perspectivas de requalificações.



Figuras 9: (a) Castelo do Major (b) Veleiros Saldanha da Gama. Fonte: do autor, 2017.



A Figura 9 (b) apresenta a área em que residem os pescadores do Canal São Gonçalo, área classificada pela prefeitura como área de preservação ambiental. Devido a esta classificação, o poder público está tentando desalojar os pescadores que residem na região há muitos anos e com isto alojá-los no bairro Getúlio Vargas.

Através de um mediador, o grupo de pescadores tenta articular com o poder público uma nova solução para que ambas as partes cheguem a um acordo benéfico para as partes envolvidas. Porém, é interessante pensar no contexto social, trazendo o questionamento se somente estas pessoas de baixa renda são desalojadas no município?

Outros aspectos sentidos foram as fronteiras entre o público e privado, no qual o grupo caminhante adentrou no Shopping da cidade e sentiu oprimido e vigiado, devido a grande quantidade de pessoas que formavam o coletivo. Paralelo a este sentimento, foi feita uma dinâmica para o grupo vivenciar o lugar sem o sentido da visão.

A companhia de pesquisadores/alunos de outros cursos como: história, engenharia, filosofia e antropologia, foi fundamental ao visitar esses locais históricos, principalmente, para o entendimento da história da estrada do Engenho. Além disso, essa interdisciplinaridade trouxe a união de diferentes conhecimentos, possibilitando o compartilhamento de saberes diversos. Cabe destacar o importante papel dos moradores dos bairros no qual os pesquisadores adentraram, pois a contribuição dos mesmos foi importantíssima para atingir os objetivos do trabalho (Figuras 10).

Figuras 10: (a) e (b) Entrevistas com moradores da estrada do Engenho. Fonte: do autor, 2017.



Era nítido que os caminhantes estavam ali para explorar e não eram moradores dos bairros, seja pelas roupas, pela quantidade de pessoas andando em conjunto, ou pelo fato de que os moradores se conhecem e não reconhecerem o grupo como tal. O grupo chamou atenção de moradores, e originou uma série de perguntas por parte das pessoas que residem naquele local. Observou-se que foi engrandecedor conhecer pessoas residentes do bairro, principalmente, devido ao fato destes moradores estarem abertos à conversarem.

O morador da Figura 10, antigo funcionário da fábrica de arroz, contou a história da construção da sua casa, feita de caixas de leite e pallets, bem como a manutenção, conforto térmico e lumínico.

Por fim, o próprio espaço urbano enquanto ferramenta de interação, proporciona discussões das temáticas em diferentes escalas: urbana, arquitetônica, social e do construir. De certa maneira, as caminhadas se apresentam como um modo de resistência, de fuga dos grandes centros, pois adentrar em lugares invisibilizados

e dar voz a esta população, causou reflexões pertinentes aos pesquisadores e consequentemente afetou o pensamento crítico do grupo.

## Conclusões

Conclui-se que os profissionais articuladores da cidade necessitam desta experiência errante, de modo que esta ação possibilitou o entendimento da cidade, bem como a investigação do urbano. Através de relatos foi verificado que a ação ampliou o leque de possibilidades, conceitos e vivências dos alunos envolvidos.

Dos aspectos metodológicos, o caminhar se demonstrou eficaz para a obtenção das respostas que este trabalho se propôs. Dentre as principais vivências destacam-se: o entendimento das fronteiras, bordas, conexões, a história dos patrimônios públicos, as peculiaridades urbanas, os contextos sociais, as desapropriações, a segregação social, a gentrificação, a preservação da arquitetura e a influência dos movimentos influenciadores da produção da cidade.

Nesse sentido, a experiência pessoal permitiu aos alunos o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o ambiente construído, além da atualização da relação íntima do corpo com a cidade. É interessante observar, o quanto o contato com os moradores deu força e voz a um povo que muitas vezes não é tratado como prioridade pelos órgãos públicos.

Por intermédio desta pesquisa foi possível se despir dos preceitos e conceitos e na medida em que a experiência se fez única, ela também se faz coletivamente e isto engrandece o conhecimento, pois o compartilhamento das observações individuais proporcionaram um grande conjunto de conhecimentos. É evidente que esta vivência, da maneira como foi sentida e realizada, não se repetirá, pois foi um momento baseado em sentimentos, observações e vivências que não se repetem e o tempo também não retornará.

Por fim, recomenda-se que o arquiteto realize este movimento de afastamento dos locais comumente frequentados e vá em direção ao novo, ao desconhecido, de modo livre e espontâneo, para que assim consiga entender a cidade como um todo e compreenda o contexto urbano em que está inserido.

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

BARBOSA, Matheus; PONS, Maurício; DI FELICE. *O CORPO NO LIMAR: A teoria da deriva, a prática da errância e da cartografia na apreensão do urbano, em uma abordagem corpo a corpo na cidade contemporânea*. In: ENANPUR, 18 ed, 2018, Recife. Anais...Anpur: 2018. Local da Editora: Editora, ano de publicação. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1084>. Acesso em: 21 nov 2019.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: El andar como práctica estética*. 1. ed. Barcelona: Editora G. Gili, 2002.

COVERLEY, Merlin. *A arte de caminhar: o escritor como caminhante*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 34. ed. São. Paulo: 1995.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1968.

DEBORD, Guy. *Teoría de la deriva*. Traducción extraída de Internacional situacionista, vol. I. Madrid:,Literatura Gris, 1999.

FLORIDA, Richard. *The Rise of the Creative Class*. Vol II. New York: Basic Books, 2002.

FONSECA, João José. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

Foucault, Michel , *Surveiller et punir*. Naissance de la prison , Paris, Gallimard, 1975.

GEDDES, Patrick. *Cities in Evolution*. London: tradução Brasileira, São Paulo: Papirus, 1994.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social* . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOODRIDGE, John. *The John Clare Society Journal*. 1ed. Ashington: MidNag, 2000.

GUTIERREZ, Ester. *A arquitetura urbana no Brasil escravista*. Pelotas: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPEL,1995.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1961.

JACQUES, Paola Berestein. *Elogio aos errantes*. Salvador : EDUFBA, 2012.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MENDES, Luís. *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado: subtítulo do artigo*. Cadernos Metrópole : São Paulo, v. 13, n. 26, p. 1-24, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/14765/10769>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SPERBER, Suzi. *Ficção e razão. Uma retomada das formas simples*. São Paulo: HUCITECFAPESP, 2009.

*SIGNIFICADO DE CAMINHAR*, Aurélio, 18 nov 2019. Disponível em: <https://dicionarioaurelio.com/caminhando>. Acesso em 21 nov 2019.

TALOCCI, Giorgio; MUZZONIGRO, Azurra. *Chi Perde Tempo Guadagna Spazio*, ovvero:

*Spazi e Tempi di Reciprocità tra*. São Paulo, Salvador de Bahia e Nicosia . Lo Squaderno. nº26, 2012. p. 77-79.

UOL. *Significado de caminhar*. Michaelis, 18 nov 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=LV8D>. Acesso em 21 nov 2019.

YIN. Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

# A PAISAGEM DA CIDADE PEQUENA

## variabilidade visual experienciada pelo caminhar

**Auriele Fogaça Cuti<sup>1</sup>**  
**Natalia Naoumova<sup>2</sup>**

### Resumo

As cidades pequenas configuram-se como ambientes urbanos que possibilitam o caminhar como meio de locomoção. A partir disso, utilizou-se desse recurso para viabilizar a análise sequencial em três cidades do interior do Rio Grande do Sul, com o intuito de caracterizá-las, destacando elementos marcantes, e identificar aspectos na paisagem importantes para os usuários e que contribuem para a variabilidade visual. Os elementos da paisagem natural e as edificações se mostraram como principais responsáveis pela variabilidade visual nesses ambientes. Essa variabilidade foi identificada como positiva e enriquecedora na experiência de vivenciar a cidade, tanto como moradia quanto como opção de turismo para visitantes de cidades próximas. Palavras-chave: cidade pequena, paisagem, variabilidade visual, caminhar, análise sequencial.

## THE LANDSCAPE OF SMALL CITY

### visual variability experienced by walking

### Abstract

Small cities are configured as urban environments that allow walking as a mean of locomotion. From this, we used this feature to realize a sequential analysis in three cities in the interior of Rio Grande do Sul, in order to characterize the cities, highlight landmarks, and identify aspects of the landscape that are important to users and contribute to visual variability. Natural landscape elements and buildings were mainly responsible for the visual variability in these environments. This variability was identified as rich and positive in the experience of experiencing the city, both as housing and as a tourism option for visitors from nearby cities.

Keywords: small city, landscape, visual variability, walking, sequential analysis.

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista (UFSM/2014). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas (2019). Atualmente exerce o cargo de Arquiteta e Urbanista no Departamento de Engenharia da Prefeitura Municipal de Restinga Sêca (RS). E-mail: aurielefc@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora associada da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS, Brasil (2009); mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Técnica do Extremo Oriente, Rússia (1984); graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Técnica do Extremo Oriente, Rússia (1982). E-mail: naoumova@gmail.com.

### Introdução

As cidades pequenas, com as particularidades de um espaço urbano menor em superfície, permitem às pessoas o caminhar como principal meio de locomover-se. A proposição temática *caminhografar*, entendida como o ato de caminhar, observar e registrar, ajusta-se à urbanidade presente nas cidades pequenas e suas possibilidades, de deslocamento, de percepção e de vivências. O caminhar mostra-se adequado também para ser utilizado como recurso para uma técnica – a análise sequencial das visuais – que pode auxiliar no reconhecimento e caracterização das cidades.

Há uma necessidade de potencializar a imagem das cidades pequenas a partir da viabilização dos registros de elementos legíveis e da variabilidade visual desses ambientes. Acredita-se que através do trabalho com a apreensão de lugares é possível criar bases para um planejamento urbano adequado que auxilie no fortalecimento da identidade do lugar e impulse o lazer e o turismo. Por adequado, entende-se aquele planejamento urbano sensível às características e particularidades de cada ambiente urbano e que contribui para a formação da imagem avaliativa por moradores e visitantes.

A importância do estudo da imagem avaliativa da cidade já foi ratificada por diversos autores como LANG (1987), LYNCH (1988), NASAR (1988) e STAMPS (1989). Os autores HERZOG e LEVERICH (2003) afirmam que esses estudos se mostram importantes no que se refere a aspectos de preservação e proteção da paisagem. No entanto, existe uma carência de estudos sobre cidades pequenas com enfoque na imagem avaliativa. Essas cidades geralmente são investigadas com outras abordagens, como o declínio demográfico ou a espacialização funcional (exemplo: ENDLICH, 2006; LOPES, 2009; FRESCA e VEIGA, 2011). Por outro lado, estudos sobre a imagem avaliativa geralmente são direcionados para cidades grandes ou centros urbanos consolidados (exemplo: CASTELLO, 2007; FARIA, 2010).

Este artigo trata da experiência do caminhar e dos registros obtidos em três cidades pequenas do interior do Rio Grande do Sul como meio de estudar a imagem avaliativa da cidade. Utiliza-se da análise sequencial como técnica de registro, complementada por observações da pesquisadora. Entende-se, a partir disso, que o caminhar é o único meio que torna a análise sequencial uma experiência válida, porque o passo uniforme do observador permite revelar uma sucessão de vistas, sem perder detalhes graças a baixa velocidade que o caminhante desenvolve. DELIGNY (2015) auxilia a embasar essa ideia, quando, a partir de seus escritos, nos direciona a enxergar a cidade como uma rede de trajetos, muitas vezes traçados inconscientemente, mas que tem no observador alguém capaz de perceber esses trajetos consolidados.

Assim, o estudo busca caracterizar as cidades a partir dos trajetos observados e da caminhada, destacando elementos marcantes e identificando aspectos na paisagem importantes para os usuários e que contribuem para a variabilidade visual.

### Cidade pequena, variabilidade visual e caminhar: delineando entendimentos

É necessário discorrer sobre o entendimento do termo *cidade pequena* que se utiliza na pesquisa. Habitualmente dimensiona-se uma cidade de acordo com seu número de habitantes. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001), são consideradas cidades pequenas aquelas que possuem até 20 mil habitantes. Porém, este não deve ser o único fator a ser utilizado na classificação de cidades



pequenas, médias e grandes (MAIA, 2005). Isso porque uma cidade é composta por um conjunto de elementos característicos que formam sua identidade, seu perfil político, cultural e econômico, muito além do número de habitantes.

MAIA (2005) amplia este entendimento, partindo do contingente populacional até considerações das discrepâncias entre diferentes cidades, as oportunidades que oferecem e os recursos, que independem do número de habitantes. Para Santos (1979), o fenômeno urbano é, principalmente, qualitativo, e as cidades pequenas são aglomerados urbanos de pequenas dimensões que servem minimamente às necessidades vitais dos moradores.

Segundo Alexander (2013), as cidades pequenas, com população entre 500 e 10 mil habitantes apresentam características próprias como serem rodeadas pelo campo e próximas às cidades vizinhas. Existem qualidades relacionadas com a dimensão das cidades, como poder ir a pé para o trabalho, poder almoçar em casa no intervalo, proteção de ruídos intensos de indústrias ou tráfego pesado, edificações de pouca altura, entre outros. Essas características podem se refletir no comportamento das pessoas. O caminhar impulsionado pelas pequenas distâncias possibilita ver as qualidades óbvias da ambiente, ideia explanada por Cullen (1993), que destaca a *arte da paisagem construída* a ser observada e que muitas vezes é desconsiderada pela falta de apreciação no percurso.

Compondo a *arte da paisagem construída*, a variabilidade visual é uma qualidade resultante das características físicas do ambiente. A variabilidade visual é entendida nesse estudo como a maneira como uma cena se diferencia de outra, em maior ou menor intensidade. A partir de Kohlsdorf (1996) e Cullen (1993), pode-se dizer que as porções passíveis de serem contempladas pela visão, observadas a partir do caminhante, vão se revelando diferentes pela influência do relevo, arborização, elementos construídos ou interferência humana.

A variabilidade visual na paisagem é estudada por ser considerada, nesta investigação, como um aspecto que pode provocar sensações – como surpresa ou mistério – e também servir como um convite aos moradores e visitantes da cidade pequena para explorar o ambiente.

Kohlsdorf (1996) explica que as sensações se mostram como o primeiro contato da pessoa com o lugar, sendo necessárias certas condições tanto do observador – como a capacidade de ver ou sentir –, quanto do ambiente – como as características físicas. Conforme as condições da pessoa e da oferta de estímulos do ambiente, ou seja, da variabilidade visual, tem-se a apreensão do lugar. Essa oferta faz com que o ambiente seja interessante e o contrário torna-o monótono, pouco convidativo.

A apreensão do lugar, considerando o observador como o caminhante, vai ser feita a partir do que está ao nível dos olhos. Algumas características passíveis de serem percebidas nesse nível, como a variação de edificações, a presença de vento, sol, sombra, a manutenção do ambiente, presença de árvores e até possibilidades de sentar, podem tornar o caminhar mais prazeroso – o caminhar, entendido como o ato de atravessar um espaço, percorrer um ambiente ou uma paisagem (CARERI, 2013; KARSENBERG e LAVEN, 2015).

O caminhar pode se apresentar como forma da pessoa *recriar seu mundo*, rever o mesmo ambiente diariamente, possibilitando reinventar, renovar a consciência dele. Ao passo que o caminhante reinventa sua ideia do ambiente, ele também produz lugares, ou seja, a sua presença é capaz de transformar a paisagem (CARERI, 2013; PAESE, 2015).

### **Análise Sequencial na cidade pequena: abordagem teórica**

A literatura da área da Percepção Ambiental evidencia que o comportamento das pessoas tem relação com o caráter físico do ambiente e da paisagem e com a apreciação das suas características. Neste contexto, a paisagem configura-se como um arranjo de aspectos naturais e humanos, organizados de tal maneira que proporcionem a apropriação e caracterizem um ambiente fisicamente (TUAN, 1980; SANTOS, 2005). A paisagem é também a soma diferentes tempos e o resultado da intervenção das pessoas no ambiente ao longo dos anos pode contribuir na variabilidade visual.

Para Cullen (1993), a paisagem é um conjunto de elementos, em várias escalas, e as relações que são definidas entre eles. Uma técnica que possibilita estudar a paisagem é a análise sequencial (KOHLSDORF, 1996), também conhecida como visão serial (CULLEN, 1993). Neste estudo foram utilizados conceitos destes dois autores para a construção e aplicação do método, visto que KOHLSDORF (1996) explana sobre a análise sequencial com foco maior na aplicação da técnica e Cullen (1993) evidencia as possíveis sensações provocadas pela paisagem.

A técnica consiste na análise de uma sequência de cenas, definidas pela posição do observador. É uma percepção proveniente do deslocamento do corpo do observador no espaço, no caso a pesquisadora, sendo o modo de analisar a imagem da cidade como uma sucessão de quadros. A análise sequencial é marcada pelas estações – estímulos do ambiente onde se faz o registro do efeito identificado –, pelos intervalos – distância de tempo e espaço entre duas estações, ou seja, dois estímulos – e os próprios efeitos. Já o campo visual é a porção da paisagem que a visão do observador abrange (CULLEN, 1993; KOHLSDORF, 1996; DEL RIO, OLIVEIRA, 1999). Neste estudo, considera-se que podemos captar um ou mais campos visuais na mesma estação, de acordo com a posição da pessoa.

As observações são parte integrante da análise sequencial, sendo que complementam outras técnicas e podem ser o passo inicial para o reconhecimento e compreensão da paisagem e das maneiras de apropriação. As observações permitem o reconhecimento sensível de uma área, um olhar para o que poderia passar despercebido e que é registrado através da fotografia (VOORDT & WEGEN, 2013).

### **Caminhar, observar e registrar: abordagem metodológica**

A investigação desenvolve-se a partir de estudo de caso, em três locais selecionados. Foram considerados o porte da cidade, característica marcante de aspectos naturais e rurais na paisagem, conforme era indicado na literatura como uma característica das cidades pequenas, e presença de atrativos para lazer e turismo.

Para o estudo foram selecionadas as cidade de Nova Palma, São João do Polêsine e Silveira Martins. Todas localizadas na região central do estado do Rio Grande do Sul, pertencentes à area conhecida como Quarta Colônia de Imigração Italiana, e próximas à cidade de Santa Maria, principal polo educacional e de serviços da região, com cerca de 300 mil habitantes – Figura 1.



São João do Polêsine e Silveira Martins possuem cerca de 2 mil habitantes, enquanto que Nova Palma possui aproximadamente 6 mil habitantes. As três cidades apresentam malha urbana regular, mas se diferenciam principalmente pelos aspectos naturais da paisagem.

Uma característica comum às três cidades é a presença de fluxo turístico significativo, impulsionado pela marca da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Silveira Martins atrai visitantes durante todo o ano, pelas opções gastronômicas com cantinas e restaurantes e também pelos atrativos rurais, como balneários e espaços de lazer para realização de eventos ao ar livre.

Em Nova Palma, o fluxo turístico é sazonal, já que a principal atração é o Balneário Municipal, localizado no perímetro urbano da cidade. Já em São João do Polêsine, os visitantes são vistos na praça, já que a cidade se caracteriza como um lugar de passagem para as cidades seguintes – Faxinal do Soturno, Nova Palma e Dona Francisca. Nas três cidades, as festas religiosas e as festividades de comemoração de aniversário de emancipação de cada uma também atraem significativamente as pessoas das cidades próximas. Assim, o ambiente das cidades estudadas se configura como uma alternativa de lazer não só para os moradores, mas também para os visitantes das cidades do entorno e principalmente de Santa Maria.

A intenção de utilizar a caminhada na análise sequencial foi prioritariamente a necessidade de identificar sensações visuais e percepções subjetivas do ambiente relacionadas com as características físicas das cidades. Cullen (1993) e Kohlsdorf (1996) elencam uma série dessas sensações, ou efeitos, e dentre elas elencamos aquelas que mais se adequam a esse estudo:

A sensação de *além*, muito presente em ambientes urbanos rodeados pelo campo, configura-se como a qualidade de algo que está presente, visível, no entanto, não é palpável, não se consegue chegar, alcançar, vivenciar além do olhar passivo. A *focalização* que emerge de um determinado ponto da cidade, seja ele um elemento

construído, iluminado, que atrai o olhar. Os autores também discorrem sobre as sensações relacionadas com os desníveis – *estar acima, estar abaixo, sentir-se superior, dominante* em relação a paisagem ou então *inferior e encerrado*. O efeito da *silhueta*, cuja linha composta por prédios ou morros delimita e desenha a porção visual. Outros efeitos que a literatura apresenta e que podem ser registrados através do caminhar da análise sequencial são a *surpresa, finitude, composição de planos, estreitamentos, conexões*. As *saliências e reentrâncias*, sentidas principalmente nos passeios públicos, podem ser motivadas pelas diferenças de recuos viários, por exemplo. Já o *mistério* é aquilo que vem do desconhecido, do que não é visível mas que supõem-se que existe, mas não se sabe o que é. Por outro lado, a *continuidade* é a sensação de que o caminho tem prosseguimento, pelos elementos que a paisagem apresenta sucessivamente.

Assim, a caminhada foi o trajeto, composta de intervalos que eram a distância entre duas estações. As estações foram determinadas pelos pontos importantes em cada cidade, sendo o campo visual tudo aquilo que a visão abrange em cada estação, ilustrado a partir de uma ou umas imagens, que registraram os efeitos ou sensações.

#### Caracterização dos trajetos nas cidades: um percurso para cada situação

O caminho a ser percorrido em cada cidade foi traçado a partir da definição de elementos possivelmente marcantes e que concentravam pessoas – como a praça central da cidade, prédios administrativos, rodoviária, cooperativas, cursos de água, vias principais, entre outros, em cada cidade. Aguiar (2016) utiliza a caminhada como um procedimento de ensino e pesquisa e indica que para cada situação deve-se pensar em um percurso. A partir daí, a presença e localização desses elementos junto às particularidades de cada ambiente urbano, determinou 40 campos visuais tomados no percurso de cada cidade.

Em comum nas três cidades foi a atração da praça e da igreja como ponto inicial do trajeto, tanto por serem elementos marcantes na paisagem quanto por serem pontos atrativos de visitantes por meio das festas religiosas. Podemos observar que a praça é o centro da cidade – não centro geográfico, mas centro no que se refere a centralidade, a lugar onde as coisas acontecem. O fato de impulsionarem a apropriação espacial também fortalece esses recintos como os lugares de onde deveria partir o percurso.

Cada comunidade necessita de um local para *ver e ser visto*. Para Alexander (2013), ali as pessoas compartilham e se reúnem para o convívio e para a confirmação de comunidade. Nas cidades pequenas em estudo, esse local para *ver e ser visto* é a praça da cidade, próxima à igreja e aos centros administrativos, como a prefeitura e a câmara municipal. Diante disso, esses elementos foram comuns nas cidades, e a partir da observação foram definidas as particularidades de cada percurso.

Em comum também, e como uma peculiaridade da cidade pequena, a ausência de passeios públicos em vários pontos, inclusive no centro das cidades, direciona o caminhante para o leito viário – apesar de inadequado, o pouco fluxo de veículos não faz com que esse conflito seja determinante ou influencie negativamente no desenvolver da técnica. Pelo contrário, ousaríamos dizer que existe até uma



sensação de liberdade em poder transitar a pé pelo leito viário, por longo percurso, praticamente sem encontrar automóveis em movimento, em dimensões generosas, como se aquela dimensão tivesse sido feita para o pedestre.

Em São João do Polêsine, o caminho partiu da frente da Igreja Matriz – primeira estação. A praça junto à igreja é um recinto urbano bem cuidado, convidativo e explorado pelos moradores para lazer. A estação seguinte foi a rodoviária, que apesar de ser um equipamento urbano importante, não concentra um grande número de pessoas no entorno.

A próxima estação foi a edificação em ruínas de um antigo moinho, que se configura como um marco visual na paisagem visto que é uma das últimas edificações da Avenida principal da cidade, antes da vista perder-se pelo campo próximo que segue até o além.

A rodovia que corta a cidade não se mostra um lugar amigável para a caminhada, sendo que foi contemplada no percurso pela divisão que faz no ambiente urbano. Além disso, contém elementos que servem de pontos atrativos de pessoas e marcos na paisagem, como o posto de combustível localizado em uma esquina que dá acesso a uma importante comunidade do interior e também ao Monumento de Nossa Senhora de Salete. Retornando a avenida principal, as estações seguintes foram as edificações de média altura que concentram comércio e serviços, área de lazer, Prefeitura, Câmara de Vereadores e hotel da cidade. Na definição do trajeto, pode-se observar que o canteiro central em frente ao antigo hotel da cidade funciona como uma extensão da praça, e os bares e mercadinhos também são lugares que atraem pessoas e geram movimentações pontuais na paisagem (Figura 2).

Na cidade de Nova Palma, o caminho foi delimitado principalmente pelas vias de maior gabarito e hierarquia visivelmente superior às demais (Figura 3). O próprio

Figura 2: Mapa trajeto São João do Polêsine e indicação dos pontos que auxiliaram a definir o percurso da análise sequencial. Fonte: da autora, 2019.



deslocar da pesquisadora pelas vias foi surgindo naturalmente como se fosse óbvio devido às amplas dimensões tanto de passeios quanto de leito viários. Assim como em São João do Polêsine, o conjunto Praça – Igreja foi o ponto de partida pela força com que esses elementos se apresentam no meio urbano.

A análise começou pela quadra da Praça Central e Igreja Matriz, seguindo a via até o encontro com a avenida da Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores. Essa via possui gabarito muito superior às demais ruas, com canteiro central e passeios públicos generosos, convidativos ao caminhar, que até contrastam com a via anterior, com vários lotes sem passeios públicos.

O trajeto passa por dois pontos pelo curso de água que corta a cidade. Apesar de serem locais sem muita movimentação de pessoas ou densidade de edificações e usos, foram lugares que atraíram a caminhada, principalmente pela paisagem e pela composição das cenas. Em seguida, buscamos retornar à praça central próximo a rodoviária, comércio, correios e sindicato rural – lugar que presta uma série de serviços que atraem a população, como, por exemplo, a farmácia popular. O percurso finaliza na avenida de acesso à cidade, junto à cooperativa de beneficiamento de grãos, que possui grandes edificações como o supermercado, os silos e o moinho.

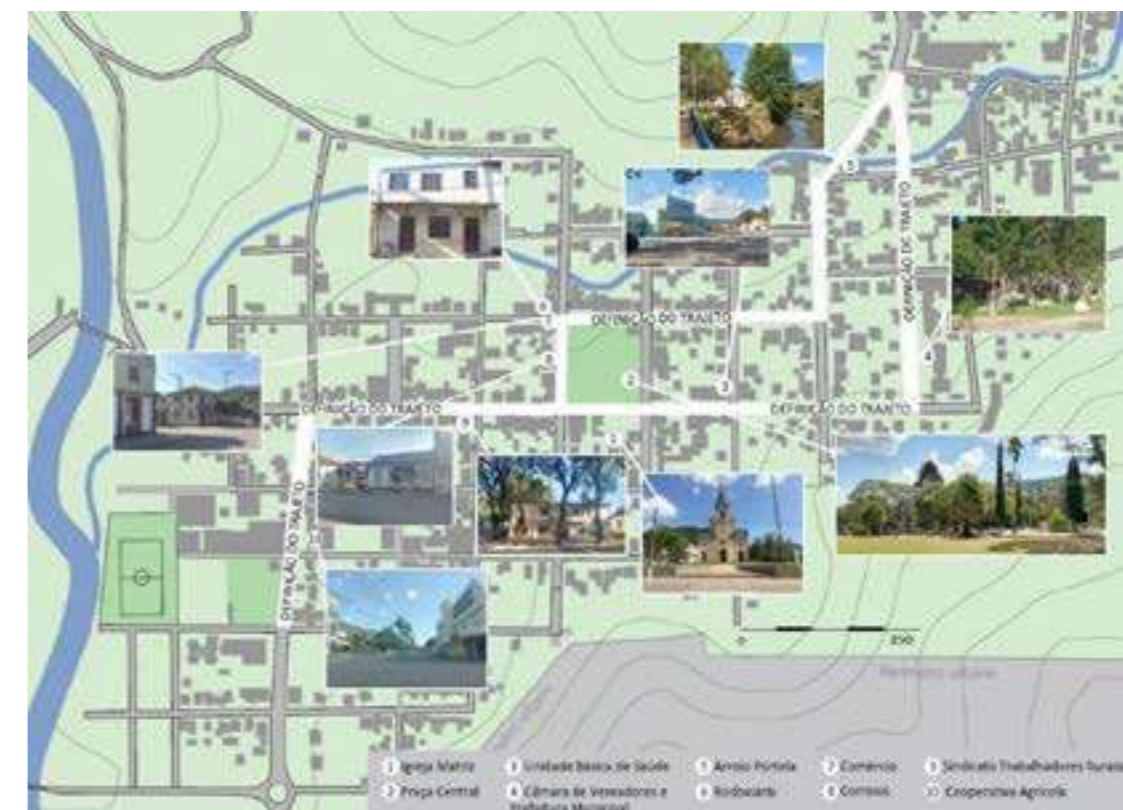


Figura 3: Mapa trajeto Nova Palma e indicação dos principais pontos que auxiliaram a definir o percurso da análise sequencial. Fonte: Da autora, 2019.

Na cidade de Silveira Martins, o percurso da análise sequencial teve início na via que concentra edificações importantes do município, como prédios históricos, Igreja Matriz, Hotéis, Casa Paroquial, Rodoviária, Correios, entre outros (Figura 4). Diferentemente das demais cidades, a primeira estação não foi exatamente o conjunto Praça-Igreja, mas foi de onde se enxergava o conjunto em questão. Como particularidade, Silveira Martins tem a torre cilíndrica da igreja que pode ser vista de diferentes pontos do ambiente urbano, e isso também influenciou as definições de trajeto e, em um segundo momento, os campos visuais.



A primeira estação foi o hotel da cidade, que também atrai visitantes que buscam usufruir apenas do restaurante. As próximas estações foram a praça, a igreja e a rodoviária. O trajeto seguiu até o Centro de Tradições Gaúchas, que é um atrativo de pessoas por servir almoços nos finais de semana.

As observações indicaram que o comércio e a quadra de esportes junto à escola eram pontos importantes de apropriação espacial. O relevo nessa área permite explorar os campos visuais. O percurso seguiu até as cantinas, local que no final de semana é responsável por boa parte dos visitantes que desfrutam da praça, enquanto aguardam suas reservas para almoço. Na cidade há uma Unidade Descentralizada da Universidade Federal de Santa Maria (UDESSM – UFSM), que também foi contemplada no caminhar, que finalizou em equipamentos urbanos como a Brigada Militar e a Câmara de Vereadores.



Figura 4: Mapa trajeto Silveira Martins, com a indicação dos principais pontos que auxiliaram a definir o percurso da análise sequencial. Fonte: da autora, 2019.

Silveira Martins, tanto pelo percurso quanto pelas visuais, passa a sensação de estar no alto de um morro. Já Nova Palma é cercada pelos morros. São João do Polêsine apesar de ter morros ao norte, o relevo na área urbana é completamente plano, diferindo do relevo levemente acidentado das demais cidades.

### Campos visuais na cidade pequena: variabilidade ou monotonia?

São João do Polêsine é uma cidade com relevo mais plano que as demais. A paisagem é marcada pelas edificações de pouca altura, uma característica das cidades pequenas apresentada pela literatura e identificada nas três cidades estudadas. Apesar disso, existem morros nas bordas das cidades que tornam as visuais diferentes em determinadas vias. Entretanto, o fluxo de visitantes é menor e pontuado pelas festas que ocorrem no município. Não há uma caracterização da atividade turística, como a influência da gastronomia ou do balneário.

A análise sequencial na cidade evidenciou a ausência de arborização urbana nas vias, tanto pela falta de sombra quanto pelo desconforto térmico sentido pela pesquisadora, visivelmente maior que nas demais cidades. Em São João do Polêsine, poucas edificações se destacam na paisagem por possuírem algum valor histórico agregado. Na Figura 5, apresenta-se a indicação das 40 estações onde foram tomados os campos visuais, e uma seleção de 13 deles, marcados principalmente por edificações e elementos da paisagem natural.

A área urbana de São João do Polêsine é predominantemente plana, o que torna o caminhar menos cansativo. A ausência de arborização urbana e de locais para descanso nas vias contrasta com a praça, bem arborizada e com refúgios para o caminhante, como se fosse um oásis no percurso árido.

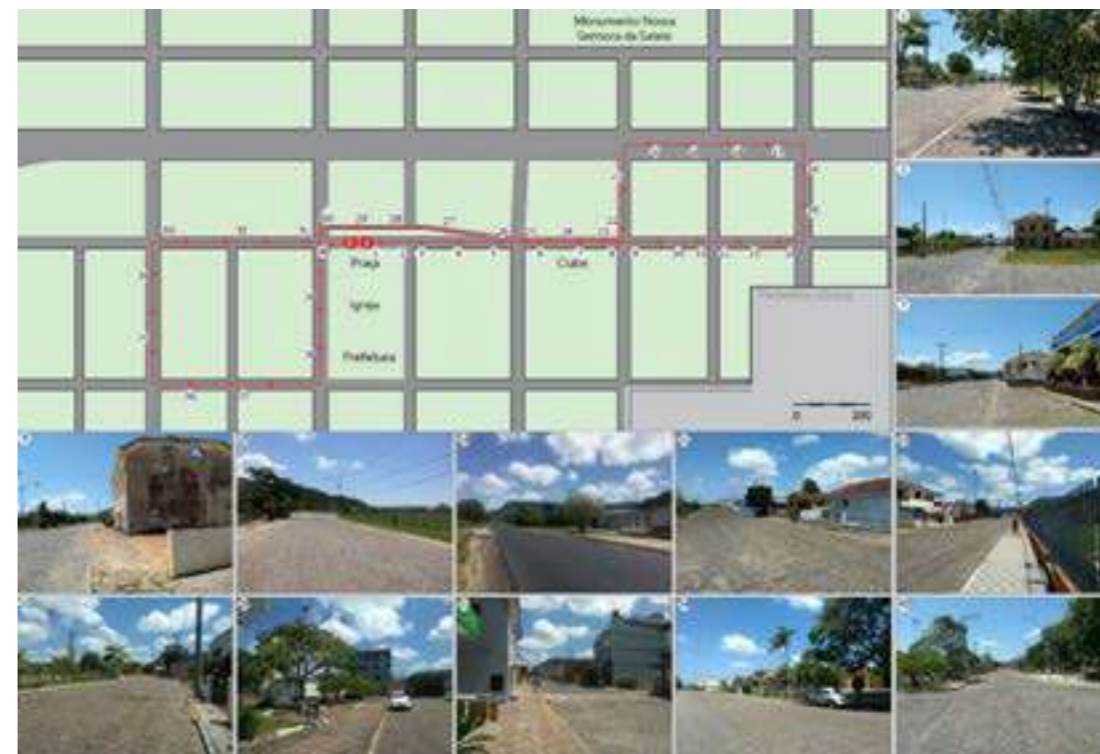


Figura 5: Síntese análise sequencial São João do Polêsine. Indicação dos 40 campos visuais, com ilustrações de alguns deles. Fonte: da autora, 2018.

Nos finais de semana nota-se que as pessoas utilizam os espaços públicos da cidade para lazer, mas a intensidade desse uso é pequena (Figura 6a). Na rodovia que corta a cidade não há passeio público e o caminhar é hostil. A velocidade do pedestre no acostamento é incompatível com a velocidade com que os carros passam na faixa, em direção as cidades seguintes – Faxinal do Soturno, Dona Francisca e Nova Palma. Ainda assim, o caminhar neste trecho diferencia-se das demais vias da cidade, pela maior proximidade com o campo, ainda que seja a área central do município (Figura 6b).

As principais sensações e efeitos identificados na cidade foram a sensação de *aqui e além*, expressa pela presença dos morros tão intensa nas visuais, mas que geograficamente parecem estar inalcançáveis. Por outro lado, esses morros também conformam uma *silhueta*, que delimita a paisagem como se estivesse delimitando a superfície da cidade – para além da silhueta desenhada não sabemos o que tem e talvez não faça parte dessa experiência (Figura 6c).

A composição de planos foi evidenciada em mais de uma estação, e é ilustrada a seguir, no campo visual obtido na primeira estação – na Praça. Na figura 7, observamos no primeiro plano o ambiente de estar do refúgio que a praça oferece para o caminhante. Em segundo plano, temos a edificação da Casa Paroquial e Radio Comunitária e, em



Figura 6: (a) Apropriação do passeio público; (b) Variabilidade visual e hostilidade do caminhar na rodovia; (c) Arborização da praça e silhueta dos morros. Fonte: da autora, 2018.



terceiro plano, no *além*, os morros. Essa composição de planos é mais evidenciada em São João do Polêsine que nas outras cidades em virtude do relevo plano da área urbana, que ao mesmo tempo não promove as sensações de superioridade, de dominância, ou de inferioridade em relação à paisagem, provocadas pelo *estar acima* ou *estar abaixo*.

Figura 7: Exemplo da composição de planos em São João do Polêsine, motivada pelo relevo. Fonte: da autora, 2017.



Não se notam estreitamentos, conexões, saliências ou reentrâncias no percurso. A cidade parece espalhada, com a malha urbana regular largada na planície de maneira que coubesse, com folga, entre os morros.

Em Nova Palma, o relevo da área urbana é levemente acidentado, o que exige um pouco mais do caminhar em relação a São João do Polêsine, mas não chega a ser um fator determinante que prejudique o percurso. A arborização urbana é mais presente, o clima mais arejado e o vento, também nos dias quentes, favorece os deslocamentos a pé.

A variabilidade visual nesta cidade é marcada principalmente pelos elementos naturais. Os morros e dobramentos marcam a paisagem, compõem quadros e orientam o deslocamento. A proximidade e a presença dos morros em praticamente todo o perímetro da cidade, dá a sensação de que eles delimitam a área urbana. Essa característica se parece com São João do Polêsine, no entanto lá a sensação é outra. Ao passo que em São João do Polêsine os morros estão visualmente longe, em Nova Palma os morros parecem espremer a área urbana. A malha urbana regular parece forçada a caber entre os dobramentos, muito diferente do espriamento sentido nessa relação na cidade anterior. Na Figura 8, a partir da indicação dos 40 campos visuais, exemplifica-se 12 ilustrações a partir deles. Nota-se que os morros prestam-se ao papel de finalizar as vias e circundar a cidade, exprimindo a sensação de finitude da área urbana.

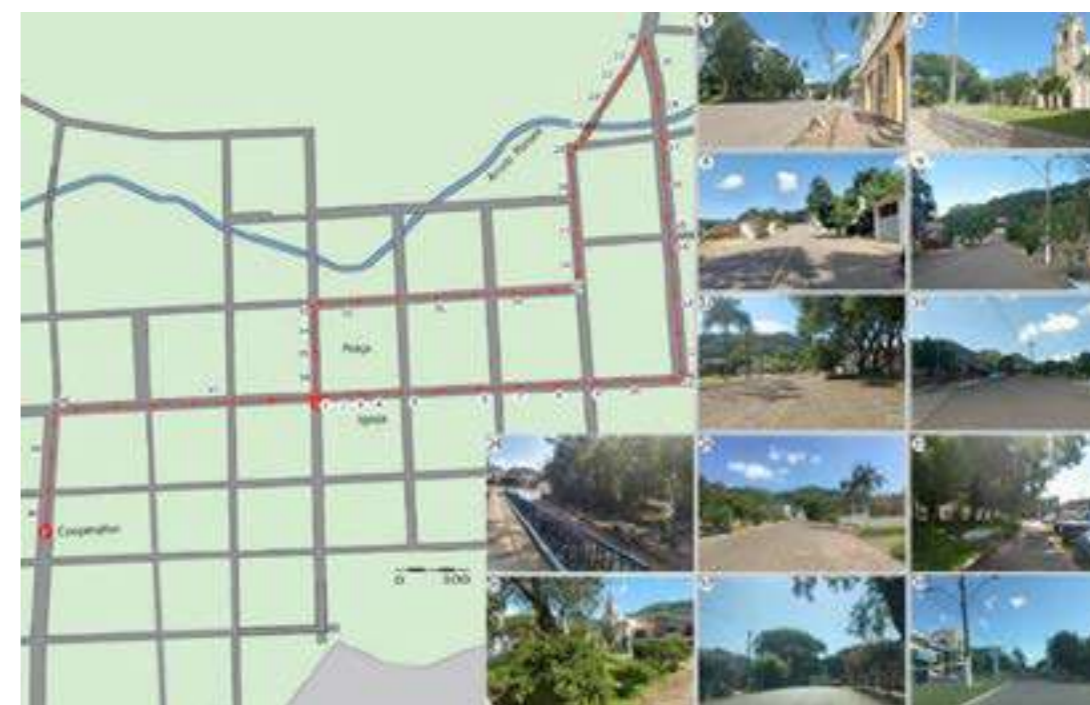


Figura 8: Síntese da análise sequencial em Nova Palma. Indicação no mapa dos 40 campos visuais tomados e ilustração de 12 deles. Elaborado pela autora. Fonte: da autora, 2018.

A intensa arborização na área urbana, não só na Praça como ocorre em São João do Polêsine, mas também nas vias, é um convite para explorar a cidade a pé. Nos campos visuais, nota-se a sombra que a arborização promove nos passeios. O caminhar é agradável e revelador. Ainda que não se tenha a sensação de mistério, que é mais forte e talvez mais intrigante, há a sensação de surpresa de elementos na paisagem que não são visíveis de todos os pontos. Isso incentiva o caminhante a desbravar a cidade. Como exemplo, tem-se a arborização urbana que oculta prédios de destaque, como a Igreja, e o relevo que conduz até a área do balneário (Figura 9). A descida da rua que leva ao balneário também impulsiona esse caminhar, e quando começamos esse percurso não enxergamos o rio tanto pela curva da via quanto pela arborização. De maneira surpreendente, o rio se revela muito próximo.



Figura 9: (a) Igreja Matriz da cidade, vista a partir da área mais baixa da praça; (b) Balneário Municipal. Fonte: da autora, 2018.



O cemitério, localizado próximo da entrada da cidade e visto a partir da estação final atrai o olhar. A *silhueta* dos túmulos que se sobrepõem a silhueta dos morros ao fundo compõe um quadro que se diferencia dos demais da cidade – aí os morros parecem distantes (Figura 10a), enquanto que nas demais áreas da cidade, as vias expressam continuidade, ao mesmo tempo que o morro está além, na visual, está aqui pelos caminhos que parecem conduzir-nos até eles. Na Figura 10b, parece possível chegar no alto do morro, sensação que não acontece na imagem anterior, nem em São João do Polêsine. Na Figura 10c, notam-se os alargamentos e estreitamentos que ocorrem no passeio público, a influência da arborização, a hierarquia da avenida, imponente na paisagem pelo gabarito e vegetação de destaque no canteiro central, e a silhueta dos morros, ao fundo.



Figura 10: Influência dos elementos da paisagem natural nos campos visuais. Fonte: da autora, 2019.

A presença do curso de água na área urbana pontua conexões entre as margens. Em alguns lugares, essa conexão é total e consolidada, através de pontes que permitem passagem de automóveis e de caminhantes. Em outros pontos, a conexão é parcial, há um pontilhão que permite apenas a passagem de pessoas independentemente do nível do rio, no entanto, automóveis ficam limitados a passar quando o rio está com o nível normal. Esse segundo lugar oferece a sensação de refúgio, com uma edificação histórica, as pedras e a arborização compõem uma cena que parece não pertencer ao ambiente urbano, como se fosse um respiro no centro da cidade.



Figura 11: (a) Passagem em dois níveis: para pedestre por pontilhão, e para automóveis em nível mais baixo, sobre aterro com tubos; (b) Ambiente sobre aterro com tubos; (b) Ambiente que se diferencia da área urbana. Fonte: da autora, 2018.

Em Silveira Martins, são as edificações que contribuem para variabilidade visual na paisagem. O relevo levemente acidentado favorece as sensações de surpresa e finitude que acontece em alguns campos visuais. É a impressão de se estar no alto, no morro, ao contrário das outras duas cidades, circundadas pelos morros, cada uma com a sua particularidade de relação com esses elementos. Na Figura 12, apresenta-se a indicação dos 40 campos visuais, com destaque para 12 ilustrações deles. Esses campos selecionados evidenciam as sensações mencionadas e destacam as edificações que marcam a área urbana.

As edificações da cidade possuem uma presença muito maior que em Nova Palma e que em São João do Polêsine. Em Nova Palma, é a arborização urbana que neutraliza o construído. Em São João Polêsine as edificações possuem uma escala menor que em Silveira Martins, sendo que o impacto delas na paisagem é amenizado pelas vias largas e recuos. Em Silveira Martins, os casarões assobradados, as



Figura 12: Síntese análise sequencial Silveira Martins. Indicação dos 40 campos visuais tomados e ilustração de 12 deles. Fonte: da autora, 2018.



Figura 13: Exemplos de edificações de valor histórico, construídas no alinhamento e que compõem os planos e as silhuetas da paisagem. Fonte: da autora, 2017.



Em diversos pontos da cidade, o relevo faz com que se tenha a sensação finitude e até de mistério, por não ser visível o que virá no caminho (Figura 14). Um elemento marcante na paisagem é a torre cilíndrica da Igreja Matriz, possível de ser vista de vários locais da área urbana. A torre tem o efeito de focalização, é o marco visual: no lugar que se estiver, o olhar sempre é direcionado para ela.

A praça central da cidade acontece em quatro níveis distintos (Figura 15). Da parte mais baixa, não se enxergam os casarões que circundam a parte alta. Da parte alta, a vista se perde nos campos. Ali é o lugar que podemos vivenciar todas as sensações

Figura 14: (a) Exemplos de campos visuais onde o relevo contribui para a sensação de finitude, surpresa ou mistério do caminho que não se revela; (b) Torre da Igreja vista a partir da Câmara de Vereadores. Fonte: da autora, 2017.



relacionadas com o relevo, em uma escala menor: o estar acima, o estar abaixo, o sentir-se dominante na paisagem e o sentir-se encerrado. Os grandes taludes reforçam esse sentimento. Os platôs acabam se configurando como recintos para estar: as pessoas se apropriam deles com seus grupos, escolhendo em qual lugar querem se posicionar, o que define também o que querem ver e como vivenciar o ambiente.



Figura 15: Praça central. (a) parte baixa; (b) parte alta; (c) platô central. Fonte: da autora, 2018.

### Considerações finais

O caminhar, como método, permitiu revelar a cidade de um modo sensível, que não seria possível por técnicas passivas de apreensão da cidade. Nos colocamos na paisagem, como agentes transformadores e participativos.

As cidades foram desvendadas, experienciadas através do relevo, das dificuldades de acessibilidade, dos obstáculos, das paisagens que se revelam e compõem quadros marcantes. Essa vivência latente, e que não aconteceu em apenas um dia, faz com que a pesquisadora se sinta parte da cidade e não alheia aos seus objetos de estudo. Desde o princípio, não estávamos propostos a utilizar as cidades como uma fonte de dados, mas sim tratá-la como um organismo vivo, possível de se revelar através da vivência.

A experiência da análise sequencial, como método que exige andar a pé pela cidade, permitiu a descrição dos ambientes urbanos e a compreensão da realidade analisada. As qualidades visuais não óbvias das cidades pequenas se mostram e, a partir daí, há o despertar para um empenho de mantê-las na paisagem.

A variabilidade visual identificada nas três cidades estudadas configura-se como algo que enriquece o morar e o visitar naqueles ambientes urbanos. São três cidades distintas que apresentam essa característica, mas que não são comuns entre si: cada paisagem com uma variabilidade visual marcada pelo relevo, pela relação da malha urbana com o relevo ou pelas edificações. São os mesmos elementos que se arranjam e se rearranjam compondo lugares únicos.



É importante destacar que a pesquisadora, enquanto arquiteta e urbanista que se utilizou de um método, identificou essa variabilidade, mas também percebeu que as pessoas se apropriam dessas possibilidades que a paisagem oferece de contemplação – dos efeitos – a partir do momento que usam a cidade como alternativa de lazer, passeio, observação e vivência.

Vale ressaltar que essa maneira de reconhecer a cidade foi um meio encontrado pela pesquisadora de experienciar a cidade de maneira sensível, muito mais potente que caracterizar apenas por levantamentos físicos. Conhecer a cidade e reconhecer seus efeitos e sensações para depois pesquisar, conversar e absorver as percepções dos moradores e visitantes, de modo que o que foi observado auxilie em um planejamento urbano que promova a manutenção da identidade da cidade pequena, fortalecendo seus potenciais de lazer e turismo.

### Agradecimentos

Este trabalho deriva de uma pesquisa de dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### Referências bibliográficas

AGUIAR, Douglas. O papel da caminhada na arquitetura e no urbanismo. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v.4, n.2, p.52–69, ago./dez. 2016. <https://doi.org/10.23900/2359-1552.2016v4n2>. Acesso em: nov. 2019.

ALEXANDER, Christopher; et al. *Uma linguagem de Padrões: A Pattern Language*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2013.

CASTELLO, Leoneo. *A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo*. Porto Alegre: PROPUR – UFRGS, 2007.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1993.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção Ambiental: A experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

ENDLICH, Angela Maria. *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná*. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/105037>>. Acesso em 18 nov. 2018.

FARIA, Ana Paula de Neto. *Análise configuracional da forma urbana e sua estrutura cognitiva*. 2010. 321 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano) – PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HERZOG, Thomas.; LEVERICH, Olívia. Searching for legibility. *Environment and*

*Behavior*, v. 35, n. 4, p. 459-477, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *IBGE traça o perfil administrativo de todos os municípios brasileiros*. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias>>. Acesso em: 18 out. 2016.

KARSSENBERG, Hans.; LAVEN, Jaroen. A cidade o nível dos olhos: estratégia do plinth. In: KARSSENBERG, Hans. [et al]. *A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 14-25, 2015.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília: Editora UnB, 1996.

LANG, Jon. *Creating architectural theory: The role of the Behavioral Sciences in Environmental Design*. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

FRESCA, Tania Maria; VEIGA, Léia Aparecida A. Pequenas cidades e especializações funcionais: o caso de Santa Fé-PR. *Revista Sociedade & Natureza*, v. 23, n. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadnatureza>>. Acesso em 17 nov. 2018

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1988.

LOPES, Diva Maria Ferlin. *Cidades pequenas são urbanas? O urbano possível*. Bahia análise e dados, p. 395-492, 2009.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades pequenas: como defini-las? Apontamentos para o estudo sobre cidades pequenas. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 9, 2005, Manaus. *Anais*. Manaus, 18-21 out. 2005.

NASAR, J. L. (Ed.). *Environmental aesthetics: Theory, research, and application*. Cambridge University Press, 1988.

PAESE, Celma. *Caminhando: O caminhar como prática sócio-estética: estudos sobre a arquitetura móvel*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EdUSP, 2005.

STAMPS III, Arthur. E. Are environmental aesthetics worth studying?. *Journal of architectural and planning research*, p. 344-355, 1989.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VOORDT, Theo J. M. van der; WEGEN, Herman. B. R. van. *Arquitetura sob o olhar do usuário: programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.



## PRATICAR A CIDADE POR MEIO DO DESENHO maneiras de abordar e gerar ruídos no tecido urbano

**Pedro Elias Parente da Silveira<sup>1</sup>**  
**Eduarda Gonçalves<sup>2</sup>**  
**Clóvis Martins Costa<sup>3</sup>**

### Resumo

No presente artigo discorre-se sobre formas de compreender e atuar na cidade que possuem o desenho e o conceito físico do atrito como disparadores de ações que não manifestam um resultado gráfico que são compreendidas aqui como situações de desenho. Assim, o corpo e o caminhar são entendidos como meios para a realização de procedimentos de desenho que fazem analogia ao ato de desenhar e que permitem outros modos de vivenciar, incidir e pensar o espaço urbano. Apresento vídeo-performances como *COM-TATO* e *Desenhar Sísifo: Linha Ruidosa*, no qual utilizo a cidade de Pelotas-RS como suporte sobre o qual realizo ações. Lanço mão de teóricos como: Francesco Careri, Michel de Certeau, Albert Camus e artistas como Francis Alÿs para tratar de questões relativas ao ato de caminhar e fazer paralelos entre minhas ações que partem do desenho e o cotidiano.

Palavras-chave: Caminhar, desenho, cidade, corpo, arte e vida.

## PRACTICE THE CITY BY DRAWING ways to approach and generate crack's in the urban tissue

In this article we discuss ways of understanding and acting in the city that have the drawing and the physical concept of friction as triggers of actions that do not manifest a graphic result that are understood here as drawing situations. Thus, the body and walking are understood as means for carrying out drawing procedures that are analogous to the act of drawing and that allow other ways of experiencing, focusing and thinking the urban space. I present video performances as *COM-TATO* and *Draw Sisyphus: Ruidosa Line*, in which I use the city of Pelotas-RS as support on which I perform actions. I use theorists such as Francesco Careri, Michel de Certeau, Albert Camus, and artists such as Francis Alÿs to address issues of walking and to draw parallels between my actions from drawing and everyday life.

Keywords: Walking, drawing, city, body, art and life.

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Líder do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Cartografias e Observâncias Contemporâneas (DESLOCC, CNPq/UFPel).

<sup>3</sup> Doutor em Artes Visuais Pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

### Desbravando: cidade e desenho

Verso neste artigo sobre formas de praticar o espaço urbano e criar desvios nele através de um raciocínio de desenho que culmina em vídeo-performances, realizadas durante o período da graduação no curso de artes Visuais Bacharelado da Universidade Federal de Pelotas, onde tive orientação do professor Doutor Clóvis Martins Costa. Bem como de questões suscitadas no projeto de pesquisa *Deslocamentos e Cartografias Contemporâneas (DESLOCC/CNPq)* no qual me vinculava enquanto bolsista de iniciação científica, sob orientação da professora Doutora Eduarda Gonçalves. Desta maneira, apesar desta escrita se dar em primeira pessoa, sua construção é permeada pela união dos saberes, revisões, apontamentos e olhares sensíveis de meus orientadores que contribuem para a confecção deste texto e no entendimento da minha poética e pesquisa em arte.

A experiência que aqui relato está atrelada a minha mudança no ano de 2014 de Piratini (RS) uma cidade com um terreno irregular, para Pelotas (RS) de constituição majoritariamente plana. Percebo nesta mudança uma alteração da relação do meu corpo com o espaço que me cercava, bem como com o fato de me colocar enquanto estrangeiro nele. Desta maneira, passei a utilizar o caminhar enquanto um meio para conhecer, desvendar, prospectar e me integrar a nova morada. Michel de Certeau ao discorrer sobre as formas de praticar o espaço, fala que “caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social de privação de lugar [...]” (CERTEAU, 1998, p.183). Desta forma caminhava para habitar, e, ao percorrer percursos rotineiros realizava descobertas, o espaço se expandia, encontrava novos lugares. A padaria da esquina, as casas abandonadas da região do porto, os trilhos de trem que saltavam em meio ao asfalto do centro da cidade. Vivenciava e buscava desvios dos caminhos realizados diariamente. Ao perambular por Pelotas observava suas reentrâncias, conhecia suas mais variadas facetas, que apresentavam heterogeneias espaciais e socioculturais. E logo, ao adquirir uma certa memória corporal da cidade, de conhecer parte de suas ruas fui notando que estas formam grandes linhas que fazem parte de uma trama bem definida tornando evidente seu aspecto de grade, evidenciando um desenho realizado pelo urbanismo, sobre o qual, meu corpo ao percorrer realizava novos traçados.

Meu olhar para a cidade se deu então a partir do desenho, que me permitiu enxergar sua constituição como um suporte sobre o qual me desloco e que impõe rotas e grafias sobre o meu corpo. Francesco Careri, ao discorrer sobre o ato de caminhar, fala que: “uma vez satisfeita as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite e modifique mundo [...]”. ainda segundo Careri, “[...] o caminhar é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território” (2013, p. 27). A relação que estabeleci entre corpo e cidade por meio do caminhar me levou a um entendimento da mesma enquanto um desenho ou um suporte para o desenho. Isto configurou uma forma de atuar nela que desvia da constituição espacial geométrica dos urbanistas e dos arquitetos, que, segundo Certeau, “[...] age como um fator organizante, que impõe um modo de caminhar e agir na cidade” (1998, p.180) Ressalto que este desvio não se dá somente pela lógica do desenho que apresento aqui, mas pelo próprio gesto de caminhar, que “[...] joga com as organizações espaciais por mais panópticas que sejam” (CERTEAU, 1998, p.180). Assim, aproximando o caminhar e a cidade do desenho, me questiono: quando caminho eu desenho? Onde está a grafia do caminhar?

O desenho enquanto marca ocorre pela presença de um instrumento que se desloca sobre algo que o ampara. A linha, pensada enquanto ação física, num sentido tradicional do desenho, que gera uma grafia, é o resultando da ação de forças, do atrito entre materiais, da ponta do lápis que corre sobre o papel. É um índice, um fato, que revela o percurso percorrido pelo gesto de alguém, que arrasta um instrumento sobre um determinado suporte. No processo de desenho, as relações necessárias para a linha se fazer presente são as de embate, onde o grafite atinge a superfície da folha e deixa o rastro de uma determinada ação, dando origem à linha. Segundo Wassily Kandinsky, a linha surge do ponto que é colocado em movimento através da ação de uma força externa:

[...] que nasce não no ponto, mas fora dele. Essa força se precipita sobre o ponto preso no plano, arranca-o daí e empurra-o para uma direção qualquer. Assim, a tensão concêntrica do ponto vê-se destruída e o ponto desaparece, dele resultando um novo ser, dotado de uma autonomia e submetido a outras leis. É a linha. (KANDINSKY, 1997, p.45)

Desta maneira, concebi o meu corpo como um ponto, que ao caminhar se movimenta para percorrer rotas, percursos, ruas, estradas, projetando uma trajetória assim como a linha. Da mesma forma que o lápis reage ao espaço em branco da folha, eu reajo à espacialidade urbana e os modos de caminhar e de configurar o corpo impostos pelo urbanismo e arquitetura. A partir da similitude entre essas duas ações, passo a tomar o próprio ato de caminhar como um procedimento de desenhar, através do qual produzo linhas que ligam lugares e afetos. Percebendo que as relações físicas presentes no ato de desenhar se fazem presentes no momento em que me desloco sobre o espaço urbano, compreendo a cidade como um suporte para tal fim. “Tal como o instrumento é o prolongamento da mão, o mundo é o prolongamento do corpo” (DERDYK, 2010, p.58).

### Tocar a cidade

A partir da relação com o processo de desenhar, concebi o corpo como um instrumento para tal, colocando-o em embate direto com o espaço que me rodeia, e que serve como suporte. Parte dessa ampliação da pesquisa do desenho como ação e caminhar, ocorre ao entrar em contato com o vídeo *Hand Catching Lead* (Mão Pegando Chumbo) de 1968, de Richard Serra. O artista busca criar uma metáfora para a construção temporal do vídeo, por intermédio do registro da ação de tentar pegar placas de chumbo que caem da parte superior para a inferior do enquadramento. Simula assim, o fluxo de passagem das imagens em um rolo de filme numa máquina de projeção, (MORISSET, 2007). No vídeo é mostrada apenas a mão do artista em atividade, e, ao assisti-lo atentei para seu gesto, que buscava tatear, segurar o tempo, uma operação impossível de se efetuar. Ao observar a experiência tátil de Serra, e o enquadramento que dá enfoque para sua mão, me foi suscitado então um modo de operar, onde o corpo e o tato eram solicitados. O gesto que se repete no vídeo, me estimulou a pensar o ato de desenhar como uma brincadeira realizada na infância. Com intuito de conhecer o mundo através do tato, do gesto de passar a mão pelas paredes e grades, para sentir as texturas e calores dos materiais que compõem a cidade. Relaciono isso com o ato de desenhar, onde o lápis percorre a superfície e espacialidade do suporte. Por meio disto concebo *COM-TATO*<sup>4</sup>, que

se caracteriza como uma ação que extrapola os limites do desenhar, na qual toco a cidade, a desenho através do tato.

Desloco minha mão em contato com as paredes, grades e vidros, formando uma linha contínua, que circula o quarteirão do Centro de Artes da UFPel, na zona do Porto em Pelotas. Fazendo uma analogia, meu corpo é o lápis e a cidade o suporte, porém muitas vezes essa relação parece se inverter, já que é a cidade que acaba me marcando. *COM-TATO*, é uma experiência de ordem tátil, aplicada a algo que não cabe na mão, que escapa, a arquitetura, que é impossível de agarrar, assim como o tempo na ação de Serra,

O tato é o modo sensorial que integra nossa experiência de mundo com nossa individualidade. Até mesmo nossas percepções visuais se mesclam e integram no continuum tátil da individualidade; meu corpo me faz lembrar quem eu sou e onde me localizo no mundo. Meu corpo é o verdadeiro umbigo de meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração (PALLASMAA, 2011, p10).

Assim, toco com meu corpo, minha pele, minha casa, uma outra camada que envolve os corpos diariamente, a arquitetura. Penso na forma retangular com bordas arredondadas, que compõem a quadra, e no percurso linear que se constrói ao percorrê-la. Este ato de desenhar possui como suporte a arquitetura, na qual estão circunscritos índices da ação do tempo e homem: Craquelados, rachaduras, manchas criadas pela umidade de Pelotas, elementos que possuem uma grafia mais comumente relacionada ao desenho, como grafites e pichações. Ela registra os elementos do tempo funcionando, segundo o arquiteto finlandês Juhani Pallasma, como “[...] nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo, e para dar uma medida humana a essas dimensões. Ela domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável e compreensível para a humanidade” (PALLASMAA, 2011, p16).

A ação é registrada em vídeo com um enquadramento que captura apenas minha mão em movimento, semelhante ao *Hand Catching lead* de Serra. O registro retém o tempo da linha: 5 minutos. e 53 segundos. Esse, passa por processo de edição no programa Sony Vegas, onde realizo cortes, para retirar elementos que interferiram durante a filmagem da ação de correr a mão pela cidade (Fig. 1,2,3 e 4).

Em busca de modos distintos de explorar o desenho e a cidade, chego ao estágio onde o ato de desenhar é o de entrar em contato, tocar, tatear o espaço que me cerca. Passar a mão sobre uma parede torna-se uma forma de desenhar, e incidir no espaço circundante. Utilizo o desenho como uma forma de agir sobre o mundo procurando entender através dele, as relações do eu com o outro, do meu corpo com a cidade e com o próprio desenho. Segundo Mário de Andrade,

O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens. Na verdade o desenho é ilimitado, pois que nem mesmo o traço, esta convecção eminentemente desenhística, que não existe no fenômeno da visão, nem deve existir na pintura verdadeira ou na escultura, e colocamos entre o corpo e o ar, como diz Da Vinci, nem mesmo o traço o delimita (ANDRADE, 1975, p.74).

<sup>4</sup> Trabalho exposto no “Refluxo: festival experimental de artes. Goiânia/ GO, 2016” e “DESLOCC as Paisagens cotidianas” Encontro/Exposição de Vídeos e impressos. Pelotas/ RS.





Desenhar, deslocar, movimentar e caminhar é então, estar sujeito as circunstâncias que o entorno apresenta, ser afetado por ele de maneira semelhante ao lápis pelo papel e o papel pelo lápis. O desenho atrelado a esta brincadeira de tatear, funciona como um disparador para incidir e praticar o espaço, como uma forma de experienciar o que me circunda.

Praticar o espaço é portanto repetir a experiência jubilatória e silenciosa da infância. É no lugar, ser outro e passar ao outro. A infância que determina as práticas do espaço desenvolve a seguir o se efeitos, prolifera, inunda os espaços, privados e públicos, desfaz as suas superfícies legíveis e cria na cidade planejada uma cidade *metafórica* ou em deslocamento [...] CERTEAU, 1998, p.191).

O vínculo da operação *COM-TATO* com o desenho se encontra na noção física presente no ato de desenhar, na relação do suporte (cidade) e instrumento de desenho (meu corpo).

### Situações de desenho: operações urbanas como forma de desenhar.

Assim, vou constituir uma série de operações nomeadas de *situações de desenho*, onde o vínculo com o desenho se encontra na noção física presente no ato de desenhar, na relação do suporte (cidade) e instrumento de desenho (meu corpo). Bem como na ideia de movimento, que é inerente a linha. Porém, como estas ações não necessariamente dão origem a uma linha gráfica, o que se mantém é o raciocínio de desenhar, o conceito. Assim, passo a interpretá-las como *situações de desenho*. Isto é: quando uma ação que surge de afazeres do cotidiano, seja ele da cidade ou da zona rural, e que se assemelha a de desenhar por meio de analogia física, está acontecendo. Por exemplo: carros andando numa rodovia, caminhar pela cidade, varrer a casa, ou ainda ações específicas de pedreiros, como puxar vergalhões, etc. Situações cotidianas, que possuem a cidade como suporte e que são repensadas por meio da arte, através de similaridades com processos e conceitos do desenho, onde residem possibilidades ou não de gerar uma grafia ou índice significativo da mesma.

No caso, *COM-TATO*, por relação física faz alusão ao desenho, logo é *situação de desenho*, porém, não origina uma linha gráfica, mas sim imaginária. Assim, para mim, o desenhar independe de um resultado gráfico, ou da produção de um objeto para sua evidenciação. O que se mantém é o conceito operatório desenhar. O tomo como uma ação, e num movimento similar ao caminhar dos artistas da Land Art, como Richard Long, que desmaterializa a escultura através do caminhar, o faço com o desenho. “Long combina duas atividades aparentemente separadas: A escultura, (a linha) e o caminhar (ação). *A line (made by) walking*. Com o tempo, a escultura desapareceria” (CARERI, 2013, p.125). O trabalho de Long é ligado a escultura, e traz à tona uma linha física, diferentemente de meu trabalho, que pode ser visto como uma linha hipotética. O artista se aproxima do desenho ao caminhar sobre um terreno, em um ir e vir através do qual sulca a superfície da terra, gerando marcas de sua ação. Outro aspecto em comum com Long, é que a ação se dá em um espaço aberto. Noto também, nos trabalhos de Allan Kaprow, um olhar para o cotidiano, que possibilita uma compreensão maior do modo em que atuo. Kraprow, na sua tentativa de escapar do que ele chama de “armadilhas que a arte prepara” (Kaprow, 1971) volta o seu olhar para ações banais para desenvolver trabalhos que não visam criticar diretamente o sistema da arte, mas se desviar dele, propor experiências outras, que ele nomeava de *não-arte*. Assim, propõe os *happenings* e em seguida como desenvolvimento dessa modalidade, realiza as *atividades (activities)* na década de 1970. “Em sua obra, Kaprow, foca-se sobre o desenvolvimento de ações coladas



à ideia de vida comum, oposta à arte com A maiúsculo” (NARDIM, 2011, p.107). As atividades, eram constituídas de ações cotidianas, realizadas por uma ou mais pessoas a partir de partituras com instruções feitas por Kaprow, sendo registrados em fotografia ou vídeo.

Nelas a repetição da ação funcionava como o elemento que retirava do inconsciente ações cotidianas realizadas mecanicamente. “Repetida por cinco vezes, uma ação se revela intensamente para o participante: Ela perde seu caráter ordinário e começa a lhe parecer imensa, extraordinária. (NARDIM, 2011, p.110). Nelas, o que importava era a experiência, e não um resultado estético. “Diferente do happening, que a tônica consistia em *participar*, nas atividades o foco central passa a ser *perceber a vida*, construí-la, estar atento a ela e a suas delicadezas”. (NARDIM, 2011, p 108). Vejo nisto uma genealogia das *situações de desenho*, onde meu raciocínio e olhar se voltam para ações banais do cotidiano, para pensar o desenho, o caminhar, a cidade, bem como a arte. Diferentemente das proposições de Kaprow, sou eu enquanto artista que me coloco enquanto *sujeito desenhante* nessas situações. Enxergo no desenho essa forma de olhar ou experimentar o cotidiano, tornando-o mais intenso e até mesmo lúdico para mim. Diferentemente de Kaprow, estou pensando além da experiência, em dados estéticos do desenho e uma proximidade com a arte que ele procurava negar em sua obra. Busco uma aproximação entre desenho e corpo, desenho e acontecimento, desenho e cotidiano.

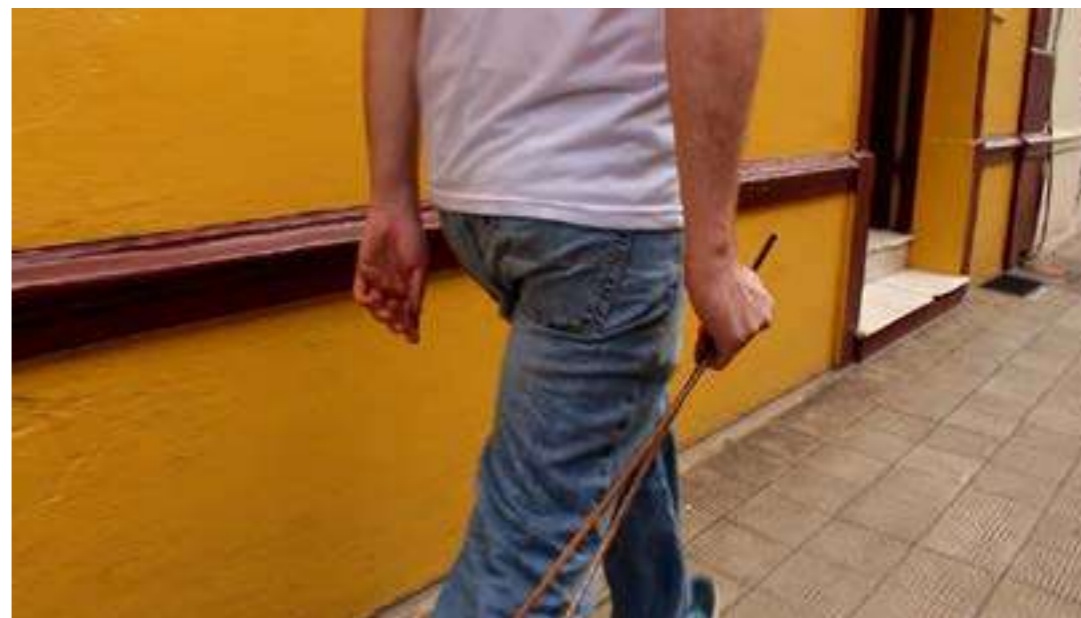
### Sísifo urbano

Decorrente destes conceitos apresento o trabalho Desenhar Sísifo: Linha Ruidosa. Nos quais a cidade é o suporte e o corpo o instrumento *desenhante*. Se o caminhar já era uma fonte para realizar desenhos, a partir da relação com o processo de desenhar, concebi o corpo como um instrumento para tal, colocando-o em embate direto com o espaço que me rodeia, e que serve como suporte. Assim, *Desenhar Sísifo*<sup>5</sup>: *Linha Ruidosa*, surge da minha relação com a cidade, de um olhar para práticas de trabalho de pedreiros, para a ideia de um trabalho que desestabiliza um corpo, e da ideia do atrito. Tomo como partido a frase de Paul Klee de que “desenhar é levar a linha para passear” e me aproprio de dois vergalhões e os puxo pela cidade de Pelotas – RS.

Assim como o desenho está na concepção da arquitetura enquanto projeto, o vergalhão, que é uma linha de aço, auxilia na sustentação de paredes e vigas de concretos. Ambos são linhas e se apresentam como esqueleto que estrutura grande parte do que nos rodeia no espaço urbano. A partir dessa relação com o desenho, me aproprio dessa linha, arranco ela das entranhas da arquitetura e coloco-a em embate e atrito com a cidade para realizar a vídeo-performance: *Desenhar Sísifo: Linha Ruidosa*, que acarreta em ruídos, mapeamentos e ativações do olhar para o espaço urbano circundante (Fig. 4,5,6 e 7).

Parto da região do porto, da Rua Benjamin Constant em direção ao centro, circulando entre o calçadão e a Praça Coronel Pedro Osório, e retorno para a região do porto, ponto inicial da ação. Resulta assim, um desenho que é dado pela própria cidade, pelo espaço urbanístico e geográfico. Um percurso que, quando observado pelo mapa (Fig. 8), revela seu desenho, uma linha com cerca de 4,3km. A ação é registrada em vídeo, que possui duração total de 44 minutos e 56 segundos, que posteriormente é editado ficando com corte final de 5 minutos e 34 segundos. Durante o trajeto sou filmado com planos abertos, e fechados, captado de costas e de lado, onde o

<sup>5</sup> O trabalho recebe esse título devido ao paralelo com a ação do personagem mitológico grego Sísifo.



espaço em que realizo minha ação é mostrado, evidenciando aspectos que compõem a cidade.

O vergalhão que é uma linha de aço ressoa ao ser arrastada, remetendo ao ruído da ponta do lápis friccionada sobre o papel. O som é um fator que surge intrínseco a qualidade do material e do meu modo de manuseá-lo. Arrastar essa linha em meio ao espaço urbano, acarretou na ativação de situações diversas, seja de desconforto ou estranheza por quem eu passava. É um desenho que interfere no espaço urbano momentaneamente, causando pequenos incômodos. Durante o trajeto o vergalhão/linha se configura como uma extensão do meu corpo, o prolongando para quase 4 metros de comprimento, que me induz a experimentar o espaço urbano de maneiras diversas. Em situações como: atravessar a rua, ao passar pelas pessoas e carros, foi necessário ficar atento ao que estava à frente, atrás, e dos lados. Isso demandou uma maior consciência de como meu corpo se colocava no meio urbano e em relação aos outros corpos. Pode-se dizer que fui um corpo perturbador em várias situações, seja pelo barulho, seja pelo tamanho do vergalhão. Michel de Certeau ao discorrer sobre a prática de caminhar enquanto transgressora do espaço planejado urbanista fala:

Figuras 4 e 5: Pedro Elias Parente, Desenhar Sísifo: Linha Ruidosa. 2017, Pelotas, duração: 5:37. Fonte: do autor, 2017.



A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidade que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciadoras. Não seria, portanto, possível reduzi-las ao seu traçado gráfico (CERTEAU, 1998, p.179).

O trabalho se apresenta como metáfora para o ato de desenhar. Eu sou o lápis, o vergalhão e o caminho percorrido são linha e a cidade o suporte. Esta ação que é *falha* que não gera um resultado apesar do grande esforço empregado ao realizá-la me leva ao encontro de trabalhos como: *as vezes fazer algo leva a nada* de Francis Alÿs. Na ação, o artista empurra durante horas, um cubo de gelo pelas ruas da Cidade do México, até que esse cubo se desmanche e vire água ou nada. Através dessa ação o artista questiona a demanda pela grande produção útil buscada na sociedade capitalista.



Figuras 6 e 7: Pedro Elias Parente, Desenhar sísifo: Linha Ruidosa. 2017, Pelotas, duração: 5:37. Fonte: do autor, 2017.

A minha maneira de abordar a cidade, tendo essa como local para realizar operações “inúteis” me conecta com Alÿs, e com outros momentos da história da arte. O caminhar e sua relação com a cidade enquanto procedimento poético surge no início do século XX como *anti-arte* com a *Ant-Walk* dadaísta que buscava desvelar o banal na cidade (CARERI, 2013). Isso viria a se transformar nas deambulações surrealistas, que tinham propósito de ser uma [...] “escrita automática no espaço



Figura 8: Mapa do Percurso, 2017. Fonte: do autor, 2017.

real, capaz de revelar as zonas inconscientes e o suprimido na cidade, dando origem a cidade onírica” (CARERI, 2013, p.77). Na década de 50, os situacionistas a substituem pela cidade lúdica, uma cidade de jogar, de “[...] sair deliberadamente das regras e inventar as próprias regras, libertar a atividade criativa das restrições socioculturais, projetar ações estéticas e revolucionárias que ajam contra o controle social [...], (CARERI,2013, p.97). Ou seja, através de um exercício criativo/poético criar “desvios” e inverter as lógicas da cidade, criar uma cidade subjetiva. Na década de 60, a land art, faz com que o caminhar mude de contexto, indo em direção a paisagens naturais, como desertos, transformando esse no espaço de ação para arte. (CARERI, 2013). Alÿs recuperaria na década de 80 a cidade como o local do artista caminhante. A cidade de hoje se configura de maneira diferente da moderna, cada vez mais veloz, um canteiro de obras em constante movimento. Beatriz Falleiros Carvalho ao discorrer sobre a obra de Alÿs, ressalta os aspectos da cidade contemporânea, onde essa ocorre:

Novas densidades estéticas emergem na paisagem caótica que constitui a cidade hoje, por entre letreiros, *skylines*, pontes, céus acinzentados, passantes apressados, perigos iminentes, transformações constantes, apropriações simbólicas, densidades sociais e políticas de uma realidade da qual somos parte. Alÿs se vê imerso neste contexto e nele tece os seus caminhos. Nesse campo de forças caóticas, tece e anuncia um possível sentido para a cidade. O ato do caminhar conecta-se ao lugar e ao contexto mais pela situação instaurada do que pela sua conexão física e estético-perceptiva, diferenciando-se assim da arte minimalista e

na Land Art (CARVALHO, 2007, P.57).

Assim como *Desenhar Sísifo: Linha Ruidosa*<sup>6</sup> demanda esforço, sendo ação *desenhante* que não gera desenho, calcada na impossibilidade de gerar linha gráfica as ações de Alÿs me chamam a atenção pelo seu comentário da ideia de absurdo<sup>7</sup>. Decorrente da oposição “grande esforço” para alcançar um “nada”, remetem ao mito de Sísifo. Condenado pelos deuses, Sísifo empurra incessantemente uma pedra até o topo da montanha, de onde torna a cair devido ao seu próprio peso. O trabalho inútil e sem esperança, seria o castigo mais terrível. (CAMUS, 2017). O mesmo mito pode servir como analogia ao cotidiano nas cidades contemporâneas, que é regido pela labuta e rotina imposta pelo capitalismo. A demanda por produção e consumo na nossa sociedade, se dá num movimento incessante. Alÿs é um artista abertamente político, que busca, criticar, questionar e abordar a cidade, a partir de ações que podem ser consideradas muitas vezes banais.

De modo semelhante, os *happenings* e *atividades* de Kaprow, me instigam a pensar questões cotidianas e de relação com trabalho. O artista possui uma série de Happenings voltado para uma temática do trabalho, onde ele parte do fazer de pedreiros, carpinteiros, caminhoneiros. Em *Drag*, os participantes puxavam blocos de concreto ao redor do campus da University of California San Diego (LEDDY, 2008). Ao longo de suas trajetórias esses artistas dividem semelhanças processuais e de abordagem do cotidiano. Segundo Leddy, “Existe o absurdo de um simples gesto repetido de novo e de novo; o espelhamento dos gestos do outro; o aspecto do trabalho inacabado ou em processo; o valor colocado no trabalho inútil; a importância do esforço comum”<sup>8</sup> (2008, on-line).

Assim como no trabalho desses artistas, *Desenhar Sísifo* parte de ações cotidianas e é realizado em meio ao cotidiano. Se caracteriza pelo absurdo, pelo grande esforço para puxar uma linha, é um desenho, sem utilidade, uma *situação de desenho*, encontrada no cotidiano do trabalho, de pedreiros que arrastam este material para erguer os alicerces de construções. Porém, este desenhar não visa produzir algo utilizável, mas sim demonstrar as possibilidades de desenhar, e vivenciar o espaço urbano desviando do instituído através do desenho.

O raciocínio de desenho que aqui apresento me faz enxergar no cotidiano as mais diversas possibilidades de sua manifestação, e transfiguram o corpo em desenho, num instrumento riscador, para atuar no mundo. Simples ações cotidianas passam a se tornar desenhos, desígnios. Tudo que se relacione fisicamente com o desenhar ou apresente grafias se torna passível de ser visto como tal. O mundo pode ser suporte. E se no cotidiano, nosso corpo é requerido por inteiro a todo instante, isso não seria diferente num desenhar que surge destas ações. Segundo Viviane Matesco, “[...] a performance tenta resolver a contradição entre o homem e sua imagem especular, pondo a descoberto a distância real entre as convenções sociais e os programas instituídos, e o corpo tomado como elemento do processo artístico [...]” (2012, p.5) Tanto *COM-TATO*, quanto *Desenhar Sísifo: Linha Ruidosa* surgem da tentativa de

6 Trabalho exposto em: FRESTA: mostra audiovisual. Rio Grande/ RS, 2017 e Audiovisual Sem Destino (AVSD). Porto Alegre/ RS, 2018.

7 Reductio ad absurdum (redução ao absurdo) é um modo de argumentação lógica, que procura estabelecer uma hipótese derivada de um absurdo, de negação, demonstrando, assim, que uma tese deve ser aceita porque sua rejeição seria insustentável. É um estilo de raciocínio que tem sido empregado ao longo da história na matemática e na filosofia desde a antiguidade clássica em diante. (Tradução livre do autor). Disponível em: <https://www.iep.utm.edu/reductio/>

8 Texto com tradução livre. Originalmente publicado em inglês na revista X-TRA, disponível em: <http://x-traonline.org/article/francis-aly-s-politics-of-rehearsal/>

ampliar a experiência física do desenhar, que acaba por gerar uma hibridização ao aproximar desenho, vídeo e performance.

Parte disso se acentua com a não produção de objetos ou grafias num sentido tradicional, característica própria da performance, uma arte do corpo e do efêmero. Viviane Matesco ao discorrer sobre o corpo como linguagem inerente à arte conceitual afirma: “[...] realidade efêmera, a arte corporal se inscreve no universo estético da “desmaterialização da obra de arte” (MATESCO, 2012, p.8). Essa desmaterialização é acentuada, e se revela a partir da dicotomia entre uma ação física e efêmera que é captada e tem seu tempo estendido em um meio digital e imaterial como o vídeo. As diferenças geradas pelas variações de meios borram a noção de desenho tradicional. Sendo assim, é o raciocínio de desenho que costura e une estes trabalhos. O vídeo tem papel fundamental para essa fluidez de meios. Christine Mello comenta que o vídeo é uma prática descentralizada, que funciona em conjunção com outros meios para compartilhar múltiplas formas de atuação (2015). Isso ressalta sua importância, tanto como uma tática, para veiculação dos trabalhos ou para dar a ver a experiência de desenho sobre a qual discorro e que possui a cidade como suporte.

### Considerações sobre o percurso

Enxergo no desenho um meio potente da contemporaneidade, seja por se adaptar facilmente, pode ser lento, veloz podendo ser realizado em qualquer lugar e a qualquer hora. Na fila de espera, no ônibus, com um simples lápis e papel, parede, mesa, ou outro suporte qualquer. Sua acessibilidade, torna ele um meio democrático. Desenhar é um fazer comum e quase toda mundo já o realizou em alguma instância, afinal, quem nunca riscou na praia, ou deixou uma marca, uma linha por onde passou? E nisto ele se aproxima do caminhar, onde, como dito anteriormente, desenhamos percursos, rotas, onde nosso corpo ao realizar as rotinas cotidianas desenha linhas de percursos percorridos, seja dentro de casa, ou no centro da cidade. Assim como o nosso corpo ao caminhar que se adapta aos relevos de um determinado percurso o desenho se adapta facilmente a qualquer suporte.

Em um tempo onde as experiências subjetivas e corpóreas do mundo se dão cada vez mais de formas virtuais, onde praticamos a cidade de uma maneira automática, um olhar para o entorno, para o banal, para o cotidiano a partir do desenho talvez sirva como uma tática que permita uma forma de conexão e de experimentar intensamente o que nos rodeia.

### Referências bibliográficas

ALYS, Francis. *Numa dada Situação*: Francis Alys; Título em inglês: In a given situation; Tradução: Vários tradutores. São Paulo: Cosac Naify. 2010 p.152.

ANDRADE, Mario; Do desenho. In. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins, 1975.p96.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo* / Albert Camus; Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2017, p.138.

CARERI, Francesco; *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. Francesco Careri; prefácio de Paola Berenstein Jacques; [tradução Frederico Bonaldo]. – I. ed. – São Paulo: Editora G. Gill, 2013. p.188



CARVALHO, Beatriz Falleiros Rodrigues. *Caminhar na cidade*. Experiência e representação nos caminhares de Francis Alÿs e Richard Long; depoimentos de uma pesquisa poética. Dissertação de mestrado/ PPG-FAU- USP, 2007, p. 247.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano* - 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ : Editora Vozes Ltda, 1998. p.351

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*: Desenvolvimento do gesto infantil. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010, p.187

KANDINSKY, Wassily. *Ponto e linha sobre plano*/ Kandinsky; [tradução Eduardo Brandão]. – São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.206

KAPROW, Allan; *A educação do a-artista*. Malasartes nº3 – abril, maio, junho. Rio de Janeiro, 1976.

MATESCO, Viviane; *Corpo, ação e imagem*: Consolidação da performance como questão: Revista Poiésis, n. 20, 2012, p. 105-118.

MORISSET, Vanessa. *Le mouvement des images*. *centrepompidou.fr*. Disponível em: <[http://mediation.centrepompidou.fr/education/ressources/ENS-mouvement\\_images/ENS-mouvement-images.htm](http://mediation.centrepompidou.fr/education/ressources/ENS-mouvement_images/ENS-mouvement-images.htm)>. Acessado em: 29/08/2017

NARDIM, Thaise; *As atividades de Allan Kaprow*: Antes de agir basta viver. Revista-Valise, Porto Alegre, v.1 n.1, julho de 2011.

PALLSMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Juhani Pallasmaa; Tradução Técnica: Alexandre Salvaterra. – Porto Alegre: Bookman, 2011, p. 76.

# ERRÂNCIAS URBANAS NO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA

Leandro Rosa de Souza<sup>1</sup>  
Maribel Aliaga Fuentes<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho procurou relacionar a Internacional Situacionista (I.S.) à Brasília através de uma experiência prática e de sua subsequente análise teórica, com vistas a verificar se os espaços do Plano Piloto de Brasília são de difícil apropriação pelo pedestre e como as ideias e práticas situacionistas podem contribuir para facilitar essa apropriação. A referida experiência pode ser considerada um jogo urbano: a derisumiva situacionista, que foi embasada ao longo do desenvolvimento por um estudo da errância urbana, com base na obra *Elogio aos Errantes*. Tal embasamento teórico permitiu compreender, contextualizar e fazer uso da deriva, além de oferecer um repertório conceitual para sua análise, com o propósito de responder as questões motivadoras.

Palavras-chave: errância, deriva, caminhar, plano piloto, Brasília.

## URBAN ERRANCES IN BRASÍLIA PILOT PLAN

## Abstract

This paper sought to relate the Situationist International (IS) to Brasilia through practical experience and subsequent theoretical analysis, with a view to verifying if the spaces of the Brasilia Pilot Plan are difficult for pedestrians to take and how situationist ideas and practices can contribute to facilitating this ownership. This experience can be considered an urban game: the situationist drift, which was based throughout development by a study of urban wandering, based on the work "Praise to the Wanderers" and also by the study of the group I.S. in its formation and trajectory. Such theoretical basis allowed to understand, contextualize and make use of drift, besides offering a conceptual repertoire for its analysis, with the purpose of answering the motivating questions.

Keywords: wandering, drifting, walking, masterplane, Brasilia.

## Errâncias urbanas

A errância urbana pode ser definida como uma experiência de alteridade relacionada ao caminhar. A questão da experiência é motivo de debate para a definição do conceito e da *razão de ser* da prática da errância. Podem-se considerar inicialmente duas linhas teóricas, uma desenvolvida por Walter Benjamin (1892-1940), que advoga pela pobreza da experiência (resultante do choque metropolitano decorrente da modernização das cidades, como veremos adiante) e outra, elaborada por Giorgio Agamben (1942-) a partir da primeira, que identifica não o empobrecimento, mas o fim da experiência na contemporaneidade. Teríamos, para Agamben, saído do estado de choque apontado por Benjamin e entrado em estado de anestesiamento, caracterizado pela incapacidade tanto de se produzir quanto de se transmitir experiências. Jacques (2012) indica ainda um terceiro caminho, que aponta para a existência de um processo de esterilização da experiência da alteridade a partir da espetacularização da cidade: processo mais amplo apontado por Guy Debord<sup>3</sup> relacionado à pacificação dos espaços urbanos, no sentido de eliminação dos conflitos e dissensos inerentes a esses espaços (JACQUES, 2012, p. 12-14).

Ao realizarem experiências de alteridade, contudo, os errantes, os que resistem à pacificação/esterilização da cidade, refutam as teses de empobrecimento ou fim da experiência, postas por Benjamin e Agamben, respectivamente. A questão é deslocada então para a dificuldade ou impossibilidade de transmissão da experiência, transmissão essa feita através da narrativa. O foco passa dos errantes urbanos para as narrativas errantes: micronarrativas, se comparadas às grandes narrativas modernas, que enfatizam as experiências de alteridade e a vivência corporal dos espaços e assim resistem à espetacularização da cidade. As narrativas errantes constituem um outro tipo de historiografia, uma marginal e não linear, denominada errantologia, termo cunhado por Deleuze e Guattari (1980, apud JACQUES, 2012, p. 16-25). A errantologia de Jacques considera três tipos de errância, que se desenvolveram concomitantemente às três fases do movimento moderno: a flanância do final do século XIX a início do XX, a deambulação de 1910 a 1930 e a deriva da década de 1950 a de 1970 (JACQUES, 2012, p. 33).

## Flanâncias

O contexto do *flâneur* é o da modernização das cidades européias, como Londres e, em especial, Paris, que recebeu mais atenção por parte dos principais pensadores do tema, como Charles Baudelaire (1821-1867) e Walter Benjamin (1892-1940). O primeiro é responsável pela recriação da figura do *flâneur* em meados do século XIX e o segundo fez uma importante leitura da modernidade, sistematizada em sua obra das *Passagens*. A modernização urbana de Paris foi uma resposta à multidão de pobres que habitava o centro da cidade, vista como desordenada e imunda (essa imagem nos é descrita por Engels em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*).

A questão da multidão é de central importância para a caracterização do *flâneur*,

<sup>3</sup> "Guy Debord nasceu em Paris em 29 de dezembro de 1931. Em 1950 Debord iniciou sua associação com a Internacional Letrista, sendo conduzido por Isidore Isou neste período. Os letristas estavam tratando de fundir poesia e música, e estavam interessados em transformar a paisagem urbana. Em 1953 traçaram o que fora chamado de mapa *psicogeográfico* de Paris andando pela cidade numa livre-associação. Textos sobre esta atividade foram primeiro publicados em Potlatch em 1955 e 1956, em ensaios intitulados *Detournement* e *Teoria da Deriva*. Disponível em <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=83&idBiografia=40>>

<sup>1</sup> Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília,

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Projeto, Expressão e Representação e do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB) como orientadora de mestrado.



pois é em meio a ela que ele atua, à sua maneira particular, e segundo Benjamin (apud JACQUES, 2012, p. 45) foi uma das que se impôs com maior autoridade sobre os literatos do século XIX. Um dos mais proeminentes desses literatos, Edgar Allan Poe, escreveu em 1840 o conto intitulado *O homem da multidão*, traduzido por Baudelaire para o francês. O texto, diretamente relacionado à recriação do *flâneur*, narra a perseguição a um velho, que dura mais de 24 horas, posto que este nunca deixa de estar em meio à multidão, sempre em movimento, acompanhando o fluxo das aglomerações humanas. Baudelaire equipara o homem da multidão de Poe ao *flâneur*.

George Simmel (1858-1918), Siegfried Kracauer (1889-1966) e Benjamin identificam no início do século XX um choque decorrente da transformação da cidade antiga em moderna: o choque metropolitano pelo qual passa a multidão das grandes cidades, caracterizado pela hipertrofia dos sentidos, inebriante, promovida pela publicidade e pela estética moderna. Essa alteração da experiência sensível provoca na multidão, em sua maioria, uma reação de fechamento, de proteção ao choque. A atitude do *flâneur*, ao contrário, é de aceitação do choque e de seus efeitos, que são procurados e tidos como uma experiência de alteridade profunda. Podemos, ainda, caracterizar o *flâneur* contrapondo-o à figura que tipicamente compõe a multidão, a que Simmel chamou de homem *blasé*: aquele que procura proteger sua subjetividade do choque, tornando-se anônimo (JACQUES, 2012, p. 48-51).

Kracauer, um dos primeiros a fazer o que pode ser chamado de etnografia urbana, também identifica no *flâneur* de Baudelaire uma atitude contrária à do homem *blasé*: de não se proteger psicologicamente ao choque, procurando a embriaguez dos sentidos em meio à multidão e a relação entre alteridade e anonimato. Nesse sentido, o homem da multidão do conto de Poe, que Baudelaire comparou ao *flâneur*, estaria mais próximo ao homem *blasé* de Simmel, como aponta Benjamin:

Baudelaire achou certo equiparar o homem da multidão, em cujas pegadas o narrador do conto de Poe percorre a Londres noturna em todos os sentidos, com o tipo do *flâneur*. Nisto não podemos concordar: o homem da multidão não é nenhum *flâneur*. Nele, o comportamento tranquilo cedeu lugar ao maníaco (Benjamin, 1989b, apud JACQUES 2012, p. 52).

Para Poe, o *flâneur* é acima de tudo alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade. Por isso busca a multidão; e não é preciso ir muito longe para achar a razão por que se esconde nela. A diferença entre o antissocial e o *flâneur* é deliberadamente apagada em Poe. Um homem se torna tanto mais suspeito na massa quanto mais difícil é encontrá-lo. Renunciando a uma perseguição mais longa, o narrador assim resume em silêncio a sua compreensão: *Esse velho é a encarnação, o gênio do crime – disse a mim mesmo por fim – Ele não pode estar só; ele é o homem da multidão* (Benjamin, 1989a, apud JACQUES 2012, p. 54).

Pode-se verificar, por fim, uma dicotomia na relação entre *flâneur* e modernidade: ao mesmo tempo em que se deixa encantar por ela, procurando o choque metropolitano e, mais que isso, inebriando-se na multidão, o *flâneur* a critica em alguns de seus aspectos mais importantes, como as alterações urbanísticas (pensando no caso parisiense pode-se ressaltar as críticas de Baudelaire às obras de Haussmann) o modo de produção industrial e o ritmo de vida acelerado. Em resposta a esses aspectos da vida moderna, o *flâneur* procura adotar um estilo de vida mais lento e valorizar o ócio (JACQUES, 2012, p. 47).

## Deambulações



As deambulações se desenvolveram no seio dos movimentos dadaísta e, principalmente, surrealista, na Europa e no do movimento de arte moderna no caso brasileiro. Como ponto de partida para relacionar dadaísmo e arte moderna brasileira, comparam-se as duas fotos anteriores: a primeira retrata o grupo DADA em sua primeira e única excursão, na cidade de Paris, em frente ao jardim de uma igreja semiabandonada: um lugar banal que escapou à reforma de Haussmann. A segunda mostra um grupo de artistas modernos brasileiros acompanhados do principal nome do movimento futurista italiano, Marinetti, em excursão ao *morro da favela*. As duas fotos, a despeito das diferenças ambientais, foram produzidas em locais comuns nos contextos de seus respectivos países. Relacionando a pretensão dadaísta de produzir um efeito estético de estranhamento a partir de lugares comuns do cotidiano à pretensão modernista de fazer uma pesquisa etnográfica a procura de conhecimento sobre o folclore e a cultura popular brasileira, identificarmos um caráter de experimentalismo, pesquisa ou estudo por trás das deambulações. Além disso, outra diferença fundamental entre deambulação e flanância é que os agentes da primeira são mais ativos em relação à multidão pela qual transitam: os deambulantes, principalmente no surrealismo, realizaram o que hoje se pode chamar de performances. Para sintetizar esse deambulante, errante preocupado em compreender sistematicamente a multidão pela qual transita, analisaremos o caso de Flávio de Carvalho, que chegou a receber a alcunha de *surrealista tropical*.

### O surrealista tropical

Flávio de Carvalho estudou Engenharia e Belas artes na Europa onde tomou contato com o surrealismo<sup>4</sup>. Ao retornar ao Brasil, ele se aproxima dos modernistas e recebe influência de Oswald de Andrade, especialmente no que tange à ideia de antropofagia cultural: absorver as influências europeias de maneira crítica, utilizando a linguagem das vanguardas para expressar uma identidade cultural própria. Assim, imbuído da ideia surrealista de pesquisa psicológica da multidão, Flávio de Carvalho planejou a realização de *experiências*.<sup>5</sup> As experiências número 2 e 3<sup>6</sup> de Flávio de Carvalho são as mais notórias do ponto de vista da experiência de alteridade urbana que os errantes praticam. A experiência número 2, realizada em 1931 e narrada em livro homônimo, consiste em caminhar no sentido contrário de uma procissão de *Corpus Christi* sem tirar o chapéu: um ato considerado desrespeitoso pelos religiosos. O autor relata em seu livro que recebeu agressões físicas como cutucadas, um empurrão e *uma porção de mãos* que o agarram na queda subsequente ao empurrão, o que o

4 Principalmente através da figura de André Breton.

5 O termo *experiência*, utilizado por Flávio de Carvalho, pode ser tomado na categorização de Jacques (2012) como deambulações.

6 A número 1 não chegou a se realizar.

Figura 1: Surrealistas após sua performance. Ao fundo, a Catedral de Notre Dame de Paris. Fonte: disponível em: <http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/lot.444.html/2016/bibliotheque-r-bi-dadasurrealisme>  
Figura 2: Modernistas em visita à favela carioca. Fonte: disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/modernismo-dialogou-com-inovacoes-esteticas-europeias-3873663>



obriga a se sacudir violentamente, e também agressões verbais, que chegaram ao nível de ameaça de morte. (JACQUES, 2012, p. 106). Ele foi resgatado pela polícia, esclarecendo na delegacia que se tratava de uma experiência que objetivava estudar a psicologia das multidões:

Para melhor orientação dos seus estudos, resolvera fazer uma experiência sobre a capacidade agressiva de uma massa religiosa à resistência de força das leis civis, ou determinar se a força da crença é maior do que a força da lei e do respeito à vida humana. No jornal do dia seguinte, a manchete destacava: “Uma experiência sobre a psicologia das multidões resultou em sério distúrbio” (O Estado de São Paulo, 9 de junho de 1931) (JACQUES, 2012, p. 106-107).



A experiência nº 3, realizada em 1956, consiste em uma deambulação onde Flávio de Carvalho veste um traje chamativo, feito para o *novo homem dos trópicos*: o *new look*, desenvolvido pelo próprio com base em pesquisa *arqueológico-antropológica sobre indumentária*. O *new look* possui dois modelos, o traje nº 1: saio verde e blusão amarelo e o traje nº 2: saio branco e blusa vermelha, sendo o desenho de ambos pensados para favorecer a ventilação. O artista desenvolve uma justificativa para suas decisões estéticas: argumenta que a vestimenta formal (no sentido de relações sociais) adotada no Brasil se adequa aos climas europeus e não ao nosso.

O experimento causou polêmica e perplexidade. As manchetes relatam: “São Paulo nunca viu nada igual” (Manchete, 1956) e “São Paulo ficou espantado com as saias de Flávio” (O Cruzeiro, 1956), por exemplo. (JACQUES, 2012, p. 133).



Figura 5: New Look. Fonte: disponível em: <https://www.escriitordearte.com/blog/artigos/experiencias-secretas-flavio-de-carvalho/>

### Derivas

A deriva se distingue das demais errâncias por seu caráter de valorização da participação. Os principais grupos praticantes da deriva são os situacionistas, na Europa, e os tropicalistas no Brasil. É interessante observar a procedência ideológica dos dois grupos: tanto situacionistas quanto tropicalistas partiram das ideias desenvolvidas por dadaístas e surrealistas. Os tropicalistas, diga-se, foram influenciados diretamente pelos antropófagos, entre os quais Flávio de Carvalho. Um desses tropicalistas, Hélio Oiticica, produziu narrativas errantes que servirão de fio condutor para analisarmos o caráter de participação das derivas.

A tropicália ou tropicalismo, termo pelo qual o movimento se tornou conhecido a partir de 1969, fez um resgate das ideias da primeira geração de modernistas: ressaltar a brasilidade e promover a emancipação cultural brasileira através da antropofagia, dessa vez uma *Super-Antropofagia*. O movimento questionava a noção de *bom gosto* e procurava inserir elementos da cultura e da experiência populares em suas obras, como os relacionados ao ambiente da favela. Podem-se identificar narrativas errantes na música, campo no qual os tropicalistas mais se notabilizaram. No disco-manifesto antológico *Tropicália ou Panis e Circensis*, com músicas de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, Torquato Neto, Nara Leão, Capinan, Os Mutantes e arranjo e regência de Rogério Duprat, muitas das músicas evocam imagens que narram as derivas realizadas pelos artistas principalmente em Salvador e no Rio de Janeiro.

É possível, ainda, identificar uma influência tropicalista na arquitetura por meio da obra de Lina Bo Bardi, que esteve próxima a alguns membros do grupo, sobretudo de Glauber Rocha, com quem fez incursões ao Nordeste à procura de materiais para o Museu de Arte Popular do Solar do Unhão, atual MAM-BA, o qual a arquiteta ficou responsável por reformar. Tal influência se reflete nos projetos de Lina mediante a incorporação de técnicas construtivas e materiais locais, onde muitos de seus projetos foram resolvidos na obra, com participação ativa dos pedreiros e mestres de obra. Por trás das soluções formais, ressalta-se, havia um trabalho etnográfico que demandou expedições ao interior do Nordeste em pesquisa à cultura e ao artesanato locais.

Hélio Oiticica foi o principal errante tropicalista, chegando a sistematizar o tipo de caminhada que praticava: o *Delirium Ambulatorium*, uma experiência estética da qual o artista tirava inspiração/ideias para suas obras, sendo estas registradas *in loco* em um bloquinho de notas. Oiticica, apesar de integrante da classe média alta carioca,

Figura 4: Flávio de Carvalho em sua experiência nº 3. Fonte: disponível em: <https://archivodecastro.com/2009/10/09/resena-de-la-exposicion-after->



chegou a conhecer profundamente a cidade do Rio de Janeiro, incluindo as favelas, em especial a da Mangueira, com a qual desenvolveu uma relação mais íntima, tornando-se passista da escola de samba e mesmo amigo de bandidos míticos da época. Oiticica se dizia *malandro velho da Mangueira*. Essa proximidade com a favela se reflete em sua produção artística, da qual podemos destacar o Parangolé, os Penetráveis e a Tropicália<sup>7</sup>. (JACQUES, 2012, p. 170)



Figura 7: Penetrável Magic Square. Fonte: disponível em: <https://viajeibonito.com.br/obras-e-galerias-inhotim>

Figura 6: (P15 Parangolé Capa 11, Eu Incorporo a Revolta) worn by Nildo of Mangueira, 1967. Fonte: disponível em: <https://www.newyorklatinartculture.com/helio-oitica/>

Há diversos pontos de aproximação entre tropicalistas e situacionistas, como já evidenciado. A criação de situações, ideia fundamental da I.S., era procurada por Oiticica, que definiu seu Parangolé como “situações-concreções definidas como programas circunstanciais de situações-grupais-de-rua”. A participação popular, antídoto situacionista à espetacularização da cidade, é um fator importante nas obras de Oiticica, as principais delas interativas, como o Parangolé, que poderia ser vestido pelas pessoas; o Penetrável, cujo nome já explicita seu caráter interativo e a Tropicália, que contém o Penetrável. O jogo, o lúdico, que nos situacionistas se expressa principalmente através da deriva, é outro ponto de aproximação com os tropicalistas, em especial com Oiticica, que tinha em seu *Delirium Ambulatorium* uma prática de errância semelhante, que relaciona todo esse conjunto de ideias, em si já imbricados: criação de situações, participação popular, jogo urbano e vivência corporal dos espaços.

## A Deriva

A ideia de jogo como experiência estética, e revolucionária, foi de central importância para o pensamento urbano da I.S. A criação de situações, defendida pelo grupo como forma de resistência à espetacularização da cidade, dava-se no contexto de jogos, de vivência lúdica dos espaços urbanos. A deriva pode ser tomada, nesse sentido, como ferramenta para a criação de jogos e situações. É desse conjunto de

7 O Parangolé de Oiticica pode ser comparado aos trajes de Flávio de Carvalho: são capas, vestimentas que remetem aos espaços precários os quais o artista frequentava, e que carregam consigo a ideia de temporalidade, de experiência corporal e de incorporação. Os Penetráveis, por sua vez, consistem em planos coloridos que configuram um espaço com múltiplas possibilidades de circulação, remetendo à morfologia labiríntica das favelas. Em 1967, um penetrável foi exposto no MAM-RJ em uma ambiência tropical (que contava com areia, plantas nativas e araras) onde, ao final de um percurso, havia um aparelho de televisão, num contraste entre imagem moderna e realidade material do Brasil. Esta obra, cujo título é Tropicália, é considerada um símbolo do movimento artístico homônimo.

ideias que se pretende fazer uma apropriação, à maneira dos antropófagos e dos situacionistas com seu *détournement*, para aplicá-lo ao contexto do Plano Piloto de Brasília no sentido de verificar as possibilidades do pedestre de se apropriar desse espaço<sup>8</sup>. Analisar-se-á ainda a contribuição das práticas situacionistas para com tal apropriação.

Para tanto se realizou um jogo, uma deriva que consiste em seguir transeuntes escolhidos ao acaso, conforme se sucedem os encontros fortuitos na cidade. O local de início da deriva foi uma ocupação irregular às margens da via L3 Norte, que dá acesso ao campus da Universidade de Brasília (UnB). O local, chamado de *favelinha* por alguns moradores das Superquadras próximas, está invisibilizado em relação a esses moradores por vegetação e edifícios institucionais situados entre as vias L2 N e L3 N. A escolha desse local se justifica a partir da ideia de alteridade urbana apresentada por Jacques (2012), que se dá por meio do contato com o outro urbano, que pode ser tomado como os próprios invisibilizados pela cidade do espetáculo<sup>9</sup>.

No caso desse experimento em específico, a escolha desse local de partida pode ser tomada como um ato estético/simbólico e ao mesmo tempo como uma tentativa de pôr em prática, subjetivamente, a ideia de experiência urbana de alteridade. A narrativa da experiência ou jogo, exposta a partir do parágrafo seguinte, está acompanhada do registro fotográfico e “cartográfico”<sup>10</sup> do percurso. A narrativa não procura entrar nas questões etnográficas, sociológicas ou psicológicas, mas focar na experiência urbana/estética e no objetivo de análise do espaço do ponto de vista do pedestre.



Figura 8: Trajeto realizado no experimento. O círculo verde representa o ponto de partida e o vermelho o fim da deriva. Fonte: elaborado pelo autor.

8 Consideramos o jogo, o experimento urbano uma deriva e não outra forma de errância, conforme a errantologia de Jacques (2012) principalmente pela influência da Internacional Situacionista, que foi a porta de entrada para a questão das errâncias urbanas. Foi a ideia de deriva situacionista que inspirou a proposta deste trabalho. A despeito disso, pode-se associar o experimento não só às derivas (pela ideia de jogo urbano, principalmente), mas também às deambulações, em seu caráter de pesquisa etnográfica, ao se pretender apresentar o Plano Piloto de Brasília. Talvez a errância com a qual o experimento menos se relaciona seja a flâncina, pois em Brasília, cidade de grandes espaços livres, perde-se a multidão. O termo apropriação está sendo usado, nesse caso, no sentido de condições de circulação e de conforto térmico-ambiental. Ou seja, um espaço de difícil apropriação seria aquele onde a atividade de caminhar é dificultada pelas condições do meio urbano.

9 São sobretudo os habitantes das zonas opacas da cidade, dos *espaços do aproximativo e da criatividade*, como dizia Milton Santos, das zonas escondidas, ocultadas, apagadas, que se opõem às zonas luminosas, espetaculares, gentrificadas. Uma outra cidade, opaca, intensa e viva se insinua assim nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano pacificado. O Outro urbano é o homem ordinário que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano, da anestesia pacificadora. Como bem mostra Michel de Certeau, ele inventa seu cotidiano, reinventa modos de fazer, astúcias sutis e criativas, táticas de resistência e de sobrevivência pelas quais se apropria do espaço urbano e assim ocupa o espaço público de forma anônima e dissensual (JACQUES, 2012, p. 15).

10 O percurso feito na deriva foi registrado por meio do aplicativo eletrônico Map My Walk, disponível no Gloggle Play.



## Resultado

Partindo da ocupação irregular, encontrei de imediato o primeiro participante involuntário da deriva (OCD 1)<sup>11</sup>: um rapaz de aproximadamente 17 anos que carregava uma caixa de engraxate (feita de madeira e utilizada para armazenar os instrumentos de engraxar sapatos e apoiar o pé) enquanto seguia para a via L2 Norte de bicicleta. Comecei a segui-lo ao invés de fotografar o local como pretendia, pois não sabia quando teria outra oportunidade, sendo que o jogo teve início às 17h15min e logo começaria a escurecer. A propósito das condições climáticas, o tempo estava parcialmente nublado e a temperatura era de 28°C. Como estava a pé não consegui seguir o rapaz por muito tempo: sua função foi me levar para a L2 N, onde há mais gente para seguir e mais espaços para se explorar (num ato deliberado de *controle acadêmico* sobre a deriva). Encontrei a próxima *participante* em um cruzamento de pedestres, logo após percorrer o caminho que liga as vias L3 N e L2 N, era a mulher com carrinho de bebê (OCD 2).



Figura 9: OCD 1 em direção à via L2N. Do autor, 2019.  
Figura 10: OCD 2 em direção à quadra comercial. Do autor, 2019.

Atravessei a L2 e comecei a segui-la pela calçada que circunda a SQN 410, fotografando discretamente não só a ela como a seus arredores, método que me fez parecer um visitante e, portanto ajudou a disfarçar a atitude invasiva. A mulher seguiu o seu passeio para o interior da quadra, na calçada que separa a área residencial da comercial. Devido a seu ritmo demasiado lento, já que ela conduzia um bebê, resolvi ultrapassá-la e tomar um caminho paralelo ao seu, porém por cima, no térreo dos blocos comerciais. Esperei que ela me ultrapassasse, desci para o mesmo caminho que ela e, enquanto ela ganhava distância, fotografei os arredores. Existem habitações adaptadas à cômodos de edifícios comerciais no subsolo, o que cria um contraste socioeconômico entre as pessoas que moram ali e as que habitam os blocos de apartamento das Superquadras. Assumindo a postura etnográfica dos surrealistas, modernistas de vanguarda brasileiros e tropicalistas, resolvi registrar esse contraste, expresso entre a improvisada Igreja Pentecostal do Avivamento e os restaurantes de classe média localizados do outro lado dos blocos, no pavimento térreo. Foi nesse momento que encontrei o OCD 3: uma mulher de meia-idade que carregava uma bolsa vermelha.

O OCD 3 me levou em direção ao interior das quadras comerciais. Ela atravessou a rua, parou para olhar a vitrine de uma loja de bolsas e calçados e logo entrou em um salão de beleza. À procura de novas pessoas encontrei duas estudantes universitárias

<sup>11</sup> Utilizaremos a sigla OCD (Objeto de Condução da Deriva) para facilitar a identificação das pessoas que determinaram as direções tomadas durante o jogo urbano.

de aproximadamente 20 anos cada. As jovens (OCD 4) se dirigiam para os bares que se localizam na quadra comercial da 411 N, ponto de encontro entre estudantes (o campus da UnB se encontra a pouco mais de 20 minutos de caminhada dali). Logo as duas se encontraram com seus amigos e eu passei a fotografar uma cena típica da vida dos universitários brasileiros. Enquanto fotografava o bar e seus entornos, procurava por novas pessoas para acompanhar e assim explorar mais espaços.



Figura 11: OCD 2 magueando a quadra comercial da 411 N. Figura 12: Habitações adaptadas à quadra comercial. Fonte: do autor, 2019.



Figura 13: Igreja evangélica adaptada à quadra comercial. Figura 14: Espaço entre blocos da quadra comercial 411 N. Fonte: do autor, 2019.



Figura 15: OCD 3 atravessando via entre quadras. Figura 16: OCD 4 em direção aos bares. Fonte: do autor, 2019.



Figura 17: Bares da quadra comercial 410 N. Figura 18: Bloco da SQN 410, para onde os OCD 5 se dirigiam. Fonte: do autor, 2019.



Figura 21: Parquinho no interior da SQN 410. Figura 22: Parquinho no interior da SQN 410. Fonte: do autor, 2019.



Avistei então um grupo de jovens (OCD 5) se dirigindo para o interior da SQN 410. Os novos participantes seguiram para uma área verde destinada ao convívio no interior da quadra. No caminho passamos por uma *escola classe*<sup>12</sup>, por um parquinho e por espaços arborizados servidos de bancos de concreto. O espaço para o qual o grupo foi sedia a prefeitura da SQN 410<sup>13</sup> e por sorte no momento em que passei por ali ocorria uma reunião, a qual pude fotografar. A certa altura, contudo, comecei a ser notado pelos moradores e então a procurar por um novo transeunte para acompanhar. Avistei um homem de camiseta florida (OCD 6) indo para a quadra comercial acima, no sentido oeste, em direção ao eixo rodoviário.

Orientado pelo sujeito de camiseta florida, passei pela calçada que margeia a SQN 410, afastada da via coletora que separa as superquadras 410 e 210 N por uma área verde de aproximadamente 30 metros pensada para fornecer sombra, frescor e isolamento sonoro para os moradores da quadra (a escala bucólica). A passagem por ali naquele fim de tarde primaveril foi bastante agradável, tanto térmica quanto visualmente: apesar do céu nublado, as massas vegetais apresentavam cores que iam do verde ao amarelo, passando pelos tons de laranja do flamboyant e da alvenaria aparente de um bloco residencial. A perseguição acabou quando o OCD 6 olhou para trás e me viu apontando a câmera do celular em sua direção. Nesse momento me dirigi a ele, pedi desculpas e expliquei que se tratava de um experimento para a faculdade. Por sorte ele foi compreensível e me permitiu inclusive tirar uma foto sua. Sou grato ao simpático Elias Santos, dono de uma loja de roupas na comercial da 410 Norte.

Continuando com a deriva, resolvi seguir na direção contrária àquela seguida pelo Elias e, de imediato, encontrei um rapaz, de camiseta branca e mochila preta de alça única (OCD 7), que seguia em direção à L2. Atravessamos toda a quadra seguindo

12 Destinada ao ensino fundamental público.

13 Uma associação de moradores voluntários que visa promover melhorias na quadra.



Figura 23: OCD 6. Figura 24: Escala bucólica da SQN 411. Fonte: do autor, 2019.



Figura 25: Escala bucólica da SQN 411. Figura 26: Balão entre quadras 410 N e 210 N. Fonte: do autor, 2019.



Figura 27: Elias Santos. Fonte: do autor, 2019.

em linha quase reta em direção à avenida, o que foi possível passando por baixo dos pilotis; quando nos aproximamos da L2 o rapaz começou a correr para alcançar o ônibus que passava. Resolvi então voltar à ocupação irregular para fotografá-la melhor e no caminho continuei a registrar cenas do cotidiano daquela área: o embarque ao ônibus que leva para a rodoviária<sup>14</sup>, os estudantes que apreciam uma prosa na porta do Instituto Federal de Brasília (IFB), o quiosque no estacionamento dessa mesma instituição e moradores da ocupação irregular na porta da creche onde possivelmente suas crianças ficam.

14 Principal ponto de conexão entre o Plano Piloto e as outras Regiões Administrativas (RAs) do Distrito Federal (DF).



Figura 34: Quiosque no estacionamento do IFB. Figura 35: Creche por onde se acessa a via L3 N. Fonte: do autor, 2019.



Figura 32: Embarque ao ônibus para a rodoviária do Plano Piloto. Figura 33: Estudantes na entrada do IFB. Fonte: do autor, 2019.



Figura 30: Pilotis de bloco da 409 N, por onde o OCD 7 passou. Figura 31: OCD 7 embarcando em ônibus na L2. Fonte: do autor, 2019.



Figura 28: OCD 7 em direção à via L2 N. Figura 29: OCD 7 atravessando 409 N. Fonte: do autor, 2019.



Figura 36: Caminho às margens da via L3 N que leva à favelinha. Figura 37: O assentamento irregular chamado de favelinha. Fonte: do autor, 2019.

### Considerações finais

A resposta às questões motivadoras deste estudo passa por uma consideração ao desenho urbano do local com o qual ele se preocupa. Isso porque o Plano Piloto pode oferecer experiências muito diferentes dependendo de sua escala<sup>15</sup> ou área. A crítica à dificuldade de circulação pelo pedestre no Plano Piloto, de acordo com essa perspectiva, deveria ser direcionada a alguma de suas escalas. Na Residencial, onde o experimento foi realizado, não se constatou dificuldades relevantes enquanto pedestre: a escala é passível de ser percorrida a pé, o fluxo de veículos se dá em baixa velocidade, as condições de conforto térmico-ambiental são boas. Já na Escala Monumental, a relação de tamanho entre os espaços e os elementos que o compõem se torna um fator preponderante em dificultar a caminhada, o que se agrava se somado à alta exposição ao Sol. Nesse sentido, o projeto urbano priorizou a monumentalidade, o simbolismo e não a facilidade de circulação a pé, o que faz sentido considerando que se trata do centro da capital do país. Em relação à Escala Gregária, também se verifica uma certa dificuldade de apropriação dos espaços pelo pedestre, devido às distâncias relativamente longas entre os edifícios, a se percorrer muitas vezes sob o Sol.



Figura 38: Estacionamento da plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto. Figura 39: Plataforma da rodoviária e Conjunto Nacional à esquerda. Fonte: do autor, 2019.

Ou seja, se considerarmos a escala residencial e a escala bucólica que a permeia, a deriva, o jogo urbano situacionista é aplicável e contribui para a apropriação dos espaços pelo pedestre, criando e reforçando vínculos entre cidadão e cidade.

15 Foram pensadas quatro grandes escalas com funções distintas. 1) A Escala Monumental é composta pelo eixo monumental e por seu conjunto arquitetônico, que abriga as instituições federais; 2) a Escala Gregária configura o centro urbano, o local de negócios, trabalho, lazer, cultura, enfim, encontros; 3) a Escala Residencial possui como módulo básico a Superquadra, o continente de onze projeções de edifícios residenciais (que pode ter até seis pavimentos sobre pilotis) e que em conjunto de quatro constitui uma Unidade de Vizinhança, servida de comércio, escola, posto de saúde, etc. e 4) a Escala Bucólica é representada pela área verde que permeia a cidade (uma faixa arborizada que emoldura cada Superquadra) e pelos parques, jardins e orla do Lago Paranoá.





Isso porque essas áreas são aquelas para as quais a circulação de pedestres foi pensada. Talvez a grande questão seja o conflito entre a visão modernista de uso da cidade e a experiência real das pessoas: os modernistas projetavam as cidades para um indivíduo padrão (JACQUES, 2003, p. 26) que, nesse caso, supõem-se possuir um carro para se deslocar entre as Superquadras e, principalmente, nos espaços centrais da cidade (eixo monumental e Escala Gregária). Tal constatação pode ser corroborada se considerarmos que grande parte das queixas em relação à dificuldade de trânsito a pé se dá justamente em referência a esses espaços. Neles a prática de jogos urbanos, como o apresentado neste trabalho, seria muito difícil, pelos fatores já apontados.

### Referências bibliográficas

BENJAMIM, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DIAS, Juliana Michaello M. *O grande jogo do porvir: A Internacional Situacionista e a ideia de jogo urbano*. 2007. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n2/artigos/pdf/v7n2a06.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2019.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

GONÇALVES, Roberto G. *Do urbanismo unitário à crítica ao urbanismo: um percurso sobre a cidade e o urbano na Internacional Situacionista*. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/117516>>. Acesso em: 30 set. 2019.

JACQUES, Paola B. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paula B. *Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade*. 2005. Disponível

em: <[https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_7/7\\_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2019.

JACQUES, Paola B. *Elogio aos errantes*. Salvador: Edufba, 2012.

JAPPE, Anselm. *Os situacionistas e a superação da arte: o que resta disso após cinquenta anos?*. 2011. Disponível em: <[http://www.obeco-online.org/anselm\\_jappe.htm](http://www.obeco-online.org/anselm_jappe.htm)> Acesso em: 06 nov. 2019

LOPES, Ana Carolina Fróes Ribeiro. *O labirinto, o barracão e a Nova Babilônia*. 2010. Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2010/ana\\_carolina\\_froes.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2010/ana_carolina_froes.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2019

MAGALHÃES, Fábio Lopes Bonna M. *Ideias provisórias para tempos provisórios: A trajetória da Internacional Situacionista e apontamentos para seu lugar na Geografia*. 2011. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13062012-133327/publico/2011\\_FabioLopesBonnaMoreiraodeMagalhaes\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13062012-133327/publico/2011_FabioLopesBonnaMoreiraodeMagalhaes_VOrig.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2019.

MENDES, Denir Miranda. *Caminhando sobre tesouras: O deslocamento de pedestres no Plano Piloto ao longo dos eixos W e L*. 2011. Disponível em: <[http://www.ta.org.br/site2/banco/7manuais/arquivos3/cal%C3%A7ada\\_eixinho\\_Bras%C3%ADlia\\_pq.pdf](http://www.ta.org.br/site2/banco/7manuais/arquivos3/cal%C3%A7ada_eixinho_Bras%C3%ADlia_pq.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2019.

MONTE, Luiz. *Deriva e psicogeografia na cidade contemporânea: experimento situacionista no centro do Recife*. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17370>>. Acesso em: 30 set. 2019.

MUSEO DEL CAMMINARE. Veneza. *Ralph Rum, The Leaning Tower of Venice*. Disponível em: <[http://www.museodelcamminare.org/progetti/re\\_iter/rumney/rumney\\_en.html](http://www.museodelcamminare.org/progetti/re_iter/rumney/rumney_en.html)>. Acesso em: 07 nov. 2019.

MUSEU NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFIA. *Constant New Babylon*. 2017. Disponível em: <[https://issuu.com/museoreinasofia/docs/constant\\_ingl\\_s](https://issuu.com/museoreinasofia/docs/constant_ingl_s)>. Acesso em: 17 nov. 2019.

PAESE, Celma. *Caminhando: o caminhar e a cidade*. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8777/000588738.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2019.

*RA I - Plano Piloto* - Codeplan. Disponível em : <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Urbano-Ambiental-Plano-Piloto.pdf>> Acesso em: 06 nov. 2019

RAMALHO, Maria. *A deriva na internacional letrista: para uma crítica radical do urbanismo (1954-2017)*. Disponível em: <[https://www.revistapunkto.com/2018/04/a-deriva-na-internacional-letrista-para\\_6.html](https://www.revistapunkto.com/2018/04/a-deriva-na-internacional-letrista-para_6.html)> Acesso em: 15 out. 2019.

*Superintendência do Iphan no Distrito Federal: Superquadra de Brasília: preservando um lugar de viver*. 2015. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/cartilha\\_unidade\\_vizinhanca%CC%A7a\\_iphan\\_df.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/cartilha_unidade_vizinhanca%CC%A7a_iphan_df.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2019.

# OS PERCURSOS URBANOS DE USUÁRIOS IDOSOS

## avaliação dos deslocamentos através de mapas mentais

*Luiz Gilberto Silva Júnior<sup>1</sup>*

*Adriana Araújo Portella<sup>2</sup>*

*Nirce Saffer Medvedovski<sup>3</sup>*

*Fernando Henrique Nascimento Kikuchi<sup>4</sup>*

### Resumo

Para analisar as relações do ser humano com o meio, é necessário compreender como está estruturado esse espaço percebido na mente das pessoas, ou seja, como ocorre a construção das imagens mentais. Desta forma, o objetivo dessa investigação é avaliar os percursos de usuários idosos, afim de verificar se o tipo de deslocamento interfere na percepção dos elementos que estruturam a imagem da cidade. Através do método mapa mental, os resultados encontrados evidenciam que a falta de elementos marcantes nas representações da imagem da cidade, expressa a dificuldade que alguns usuários possuem em interpretar as informações do espaço urbano. Este estudo verificou que a percepção de quem realiza os deslocamentos através da caminhada é muito mais abrangente, onde o espaço fornece um número muito maior de informações, e traz consigo muitos elementos que estruturam a imagem da cidade.

Palavras-chave: percursos urbanos; percepção ambiental; idosos; imagem da cidade; mapa mental.

## URBAN TRAVELS OF OLD USERS

### evaluation of late displacements of mental maps

### Abstract

To analyze how human relationships with the environment, it is necessary to understand, how this perceived space is structured in people's minds, that is, how the construction of mental images occurs. Thus, the purpose of this investigation is

<sup>1</sup> Arquiteto e urbanista pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2018), mestrando do PROGRAU/UFPEl.

<sup>2</sup> Professora Associada na UFPEl, possui Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2001), Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Doutorado em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University (2007) na Inglaterra, e Pós-doutorado em Planejamento Urbano pela University College London (2008), também na Inglaterra.

<sup>3</sup> Professora Associada na UFPEl, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1975) e mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978) e doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (1997).

<sup>4</sup> Arquiteto e urbanista pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2019), aluno especial do PROGRAU/UFPEl.

to evaluate the pathways of elderly users, and to verify if the type of displacement interferes with the perception of the elements that structure the image of the city. Through the mind map method, the results show that the lack of striking elements in the representations of the city image shows the difficulty that some users use to interpret as urban space information. This study found that the perception of those who perform movements through walking is much broader, where space offers much more information and brings many elements that structure the image of the city.

Keywords: urban pathways; environmental perception; seniors; city image; mental map.

### Introdução

Para Duarte, Libardi e Sánchez (2010), o grande desafio que deve ser abraçado no planejamento de espaços públicos, como passeios, praças e parques, é de recuperar a vitalidade das cidades, promovendo inclusão à medida que se proporciona acesso amplo e democrático ao espaço urbano. Para os autores, a melhoria da qualidade da infraestrutura urbana favorece os deslocamentos pela caminhada, além de melhorar as condições do uso e apropriação desses espaços públicos. O estudo do caminhar pode identificar como a falta de infraestrutura das cidades impacta os usuários com diferentes níveis de mobilidade, além de proporcionar diversas descobertas sobre experiências e questões ligadas à percepção (ASSIS, 2018).

A percepção pode ser definida como a comunicação entre o ambiente e o usuário, a partir disso alguns padrões de comportamento são estabelecidos, de acordo com fatores selecionados por meio dos sentidos ativos de cada indivíduo. Nas ações que envolvem a percepção, o processo cognitivo humano seleciona determinados códigos significativos, que ajudam na interpretação da realidade, esse processo depende de fatores subjetivos, como as experiências vividas, e valores culturais do grupo social no qual o indivíduo faz parte (KANASHIRO, 2003). Para cada sentido humano, está associado um órgão especializado na captação de seus determinados estímulos. Olhos, pele, nariz, ouvidos e língua, reagem à luz, pressão, variações de temperatura, e até mesmo as vibrações sonoras. Essas variações estão diretamente ligadas a como o indivíduo percebe o espaço, e também de como se comportar dentro dele (SILVA, 2010).

Para tanto, é necessário realizar discussões que levem os indivíduos a refletirem sobre suas ações e atitudes, analisando o seu espaço enquanto lugar de vivência. Mapas mentais na percepção espacial, não podem ser entendidos como meros produtos cartográficos, mas como forma de comunicar, interpretar e imaginar percepções ambientais (OLIVEIRA, 2006). O ser humano é um ser social que interage com um ambiente físico e social, os quais podem favorecer ou não, sua adaptação ao processo de envelhecimento (TRINDADE BESTETI, 2014).

O envelhecimento se refere à mudança na estrutura etária da população, o que produz um aumento do número relativo das pessoas acima de determinada idade, considerada como definidora do início da velhice. Essa definição varia de sociedade para sociedade e depende de fatores biológicos, econômicos, ambientais, científicos e também culturais (BARROS, 2006). Apesar do envelhecimento populacional ser um assunto recente no Brasil, a população idosa brasileira é uma das maiores do mundo e, logo deverá superar a marca de 30 milhões de pessoas (IBGE, 2010). O entendimento dessa nova realidade deve vir acompanhado de políticas públicas capazes de atender as transformações nos diversos âmbitos da sociedade, reorganizando o espaço urbano afim de colaborar para cidades mais amigas do envelhecimento. Em linhas gerais, trata-se de criar ações que visem superar a forma



como a cidade é desenhada e minimizar a exclusão social de pessoas a quem o espaço estabelece barreiras (MENDES; VALSECCHI, 2006).

Todos iremos envelhecer, e se quisermos que esta etapa seja uma experiência positiva, uma vida mais longa deve vir acompanhada de oportunidades de acesso a saúde, participação e segurança (OMS, 2005). E o envelhecimento ativo é o processo de otimização dessas oportunidades, ao que se refere ao conjunto de ações envolvidas em aumentar a qualidade de vida durante os estágios mais avançados da vida, envolvendo vários setores como saúde, educação, segurança, e planejamento rural e urbano. Desta maneira, o envelhecimento ativo deve ser promovido nas cidades, adaptando suas estruturas e serviços, de modo a serem acessíveis e inclusivas para idosos com diferentes necessidades e capacidades. Ou seja, as cidades devem prever e responder às necessidades associadas ao envelhecimento e considerar e respeitar as decisões dos idosos no planejamento das cidades, promovendo inclusão e reconhecendo sua contribuição para a comunidade (CENTEIO, 2010).

A rápida mudança na estrutura etária brasileira cria, para o país, oportunidades para o enfrentamento de alguns problemas básicos de infraestrutura urbana. Dentro das cidades o principal elemento de deslocamento dos pedestres são as calçadas, elas condicionam, orientam, privilegiam e acolhem os deslocamentos a pé. Caminhar pelas ruas da maioria das cidades brasileiras, atividade rotineira, não é algo tranquilo, nem seguro e muito menos confortável para usuários com mobilidade reduzida (AGUIAR, 2003). O nível de mobilidade dos indivíduos influencia diversas ações do cotidiano, como para pegar um meio de transporte, atravessar ruas, desviar dos mobiliários urbanos, entre outros obstáculos presentes nos espaços públicos de circulação. Pessoas com mobilidade reduzida encontram maior dificuldade durante a realização dessas ações, as várias dificuldades decorrentes da pavimentação irregular, bueiros e da sinalização precária ou ausente, afastam esses usuários do espaço urbano (DAVID; ANTUNES; GURGEL, 2009).

Segundo Lynch (1960) a cidade é o símbolo da sociedade e deve representar seu passado, seus costumes e intenções. Uma imagem legível tem um importante papel social, dando a seus habitantes segurança emocional, elevando a intensidade da experiência humana - a qualidade do ambiente construído está diretamente ligada à clareza, e compreensão de todo espaço urbano. Para o autor, as principais características que uma cidade deve ter são de ajudar na orientação espacial das pessoas, e o dever de fazer as pessoas se sentirem num lugar único, nunca o confundindo com outro. Isso não quer dizer que o desenho deva ser formal, regular ou repetitivo, mas justamente o contrário, a surpresa e mistério são sinais de qualidade. Para Moore (1979), a formação do mapa cognitivo está ligada às experiências adquiridas naquele espaço. Conforme essas experiências vão acontecendo, o mapa cognitivo vai alterando em conjunto, onde aos poucos, estruturas fragmentadas começam a adquirir caráter sequencial, conectando elementos, rotas e marcos referenciais (LYNCH, 1960). O mapeamento cognitivo constitui-se a partir de um processo composto por várias transformações perceptivas, onde o indivíduo adquire, codifica, memoriza, e relembra das informações relativas a localização, e atributos do espaço construído (DOWNS; STEA, 1973).

Deve ser considerado também, além do tempo de experiência do indivíduo com o espaço, os trajetos percorridos para chegar até seu destino (LOCATELLI, 2007). Mesmo em ambientes aparentemente uniformes, o usuário tentará identificar particularidades que auxiliem na construção de identidade com o espaço. Nesse entendimento o usuário percebe detalhes que podem dar alguma indicação de onde está e como se orientar, pessoas não familiarizadas com o ambiente procuram inicialmente elementos que se destaquem dos demais. O desempenho humano na orientação espacial reflete a forma como ele representa mentalmente a geometria do

espaço (PASSINI, 1992).

Na abordagem metodológica de mapas mentais, é importante salientar que um mapa não traduz a realidade de um local, mas ele permite que saibamos o que outras pessoas viram, perceberam e descobriram. Os detalhes e complexidades que são traduzidos nos mapas, são selecionados, simplificados, e em seguida, enfatizados de uma maneira que retrate, para o usuário, o que ele acredita ser essencial a respeito da imagem que ele tem da cidade (WOOD, 1992). Para analisar as relações do ser humano com o meio, é necessário compreender, como está estruturado esse espaço percebido na mente das pessoas, ou seja, como ocorre a construção das imagens mentais. Nesse sentido, o problema dessa pesquisa centra-se em identificar os principais elementos presentes na cidade de Pelotas-RS, que estruturam a percepção ambiental de usuários idosos. Para Lynch (1960), os elementos estruturadores da imagem da cidade são: os caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Sendo assim, a pergunta de pesquisa é: como esses elementos, que auxiliam na construção da imagem da cidade, interferem na escolha dos percursos urbanos?

Desta forma, o objetivo dessa investigação é avaliar os percursos de usuários idosos, a fim de verificar se o tipo de deslocamento interfere na percepção dos elementos que estruturam a imagem da cidade.

### A percepção ambiental e o processo de envelhecimento

A percepção ambiental é o termo usado para designar o processo de interação entre o ser humano e o ambiente. Esse processo possui vários estágios com diferentes profundidades de interação, sendo a percepção e a cognição etapas do processo global de percepção ambiental (NAOUMOVA, 2009). De modo geral, existe uma diferença simples entre a percepção e a cognição. A primeira refere-se a situações em que a resposta depende das propriedades físicas e dos estímulos, enquanto a segunda relaciona-se ao conhecimento, e assim, se desenvolvem vários meios de consciência, significado e simbolismo com o ambiente (KANASHIRO, 2003). O produto final desses dois processos, percepção e cognição, é a representação mental que um indivíduo faz do ambiente que está inserido (Figura 01), sendo que é essa representação que ele vai considerar na avaliação do ambiente (PORTELLA, 2003).



Figura 01: Erepresentação do processo perceptivo. Fonte: adaptado de Portella (2003, p. 32).

A capacidade de lembrar e imaginar os lugares é inata à mente humana, percepção, memória e imaginação estão em constante interação (TUAN, 1983). Nesse sentido, Pallasmaa (1996) argumenta que algumas cidades permanecem meramente como imagens visuais, distantes nas recordações, já outras são lembradas com toda sua vitalidade. Segundo o autor, as memórias mais marcantes das cidades são aquelas que estão acompanhadas de todos seus sons e cheiros, suas variações de temperatura, de luzes e sombras. O autor ainda pontua que a mente humana

consegue escolher entre caminhar pelas áreas mais agradáveis ou significativas, através das memórias perceptivas vividas naquele ambiente.

As diferentes percepções do mundo estão relacionadas às diferentes personalidades, mas também, à idade, às experiências, e aos aspectos socioespaciais. Os sentimentos relacionados ao espaço e a paisagem originam-se de experiências comuns voltadas para o exterior. A percepção do ambiente, as imagens, seus significados, as impressões absorvidas e os laços afetivos são únicos em cada ser humano (TUAN, 1983). O processo cognitivo aciona a mente juntamente com os sentidos, ou seja, há uma contribuição da inteligência no processo perceptivo, que é motivada pelos valores éticos, culturais, experiências, e expectativas daqueles que o percebem (MELAZZO, 2005).

A forma como a ambiência é percebida, depende também de estímulos exteriores e, através de filtros perceptivos pode-se evocar diferentes imagens de uma mesma realidade. Em paralelo isso, a interação das pessoas com o meio ambiente também dependeria de certos significados individuais construídos. A percepção ambiental possibilita a compreensão do eu e do outro, das relações afetivas, dos sentimentos e da relação com o ambiente, que consiste na maneira como o ser humano, individual ou coletivamente, o vê e o compreende. Nesse sentido, as práticas cotidianas, como as experiências de compreensão do espaço urbano, acionam processos cognitivos de produção de subjetividades, produzindo domínios cognitivos e novos territórios existenciais (KANASHIRO, 2003).

Podemos notar que a presença de pessoas com mobilidade reduzida é rara em ambientes coletivos, dadas as condições de acessibilidade presentes no espaço urbano, que em geral são precárias. Em função do processo de envelhecimento, os idosos apresentam necessidades diferenciadas, pois cada modificação fisiológica pode acarretar em uma limitação diferente, afetando o uso do espaço e de equipamentos urbanos. As necessidades espaciais, advindas do processo de envelhecimento, podem ser supridas a partir de projetos de ambientes adequados, que considerem suas limitações e capacidades (DORNELES, 2006).

A mudança da pirâmide demográfica afetou profundamente as configurações históricas das cidades. A queda das taxas de mortalidade e natalidade, foi aos poucos, transformando sua forma piramidal, e fez surgir a expectativa de maior longevidade para toda a população brasileira. Sendo assim, a expectativa de vida que era de 60 anos, durante a década de 80, ultrapassou os 70 já no início do novo milênio (WHITAKER, 2010). De acordo com o IBGE (2010), o Brasil tinha 28 milhões de idosos no ano de 2016, representando 13,5% do total da população. A projeção é que até 2042, a população brasileira atinja 232,5 milhões de habitantes, sendo 57 milhões de idosos correspondendo a 24,5% da população. É importante lembrar que esse envelhecimento da população ocorre num quadro de mudanças sociais aceleradas, cujas circunstâncias transformam, muitas vezes, a vida do idoso em sofrimento e privação (DORNELES, 2006).

A Organização Mundial da Saúde (2005), argumenta que os países podem custear o envelhecimento se os governos, as organizações internacionais e a sociedade civil implementarem políticas e programas de envelhecimento ativo. Essas políticas devem ser baseadas nos direitos, necessidades, preferências e habilidades das pessoas mais velhas. Devem incluir, também, uma perspectiva de curso de vida que reconheça a importante influência das experiências passadas para a maneira como os indivíduos envelhecem.

O envelhecimento ativo refere-se à participação contínua nas questões sociais, culturais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo. As pessoas

mais velhas podem continuar a contribuir diretamente com a sociedade. O objetivo principal do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo (OMS, 2005). Nos dias atuais, o envelhecimento populacional vem acompanhado de inúmeras questões sociais e urbanas. A falta de planejamento e o crescimento desordenado das cidades, fizeram com que muitos espaços urbanos cedessem lugar a terminais de ônibus, ou a ilhas de concreto. É clara a necessidade de adaptar os espaços públicos de lazer além dos espaços de circulação e das calçadas. Pois alguns deslocamentos se tornam inviáveis para os idosos, e é comum observar a total impossibilidade ir e vir, seja em busca de trabalho, saúde ou lazer (MENDES, 2010).

Partindo dessas discussões, esta pesquisa busca entender como são percebidos os elementos que estruturam a imagem da cidade, e através da análise das formas de deslocamentos entender melhor a percepção do espaço, e em consequência do uso dele. Dessa maneira, buscam-se variáveis físicas e características espaciais favoráveis ao cumprimento do objetivo desse estudo.

### Legibilidade urbana

A cidade planejada segundo os princípios modernistas tende a ter um limite físico estabelecido. Contrapondo a maioria das cidades que acomodam o crescimento da população modificando permanentemente seu desenho, afim de suprir as novas necessidades de ocupação do solo, a cidade modernista, por causa da sua limitação tipológica, engessa seu crescimento (PESSOA, 2016). Na década de 1960, urbanistas criticavam o movimento moderno e debatiam a questão urbana no sentido de traçar princípios e diretrizes para o planejamento das cidades. Lynch (1960), escreveu o livro *A Imagem da Cidade* no qual elabora uma teoria baseada em entrevistas com pessoas de três cidades americanas, focando na procura dos elementos chave através dos quais as pessoas formam a imagem da cidade.

Nesse sentido Lynch (1960) argumenta que os elementos estruturadores da imagem da cidade são: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos. O autor considera que as vias, são os principais elementos estruturadores da percepção ambiental, pelo fato das pessoas perceberem a cidade enquanto se deslocam. Nesse sentido, a via não apenas estrutura a experiência, mas também estrutura os outros elementos da imagem da cidade. A eficiência na criação da imagem aumenta conforme se relaciona com os demais elementos, como pontos nodais ou marcos, ou seja, quanto mais os elementos se relacionarem mais completa será a imagem da cidade.

Para Lynch (1960, p. 03) a orientação espacial é influenciada pelas características espaciais do ambiente, o que está diretamente relacionado com o conceito de legibilidade urbana, compreendido como “a facilidade com que cada uma das partes pode ser reconhecida e organizada num padrão coerente. [...] uma cidade legível seria aquela cujos bairros, marcos ou vias fossem facilmente identificáveis e agrupados num modelo geral”. Os usuários devem experimentar sensações de um espaço único, facilmente identificável e dar sentido de orientação, se o espaço tem características fortes ele será reconhecido por sua descrição (PESSOA, 2016).

Nesse sentido, Lynch (1960) destaca que o tempo é elemento que permeia o processo perceptivo, é o tempo que determina o momento em que acontece o contato entre pessoa e o ambiente. O tempo como fator psicológico, é aquele introjetado pela pessoa, ou seja, o tempo percebível do indivíduo, ele pauta ações do mesmo no passado, presente ou futuro. A formação da imagem da cidade é resultado de experiências prévias e da percepção imediata do ambiente. Quando



alguém se sente desorientado dentro do espaço, procura imediatamente elementos que sejam definidores da estrutura da imagem mental que este já tem da cidade, familiaridades com o local (MOROSZCZUK, 2014).

Ao priorizar a experiência das pessoas no pensar a cidade, Lynch (1960) desperta a preocupação com o usuário e com a valorização de sua participação nos projetos de intervenção urbana. É desejável que as cidades apresentem uma boa legibilidade quanto à estrutura de circulação, o que tende a facilitar a orientação espacial dos indivíduos, especialmente àqueles que possuem pouca familiaridade com o ambiente e que precisam compreender rapidamente a organização de determinado lugar (MANO, 2016). Logo, as presenças dos elementos propostos por Lynch, são consideradas facilitadores da legibilidade e da orientação espacial. Mesmo que essa teoria possa ser questionável, pois algumas cidades possuem esses elementos em sua ordenação espacial, mas mesmo assim não apresentam boa qualidade na legibilidade do ambiente, o estudo de Lynch destaca a relevância dos valores sensoriais no desenho urbano (PESSOA, 2016).

Sob a perspectiva do usuário, encontrar o caminho mais adequado é uma ação que deveria ser intuitiva e com o menor esforço cognitivo possível. Portanto, cabe ao ambiente fornecer as informações necessárias para a orientação espacial, contemplando suas habilidades e restrições (BINS ELY, 2004). O processo de tomada de decisão depende das habilidades de processamento da informação, é nesse momento que a percepção dos elementos do ambiente através do uso dos sentidos ganha destaque (PALLASMAA, 1996). A interpretação do ambiente decorre da atenção e da compreensão das informações captadas pelo usuário, e que em ambos processos depende de suas características e habilidades próprias para interpretar essas informações (RANGEL; MONT'ALVÃO, 2015).

Conforme observado neste item, a legibilidade urbana é importante para as noções de orientação espacial, pois é através da memorização dos locais, que são estabelecidas as rotas e percursos a serem percorridos.

### **A mobilidade urbana**

De acordo com o Ministério das Cidades (2006), a mobilidade urbana pode ser definida como um elemento relacionado aos deslocamentos realizados pelas pessoas, em suas atividades cotidianas. Sendo assim, a mobilidade desempenha papel fundamental nas diversas relações de troca de bens, serviços, cultura e relações sociais. Entretanto, essas relações só são possíveis quando há condições adequadas de acessibilidade para todas as pessoas (MAGAGNIN; SILVA, 2008).

A mobilidade está presente em várias ações do cotidiano, sendo necessária para pegar um meio de transporte, atravessar ruas e desviar dos mobiliários urbanos presentes nos espaços públicos. Pessoas com mobilidade reduzida encontram maiores dificuldades durante a realização dessas ações, as várias dificuldades decorrentes da pavimentação irregular, bueiros e da sinalização precária ou ausente, afastam esses usuários do espaço urbano (DAVID; ANTUNES; GURGEL, 2009). Para Maricato (2000) a falta de planejamento e o crescimento desordenado das cidades, faz com que muitos espaços da cidade deixem de ser primordialmente dos pedestres para destinar seu espaço ao trânsito de veículos. Além disso, a autora ainda discute que a infraestrutura viária que visa atender o grande fluxo de veículos, acaba invadindo os espaços públicos que ainda restam nas cidades.

Com a evolução das cidades modernas e a criação do meio de transporte particular, os espaços de circulação da cidade passaram a ser planejados a partir da circulação

destes veículos. Os espaços públicos, em especial os passeios, foram diretamente prejudicados por esta concepção de cidade, onde o veículo é privilegiado em detrimento do pedestre (PESAVENTO, 1996). A necessidade de tratar das questões de mobilidade urbana vincula-se ao crescimento populacional das cidades, que associado ao aumento gradativo do transporte motorizado individual tem configurado traçados urbanos que em sua maioria, crescem de forma dispersa e espontânea. Atormentados pelo trânsito, a correria, os horários e prazos curtos, o cidadão passa despercebido por aquilo que lhe pertence, os espaços de caminhada e convivência (KON, 2008).

Segundo Pesavento (1996), historicamente as ruas surgiram com as cidades e, em sua concepção, abrigavam primordialmente o pedestre. Segundo a autora, a evolução nos meios de transporte está diretamente relacionada com o desenvolvimento dos núcleos urbanos, já que influencia os hábitos da população principalmente na localização, tamanho e forma do ambiente urbano. Antes de surgirem os modais motorizados os deslocamentos eram feitos a pé ou a tração animal, conseqüentemente isso limitava a dimensão territorial das cidades (VIEIRA; MORASTONI, 2013).

É clara a necessidade de adaptar os espaços de circulação e das calçadas, pois alguns deslocamentos se tornam inviáveis para pessoas com deficiência visual, e é comum observar a total impossibilidade ir e vir, seja em busca de trabalho, saúde ou lazer (MENDES, 2010). O pedestre, dentro do sistema de tráfego possui prioridade – pelo menos em teoria. Entretanto, o senso de proporção e de escala, nos últimos anos, foi sendo cada vez mais moldado pela percepção de dentro dos automóveis. Raramente é demonstrada a capacidade de trabalhar como duas coisas distintas a relação entre as escalas humana e a do carro, já que o automóvel confundiu muito o entendimento da escala humana (MARQUES; BATISTELA, 2016).

A Associação Nacional de Transportes Públicos, analisou a evolução da mobilidade urbana entre 2003 e 2010, através de um relatório com dados de 438 municípios brasileiros. O estudo demonstrou nos primeiros anos, que a participação dos transportes não motorizados era a maior nos trajetos urbanos, perfazendo 40% do total de viagens, sendo que os deslocamentos a pé perfaziam 37%, mas esse percentual foi e continua sendo gradativamente reduzido. Associado a isso, está ocorrendo uma inversão de posição entre o transporte coletivo e o individual, no início do estudo o transporte coletivo era o segundo modo agregado, com 29% do total de viagens, enquanto já em 2010 o posto de segundo colocado passou para o transporte individual, contabilizando 31% dos trajetos urbanos (VIEIRA; MORASTONI, 2013).

A política nacional de desenvolvimento urbano do Ministério das Cidades, criada em 2003, tem como um dos principais objetivos valorizar os deslocamentos a pé e de bicicleta. Visando apoiar a utilização de outros modais de transporte que não sejam somente o rodoviário, em busca de uma mobilidade sustentável, a secretaria de mobilidade urbana do ministério possui atualmente programas de incentivos a transportes alternativos, como o Bicicleta Brasil e o Brasil Acessível. Também existem programas de mobilidade urbana, para o financiamento de infraestruturas de transporte coletivo, meios não motorizados e de integrações intermodais. Essas ações são financiadas através do Orçamento Geral da União, e do Fundo de Amparo ao Trabalhador (BRASIL, 2010).

Em 2012, foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff, a lei 12.587, conhecida como Estatuto da Mobilidade, cujo objetivo é contribuir para um acesso universal à cidade. As prerrogativas dessa lei estão no consenso entre os atores envolvidos em projetos que proporcionem o acesso amplo e democrático ao espaço urbano, priorizando os modais não motorizados, e também integrando os modais que sejam socialmente inclusivos e sustentáveis, baseados nas pessoas e não nos veículos

(VIEIRA; MORASTONI, 2013).

Contudo, apesar do governo federal apontar a importância dos deslocamentos não motorizados, algumas de suas ações são antagônicas e se contradizem. Essa justaposição fica evidente nas ações que envolvem o crescimento econômico, como a redução do imposto sobre produtos industrializados e, também na facilidade de financiamento pessoal gerado pelos bancos federais, que estimulam a indústria automobilística e valorizam a propriedade privada (VASCONCELLOS, 2012). E como foi demonstrado pelo estudo da Associação Nacional de Transportes Públicos, essas ações influenciam na forma como são feitos os deslocamentos nas cidades.

Para Gehl (2015), a dimensão humana é a perspectiva necessária para uma mobilidade urbana focada nas necessidades das pessoas que utilizam as cidades, e reflete uma exigência distinta e forte por melhorias na qualidade de vida. Para o autor a vida em toda a sua diversidade, se desdobra diante de nós quando caminhamos, ou seja, em uma perspectiva mais geral, uma infinidade de oportunidades podem surgir quando se reforça o caminhar. Nesse sentido, é preciso que o ambiente esteja preparado para promover ativamente a mobilidade, de modo que as pessoas com mobilidade reduzida tenham seu direito ao espaço urbano garantido (LAPLANE; BATISTA, 2008).

Conforme observado nesse item, a mobilidade urbana deve satisfazer as necessidades de acesso e uso dos espaços públicos para todos os habitantes da cidade. É nesse contexto que a pesquisa busca contribuir nas discussões desse tema, pois investiga aspectos da orientação espacial de usuários idosos, que possam contribuir para a melhoria na mobilidade urbana, tornando os deslocamentos desses usuários mais qualificados.

### Os percursos urbanos

O percurso urbano consiste no trajeto realizado dentro do espaço urbano, entre um ponto de origem e um de destino (PEREIRA, 2006). O movimento natural está atrelado as escolhas de rotas pelos pedestres, as decisões de direção são influenciadas pela menor distância até o ponto de destino, otimizando o tempo do trajeto (BLADES et al., 2002). O caminhar é o meio de transporte mais acessível, e torna a compreensão do espaço muito mais completa, porém essa relação entre o indivíduo e o espaço só é possível quando ocorre a melhoria na qualidade das calçadas, que por consequência promove a caminhabilidade (BARRETO; GISLON, 2013). O estudo do caminhar possibilita descobrir o impacto negativo que a falta de infraestrutura física das cidades causa em usuários com mobilidade reduzida (ASSIS, 2018).

Na escolha de determinados percursos urbanos alguns fatores influenciam na escolha do pedestre, as pessoas podem escolher percursos mais longos em alguns casos. Essa variação de escolha é de acordo com o quão agradáveis, sombreados ou seguros esses espaços são (ZAMPIERI; RIGATTI, 2008). A escolha das rotas durante os percursos, ajuda na compreensão das dinâmicas que envolvem os processos de orientação, pois sempre que tiver à disposição um ponto de decisão, a navegação do indivíduo no espaço é facilitada (ARTHUR; PASSINI, 2002).

Apesar do pedestre ser ignorado na maior parte dos projetos de mobilidade urbana, a caminhada sempre foi um meio de transporte indispensável em qualquer cidade. Ela é importante, tanto para as pessoas que a utilizam como único meio de locomoção, como para quem utiliza outros meios de transporte e ainda assim, necessitam do caminhar como complemento do percurso (AGUIAR, 2003). As calçadas, são vias

destinadas aos pedestres e, constituem uma parcela importante do espaço público, se integrando à infraestrutura viária da cidade. As calçadas surgiram com a necessidade de separar os caminhos do pedestre e dos veículos (MOUETTE, 1998).

As pessoas se apropriam da cidade e dos passeios públicos, essa apropriação transforma a circulação em algo muito mais complexo e dinâmico (ZAMPIERI; RIGATTI, 2008). Atualmente a maioria dos passeios públicos não possui condições físicas adequadas para o uso dos pedestres, em muitos casos é observada a ausência de sinalização, desníveis, largura, obstáculos e também pavimentação inadequada. Percursos caminháveis e de qualidade devem ser acessíveis para todas as pessoas, e deve comportar a demanda de fluxo a qual está submetida (ZAMPIERI, 2006). Os espaços de caminhada sofrem as interferências provenientes do traçado urbano de diferentes fases da história, sendo o tempo um dos grandes desafios para estabelecer conexões entre traçados e promoção de percursos acessíveis (ZAMPIERI; RIGATTI, 2008). A produção fragmentada de passeios e áreas de circulação compromete a mobilidade urbana, em áreas de projetos urbanos desenvolvidos pelo poder público, esta articulação pode ser construída a partir de uma análise integrada de toda a área objeto de intervenção, porém, quando estabelecido que esses espaços são responsabilidade do proprietário da edificação, a integração das possibilidades de percursos fica comprometida (VASCONCELLOS, 2012).

É durante o percurso pelo espaço que o indivíduo se encontra inteiramente livre para observar as coisas da maneira que lhe interessa, no seu tempo, captando a paisagem de acordo com suas concepções. O caminhar proporciona para os sentidos uma grande quantidade de experiências, que são absorvidas conforme as necessidades e desejos do caminhante. A rua possibilita muitas trocas sociais, caminhar pela cidade convida a parar, comer, descansar, e interagir com o ambiente (BARRETO e GISLON, 2013).

Como pode ser observado nesse item, as escolhas dos percursos urbanos refletem as condições de mobilidade presentes nos espaços da cidade. Para contribuir na discussão desse tema, esta pesquisa investiga elementos espaciais e subjetivos que determinam as escolhas dos trajetos feitos por usuários idosos.

### Metodologia

Para responder à pergunta de pesquisa e atender ao objetivo proposto, é feito um estudo de caso. A escolha desse método é feita quando a pergunta de pesquisa não exige controle dos eventos comportamentais, e da importância em eventos inseridos dentro do contexto da vida real (YIN, 2010).

A análise foi baseada na percepção ambiental de usuários idosos que utilizam a Praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas-RS. Esse local é um importante marco da cidade, é um local que se constitui como um ponto de encontro para diversos grupos sociais, além de ser um nó urbano que conecta vários espaços e ambiências da região central de Pelotas (Figura 02).

### Método de coleta de dados

Conforme Gil (2007, p. 31), esta é uma pesquisa aplicada e classifica-se como exploratória em relação aos seus objetivos, pois busca maior proximidade com o problema para torná-lo mais evidente. Para interpretação dos fenômenos optou-se pelo método dialético, no campo das ciências sociais é muito usado, e passou por





inúmeras interpretações ao passar do tempo. Platão considerava a dialética como a arte do diálogo. Posteriormente, na Idade Média significava a expressão da lógica. Na concepção contemporânea, no entender de Gil, “a lógica e a história da humanidade seguem uma trajetória dialética, nas quais as contradições se transcendem, mas dão origem a novas contradições que passam a requerer solução”. Para responder ao problema e ao objetivo desta pesquisa, o método selecionado foi o Mapa Mental.

### Mapa Mental

Para Rheingantz (2009) o mapa mental é um método qualitativo baseado na elaboração de desenhos ou relatos de memória representativas das ideias ou da imageabilidade que uma pessoa ou grupo de pessoas têm de um determinado ambiente. Segundo o autor, os mapas devem considerar as questões culturais, sociais e psicológicas dos indivíduos.

Para atender ao objetivo dessa pesquisa, durante a aplicação do método, foi solicitado que o entrevistado elaborasse o mapa mental, representando no desenho todos os elementos que percebe durante seu deslocamento de casa até a chegada na Praça Coronel Pedro Osório. Também foi solicitado que marcassem no mapa as áreas da praça que mais costumam utilizar.

Para realizar a análise desses mapas, foi utilizado o modelo proposto por Lynch. Esse modelo permite que se faça uma avaliação inicial dos desenhos, apontando questões relevantes a serem investigadas, sendo elas: os trajetos, os limites, os pontos focais e os elementos marcantes. Dessa maneira, foram criadas categorias quanto à forma de representação dos elementos no mapa, sendo uma distribuição quanto à classificação de ícones, e palavras que completam as representações gráficas.

### Resultados e discussões dos mapas mentais

O mapa representado pela figura 03 apresenta ícones de casas, ruas, calçadas e pontos de ônibus. No ícone que representa a residência da entrevistada, podemos notar a presença de elementos que caracterizam o senso de lugar, o Sol representa um dia ideal para estar na cidade, sua presença é sempre esperada, assim como a árvore que representa grande importância para o reconhecimento da sua moradia. Nos trajetos podem ser identificadas as trocas de modais, a linha tracejada indica os percursos que são realizados a pé. Durante o trajeto realizado pelo ônibus alguns pontos em azul, foram identificados como elementos de familiaridade, os pontos vermelhos indicam paradas que são identificadas apenas por placas, nesses pontos é possível notar que a percepção do entrevistado fica submetida ao lado da rua em que estão as paradas.

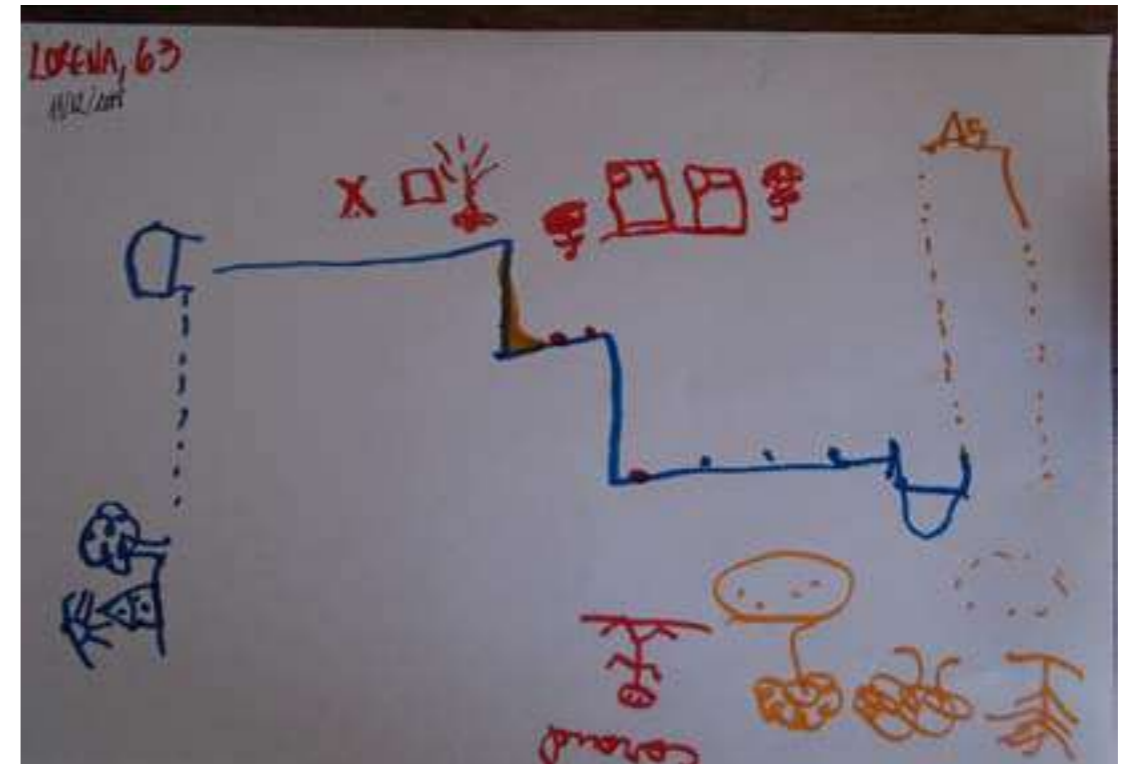


Figura 03 - Mapa mental Lorena, 63 anos, 2018. Fonte: do autor, 2018.

A área que representa esse trajeto corresponde a uma via de grande movimento na cidade, a área do trajeto que está pintada em laranja corresponde uma intersecção viária com altos índices de acidentes, o que indica que nesse percurso, essa intersecção corresponde a um forte elemento que marca o cotidiano de quem passa por ali.

Depois que desce do ônibus, a entrevistada demarca os trajetos realizados a pé, e destaca com a linha contínua o calçadão, localizado na área central da cidade, ele é um elemento importante pois conecta o percurso realizado até então, com a Praça Coronel Pedro Osório. É identificado também que durante os deslocamentos a pé estão presentes maior quantidade de elementos que fortalecem a imagem da cidade. Na praça, a estátua do Coronel Pedro Osório é identificada no mapa mental, esse marco é o elemento que conecta a pessoa no espaço, a presença de árvores no desenho também traduz a forma como a ambiência é percebida, relacionando os elementos naturais com o conforto que é percebido durante a apropriação do espaço.

O modo de vida urbano atual não compreende e não contempla a dimensão humana da vivência, nesse mapa são identificados uma série de elementos que podem ser



classificados de acordo com o modelo de Lynch. Os elementos são percebidos de acordo com o uso que é dado no espaço. A representação das paradas de ônibus também define os pontos focais que direcionam a pessoa no espaço. Na praça, a estátua representada no mapa identifica um marco, que faz com que as pessoas identifiquem os lugares da praça que mais costumam se apropriar, essa relação de identidade com o lugar e está diretamente ligada a construção do senso de lugar. É possível identificar que a vegetação é algo bem marcante para essa pessoa, ela representou em cada espaço que usa a vegetação que mais lhe chama atenção. Nesse caso, a vegetação é algo que marca o conjunto da imagem da cidade.

De acordo com a figura número 04, o entrevistado também usa do sistema de transporte coletivo, sua moradia está localizada na zona norte da cidade. A casa do entrevistado é demarcada por um ponto, nenhum elemento do bairro em que vive foi identificado no mapa. Durante o trajeto percebe-se que a percepção de dentro do coletivo fica comprometida, sendo identificados apenas algumas árvores. No centro, o entrevistado demarcou a prefeitura da cidade, segundo ele, o trajeto até a praça sempre inclui passar na frente da prefeitura, pois ele trabalhou a vida toda ali. Na praça não foi identificado nenhum elemento que identificasse algum tipo de relação ou familiaridade com o local.

Nesse mapa, foram identificados poucos elementos que estruturam a imagem da cidade, e faz com que a percepção espacial fique comprometida. Apenas os elementos mais marcantes do uso definirão que áreas da cidade são ocupadas. O senso de lugar desse entrevistado é percebível apenas em dois pontos, na prefeitura e na praça, onde ele identifica os elementos com maiores detalhes e relações. Na prefeitura é identificada como um elemento marcante para essa pessoa, e esse elemento interfere nas escolhas de seus trajetos.

O mapa mais estruturado foi desenhado por uma pessoa que se locomove a pé (figura 05). Quem anda conhece mais caminhos e acaba aprendendo a fazer melhores escolhas para uma experiência de deslocamento mais agradável. Este mapa traz diversos elementos que querem mostrar o bairro em todos os seus aspectos, que vão

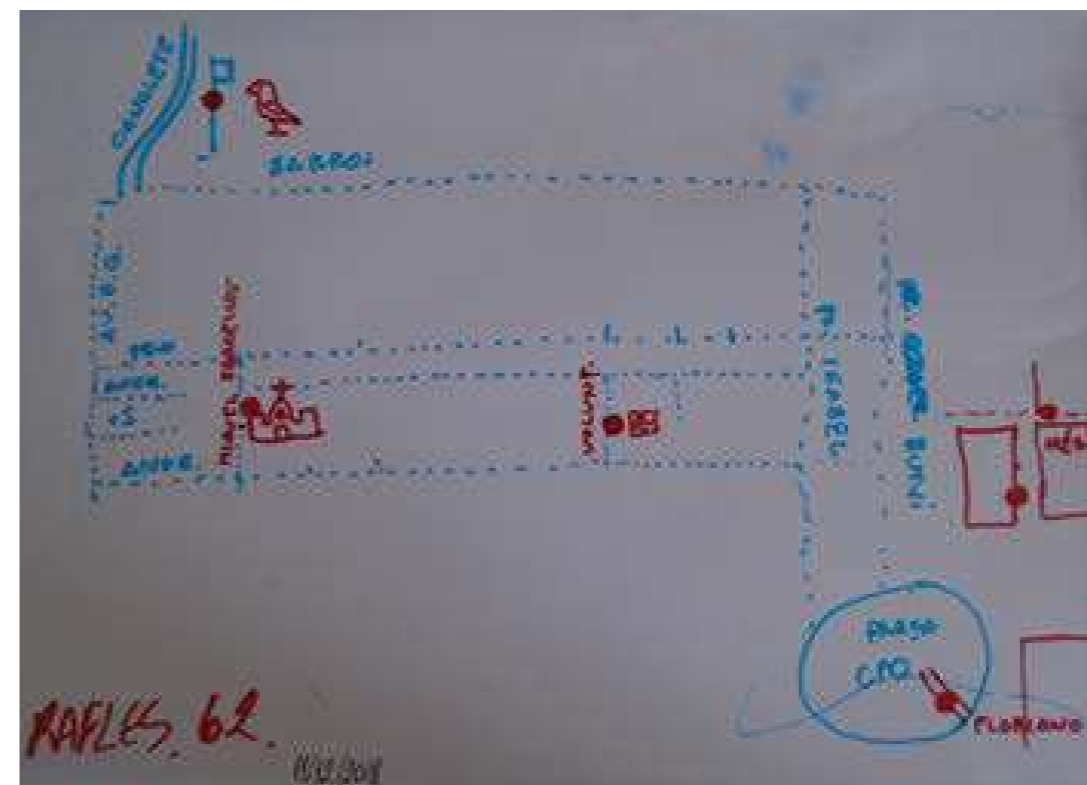


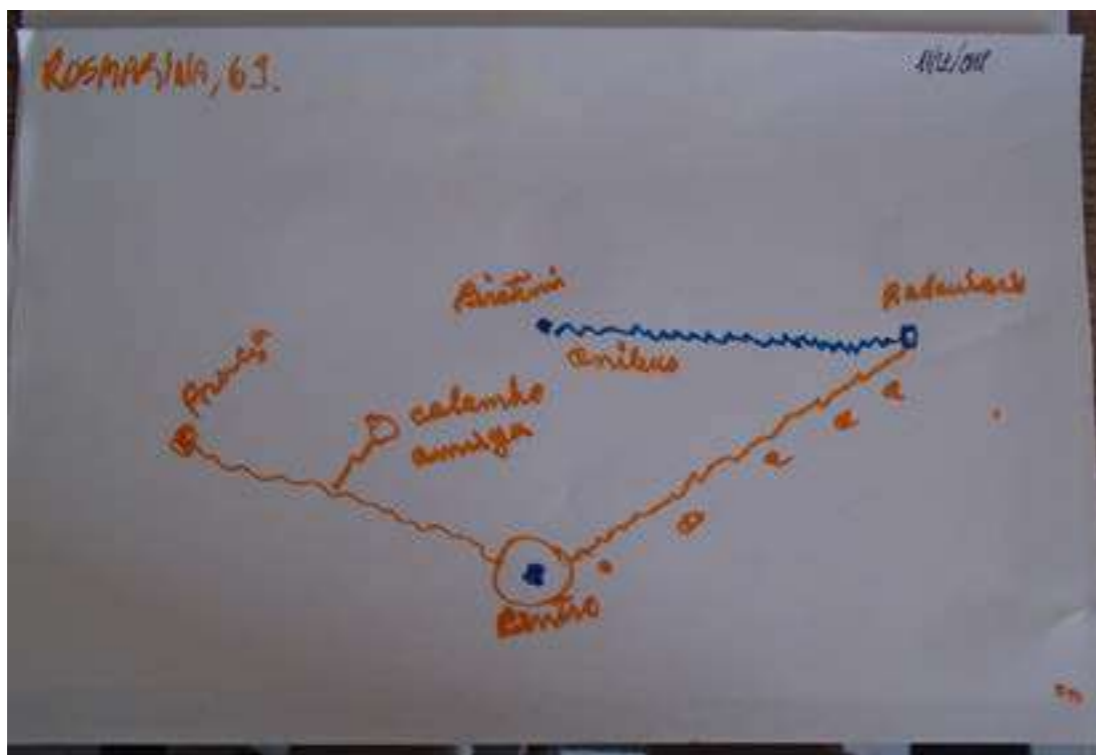
Figura 05: Mapa mental Rafles, 62 anos, 2018. Do autor, 2018.

do lugar turístico ao comum. Ambientes isolados e espaços de convivência interligados pelas vias que passam por canais hídricos, por igrejas, por restaurantes, e pelo mercado público da cidade. Na região que corresponde a moradia do entrevistado foram marcados os principais elementos que estruturam a imagem daquele lugar. Se observa que o entrevistado relacionou diversas ruas e caminhos que ligam sua moradia com os espaços de apropriação da cidade, esses caminhos são escolhidos não pela distância, mas pela quantidade de elementos que são possíveis identificar no espaço. Os pontos vermelhos marcam os pontos que o entrevistado mais utiliza, e é nesses pontos que a percepção fica mais evidente, os elementos marcantes relacionam o sujeito com o espaço. Na praça, o entrevistado demarcou a área da praça que costuma se apropriar, ele marcou um dos caminhos principais da praça que direcionam o fluxo de pessoas.

De acordo com o mapa representado pela figura 05, pode se observar que a forma de planta baixa, demonstra um bom conhecimento espacial da área, completado com características formais e sistematizadas. Os trajetos, por se darem a pé, estruturam muito mais a relação do usuário com o ambiente em que vive. Nessa representação, os caminhos que apresentam maior quantidade de pontos focais e elementos marcantes ganham mais possibilidades e destaque no desenho. É possível também identificar os limites do espaço, o canalete e a praça aparecem quase que como elementos de fronteira no espaço. A praça e o mercado também podem ser classificados como marcos do espaço urbano, mas nesse caso não são os únicos lugares de apropriação do entrevistado. A variedade de apropriações também pode ser relacionada com a forma do descolamento, pois nossos espaços vão nos chamando atenção e novas apropriações vão surgindo.

De acordo com o mapa mental representado pela figura 06, estão presentes elementos dispersos e as ruas que são os elos de ligação entre a pessoa e os lugares. Os espaços se conectam pelas vias de circulação, formando uma rede de caminhos entre a casa, o centro e a praça. A via interliga os elementos que estão dispersos e apontam a moradia, pontos modais, áreas de lazer e a relação com a cidade. Não traduz isolamento, mas ligação, feita pelo uso do transporte motorizado, que chega a





certos pontos. Revela a distância entre o sujeito e a paisagem construída, a distância entre o corpo e o lugar. Palavras representam o lugar, e a entrada pelas vias. O percurso que é feito por ônibus é representado por uma linha contínua e sem marcos ou pontos focais, é apenas uma via a ser percorrida para chegar ao destino, nenhum elemento além da rua é notado. Entre a rodoviária e o centro foram representados pontos que representam a unidade do ambiente construído, da chegada do centro até a praça é identificado um elemento que se conecta com o percurso.

As palavras que cercam os ícones reforçam a necessidade da expressão formal para fixar a ideia a ser mostrada. Durante o trajeto é identificado a predominância da paisagem construída demarcada nos pontos em laranja, uma unidade é formada pela distância entre as edificações, característica marcante da cidade de Pelotas. A falta de elementos marcantes nessa representação expressa a dificuldade com alguns usuários têm em interpretar as informações do espaço urbano, o único elemento que identifica a presença de alguma apropriação do espaço é um edifício onde mora uma amiga. A cidade deve ser compreendida como um lugar de vivência, o viver liga o corpo no espaço, na vida urbana, e as pessoas precisam dessas experiências (YAZIGI, 2000). Nesse mapa não há demarcação de elementos humanos, e a cidade desumanizada se transforma aos poucos em um ambiente sem vida.

## Conclusão

O ambiente urbano está em constante transformação, todos os dias surgem novos locais de referência, mas que só passam a ser pontos focais à medida que se transformam em espaços de identificação da expressão urbana, ou seja, a partir que esses locais se relacionam com as vivências do cotidiano. Cada cidade tem sua própria característica, cada bairro tem suas tipologias, e cada rua tem sua identidade, essa diferença deve-se a um conjunto de fatores ambientais, sociais e espaciais. É a soma desses fatores que levam os indivíduos a terem imagens diferentes dos mesmos lugares, a formação do mapa mental de cada um se deve as relações do meio que estão inseridos, além das relações intrapessoais que envolve a capacidade de abstrair do mundo real aquilo que é visível a si mesmo. Em outras palavras, as

representações mentais refletem a imagem que cada indivíduo tem sobre o lugar, baseado em suas experiências e vivências.

Atualmente, parece haver um esforço para eliminar o caminhar nas cidades, as dinâmicas urbanas são muito rápidas, o andar cede lugar ao deslocamento motorizado. Nesse sentido, a cidade é pensada no tempo do carro. A pessoa que se desloca através de veículos está escondida sob proteção dos vidros, não há encontro corpo-a-corpo, não há vivência efetiva, as distâncias encurtam devido ao descolamento rápido, o tempo da cidade é rápido demais para a percepção. O fato de não encontrar rostos e de não andar entre as pessoas, nega muitas informações à percepção, alterando a construção da imagem mental da cidade. Este estudo verificou que a percepção de quem realiza os deslocamentos através da caminhada é muito mais abrangente, onde o espaço fornece um número muito maior de informações. Essa quantidade de informações traz consigo muitos elementos que estruturam a imagem da cidade, esses elementos podem variar de acordo com a ambiência, mas tem características que identificam o todo.

A soma das análises dos mapas mentais contribui no entendimento de como um lugar é visto através da percepção e das vivências dos moradores da cidade. Esse método possibilita diversas interpretações ao mesmo tempo, proporcionam um olhar mais sensível dos espaços, que estão impregnados de elementos subjetivos presentes no seu cotidiano, e se forem levados em conta nos planejamentos urbanos, podem colaborar na orientação espacial de pessoas com mobilidade reduzida, tornando o espaço mais legível. As vivências do lugar possibilitam diversos tipos de encontros, que são gravados na memória das pessoas. Esses encontros contribuem para a construção do processo cognitivo, e são captados nos mapas mentais.

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, Fabíola de Oliveira et al. *Análise de métodos para avaliação da qualidade de calçadas*. 2003.
- ARTHUR, P.; PASSINI, R. *Wayfinding: people, signs and architecture*. New York: McGraw-Hill, 2002.
- ASSIS, Diva Carolina Antas de et al. *O caminhar da pessoa cega: análise da exploração de elementos do espaço urbano por meio da bengala longa*. 2018.
- BARRETTO, Margarita; GISLON, Jacinta Milanez. *O flâneur revisitado: processos de revitalização urbana e caminhabilidade*. Revista Hospitalidade, n. 1, 2013.
- BARROS, Lilian Ramos. *A Cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a Teoria de Goethe*. São Paulo: Ed. Senac, 2006.
- BINS ELY, Vera Helena Moro. Orientar-se no espaço: condição indispensável para a acessibilidade. In: *Seminário Nacional de Acessibilidade no Cotidiano*, 1, 2004. Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- BLADES, M. e LIPPA, Y e GOLLEDG, R.G. e JACOBSON, R.D. e KITCHIN, R.M. *Wayfinding by people with visual impairments: The effect of spatial tasks on the ability to learn a novel route*. Journal of Visual Impairment and Blindness, Vol. 96, nr 6, 407-419, 2002.

BRASIL. Decreto nº 3.298. da Lei nº 7.853. *Do direito à possibilidade de integração das pessoas com limitações na cidade, a partir da eliminação de barreiras de acesso às ruas*. Diário Oficial. Brasília. 24 de outubro de 2010.

CENTEIO, Hélia, Dias, Sandra, Susana, Rito,, Santinha, Gonçalo, Vicente, Henrique, Sousa, Líliliana, Aveiro: *Cidade amiga das pessoas idosas!?*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia [en linea] 2010.

DA SILVA DAVID, Jéssica; ANTUNES, Ximene Martins; GURGEL, Verônica Torres. *Cidade acessível: Igualdade de direitos e particularidades da pessoa com deficiência visual*. Mnemosine, v. 5, n. 1, 2009.

DORNELES, Vanessa Goulart; URB, Msc Arq. *Acessibilidade espacial do idoso no espaço livre urbano*. ABERGO, Curitiba, 2006.

DOWNS, R.; STEA, D. *Maps in minds*. New York: Harper and Row, 1973.

DUARTE, F.; LIBARDI, R. e SANCHEZ, K. *Introdução da Mobilidade Urbana*. Curitiba: Juruá, 2010.

GEHL, Jan. *Cidades Para Pessoas*; tradução Anita Di Marco. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

KANASHIRO, Milena. *A cidade e os sentidos: sentir a cidade*. Desenvolvimento e meio ambiente, v. 7, 2003.

KON, Sergui e DUARTE, Fábio. *A (des) construção do caos: propostas urbanas para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de et al. *Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola*. Cadernos Cedes, 2008.

LOCATELLI, Luciana. *Orientação espacial e características urbanas*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Planejamento urbano e regional da UFRGS. Porto Alegre, outubro de 2007.

LYNCH, Kevin. *The image of the city*. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

MAGAGNIN, Renata Cardoso; DA SILVA, Antônio Néelson Rodrigues. *A percepção do especialista sobre o tema mobilidade urbana*. Transportes, v. 16, n. 1, 2008.

MANO, Cássia Moraes. *Orientação espacial em desenho urbano tradicional e modernista: estudo em campi universitários da UFRGS*. 2016.

MARICATO, Ermínia. *Planejamento urbano no Brasil: as idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias*. ARANTES, Otília B., MARICATO, Ermínia e VAINER, Carlos. O Pensamento Único das Cidades: desmanchando consensos, Petrópolis, Ed. Vozes, Coleção Zero à Esquerda, 2000.

MARQUES, Taícia Helena Negrin; BATISTELA, Tatiana Sancevero. *Percepção da*

*caminhabilidade no entorno da interseção das avenidas Engenheiro Caetano Álvares e Imirim*. Revista LabVerde, n. 12, p. 151-177, 2016.

MELAZO, Guilherme Coelho. *Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano*. Olhares & Trilhas, 2005.

MENDES, Andrezza Barbosa; FIGUEIREDO, Chenia Rocha. *Avaliação da acessibilidade em edifícios públicos em Brasília*. XIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC 2010. Canela RS, 2010.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. *Atendimento adequado às pessoas com deficiência e restrições de mobilidade*. Brasília: Governo Federal, 2004.

MOORE, Gary. *Knowing about environmental knowing: the current state of theory and research on environmental cognition*. Environment and Behavior, v.11, n.1, p. 33-70, 1979.

MOROSZCZUK, Jessica Azambuja. *Percepção e definição de lugares: a realidade de Porto Alegre*. Porto Alegre, 2014.

MOUETTE, Dominique; WAISMAN, Jaime. *Os pedestres e o efeito barreira*. 1998.

NAOUMOVA, Natalia. *Qualidade estética e policromia de centros históricos*. 2009.

OLIVEIRA, Lívila. *Percepção do meio e geografia*. Ciência e Tecnologia, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 14-28, 2006.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: arquitetura e os sentidos*. John Wiley & Sons, 1996.

PASSINI, Romedi. *Wayfinding in Architecture*. Van Nostrand Reinhold, New York, N.Y. v.4. 229 pp.1992.

PEREIRA, Sílvia Regina. *Percursos urbanos: mobilidade espacial, acessibilidade e o direito à cidade*. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo*. Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 377-96, 1996.

PESSOA, Denise Falcão. *Desafios do desenho urbano para a cidade contemporânea*. Arqtextos, São Paulo, ano 16, n. 192.06, Vitruvius, maio 2016.

PORTELLA, Adriana Araújo. *A qualidade visual dos centros de comércio e a legibilidade dos anúncios comerciais*. 2003.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso et al. *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, p. 01-22, 1983.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara de. *Mobilidade urbana e cidadania*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.



VIEIRA, Rafaela; MORASTONI, Raíza. *Qualidade das calçadas na cidade de Camboriú/SC: em busca da acessibilidade e mobilidade sustentável para área turística*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 7, n. 2, p. 239-259, 2013.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. *O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse novo ator social, titular de direitos*. Cadernos Cedes, p. 179-188, 2010.

WOOD, Denis. *The power of maps*. New York: Guildford Press, 1992.  
WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. 2005.

YÁZIGI, Eduardo. *O mundo das calçadas: por uma política democrática de espaços públicos*. Humanitas, FFLCH/USP, 2000.

ZAMPIERI, Fábio Lúcio Lopes. *Modelo Estimativo de Movimento de Pedestres baseado em sintaxe espacial, medidas de desempenho e redes neurais artificiais*. 2006.

ZAMPIERI, Fábio Lúcio; RIGATTI, Décio. *A Atividade Comercial como potencializadora do movimento de pedestres nos centros urbanos: Um Modelo Baseado em Redes Neurais Artificiais*. Anais do II Colóquio [Inter] Nacional sobre Comércio e Cidade. São Paulo, 2008.

# VOYERISMO URBANO

## Observar la ciudad a través de los cuerpos

Mónica Díaz-Vera<sup>1</sup>

### Resumen

Salir a observar la ciudad implica observar a quienes la habitan: conectar con un sinfín de situaciones y experiencias cargadas de subjetividades de los otros cuerpos que no son el mío, pero que evocan y despiertan mi condición viva, parte de la experiencia común de ser cuerpo sentido y sintiente. Observar a los cuerpos que habitan la ciudad es lo que nos permite ir al corazón de las cosas, al corazón de un lugar. Tomando como base el cuestionamiento del rol del cuerpo humano y su experiencia en el espacio urbano, surge la siguiente invitación a conocer y situarnos en las problemáticas físicas, emotivas y políticas que enmarcan los diversos encuentros e intercambios que alimentan a la ciudad. Revelando una vez más nuestra condición de estar vivos y en contacto directo con las diferentes materialidades del mundo.

Palabras-chave: corporalidad, prácticas urbanas, representación, arquitectura.

## URBAN VOYEURISM

### How to observe the city through human bodies

### Abstract

Going out to observe the city also implies observing those who inhabit it, connecting the observer with endless situations and experiences filled with subjectivities of the others' bodies. That can evoke and awaken a living condition, part of the common experience of being a felt and sentient body. An observer body of the bodies that inhabit the city is what allows us to go to the heart of things, to the heart of a place. Based on the questioning of the role of the human body and its experience of the urban space, the following invitation arises to meet and place ourselves in the physical, emotional and political problems that frame the different encounters and exchanges that make the city. Revealing once again our condition of being alive and in direct contact with the different materialities of the world.

Keywords: embodiment, urban practices, performative, architecture.

### Introducción

La poesía está en el comercio del poema con el lector, no en la serie de símbolos que registran las páginas de un libro. Lo esencial es el hecho estético, el thrill, la modificación física que suscita cada lectura.<sup>2</sup>

Experimentar la arquitectura es por sobretodo un hecho corporal. Es un contacto cuerpo a cuerpo con las diversas materias que construyen nuestro entorno: los materiales y sus texturas, las luminosidad y penumbras, los sonidos, los aromas, pesos y formas. Lo abierto y lo cerrado, lo cercano y lejano. La naturaleza y los otros cuerpos.

Cuando experimentamos un espacio arquitectónico, sea este una calle o edificio, todos nuestros sentidos entran en acción, haciéndonos parte de ese mundo, haciéndonos uno con él. La experiencia de la arquitectura es una experiencia encarnada. Afecta nuestros cuerpos, sus sentidos y emociones. Así como existen espacios donde nos es posible sentirnos acogidos, felices y en plenitud, también existen otros donde sucede lo diametralmente opuesto. Pareciese ser que nuestros cuerpos siguen considerándose objetos entre objetos: un dato, un número, una medida estándar. Nos sentimos cada vez más alejados de aquellos espacios que deberíamos considerar como nuestros. La distancia entre lo deseado por lo habitantes y lo producidos por lo agentes planificadores de la ciudad va creciendo y la complejidad aumentando. De ahí la necesidad de plantear una nueva postura, desde la Arquitectura, centrada en la condición humana y corporal de quienes la habitan y transitan.

El siguiente artículo plantea una reflexión sobre los alcances actuales que tiene la arquitectura sobre temáticas de cuerpo, a través del planteamiento de nuevos desafíos sobre el cómo construir un discurso "corporalizado" del espacio, desde una disciplina donde mayoritariamente el desarrollo de ésta está mermado al hecho de "hacer" objetos para la contemplación y regocijo del pensamiento, dejando de lado las percepciones y sensaciones corporales que a menudo trascienden el lenguaje racional y el de las palabras.

En una primera parte, se hará revisión de una pequeña selección de textos e hitos clave en la significación del cuerpo, develando las distintas etapas y roles de éste en la historia de la .Arquitectura.

En una segunda parte, se planteará el esbozo de una nueva re-significación del cuerpo, supeditada a la experiencia encarnada de la Arquitectura. Complementario a esto, se expondrá los primeros alcances (y posibles) de la metodología experimental denominada *Voyerismo Urbano*, que abre la puerta a la generación de futuros conocimientos a partir de la observación de los cuerpos que habitan la ciudad y que enmarcan los diversos modos de habitar un aquí y un ahora.

<sup>1</sup> Doctoranda en Arquitectura por la Universidad Politécnica de Valencia. Directora del Laboratorio de Prácticas Urbanas El Cuerpo en la Ciudad.

<sup>2</sup> Jorge Luis Borges.



## Un pequeño recorrido por la significación del cuerpo en la Arquitectura

*Me siento a mi mismo en la ciudad  
y la ciudad existe a través de la experiencia encarnada.  
La ciudad y mi cuerpo se complementan y se definen uno al otro.  
Habitó en la ciudad y la ciudad habita en mí.<sup>3</sup>*

A lo largo de la historia de la Arquitectura, variados fueron los teóricos y arquitectos que se aventuraron a definir el rol del cuerpo en la disciplina, discursos que tenían repercusión directa en el modo de entender y proyectar los futuros tejidos arquitectónicos, tanto edificios como ciudades.

He decidido rescatar algunos hitos/apariciones clave dentro del relato del cuerpo humano en la Arquitectura, y como ha afectado en su significación a la hora de teorizar y/o llevar a la práctica la disciplina. A partir de ello he sintetizado la información en tres roles clave que expongo a continuación:

### *El cuerpo como guía*

La primera significación del cuerpo en la Arquitectura, tiene a dos importantes tratadistas que marcaron hitos clave en la historia de la disciplina: Marco Vitruvio y León Battista Alberti. En ambos escritos, se observa como el cuerpo humano se sitúa como una carta de ruta a la hora de desarrollar una obra de arquitectura, ya sea guiando en función de sus grados de afectación de la salud respecto al medio y/o sirviendo, a través de sus partes, a un sistema de medición antropomórfico.

Durante el siglo 1 a.c. Vitruvio dedica al emperador Augusto su tratado *Los diez libros de arquitectura*. El texto es hito en la historia de la Arquitectura puesto que fue el primer escrito donde se definía la disciplina y la labor del arquitecto en ella. Además, ofrecía de forma ordenada y sistemática, diversos conocimientos sobre la construcción: principales definiciones de los elementos y partes de la obra, materialidades a utilizar, estructuras y tipos de edificación, entre otros.

Respecto a la significación del cuerpo en Arquitectura, Vitruvio describe la composición de los cuerpos a través de los cuatro elementos primarios: fuego, aire, tierra y agua. La presencia de estos elementos, en variadas proporciones, en el cuerpo animados condicionará la relación de éstos con los medios geográficos y sus condiciones ambientales. Esta situación de afectación espacial/corporal será determinante en la salud de las personas que lo habitan, así como también en los de los animales presentes en el lugar. El estudio sobre la influencia de las características del medio en los cuerpos que habitan el lugar, seguirá profundizando más adelante el italiano León Battista Alberti.

Pero sin lugar uno de los mayores legados que deja la obra de Vitruvio, además a su famosa triada, es un sistema de medición basado en las proporciones de las partes del cuerpo humano:

Por tanto, si la naturaleza ha formado el cuerpo humano de modo que sus miembros guardan una exacta proporción respecto a todo el cuerpo, los antiguos fijaron también esta relación en la realización

completa de sus obras, donde cada una de sus partes guarda una exacta y puntual proporción respecto a la forma total de su obra. (...) Igualmente, a partir de otros miembros del cuerpo humano, concluyeron el cálculo de las distintas medidas que son precisas en cualquier construcción, como son el dedo, el palmo, el pie y el codo, y las fueron distribuyendo en un cómputo perfecto, que en griego se llama teleon. Los autores antiguos fijaron un número perfecto, que es el llamado número diez, pues es el número total de los dedos de la mano; a partir del palmo, descubrieron el pie (VITRUVIO, 1997, p. 83).

Varios siglos más tarde, en el año 1452, el papa Nicolás V recibe en sus manos el tratado *De re Aedificatoria* del Arquitecto León Battista Alberti. El texto, primer intento de tratado moderno de la teoría arquitectónica, propone una re-lectura al trabajo realizado por Vitruvio, bajo una visión crítica y humanista.

En el texto, Alberti vuelve a mencionar la preocupación de los antiguos por la salud de las personas que habitarán el medio, aportando los antecedentes necesarios para la revisión de las relaciones materiales/geográficas del lugar y su grado de afectación/relación en los cuerpos de los habitantes, situando el clima y la calidad del aire como puntos clave a la hora de procurar salud. Ejemplo de ello son las repercusiones de las condiciones climáticas sobre el cuerpo humano en relación a la elección de zonas algo frías y secas por sobre una demasiado cálida y húmeda en exceso:

El frío se combate con techos, con muros, con ropa, con el calor del fuego, con moverse. Y el ambiente seco, piensan en sí mismo, no tiene por qué perjudicar a los hombres, ni física ni psíquicamente. Aunque opinan también que el cuerpo humano se pone duro en el ambiente seco, que quizás se vuelve áspero con el frío; y afirman que con la humedad todos los cuerpos se pudren y que con calor se debilitan. Y es posible observar que no sólo las personas que disfrutan de un clima frío sino en especial quienes habitan en un lugar frío gocen de una salud fuerte y se ven libres de enfermedades, aunque mantienen que en lugares de clima cálido se señalan las personas por su inteligencia, en los de clima físico por su fortaleza física. Sin embargo, la mejor región de todas será aquella que sea algo húmeda y templada: en efecto, esta tierra producirá gentes de llevada estatura y grácil aspecto, a la vez que muy poco propensas a las depresiones (ALBERTI, 1991, p. 68).

Alberti pone en valor la consideración del medio y su influencia directa en el estado físico y psicológico de quienes habitan en un determinado entorno, el cual se rige bajo ciertas condiciones ambientales. Esto da paso a una consideración del cuerpo humano más allá de sus proporciones en lo que respecta a un futuro proyecto, sino que denota la importancia de las relaciones del cuerpo con el medio y su influencia en la salud y la realización de éste. Menciona también que es importante prestar atención a lo que está más allá de la vista y de la luz del día, prestando atención al hecho en su conjunto:

Y habrá sin duda indicios de un aire prístino y de aguas saludables, si es medio produce abundancia de frutos de calidad, si hace vivir a gran número de personas ancianas, si posee gran abundancia de jóvenes sanos y de bello aspecto, si llegan a buen término y se producen con frecuencia partos (ALBERTI, 1991, p. 71).

<sup>3</sup> Juhani Pallasmaa.

Nuevamente Alberti revela la importancia e influencia del medio en los cuerpos de sus habitantes y cómo el estado de éstos, en cuanto a salud, longevidad y buen aspecto son consecuencias de la relación armónica con el entorno.

### El cuerpo como dato

Uno de los hitos que marcó mayor influencia en la arquitectura actual, surgiría a mediados del siglo XX, en pleno movimiento moderno, junto a la mano del arquitecto francés Le Corbusier: El modulator.

Según palabras de su propio autor, el Modulator brindaba una alternativa de medición ante los sistemas anglosajones y el sistema métrico decimal (Le Corbusier, 1961). Basado en los estudios de Vitruvio sobre las medidas y proporciones del cuerpo humano, el modulator representaba al hombre moderno, al cuerpo seriado y estandarizado. Sin historia, sin cultura, pura biología. Un hombre masculino, europeo, joven y saludable.

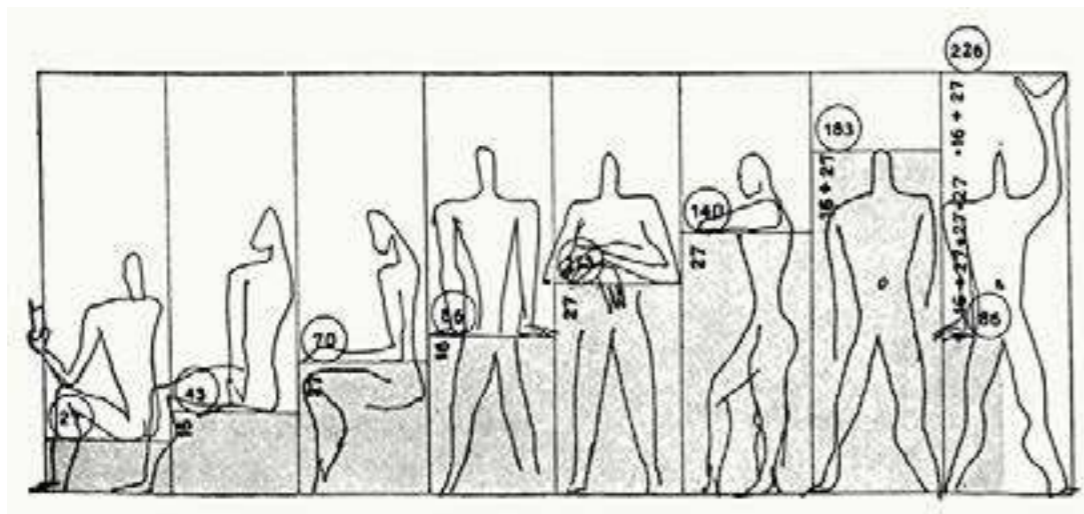


Figura 1. El modulator. Fuente: [www.iconeye.com](http://www.iconeye.com)

Años atrás, Le Corbusier había publicado *Hacia una Arquitectura* (1923), texto donde otra de sus paradigmáticas ideas se situaba como discurso arquitectónico: La máquina de habitar. En pleno auge del movimiento moderno, la concepción de la vivienda como máquina fue tema frecuente en el estudios de Le Corbusier. La vida moderna necesitaba de una arquitectura moderna, estandarizada:

Hay que crear el estado de espíritu de la serie.  
El estado de espíritu de construir casas en serie.  
El estado de espíritu de habitar casas en serie.  
El estado de espíritu de concebir casas en serie.

Si se arrancan del corazón y del espíritu los conceptos inmóviles de la casa y se enfoca la cuestión desde un punto de vista crítico y objetivo, se llegará a la casa herramienta, a la casa en serie, sana (moralmente también) y bella con la estética de las herramientas de trabajo que acompañan nuestra existencia (LE CORBUSIER, 1998, p.185)

La presencia del concepto de la máquina de habitar en el espacio doméstico y aparición del Modulator como objeto-dato, dejan en evidencia la anulación de experiencias espaciales diversas y heterogéneas, al estandarizarse tanto el tejido-objeto como el cuerpo-sujeto. La experiencia espacial entonces, pasa a ser un mero

simulacro, donde las invitaciones corporales y/o encarnadas se limitan a actividades condicionadas por el programa de esta arquitectura-máquina.

¿Es el cuerpo-modulator el que constituye a la casa-máquina? ¿o es la casa-máquina la que constituye este cuerpo estandarizado? Pareciese ser que nos enfrentamos a una máquina de habitar al servicio de la reproducción de habitantes homogéneos, estandarizados (NUVIALA, 2014). Habitantes que al mismo tiempo alimentarán, a través de las mismas necesidades-tipo inculcadas en su espacio cotidiano, la demanda por más casas seriadas, representaciones de un vida ideal y funcional al sistema que la soporta:

Estudiar la casa, para el hombre corriente, universal, es recuperar las bases humanas, la escala humana, las necesidades-tipo, la función-tipo, la emoción-tipo. Así es. Es capital, es total (LE CORBUSIER, 1998, p. 16).

Hoy en día, la arquitectura androcéntrica y estandarizada sigue presente como un sueño moderno extendido, la significación del cuerpo como dato sigue ejerciendo y provocando las distancias entre lo deseado y lo producido, por ello, es vital acudir al reencuentro de la experiencia corporal en la arquitectura a partir de las prácticas espaciales producidas por los cuerpos que habitan en su diversidad. Cuerpos sentidos y sintientes, que se construyen y desenvuelven espacialmente a través de quehacer físico, de sus emociones, y no por funciones tipo.

### El cuerpo como relato

Es aquí donde la experiencia espacial del ser humano es punto de partida en el desarrollo del proyecto de arquitectura. El cuerpo es entendido en su actuar en-el-espacio y con-el-espacio, por lo cual todas las decisiones de diseño son tomadas bajo conciencia del grado de *afectividad* que estas puedan tener sobre el hombre, afectándolo física, psíquica y emocionalmente.

Esta significación del cuerpo es posible verla en una de las obras emblemáticas de Alvar Alto y Aino Aalto: el Sanatorio Paimio. Si bien no corresponde a un texto o tratado como los ejemplos anteriormente expuestos, su valor espacial respecto a las relaciones corporales lo sitúa como una declaratoria teórico práctica relevante de citar. El edificio de líneas modernistas acogía a personas que padecían tuberculosis, por lo que el diseño de sus espacialidades fue estudiado en profundidad con el fin de generar un espacio sanador y centrado en el paciente. Ejemplo de ello, son las decisiones sobre el diseño de las habitaciones a partir del cuerpo enfermo en reposo, así como también los lavabos inclinados para no generar ruidos molestos en la habitación conjunta. El mobiliario fue estudiado y diseñado de acuerdo a las necesidades físicas de los pacientes. Ejemplo la silla Paimio y las reposaderas diseñadas por Aino Aalto para facilitar el asoleamiento de los pacientes (aconsejable para la tuberculosis), las cuales presentaban un ángulo determinado para que el cuerpo pudiese reposar cómodamente y evitar que la sangre causara ahogamientos.

Años más tarde, Aalto se referiría a esta relación funcional al cuerpo en su texto *La humanización de la Arquitectura* (1940):

Pero si la arquitectura abarca todos los campos de la vida humana, el verdadero funcionalismo de la arquitectura debe reflejarse,





principalmente, en su funcionalidad bajo el punto de vista humano. Si analizamos más profundamente los procesos de la vida humana, podemos constatar que la técnica es solamente una ayuda, y no un fenómeno independiente y definitivo. El funcionamiento técnico no puede definir la arquitectura (ALTO, 1982, p.26).

Otro importante exponente en la significación del cuerpo como relato es Juhani Pallasma. Con el fin de aportar a los estudios teóricos sobre la Arquitectura, publica en el año 1996 *Los ojos de la piel*. El texto ensayo actúa como una crítica a la visión ocular-centrista imperante en el quehacer disciplinar, y plantea la idea del cuerpo humano como articulador de la experiencia arquitectónica:

Hacer arquitectura exige un pensamiento claro, pero éste es un modo concreto y encarnado de pensamiento que tiene lugar a través de los sentidos y del cuerpo, y a través del medio específico de la arquitectura. La arquitectura elabora y comunica ideas del enfrentamiento encarnado del hombre con el mundo mediante *emociones plásticas*. En mi opinión, la tarea de la arquitectura es *hacer visible cómo nos toca el mundo*, como dijo Merleau-Ponty de los cuadros de Cézanne. (PALLASMA, 2006, p. 47)

Asimismo, reivindica el rol de los sentidos como determinante en la construcción háptica del espacio, de ese diálogo táctil con el mundo, de ese *tocar* con todo el cuerpo, nos envuelve en un continuum, membrana sentida y sintiente a la vez:

Todos los sentidos, incluida la vista, son prolongaciones del sentido del tacto; los sentidos son especializaciones del tejido cutáneo y todas las experiencias sensoriales son modos del tocar y, por tanto, están relacionados con el tacto. Nuestro contacto con el mundo tiene lugar en la línea limítrofe del yo a través de partes especializadas de nuestra membrana envolvente (PALLASMA, 2006, p. 10).

Agregando:

Es evidente que la arquitectura enriquecedora tiene que dirigir todos los sentidos simultáneamente y fundir la imagen del yo con nuestra experiencia del mundo (PALLASMA, 2006, p. 11).

Por lo tanto, según el autor, la constitución de cuerpo se da por el contacto directo y recíproco de éste con las materias presentes en el espacio de lo construido. Esto es lo que se denomina como experiencia encarnada.

### La construcción encarnada de la arquitectura: hacia una nueva re-significación del cuerpo

La consistencia del cuerpo, lejos de rivalizar con la del mundo, es por el contrario el único medio que tengo de ir al corazón de las cosas, haciéndome mundo y haciéndolas carne.<sup>4</sup>

Para acudir al reencuentro del cuerpo en la Arquitectura, lo primero que debemos hacer es ir al reencuentro de nuestros propios cuerpos a través de su experiencia fenomenológica. Todos somos y tenemos un cuerpo, desde que somos presencia en el mundo nos constituimos como uno, es decir, no estamos separados del mundo, sino que somos-en-el-mundo. Nuestra inmersión en éste implica una afectividad recíproca que teje la espacialidad rebosante de sensaciones y significados: la carne. Merleau-Ponty percibe a la carne más allá de su condición de materia, es elemento, propiedad de ser sentido y sintiente a la vez:

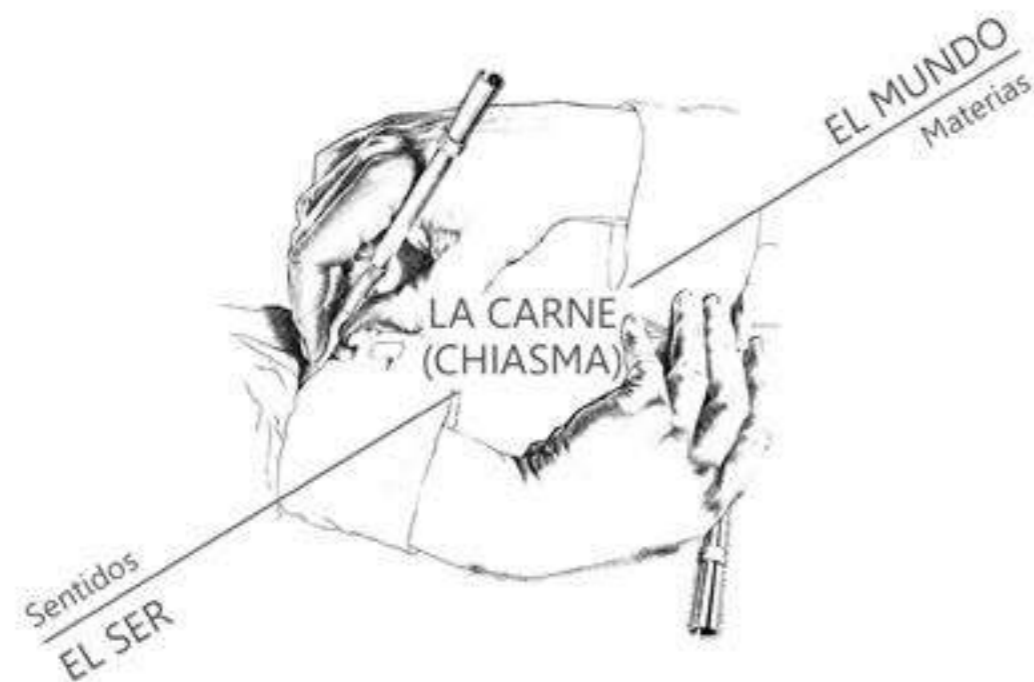
[...] mi cuerpo está hecho de la misma carne que el mundo (es un percibido), y que además esta carne de mi cuerpo es partícipe del mundo, él la *refleja*, él la invade y ella lo invade a él (lo sentido colma de subjetividad a la vez colma de materialidad), están en relación de transgresión o de traspaso – Esto quiere decir también: mi cuerpo no es sólo un percibido entre los percibidos, es modelo de todos. *Nullpunkt* de todas las dimensiones del mundo (MERLEAU-PONTY, 2010, p. 219-220).

Nos proyectamos en la materialidad del mundo y la materialidad del mundo se proyecta en nosotros a través de la experiencia del quiasmo: choque, entrelazo, sinergia absoluta. Somos conciencia encarnada. Nos forjamos como organismo, porque somos cuerpo sintiente y sentido a la vez. Esto significa que nuestra experiencia con el mundo de la cosas es al mismo tiempo una experiencia con nosotros mismos. Las cosas nos afectan al mismo tiempo que nosotros afectamos a la cosas:

El quiasmo no es solamente intercambio yo-otro (los mensajes que éste recibe llegan a mí, los mensajes que yo recibo llegan a él), es también intercambio de mí con el mundo, del cuerpo fenoménico con el cuerpo *objetivo*, de lo que percibe con lo percibido: lo que comienza como cosa termina como conciencia de la cosa, lo que comienza como *estado de conciencia* termina como cosa (MERLEAU-PONTY, 2010, p. 191).

<sup>4</sup> Maurice Merleau-Ponty.

A partir de ello, entenderemos nuestro cuerpo, como tejido sensorial en constante interacción con las materias configuradoras de mundo, instala la espacialidad de lo vivido y lo sentido. Y a los sentidos como modo de inmersión al espacio, materialización del Ser a través de la acción de tejer enlaces cuerpo-mundo, como si cada fibra de nuestro ser estuviese amarrada al mundo con su correspondiente.



Es así como construimos nuestra presencia y consistencia en el mundo, a través de la condición de ver y ser vistos, tocar mientras somos tocados. Esta conciencia encarnada nos sitúa en el espacio de lo tangible y visible a través de nuestra percepción, nuestro acceso a las cosas:

La percepción me abre el mundo como el cirujano abre un cuerpo, y percibe, a través de la ventana que realizó, órganos en pleno funcionamiento, captados *en su actividad*, vistos de lado. Es así como lo sensible me inicia en el mundo, como el lenguaje para otro: por suposición, *Ueberschreiten*. La percepción no es primero percepción de cosas, sino percepción de los elementos (agua, aire...) de *destellos del mundo*, de cosas que son dimensiones, que son mundos, yo me deslizo ente esos *elementos* y entonces me encuentro en el *mundo*, me deslizo de lo *subjetivo* al Ser. (MERLEAU-PONTY, 2010, p. 193)

Esta visión de construcción entrelazada del cuerpo plantea la urgencia de asumir su rol más allá de su límite que forja la piel: es organismo vivo, parte de una especie y de un proceso evolutivo, portador de tejidos heterogéneos e indivisibles de alta sensibilidad, denso en memorias físicas, sensoriales, psicológicas y emocionales. Por ello, y para abrir este camino reconciliatorio desde la arquitectura, es necesario comenzar reconociéndonos como cuerpos vivos, que sienten, que tocan, que se mueven y están en constante encuentro con la materia del mundo.

### Las dimensiones del cuerpo

Nuestra experiencia espacial está mediada por nuestra propia historia corporal,

experiencia encarnada supeditada al ejercicio de nuestros sentidos, entendidos como los intermediadores que conectan/entrelazan dicha experiencia con las diversas materialidades del mundo (físicas, vividas, deseadas). Nuestros sentidos nos constituyen también como seres individuales y únicos, mediando nuestro modo *acceder* y significar al mundo. Determina nuestra predisposición a las cosas a través de su *modo singular* de re-encontrarse éstas.

He planteado una serie de dimensiones involucradas en dicho proceso con el fin de caracterizar nuestra situación como cuerpo:



Figura 4: Inmersión de los sentidos en las materialidades del mundo. Fuente: Esquema de la autora.

*La dimensión física/biológica*, que enmarca las relaciones cuerpo a cuerpo con el espacio a través de nuestra condición de organismo vivo, con nuestras vísceras, órganos, huesos y fluidos, portador de procesos y mecanismos propios biológicos.

*La dimensión psicológica/emotiva*, que nos sitúa como ser rebosante de representaciones y significados, donde se dan cabida nuestras sensaciones mentales y emotivas, los deseos y aflicciones, los recuerdos y sentires.

*La dimensión cultural/social*, que determina nuestro acceso y comunicación con el entorno, la constituyen las prácticas del cuerpo, como primer instrumento, son los movimientos y gestos propios de nuestra cultura y sociedad. Es la manera en que nos representamos y re-significamos.

Y por último, *la dimensión histórica/política*, que condiciona el actuar civilizado, nuestra memoria, la opresión por parte del poder bajo el cual nos desplegamos como individuos. Es norma y disidencia a la vez. Son nuestras orientaciones y comportamientos.



## Voyerismo urbano: Observar la ciudad a través de los cuerpos

La arquitectura - la verdadera - sólo existe allí donde el protagonista es ese pequeño hombre común y corriente, allí donde él es el centro, con su tragedia y su comedia.<sup>5</sup>

Como se expuso en la primera parte de este artículo, la espacialidad del cuerpo no sólo está dotada de una condición universal e intrínseca, como tejido que se construye y se constituye con y en su entorno, sino que también posee una condición singular, donde los sentidos, como modo de inmersión al espacio, están condicionados a la caracterización propia de los modos de cada cultura y sociedad de relacionarse con el espacio, es decir, de comunicarse con las materias a través de sus posturas, movimientos y encuentros sensoriales. Reconociéndose como un sujeto condicionado a la vez por estructuras de poder y parte de una sociedad. Vivificando sus deseos, memorias y temores.

Es allí donde la disciplina tiene que estar alerta, puesto que ésta comprensión del "acceder singular" al mundo, es lo que finalmente da carácter a los espacios, los que pasan de ser meros contenedores estáticos a configuraciones espaciales cargadas de invitaciones a experiencias heterogéneas. Y para ello, es vital el estudio y visibilización de estas experiencias, que nos permitan leer y entender la ciudad desde las propias prácticas de sus habitantes. Es así como surge la aproximación al *voyerismo urbano*, como metodología de observación y estudio de aquellas prácticas corporales que se despliegan en los tejidos que enmarcan el habitar.

### El cuerpo como herramienta

Todas las personas hemos tenido la experiencia de sentirnos a gusto en un determinado espacio y/o lugar. Nuestra casa de infancia, la plaza donde jugábamos cuando pequeños, aquella estrecha y colorida calle camino al colegio o trabajo, el café donde nos gusta desayunar los domingos, por nombrar algunos casos, no sólo son fragmentos vividos que se atesoran en nuestra memoria, sino que también son recuerdos espaciales: vivencias cargadas de formas, aromas, colores, sabores, materialidades, luminosidades.

Será nuestra experiencia espacial la responsable de evaluar cuán confortables o no, nos sentimos en nuestro entorno. Por supuesto que es de vital importancia considerar otros factores que nos predispondrán al cómo vivimos dicha experiencia, por ejemplo nuestro estado de ánimo, salud, disposición a interactuar con el entorno, entre otras. Dicho juicio está en directa relación a cuán acogidos o no nos sentimos en un lugar, y es resultado de la evaluación de la herramienta más certera que poseemos: nuestro cuerpo.

El reconocido antropólogo y sociólogo Marcel Mauss en su texto *Técnicas del cuerpo* destaca la importancia de nuestro cuerpo como el primer instrumento que poseemos:

El cuerpo es el primer instrumento del hombre y el más natural, o más concretamente, sin hablar de instrumentos diremos que



Figura 5: El cuerpo como herramienta: praxis y complejidad. Fuente: Collage realizado por la autora.

el objeto y medio técnico más normal del hombre es su cuerpo (MAUSS, 1979, p. 342).

Este cuerpo-instrumento articula su relación con la realidad física del mundo a través de su propia praxis, prácticas que Mauss denomina técnicas corporales:

Hablo de técnicas corporales porque se puede hacer la teoría de la técnica de los cuerpos partiendo de un estudio, de una exposición, de una simple y pura descripción de las técnicas corporales. Con esa palabra quiero expresar la forma en que los hombres, sociedad por sociedad, hacen uso de su cuerpo en una forma tradicional (MAUSS, 1979, p. 337).

Por ejemplo, cuando llevamos a cabo la práctica corporal de caminar por una calle, es nuestro propio cuerpo el que nos informa sobre la condición del pavimento, si está desnivelado, si su textura es agradable o no al caminar. Esta situación de conciencia corporal se denomina propiocepción, y es el sentido por el cual adquirimos información sobre las posiciones y movimientos de nuestros propios cuerpos, a través de receptores localizados en los músculos, articulaciones, ligamentos y piel.

Bárbara Montero en su texto *Proprioception as an aesthetic sense* (2006), amparándose en la neurobiología (neuronas espejo) y en el estudio empírico de la experiencia de bailarines, afirma que, al igual que la visión y la audición, es posible considerar la propiocepción como un sentido estético y emitir juicios estéticos a partir del movimiento:

[...] así como uno puede considerar una pintura hermosa basada en la experiencia visual, uno puede considerar hermoso cierto movimiento basado en la experiencia propioceptiva del movimiento [...] en cierto sentido, un observador puede percibir la belleza del movimiento del otro.

A partir de lo expuesto, podemos argumentar que el cuerpo más allá de su constitución

<sup>5</sup> Alvar Aalto.

compleja, es herramienta e instrumento en sí mismo. Y que a través su praxis, es posible visibilizar ciertas relaciones encarnadas tanto positivas como negativas. Lo que nos permitiría generar conocimiento sobre nuestro entorno a partir de la observación de los cuerpos que transitan y habitan la ciudad.

### Aproximaciones para la observación los cuerpos en la ciudad

*Me declaro una voyerista urbana.  
Me gusta observar a las personas.  
Ver cómo sitúan sus cuerpos en la ciudad,  
como se mueven, transitan y gozan.  
Para mí, el valor real de la arquitectura y la ciudad  
no reside en los objetos ni edificios,  
sino en el entramado que tejen personas  
en el espacio de lo construido.*

Al salir a observar los cuerpos que habitan la ciudad se debe estar muy consciente del presente. Observar requiere tener nuestra mente y corazón atentos y conscientes. Limpiar las ansiedades del pasado y futuro será vital. Las subjetividades presentes en las experiencias que enmarcan el habitar son algo tímidas, a la mera distracción desaparecen sin explicación alguna. De ahí la importancia de la mirada atenta un corazón tranquilo y una mente alerta.

La ciudad nos regala un sin fin de situaciones, paisajes y contactos que van construyendo el espacio de lo vivido. En este tejido espacial, deambulan, habitan e interactúan los diversos cuerpos que, en su heterogeneidad de formas, orientaciones, tiempos, van orquestando la condición viva del tejido urbano.

La observación, como metodología de las ciencias sociales, ofrece una interesante posibilidad de análisis de las prácticas corporales que se desarrollan día a día en mundo de lo construido. Y es la ciudad el escenario ideal para su registro.

La metodología se encuentra actualmente en su primera fase, relacionada al levantamiento audiovisual de situaciones corporales/espaciales que revelen y/o evidencien las realizaciones encarnadas de los personas presentes en el determinados espacios públicos a estudiar. Parte de esta fase es la generación de un registro digital (clip), el cual es compartido a través de la red social del proyecto ([www.instagram.com/elcuerpoenlaciudad](http://www.instagram.com/elcuerpoenlaciudad)), que sirve como repositorio e instancia de intercambio recíproco por medio del *Reconocerse a través de los otros*.

A continuación se exponen algunas consideraciones constituyen la metodología del levantamiento de prácticas:

- Énfasis en la dimensión lúdica y subjetiva del práctica a observar; estableciendo claramente que el ejercicio realizado pertenece a la vivencia concreta de un yo que observa a un otro, inscribiendo la experiencia observada como instancia de un *aquí y ahora*.
- Concentración en las dimensiones perceptuales ligadas a la corporalidad (nociones de propiocepción, sinestesia, técnicas del cuerpo, transgresión, memoria física, temporalidad, emotividad, energía u otras conocidas).
- Consideración de las variables biográficas y fisiológicas necesarias para la



contextualización de la explicación de la observación; intentar explicar en qué medida se construye el cuerpo observado en función del espacio que lo rodea bajo sus variables materiales e inmateriales más concretas.

Esta información ha sido complementada con la siguiente propuesta de clasificación de calidades según las dimensiones del cuerpo descritas anteriormente y que se encuentran actualmente en etapa de desarrollo:

#### Calidades Físicas/Espaciales:

- Reposo/Movilidad
- Luz/Sombra
- Texturas/Rugosidades
- Refugio/Apertura
- Natural/Artificial

#### Calidades Emotivas/Psicológicas:

- Expresiones
- Lenguaje corporal (relajado/tenso)
- Expresiones verbales

#### Calidades Sociales/Culturales

- Memoria
- Tradiciones
- Prácticas corporales

#### Calidades Histórico/Políticas

- Transgresiones/Adecuaciones
- Orientaciones.



## Impresiones finales

Es imposible observar la ciudad sin considerar los cuerpos que la habitan, pues ellos tejen la espacialidad de lo urbano. Para ello, será vital adquirir conocimientos y metodologías de otras disciplinas, que contribuirán en el levantamiento y posterior análisis de las diversas prácticas corporales desarrolladas en el tejido urbano.

Para ello, será primordial la re-significación de que entendemos por cuerpo en la disciplina arquitectónica: nuestro cuerpo no es sólo un dato, sino un relato físico, cultural, social, emotivo y político. Fruto de nuestra interacción con las diversas materias y formas que construyen el territorio, la cual está determinada por la condición intrínseca de que somos-en-el- mundo. Por lo tanto toda decisión que se tome respecto al espacio construido/modificado, repercute directamente sobre nosotros, afectándonos de manera física, sensorial y emotiva.

El reconocer la condición intrínseca y reversible de ambas partes es fundamental porque a la hora de proyectar, el trabajar en conjunto y entender que la intervención y/o construcción no es un hecho aislado a la realidad, sino que actúa con ella y en ella: se teje en su reversibilidad, por lo que su grado de afectividad abarca no solo a la persona en sí, sino también al territorio y/o medio ambiente del cual es parte. Este entendimiento es fundamental a la hora de plantear una nueva mirada de la disciplina, la que pasa de ser un objeto en si mismo a un tejido articulador de los encuentros cuerpo/mundo.

## Referencias Bibliográficas

AALTO, Alvar. *La Humanización de la Arquitectura*. Barcelona: Tusquets Ediciones, 1982.

ALBERTI, León Battista. *De re Aedificatoria*. Madrid: Ediciones Akal, 1991.

DIAZ-VERA, Mónica. *Manual de Voyerismo Urbano*. Ejercicios de observación. Valencia: La Microeditorial, 2019.

DIAZ-VERA, Mónica. *Hacia una teoría de cuerpo en la arquitectura*, 2014, Disertación, Primer Encuentro Nacional de Teoría e Historia de la Arquitectura, Universidad Central de Chile.

LARIOS, Vanessa. *Carne: Quiasmo cuerpo-mundo*. A Parte Rei. Madrid: v1, n. 42, 2005.

LE CORBUSIER. *El Modulor*. Buenos Aires: Editorial Poseidón, 1961. 2da edición.  
MAUSS, Marcel. *Sociología y Antropología*. Madrid: Editorial Tecnos, 1979. 2da edición.

MERLEAU PONTY, Maurice. *Lo visible y lo invisible*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010, 1era edición.

MONTERO, Barbara. *Proprioception as an Aesthetic Sense*. Journal Of Aesthetics And Art Criticism, Denver: n. 64, p. 231-242, 2006.

NUVIALA, Victoria. *Una casa es una máquina de habitar*. Arquitectura del movimiento moderno como tecnología de los cuerpos, 2014, Disertación, II Congreso de Estudios Poscoloniales - III Jornadas de Feminismo Poscolonial, Universidad Nacional de San Martín.

PALLASMAA, Juhani. *Los ojos de la piel*. Barcelona: Editorial GG, 2006.

VITRUVIO, Marco. *Los diez libros de Arquitectura*. Madrid: Alianza Forma, 1997.

## Referencias filmográficas

DAUMAN, A.; WENDERS, W. (Productores) y WENDERS, W. (Director). (1987). *Der Himmel uber Berlin* (El cielo sobre Berlín ). [Película]. Alemania-Francia.

parede branca





## | CARTA... GRAFIAS... MOVENTES |

**Pedro Elias Parente<sup>1</sup>**  
**Eduarda Gonçalves<sup>2</sup>**  
**Fernanda Fedrizzi<sup>3</sup>**  
**Tatiana Duarte<sup>4</sup>**  
**Juliana Chacon<sup>5</sup>**  
**Jahan Leão<sup>6</sup>**  
**Cibele Gil<sup>7</sup>**

Os trabalhos apresentados neste ensaio visual são o resultado de proposições, que versam sobre os modos de conceber o espaço urbano a partir da experiência de deslocamentos por meios diversos.

Assim, foram criadas representações dos caminhos percorridos pelos artistas, na cidade de Pelotas, onde, cada um extraiu de mapas o desenho de seu percurso e os imprimiu em carimbos. Posteriormente, foram realizados desenhos carimbados sobre papeis de tamanhos variados, que sobrepõe e justapõe os caminhos dos participantes da ação, constituindo mapas abertos que se coadunam e evidenciam o movimento requebrante do ir e vir, que anima as ruas da cidade e as fazem existir pelo corpo do sujeito.

Os mapas são múltiplos e apresentam-se circulares, abertos e retangulares, não possuem uma configuração única, são transformados a cada gesto dos participantes, que a cada timbrada reconfiguram o mapa, criando novos caminhos e novas vivências. Neste fazer, o corpo de um entra em contato com o corpo do outro, trocamos os caminhos e expandimos nossa compreensão do espaço. Embora o desenho do percurso seja o mesmo, os vínculos e as aproximações gráficas e o contato com o trajeto do outro atribui malemolência a fixidez urbana. Assim, se criam outras relações, multiplicações e afetamos a cerca da percepção do deslocamento.

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais UFPel, na Linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano.

<sup>2</sup> Líder do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas. Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais UFPel, na Linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano.

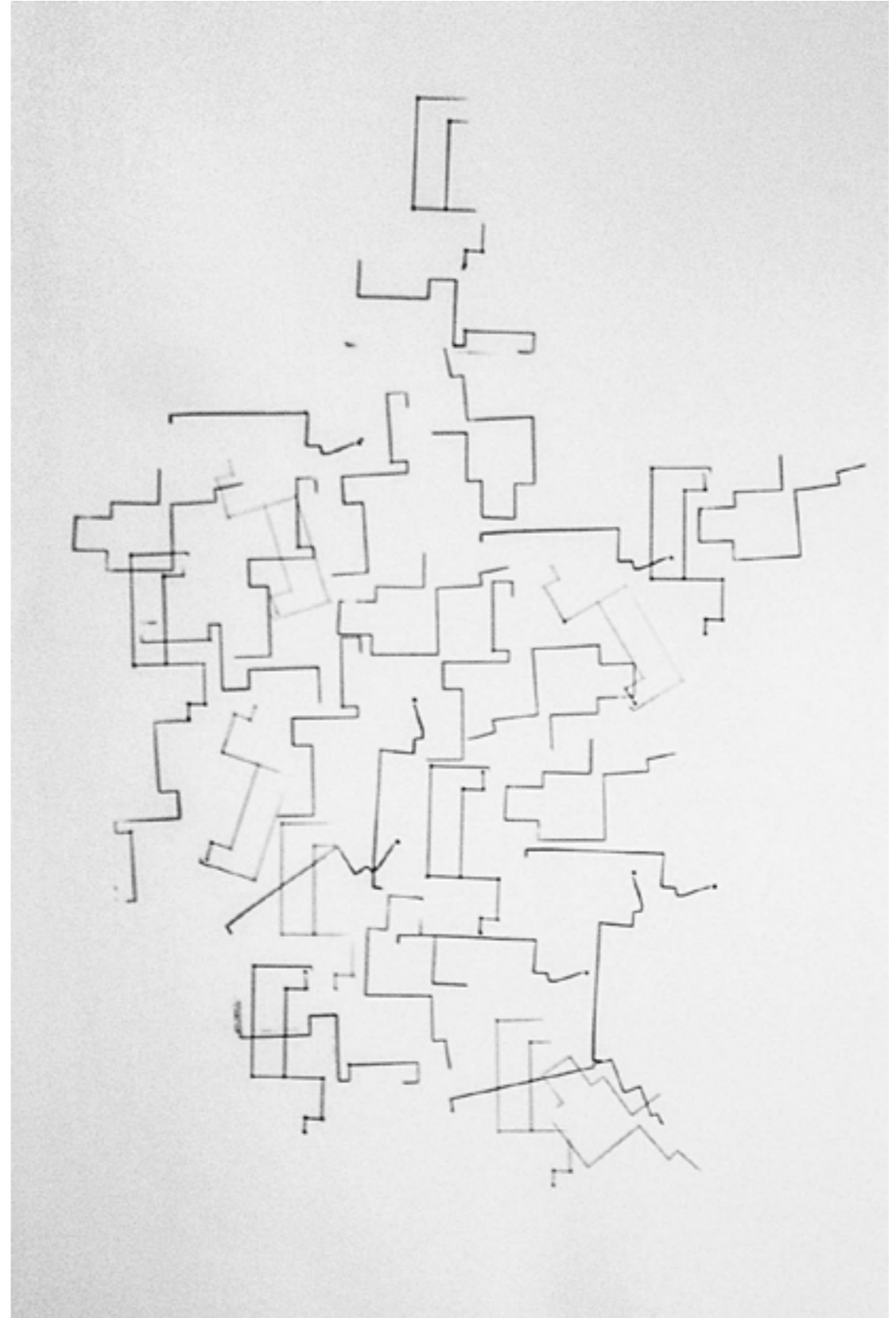
<sup>4</sup> Mestre em Artes Visuais na Linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano pela Universidade Federal de Pelotas (2019).

<sup>5</sup> Graduanda em Artes Visuais Bacharelado Pela Universidade Federal de Pelotas.

<sup>6</sup> Graduando em Artes Visuais Bacharelado Pela Universidade Federal de Pelotas.

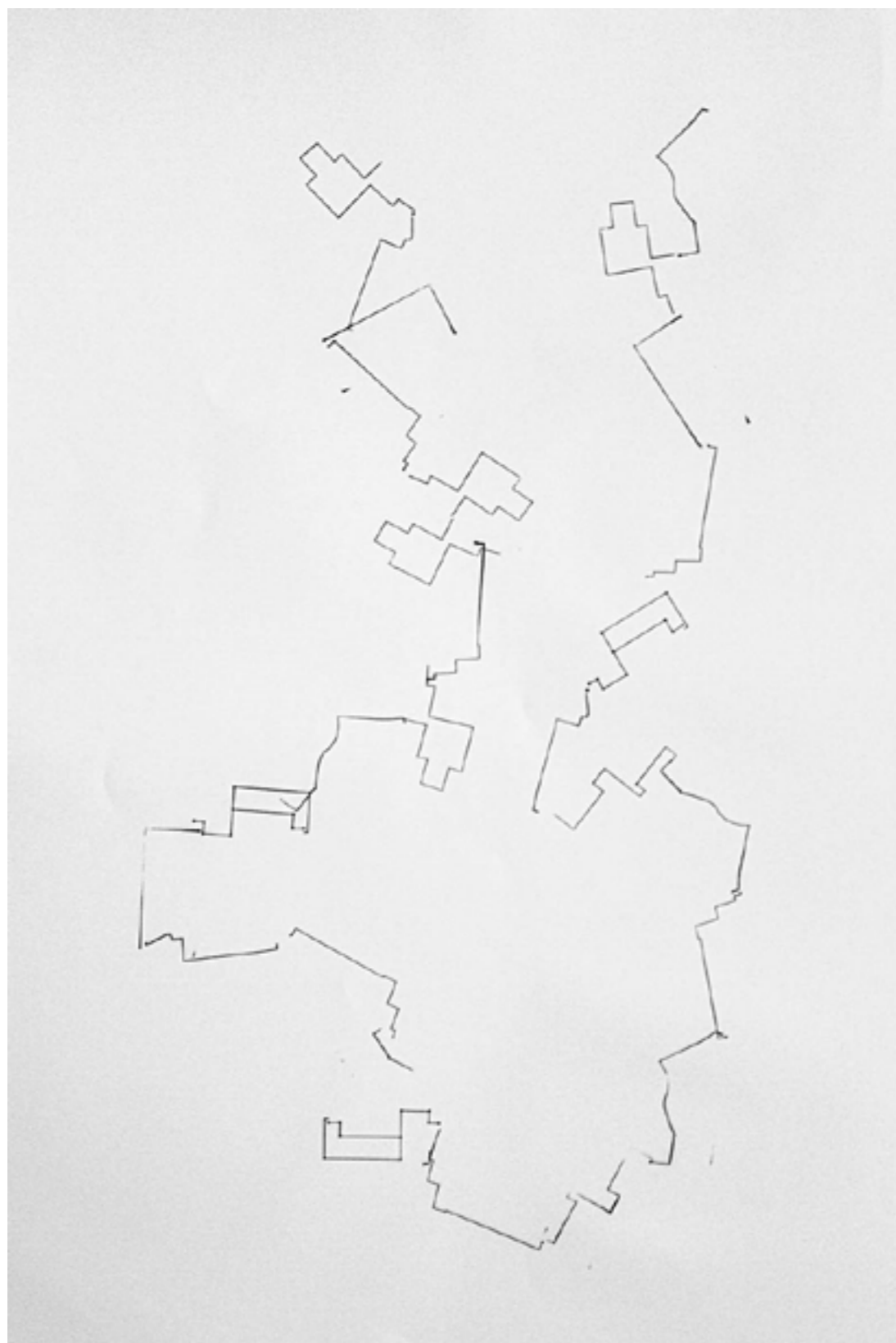
<sup>7</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais UFPel, na Linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano.





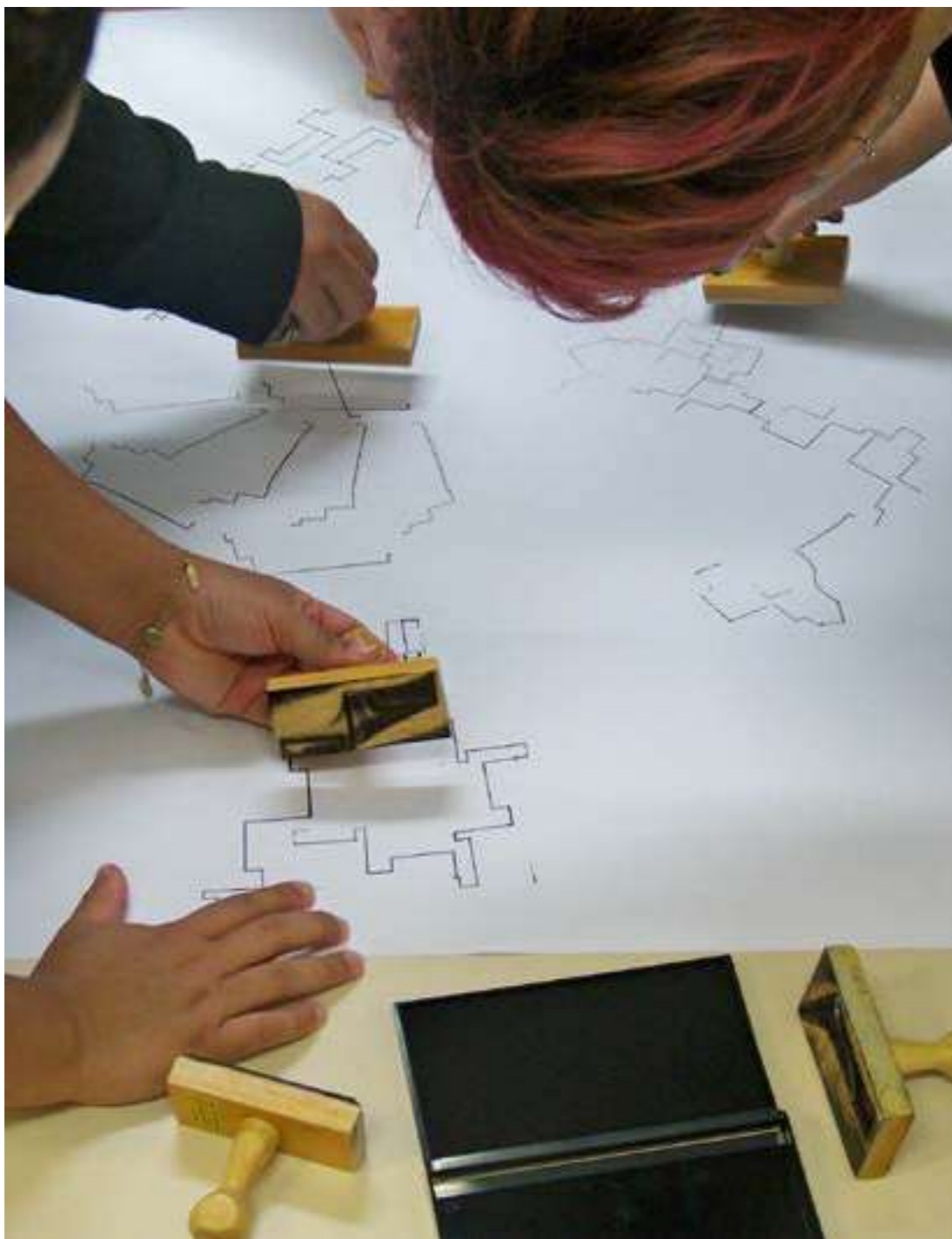
CARTA... GRAFIAS... MOVENTES I e II (2019), Carimbo sobre papel sulfite 200gm.594X420mm





CARTA...GRAFIAS...MOVENTES III e IV (2019).Carimbo sobre papel sulfite 200gm.594X420mm.

O Grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel) investiga as seguintes temáticas: as relações entre arte e cotidiano, a cartografia de artistas, processos de compartilhamentos [arte colaborativa, arte propositiva e arte relacional], o deslocamento como ato estético, os espaços de apresentação da paisagem cotidiana na arte contemporânea, os dispositivos de arte que promovem a multiplicação e a circulação da obra em diferentes mídias [impressos e vídeos] e contextos - ruas, praças, escolas, entre outros, como também, a mediação da arte contemporânea. Uma das táticas do Deslocc é caminhar, observar e descobrir a cidade: traçamos pontos de deslocamento, percorrendo coletivamente ou individualmente os trajetos que nos levam as mais distintas narrativas do espaço, da vida, da arte, da cidade e seus arredores e de nós. O deslocamento é o mote da criação poética, culminando em vídeos, diálogos, ambientes, desenhos, som, fotografias, cartões postais e cartografia.





## CARTOGRAFIA SONORA DA AVENIDA GANZO

**Celma Paese<sup>1</sup>**  
**Pedro Debiazi<sup>2</sup>**  
**Gabriela Mariano<sup>3</sup>**  
**Rui Fernando S. Alves Júnior<sup>4</sup>**  
**Volvei k. Monteiro<sup>5</sup>**

A Avenida Ganzo se localiza em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no Bairro Menino Deus, entre as Avenidas Getúlio Vargas e Praia de Belas. Seu nome homenageia o Arquiteto Lincoln Ganzo de Castro, um dos responsáveis pelo projeto de urbanização da Avenida, onde antigamente se localizava o Jardim Zoológico de Porto Alegre. Até o presente, a avenida é predominantemente residencial. O percurso proposto percorreu toda sua extensão, desde a Av. Getúlio Vargas até a Av. Praia de Belas.

As cartografias contemporâneas nos mostram que os mapas se libertaram dos seus moldes científicos e também sinalizam outros caminhos poéticos para representar nossas relações com o mundo. São cartografias afetivas. E o mapa sonoro aqui proposto é uma delas. Nesta cartografia da hospitalidade, propomos a experiência de perceber a Avenida Ganzo e seu entorno para além dos mapas visuais convencionais: olhando com os ouvidos e escutando com os olhos acolhemos e desenhamos com percepções e lembranças. Caminhamos criando situações, sentindo a escuta do diferente que surpreende, significando e construindo lugares, incitando o imaginário

### O que nos faz querer escutar um espaço?

Espaço e som possuem íntimas relações. O som é uma variante importante da experiência urbana. A questão sonora é crítica na construção de ambientes públicos e na vivência da cidade, pois o espaço pode se tornar hostil para seus cidadãos também por conta de seus sons, tanto no que se refere à saúde quanto ao bem-estar e alegria de circular na cidade (HOLANDA, 2016)<sup>6</sup>.

Através da escuta mapeada territorializamos o mundo pelos ouvidos: identificamos, significamos e re-significamos os sons criando conexões rizomáticas. Durante o caminhar cartográfico, a atenção deve ser à espreita: flutuante, concentrada e aberta. O uso da atenção à espreita busca evitar dois extremos: o relaxamento passivo e a rigidez controlada (KASTRUP, 2014, p.48)<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Doutora pelo PROPAP- UFRGS e Professora permanente do PPGAU do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UniRitter.

<sup>2</sup> Mestre em Engenharia Urbana pela Federal de São Carlos e Coordenador Adjunto da graduação em arquitetura e urbanismo do UniRitter.

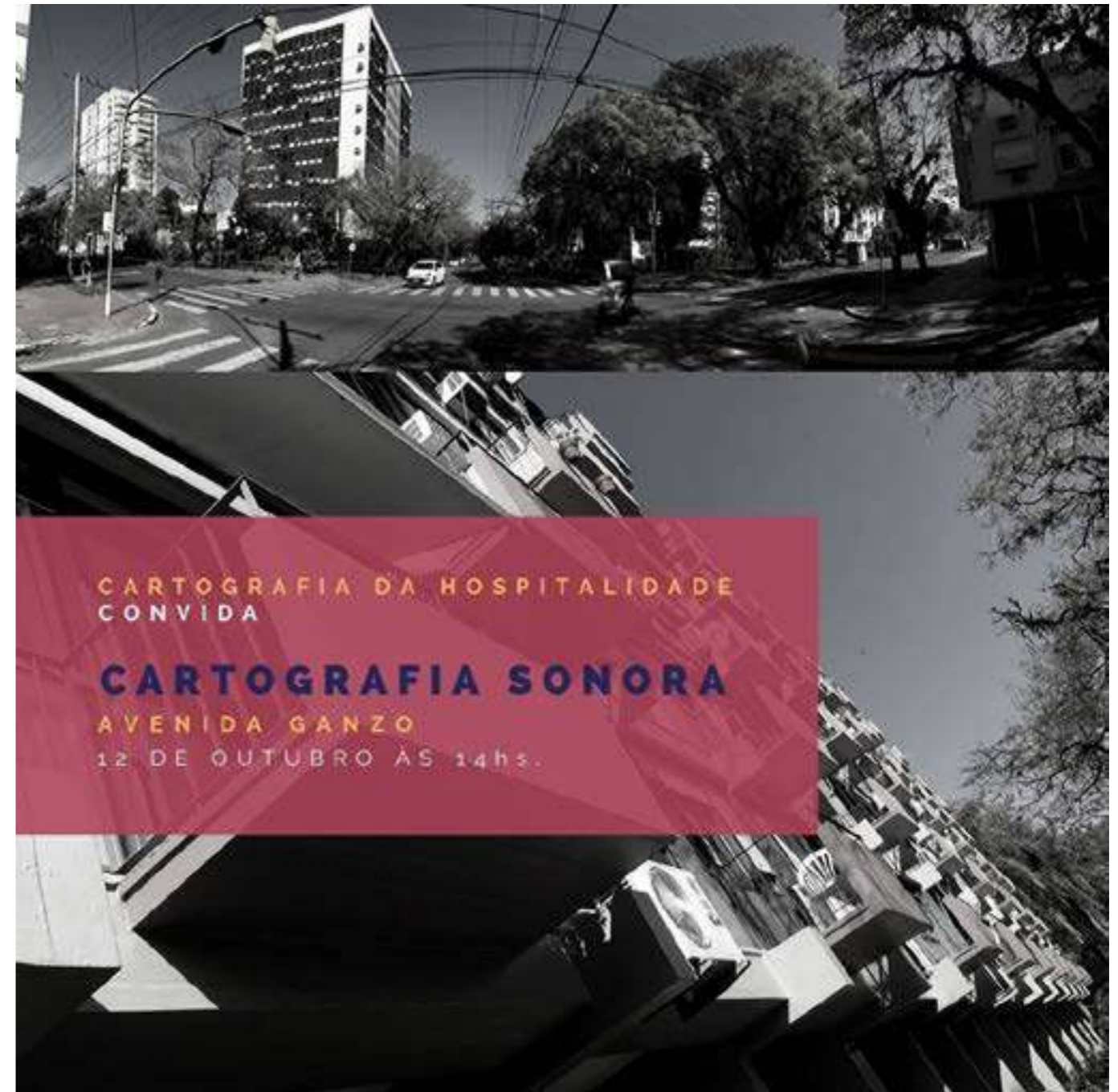
<sup>3</sup> Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU UniRitter/Mackenzie.

<sup>4</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo no PPGAU UniRitter.

<sup>5</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo no PPGAU UniRitter.

<sup>6</sup> HOLANDA, Cláudia. Sons do Porto, uma Cartografia sonora da mudança. Blog Bug Brasil em 8 de abril de 2016. Disponível em: <http://bug404.net/blog/2016/04/08/sons-do-porto-uma-cartografia-sonora-da-mudanca/> Acesso em: 19 de novembro de 2019.

<sup>7</sup> KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Líliliana da (Orgs). Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção da subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.





Assim, a cartografia passa de uma competência para uma performance. Na cartografia sonora, o ouvir à espreita é desenvolvido como uma política cognitiva do envolvimento do sujeito no processo de escuta dos efêmeros marcos sonoros do território.

Enquanto cartografamos pela escuta, percebemos o entorno, identificando no espaço virtualidades sonoras que já se encontravam dentro de nós. Desta maneira, criamos um palimpsesto imaginativo através do qual nos revelamos enquanto descrevemos aquele mundo (NORMAN, 2004, pg. 4)<sup>8</sup>.

A cartografia sonora busca acompanhar um processo, e criar meios de acessar um patrimônio imaterial urbano que a todo tempo se perde e se transforma pela intervenção humana. Que sons surgiram? Que sons desapareceram? Que informações podemos obter de um lugar através de seus sons?

A cartografia da Avenida Ganzo aconteceu pela influência do meio nos sentidos além da vista, onde a identificação relacional com o espaço existente desconstruía o mapa convencionalizado como oficial. A consciência em relação ao espaço era construída pelos sentimentos que cartografavam a avenida, enquanto transformavam a imagem imaginária em expressão.

Usamos vendas para melhor sentir a natureza da apropriação espacial proposta. As fotos registram a direção da atenção, revelam e comunicam a surpresa, o desejo de saber e informar.

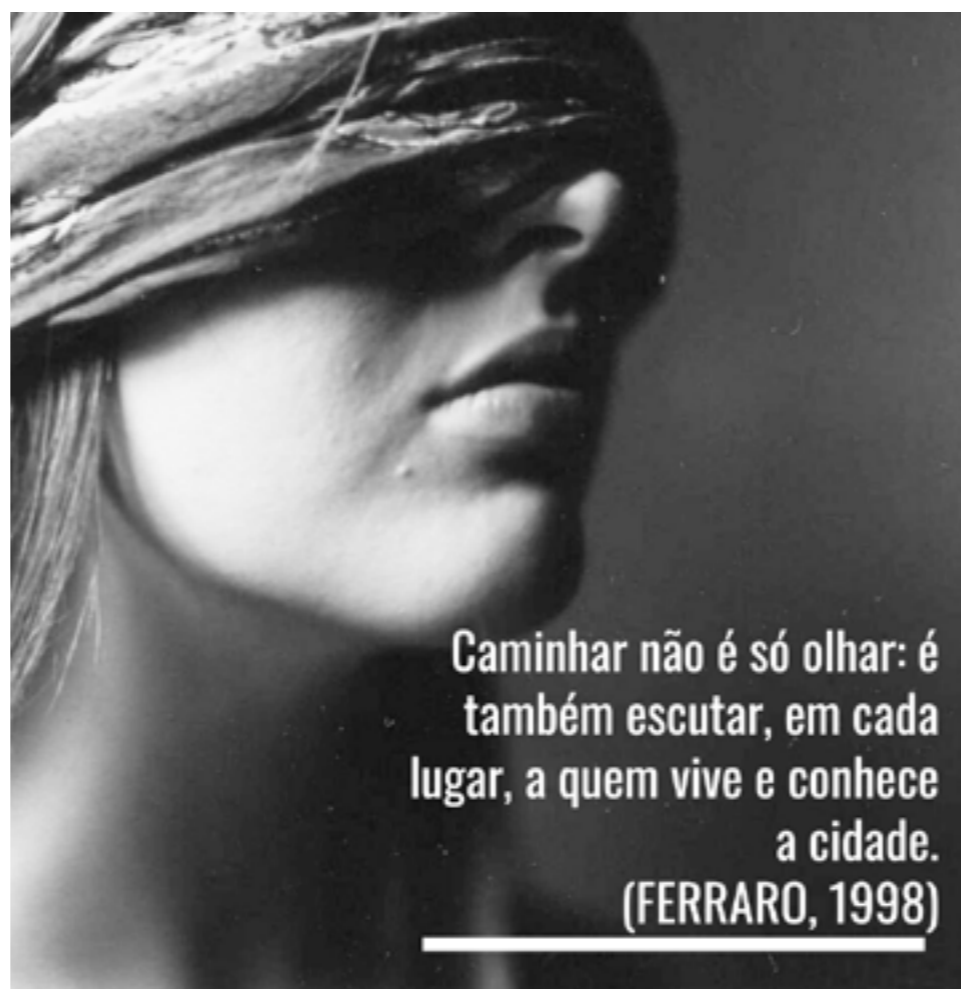
<sup>8</sup> NORMAN, Katharine. *With no direction home*. In *Sounding art: Eight Literary excursions through electronic music*. Ashgat: Editora Routledge, 2004.





Será que somos capazes de aprender sobre um lugar na perspectiva da escuta sem reduzi-lo ao aspecto sonoro?

---



Caminhar não é só olhar: é também escutar, em cada lugar, a quem vive e conhece a cidade.  
(FERRARO, 1998)

---



Como expressar em sons a percepção de um lugar, ou a sensação que se tem ao vivenciá-lo?

---



Fotos tiradas pelos participantes da ação durante a experiência

A conclusão ainda está por vir. A partir desta experiência estão surgindo novas pesquisas que tem caráter exploratório e pretendem desvendar fenômenos sociais e urbanos em um plano pouco considerado: a paisagem sonora da cidade<sup>9</sup>.

Desta maneira, vamos rompendo o caráter predominante visual da observação da arquitetura e do urbanismo.

Se a cidade sempre está em movimento, como podemos entendê-la apenas por elementos visuais estáticos?

A partir dos sons captados nas ruas se deseja entender como os lugares na cidade se comportam, assim formando a sua cartografia sonora.

<sup>9</sup> Convidamos a assistir os vídeos da ação cartográfica sonora em nosso canal do Vimeo: <https://vimeo.com/374511902>, <https://vimeo.com/374508187>. Conforme a experiência avança, mais vídeos serão postados.



## CAMINHAR EM MONTEVIDEO

*Kelly Wendt<sup>1</sup>*

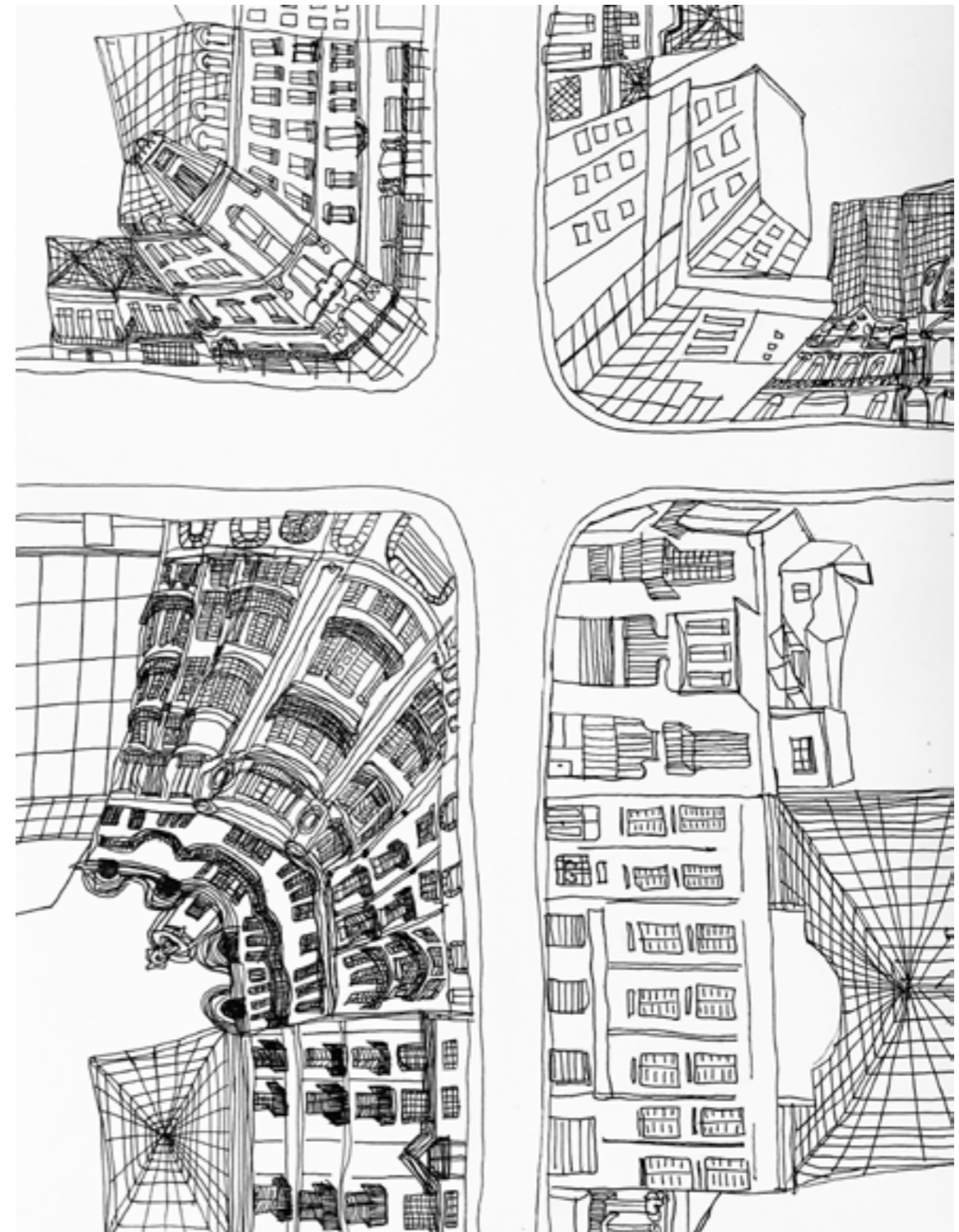
Caminhar por Montevideo era a proposta de residência artística que submeti ao Espaço de Arte Contemporânea, uma antiga prisão que hoje é espaço cultural da capital. A imersão de 30 dias alojada nesse espaço em 2018, fez com que eu percorresse 9 bairros e que registrasse fotografia por fotografia o que me afetava de cada lugar. Barrios. Cordon, Ciudad Vieja, Aguada, Centro, Barrio Sur, Tres Cruces, Palermo, Bella Vista, Reducto. No ateliê, uma cela, fui dispoendo na parede as visões de meus percursos, na forma do mapa da cidade, um mapeamento da minha vivencia num espaço urbano distinto do que é o meu.

A apreensão desse espaço é um recorte que permite destacar o lugar e as memórias, abrange também, a compreensão das formas e dos afetos. Aqui, espaços da cidade do meu imaginário, lugar dessa vivencia, um recorte visual que abrange também a compreensão das formas representativas desse lugar.

Construo a paisagem por meio da memória e da imaginação, através das experiências e das sensações que o espaço pode proporcionar. Reproduzidos a partir de imagens, os espaços são capturados por diferentes meios e apresentados em distintos suportes.

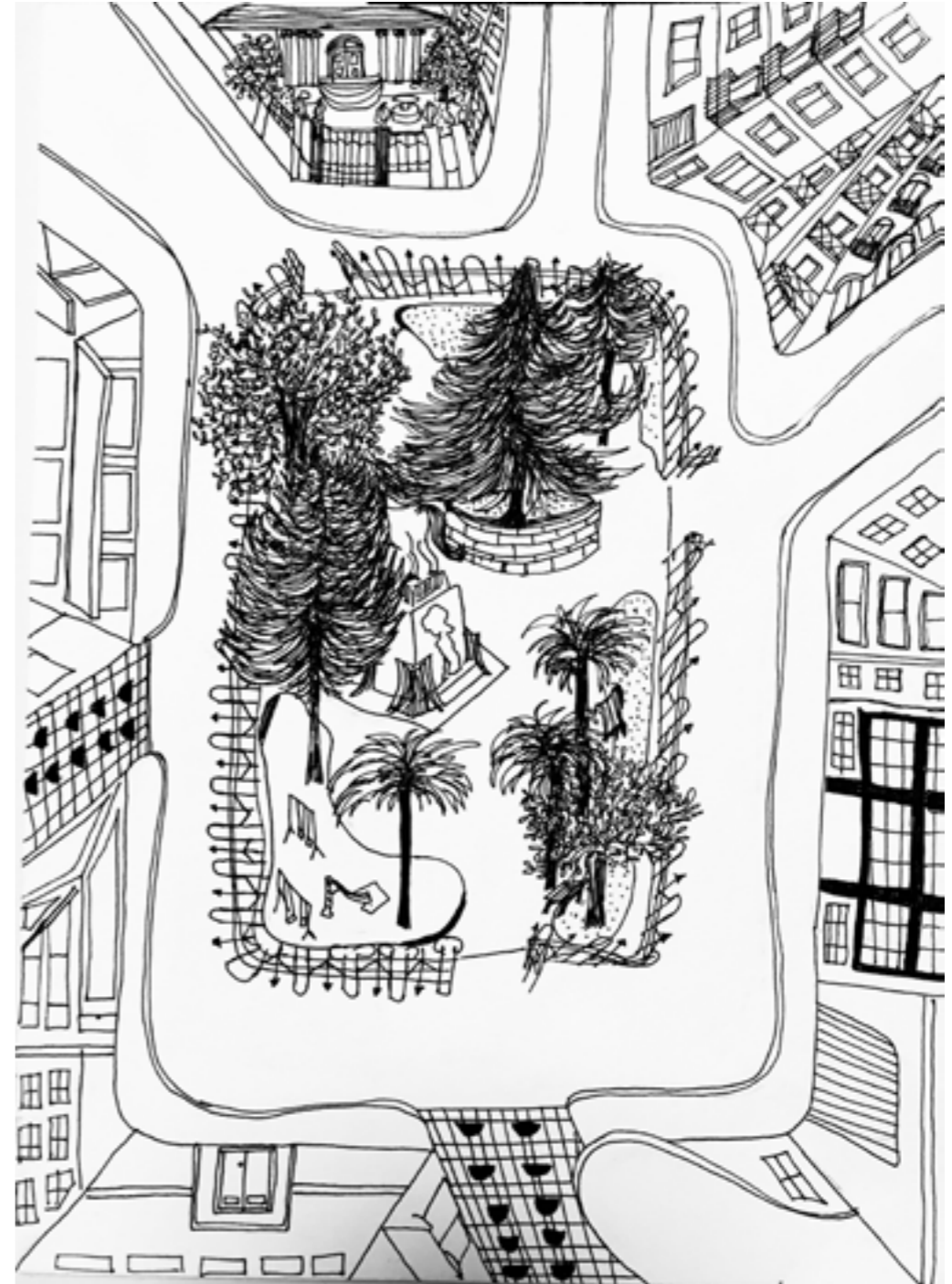
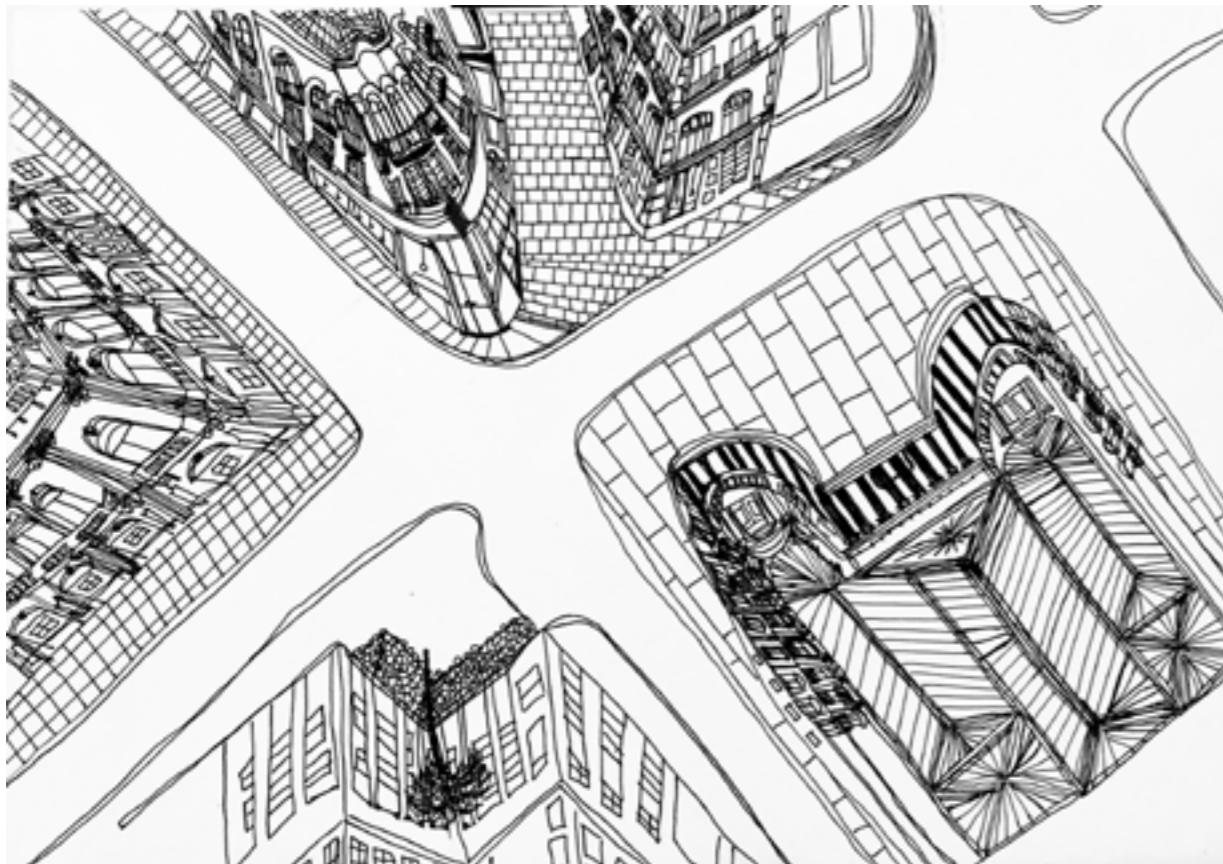
Com a fotografia materializei a impressão retida no instante do encontro que posteriormente é reproduzida em suportes.

No desenho, uma vista aérea próxima, como se estivesse sobrevoado e pudesse ver o que há no interior das quadras, como o pátio das casas e os detalhes dos telhados. Expressam um ponto de vista não observado do lugar, o que faz dele um registro de quem desbrava o espaço apropriando-se do lugar de afeto e da imaginação da Montevideo.

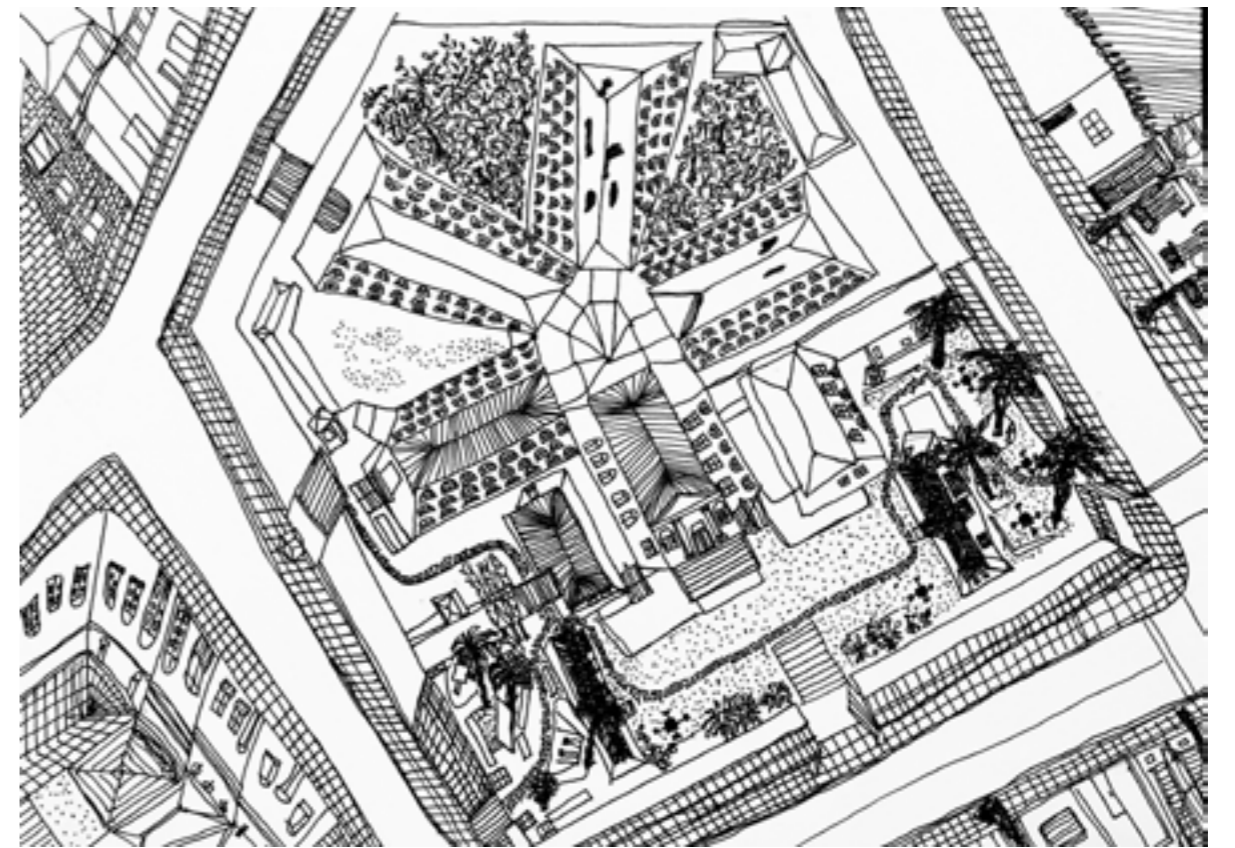
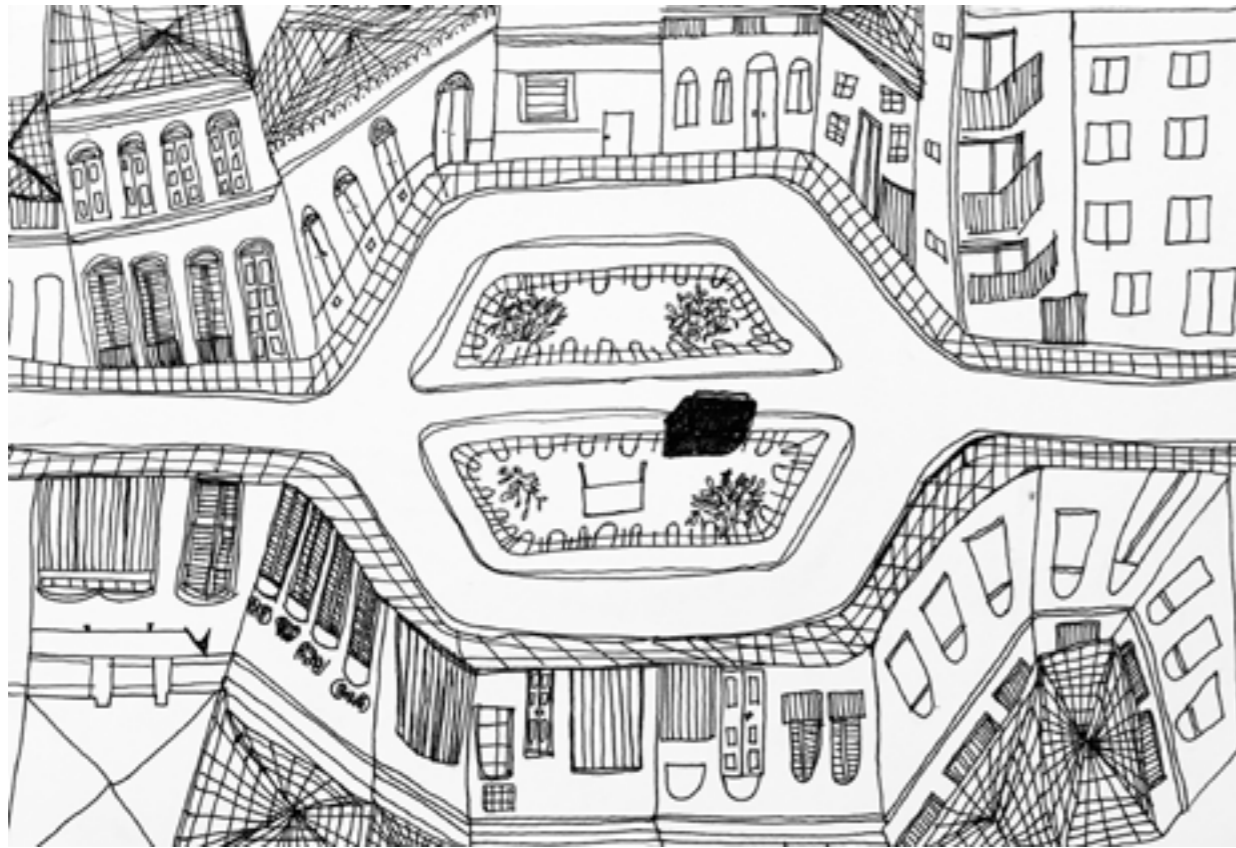


<sup>1</sup> Artista Visual, Professora, Pesquisadora do Atelier de Gravura- UFPel. Pesquisadora do grupo: Percursos Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade, na linha Gravura Não-Tóxica. Coordenadora Pibid- Artes Visuais- Capes/UFPel. Coordenadora Galeria A SALA. Doutora em Artes Visuais- PPGAV/ UFRGS.





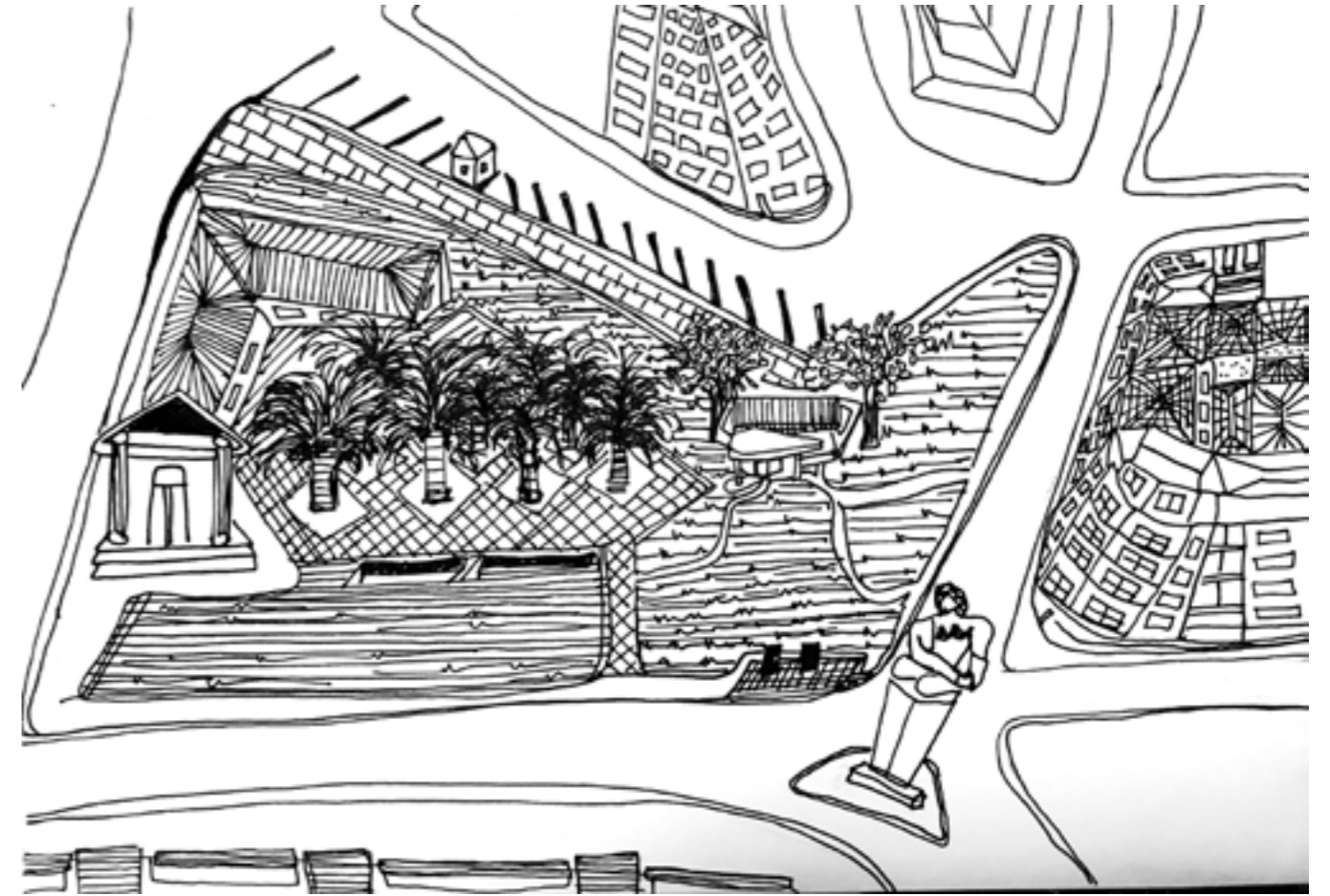
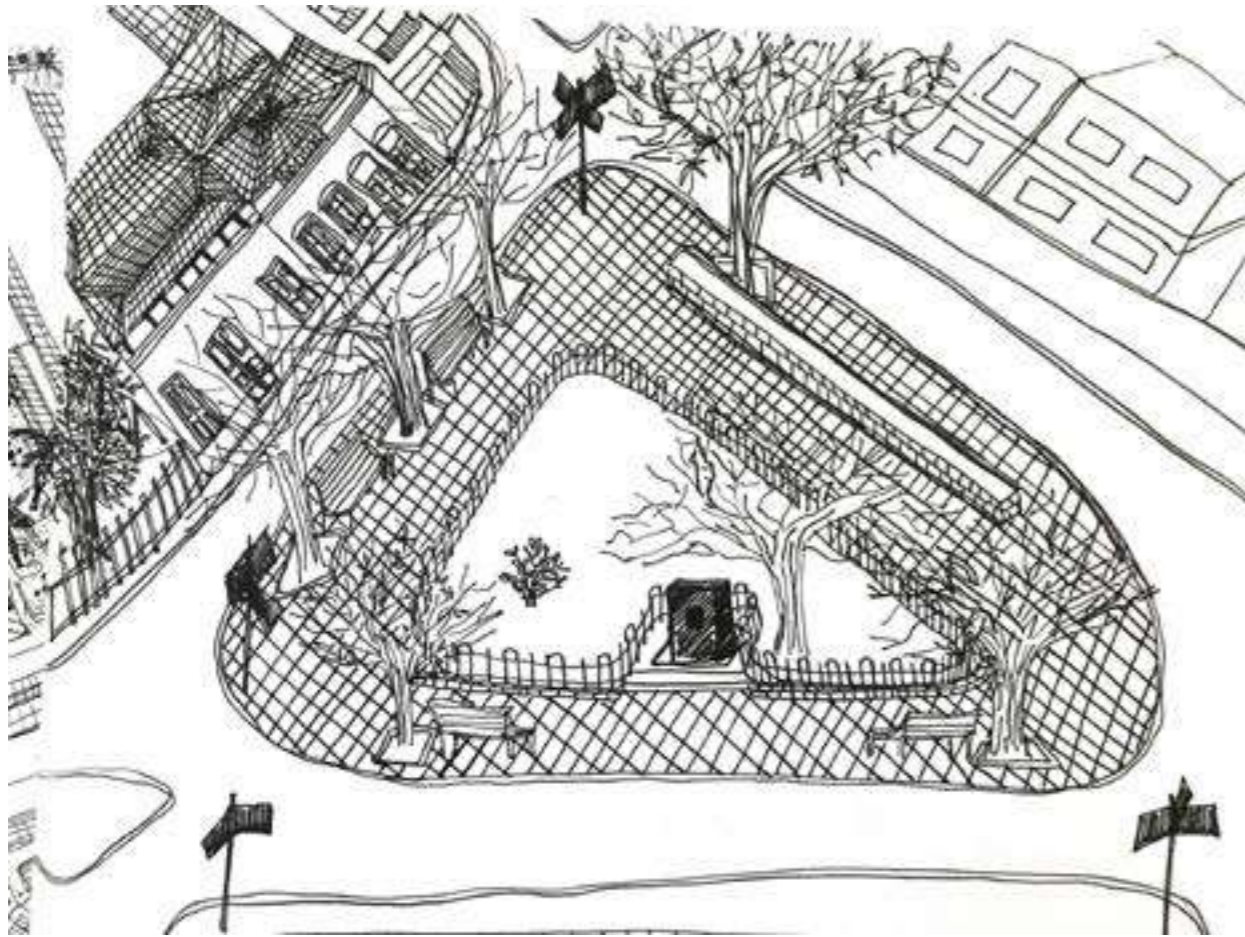


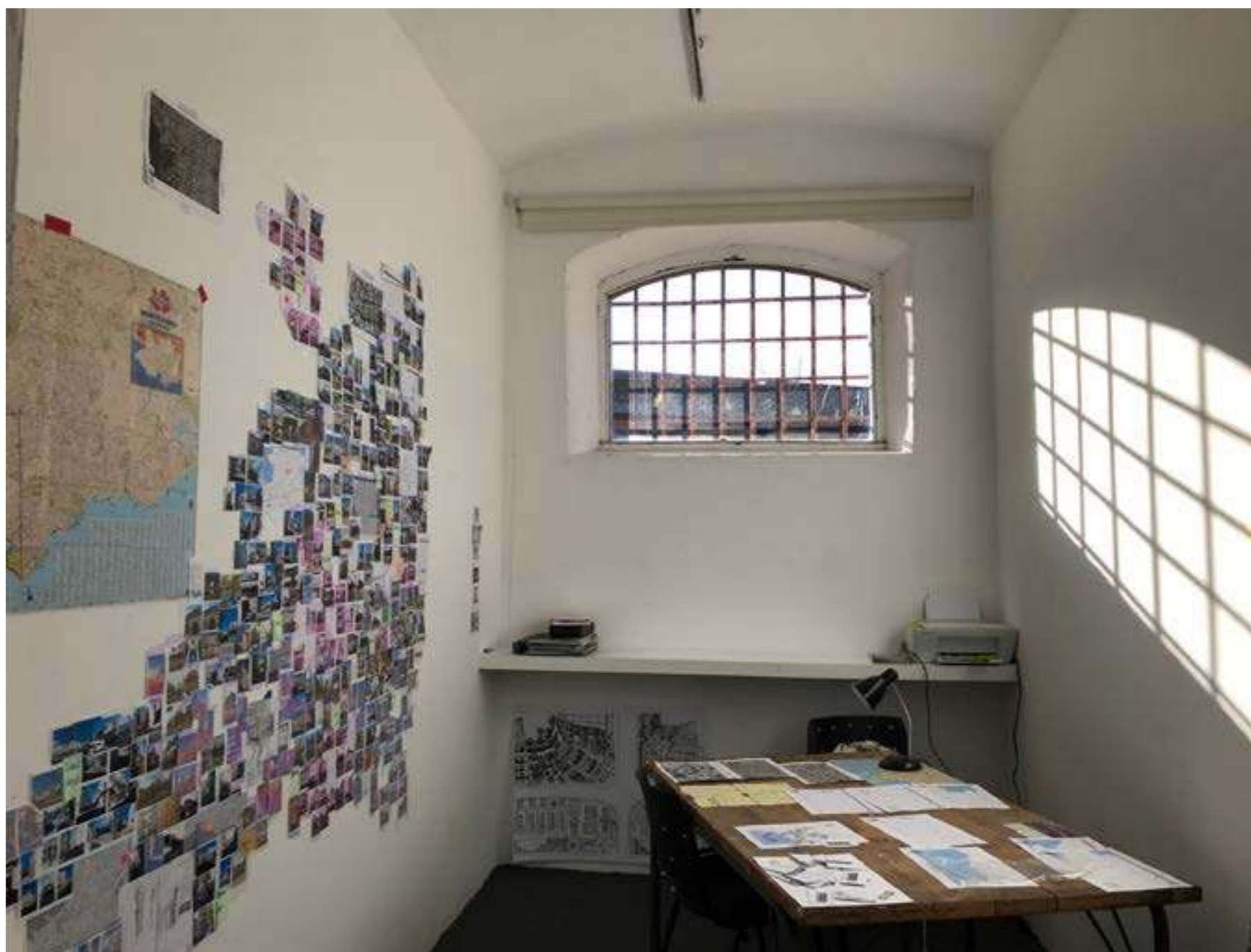














## CARTOGRAFIA DO OLHAR a verticalização de Porto Alegre

**Manuela Catafesta<sup>1</sup>**  
**Jânerson Figueira Coelho<sup>2</sup>**  
**Agnes Costa Garcia<sup>3</sup>**  
**Íris Petiz Lisbôa Aguirre<sup>4</sup>**

Cartografia do olhar foi uma atividade promovida pelo Projeto de Extensão: Arquitetura sob Lentes, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo Centro Universitário Ritter dos Reis, que teve como objetivo sensibilizar os alunos participantes para a valorização da arquitetura moderna e fotografia gaúchas. Com o intuito de destacar as transformações pelas quais passaram os edifícios e espaços urbanos ao longo de décadas, o grupo de professores e bolsistas da extensão promoveu uma caminhada pelas movimentadas ruas do centro histórico de Porto Alegre, em setembro de 2019. Guiados pelos docentes do projeto de extensão e com participação prévia em oficina de fotografia – que ocorreu durante a Semana Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo - os participantes da atividade foram convidados a visitar e fotografar sete edificações que retratam a verticalização urbana da cidade em meados do século XX: edifícios Imperial, Sulbanco, Sulacap, Jaguaribe, Guaspari, Palácio do Comércio e Pavilhão de Exposição do Estado (Mata-borrão).

O trajeto proposto percorreu alguns dos edifícios outrora fotografados por João Alberto Fonseca da Silva (1920-2011), fotógrafo gaúcho que acompanhou de perto os reflexos do crescimento econômico do Estado na construção civil a partir da década de 1940. No ano de 1997, o fotógrafo doou ao Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do Centro Universitário Ritter dos Reis grande parte de seu acervo fotográfico.

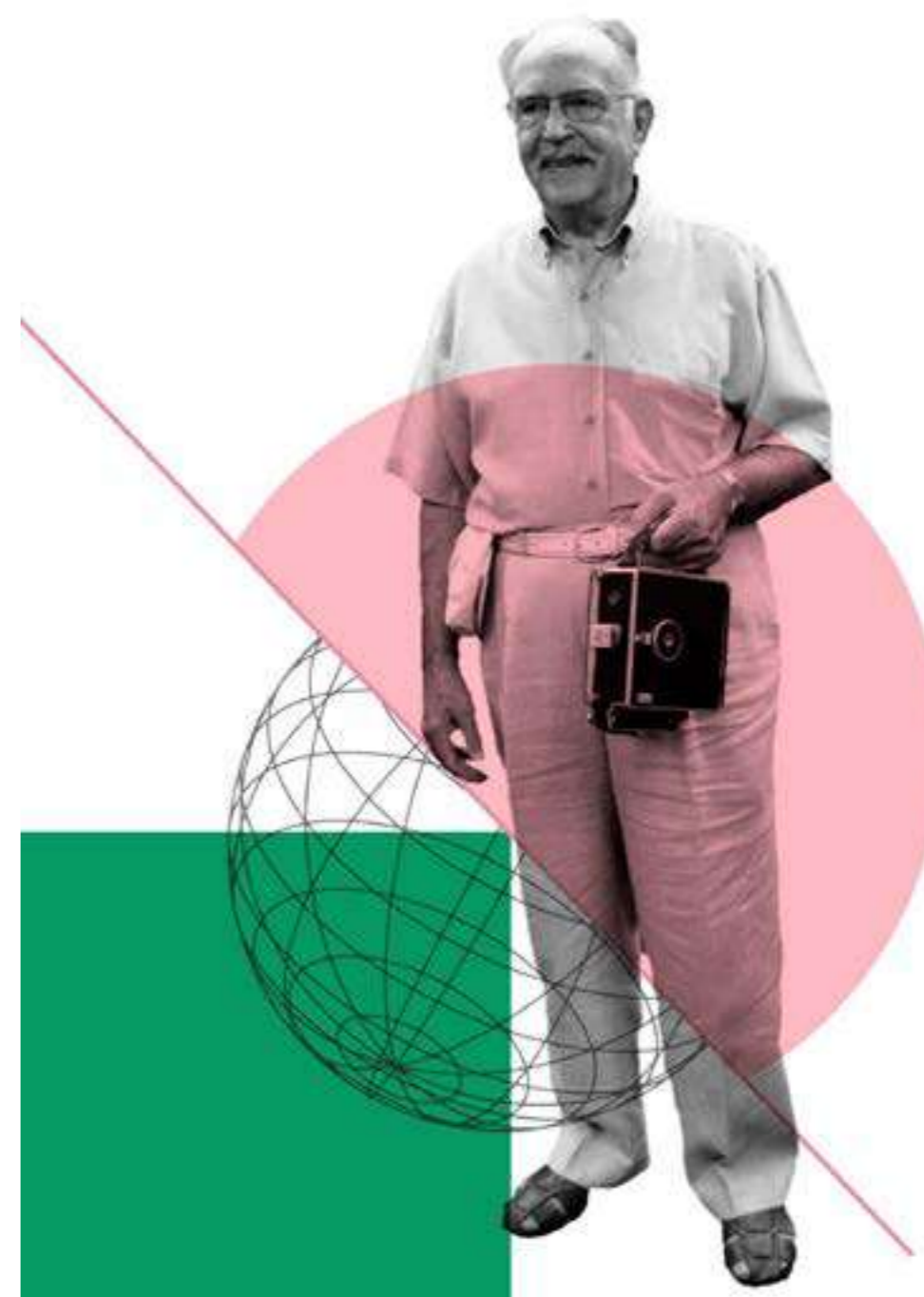
Com uma linguagem contemporânea e contando com identidade visual própria, a atividade foi divulgada nas redes sociais em tempo real. Esse fato instigou não só a curiosidade dos alunos participantes como também dos alunos que não puderam estar presentes. Os presentes foram desafiados a explorar seu próprio olhar sobre a cidade, convertendo-o em fotografias semelhantes ou contrastantes com as do fotógrafo João Alberto.

Ao longo da caminhada, os professores apresentaram aos participantes não somente as sete edificações previamente definidas pelo percurso, mas todo o contexto no qual foram construídas. Isso tinha como objetivo destacar as visíveis alterações tanto do entorno quanto das edificações, pontuando os sinais da passagem do tempo.

O que a equipe do Arquitetura sob Lentes não esperava é que os usuários do centro

de Porto Alegre demonstrassem interesse pela atividade. A curiosidade despertada nestes, ao verem o grupo fotografando as edificações, foi extremamente bem-vinda ao processo. As pessoas não somente se interessavam pelo que viam como também faziam perguntas aos participantes. Esse fato possibilitou que uma nova dinâmica ocorresse, estimulando os transeuntes a observar a cidade de uma nova forma. Devido a usual correria da rotina diária, esses edifícios acabam passando despercebidos pela maioria das pessoas.

Portanto, através de um processo interdisciplinar, os participantes da caminhada obtiveram conhecimento de um período relevante da modernização da capital gaúcha, puderam identificar edificações de valor histórico e arquitetônico, bem como mudanças pontuais na malha urbana e no aspecto geral da cidade ao longo do tempo. Diante disso, o impacto da atividade ultrapassou os limites do meio acadêmico, ampliando o acesso da informação a outras esferas sociais, fator que contribuiu para o enriquecimento da atividade.



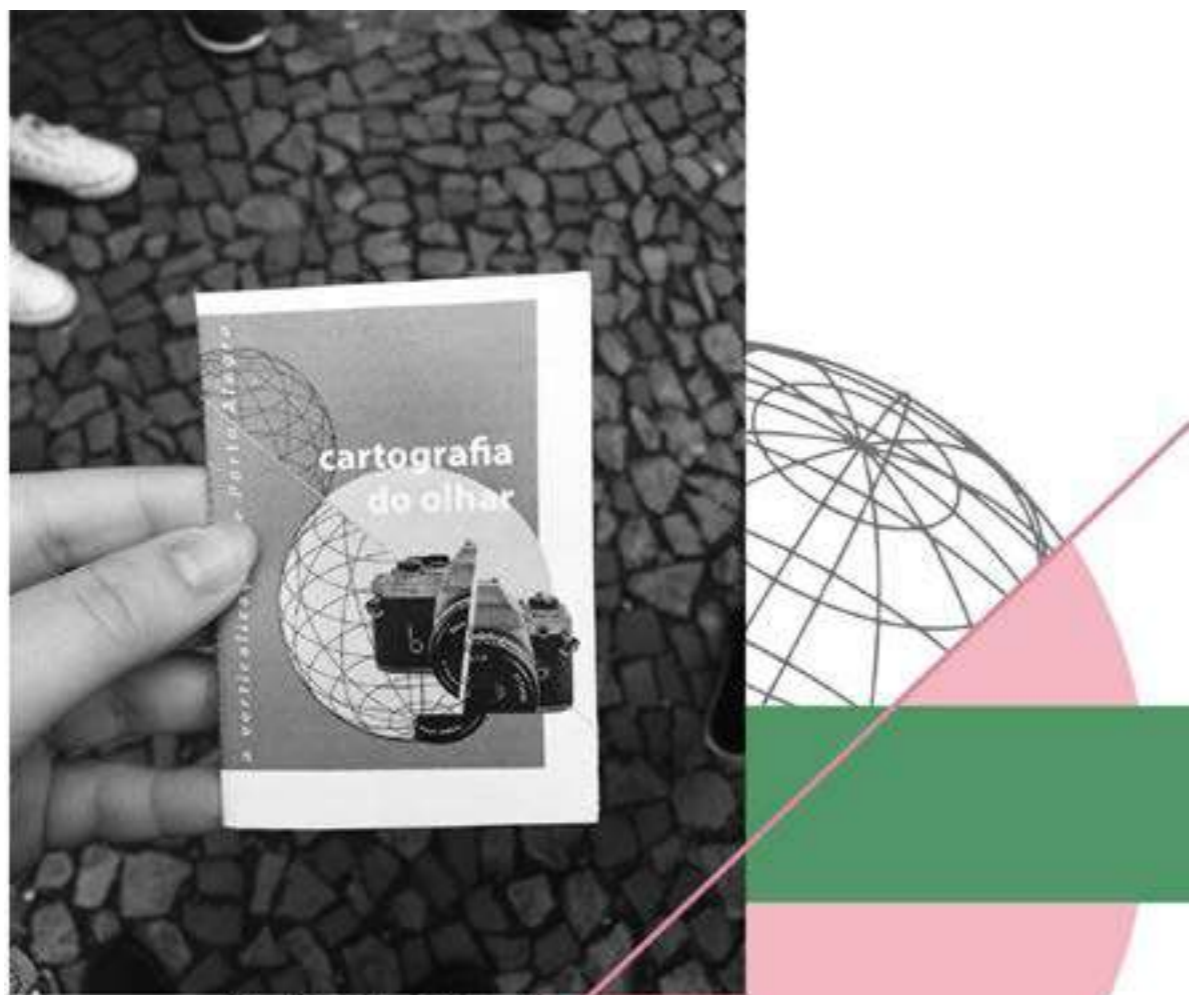
1 Professora doutora e Coordenadora do Projeto de Extensão Arquitetura Sob Lentes - Centro Universitário Ritter dos Reis, manuela\_catafesta@uniritter.edu.br.

2 Professor mestre e Professor voluntário do Projeto de Extensão Arquitetura Sob Lentes - Centro Universitário Ritter dos Reis, janerson.coelho@uniritter.edu.br.

3 Arquiteta e Urbanista e Bolsista do Projeto de Extensão Arquitetura Sob Lentes - Centro Universitário Ritter dos Reis, arq.agnescosta@gmail.com.

4 Arquiteta e Urbanista e Bolsista do Projeto de Extensão Arquitetura Sob Lentes - Centro Universitário Ritter dos Reis, irispetiz@gmail.com.

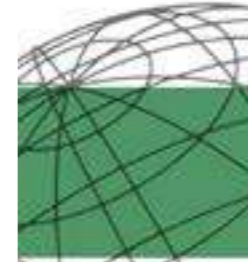
















CIDADE  
CONTEMPORANEIDADE 

ISSN 2526-7310

